

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Doutorado

SANDRA MARIA COSTA DOS PASSOS COLLING

OLHARES E MOVIMENTOS COM O QUE RESTA DE GIZ NAS MÃOS:
MEMÓRIAS DO MUNDO DO TRABALHO DE PROFESSORAS APOSENTADAS
DA REDE PÚBLICA DE ENSINO E O PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR
DO MUNICÍPIO DE PORTÃO/RS

Novo Hamburgo
2022

SANDRA MARIA COSTA DOS PASSOS COLLING

OLHARES E MOVIMENTOS COM O QUE RESTA DE GIZ NAS MÃOS:
MEMÓRIAS DO MUNDO DO TRABALHO DE PROFESSORAS APOSENTADAS
DA REDE PÚBLICA DE ENSINO E O PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR
DO MUNICÍPIO DE PORTÃO/RS

Tese de Doutorado apresentada como requisito
à obtenção do título de Doutor pelo Programa
de Pós-Graduação em Processos e
Manifestações Culturais pela Universidade
Feevale.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magna Lima Magalhães
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha

Novo Hamburgo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Colling, Sandra Maria Costa dos Passos

Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos:
memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas
da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar
do município de Portão/RS / Sandra Maria Costa dos Passos Colling. – 2022.
280f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magna Lima Magalhães

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Tese (Doutorado) – Universidade Feevale – Pós-graduação em Processos e
Manifestações Culturais, Novo Hamburgo, 2022.

1 Arte-Etnografia. 2. Carreira profissional. 3. Escola pública. 4. Patrimônio
cultural escolar. 5. Professoras aposentadas. I. Magalhães, Magna Lima, orient. II.
Rocha, Ana Luiza Carvalho da, coorient. III. Título.

CDU 370
CDD 370.71

Bibliotecária responsável
Lizete Flores da Silva CRB10/2724

Tese de Doutorado em Processos e Manifestações Culturais, com título Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos: memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar do município de Portão/RS, submetida à banca examinadora, como requisito necessário para obtenção do título de Doutor. Aprovada por:

Prof.^a Dr.^a Magna Lima Magalhães (Orientadora)

Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha (Coorientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Cornélia Eckert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Blanca Cedillo

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Prof.^a Dr.^a Claudia Schemes

Universidade Feevale

Novo Hamburgo, 20 de outubro de 2022.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

“Coragem!”

Agradeço a minha família e meus amigos por todas as vezes que me ausentei de seu convívio, compreendendo meu desejo por aprender sempre mais.

“O que tu quer que eu faça pra ti?”

Ao meu esposo, Rudimar, pela compreensão e todo carinho dispensado, especialmente nos momentos de mergulho nas leituras e escrita. Sem seu cuidado e atenção não teria nem iniciado a trajetória.

“Que orgulho!”

Aos meus filhos, Gabriel e Giovana, pelo incentivo e apoio constantes, pelos conselhos, pela luz quando tudo parecia escuro. Giovana que também fez, com excelência, a encadernação do Tomo II. À Aline, minha nora, e ao Rafael, meu genro e dedicado revisor, agradeço a torcida e afeição.

“A gente te ama.”

Aos meus pais, pelo exemplo de fé e amor.

“Prossiga!”

À minha orientadora professora Magna Lima Magalhães e minha coorientadora professora Ana Luiza Carvalho da Rocha por me guiarem com competência, atenção e carinho durante toda a pesquisa e na escrita desta tese.

“Vocês têm um compromisso enorme!”

A todos os professores e professoras com quem cruzei em minha trajetória como estudante. Cada um tem papel fundamental em minhas conquistas.

“Quando eu crescer quero ser assim como tu.”

Aos colegas e companheiros de doutorado, pelas trocas e compartilhamento das angústias, conquistas e desafios. Em especial aos Cornucopianos.

“Vamos pensar juntos!”

Ao BIEV (UFRGS) e aos grupos de pesquisa NAVISUAL (UFRGS) e LEPPAIS (UFPel), pelo compartilhamento de ideias e enriquecimento de minha pesquisa.

“Esta é uma leitura sobre professoras aposentadas.”

Às professoras da banca de qualificação, Dr.^a Cornélia Eckert, Dr.^a Rosa Maria Blanca Cedillo e Dr.^a Claudia Schemes pela leitura atenta e contribuições importantes para a finalização da tese.

“Que experiências significativas tivemos nessas semanas contigo!”

À professora titular de estágio de docência, Caroline Bertani da Silva e às alunas da turma de Antropologia Visual do Curso de Artes Visuais da Universidade Feevale por todos os momentos vividos em torno de uma temática tão relevante em minha formação.

“Teu microfone está fechado!”

Às universidades públicas e privadas do Brasil que tanto se empenharam em se organizar com cursos, provas de proficiência, aulas e eventos *on-line* por motivo da pandemia.

“Estamos à disposição.”

Às direções das escolas e à Secretaria Municipal de Educação do município de Portão pelo envio de dados solicitados.

“A gente não pode parar!”

A todas as professoras aposentadas que encontrei em meu caminho, por serem motivo e inspiração, em especial Eoní, Rosaura, Mariângela, Marisa, Cândida, Adreane (*in memoriam*) e Leila.

“Viva a Pesquisa! Viva a Ciência!”

“Do povo para o povo!”

À CAPES, através da contribuição de todo e qualquer cidadão brasileiro, pois sem a bolsa de incentivo à pesquisa, este trabalho não teria sido realizado.

“[...] nem sempre o que nos é familiar é necessariamente conhecido”
(ROCHA, 1998, p. 63).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo arte-etnográfico acerca das memórias do mundo do trabalho em educação. Esta tese defende que a carreira profissional de professoras sofreu impacto diante da estrutura escolar, das experiências pedagógicas e das tecnologias de governo, sendo parte do patrimônio cultural escolar. O objetivo é analisar a influência destes aspectos na construção da trajetória profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de Portão/RS, hoje aposentadas. Para tanto, parte de estudos teóricos sobre memória, patrimônio, escola pública, tecnologias de governo, gênero, envelhecimento, entrelaçando-os às narrativas e imagens obtidas por meio de etnografia em contexto metropolitano, além de pesquisa documental. Autores como Michel Foucault (2007, 2014), Georg Simmel (1934), Howard Becker (1994, 2007, 2009), Gaston Bachelard (1993), Maurice Halbwachs (2003), Gilberto Velho (1978, 1986, 2008), Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998, 2009, 2011, 2013), Cornelia Eckert (1998, 2008, 2010, 2012, 2015), Claudia Fonseca (2004), entre outros, trazem fundamentos teóricos para esta investigação, que se desenvolve dentro da antropologia, da história e da arte. Para a análise dos dados coletados foram utilizadas as pesquisas de Franz Boas (1986, 2004) a partir de uma perspectiva histórica, apresentando os dados de forma descritiva, de António Nóvoa (1999) sobre educação e de Clifford Geertz (1978) com a análise da cultura sob os aspectos social e antropológico, com o método interpretativo. Estas análises se aprofundaram na manifestação cultural presente nestas relações, especificamente no que tange aos percursos profissionais das ‘parceiras’ de pesquisa. Numa pesquisa interdisciplinar, a escrita trouxe novos olhares e perspectivas sobre a carreira do profissional em educação do ensino público, nos anos iniciais do ensino fundamental, percorrendo as camadas de tempo, as modificações nos espaços escolares, a construção subjetiva e o papel do professor na sociedade.

Palavras-chave: Arte-Etnografia; Carreira profissional; Escola pública; Patrimônio cultural escolar; Professoras aposentadas.

ABSTRACT

The present work presents an art-ethnographic study on memories of the world of work in education. This thesis argues that the professional career of teachers was impacted by the school structure, pedagogical experiences and government technologies, being part of the school's cultural heritage. The objective is to analyze the influence of these aspects in the construction of the professional trajectory of teachers from the early years of elementary school in Portão / RS, now retired. Therefore, it starts with theoretical studies on memory, heritage, public school, government technology, gender, aging, intertwining them with narratives and images obtained through ethnography in a metropolitan context, in addition to documentary research. Authors such as Michel Foucault (2007, 2014), Georg Simmel (1934), Howard Becker (1994, 2007, 2009), Gaston Bachelard (1993), Maurice Halbwachs (2003), Gilberto Velho (1978, 1986, 2008), Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998, 2009, 2011, 2013), Cornelia Eckert (1998, 2008, 2010, 2012, 2015), Claudia Fonseca (2004), among others, bring theoretical foundations for this investigation, which is within anthropology, history and art. For an analysis of the collected data were used as research by Franz Boas (1986, 2004) from a historical perspective, the data in a descriptive way, António Nóvoa (1999) about education and by Clifford Geertz (1978) with an analysis of culture from the social and anthropological aspects, with the interpretive method. These analyzes deepened in the present cultural manifestation constitute relationships, specifically not related to the professional paths of the 'research partners'. In an interdisciplinary research, writing brought new perspectives and perspectives on the professional career in public education, in the early years of elementary school, traversing the layers of time, changes in school spaces, subjective construction and the role of the teacher in society.

Keywords: Art-Ethnography; Professional career; Public school; School cultural heritage; Retired teachers.

RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio etnográfico-artístico sobre las memorias del mundo laboral en la educación. Esta tesis sostiene que la carrera profesional de las docentes se vio impactada por la estructura de la escuela, las experiencias pedagógicas y las tecnologías gubernamentales, siendo parte del patrimonio cultural de la escuela. El objetivo es analizar la influencia de estos aspectos en la construcción de la trayectoria profesional de las docentes en los primeros años de la escuela primaria en Portão/RS, ahora jubiladas. Por tanto, se parte de estudios teóricos sobre memoria, patrimonio, escuela pública, tecnologías gubernamentales, género, envejecimiento, entrelazándolos con narrativas e imágenes obtenidas a través de la etnografía en un contexto metropolitano, además de la investigación documental. Autores como Michel Foucault (2007, 2014), Georg Simmel (1934), Howard Becker (1994, 2007, 2009), Gaston Bachelard (1993), Maurice Halbwachs (2003), Gilberto Velho (1978, 1986, 2008), Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998, 2009, 2011, 2013), Cornelia Eckert (1998, 2008, 2010, 2012, 2015), Claudia Fonseca (2004), entre otros, aportan fundamentos teóricos para esta investigación, que se desarrolla dentro de la antropología, la historia y el arte. Para el análisis de los datos recolectados se utilizaron las investigaciones de Franz Boas (1986, 2004) desde una perspectiva histórica, presentando los datos de manera descriptiva, António Nóvoa (1999) sobre la educación y de Clifford Geertz (1978) con el análisis de la cultura bajo la perspectiva social y social. aspectos antropológicos., con el método interpretativo. Estos análisis profundizaron la manifestación cultural presente en estas relaciones, específicamente en lo que respecta a las trayectorias profesionales de los 'socios' de investigación. En una investigación interdisciplinaria, la escritura aportó nuevos puntos de vista y perspectivas sobre la carrera de los profesionales de la educación pública en los primeros años de la escuela primaria, atravesando las capas del tiempo, los cambios en los espacios escolares, la construcción subjetiva y el rol del docente en la sociedad.

Palabras clave: Arte-Etnografía; Carrera profesional; Escuela pública; Patrimonio cultural escolar; Maestras jubiladas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Professor Paulo Paulino da Costa e algumas de suas alunas.	27
Figura 2: Mapa conceitual.	31
Figura 4: Mapa da região do Vale do Sinos/RS.	32
Figura 5: Mapa da região do Vale do Caí/RS.....	32
Figura 6: Site do artista Bruno Novaes.....	37
Figura 7: Mapa do município de Portão/RS e municípios de entorno.	43
Figura 8: Rede social desta pesquisa.	52
Figura 9: Eoní de Deus da Rosa.	54
Figura 10: Rosaura Guimarães Corrêa Gomes.....	55
Figura 11: Mariângela Werlang.....	56
Figura 12: Marisa Braga.....	57
Figura 13: Maria Cândida Pereira Teixeira.	59
Figura 14: Adreane Arnecke.	60
Figura 15: Leila de Freitas Rodrigues.	62
Figura 16: Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.	85
Figura 17: Carta de Apresentação de professora nomeada.....	95
Figura 18: Loteamento Liberdade – estudos de regulamentação.	126
Figura 19: Escolas onde Rosaura trabalhou.	137
Figura 20: Escolas onde Eoní trabalhou.....	138
Figura 21: Escolas onde Leila trabalhou.	139
Figura 22: Escolas onde Mariângela trabalhou.	140
Figura 23: Escolas onde Cândida trabalhou.	142
Figura 24: Escolas onde Adreane trabalhou.....	143
Figura 25: Escolas onde Marisa trabalhou.	144
Figura 26: Vista do bairro Estação Portão, com os espaços citados.....	177
Figura 27: Mariângela e Marisa com um grupo de alunos na E. M. Gonçalves Dias.	183
Figura 28: E. M. E. F. Gonçalves Dias.....	184
Figura 29: Marisa e Rosaura junto a outras professoras da E. M. Antônio José de Fraga.	184
Figura 30: E. M. E. F. Antônio José de Fraga.	185
Figura 31: E. M. E. F. Visconde de Mauá.	186
Figura 32: E. M. E. F. Vila Aparecida.....	186

Figura 33: E. M. E. F. Vila São Jorge.	187
Figura 34: E. M. E. F. Afonso G. de Carvalho.	187
Figura 35: E. M. E. F. Vila Souza.	187
Figura 36: E. M. E. F. Rosalino Rodrigues Coelho.	188
Figura 37: E. M. E. F. Alecsandro Flores.	188
Figura 38: E. M. E. F. Fazenda das Palmas.	189
Figura 39: E. M. E. F. General Osório.	189
Figura 40: Antigo prédio da E. M. E. F. Santo Antônio – agora Casa Abrigo.	190
Figura 41: E. M. E. F. Santo Antônio.	191
Figura 42: E. M. E. F. Carlos Oswin Franke.	191
Figura 43: E. M. E. F. Edmundo Kern.	192
Figura 44: Leila como estudante e, depois, como professora na mesma escola.	200
Figura 45: Escolas municipais desativadas – Portão/RS.	201
Figura 46: Linha de tempo da parceira de pesquisa Eoní.	232
Figura 47: Linha de tempo da parceira de pesquisa Rosaura.	232
Figura 48: Linha de tempo da parceira de pesquisa Mariângela.	233
Figura 49: Linha de tempo da parceira de pesquisa Leila.	233
Figura 50: Linha de tempo da parceira de pesquisa Marisa.	234
Figura 51: Linha de tempo da parceira de pesquisa Cândida.	234
Figura 52: Linha de tempo da parceira de pesquisa Adreane.	235
Figura 53: Sabores da escola.	241
Figura 54: Tatos e contatos na/da escola.	241
Figura 55: Visualidades na escola.	241
Figura 56: Visualidades na escola.	242
Figura 57: Sabores da escola.	242
Figura 58: Sons da escola.	242
Figura 59: Cheiro da escola.	243
Figura 60: Entregas dos cadernos em branco.	244
Figura 61: “Bricolages” de professoras aposentadas.	245
Figura 62: Memórias.	246
Figura 63: Memórias.	247
Figura 64: Memórias.	247
Figura 65: Memórias.	247
Figura 66: Memórias.	248

Figura 67: Memórias.	248
Figura 68: Memórias.	248

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alguns dados sobre as parceiras de pesquisa.	53
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Níveis de ensino da educação básica brasileira.	29
Quadro 2: Roteiro de pesquisa dos encontros (partes 1-3).	49
Quadro 3: Roteiro de pesquisa dos encontros (partes 4-6).	50

LISTA DE ABREVIATURAS

AMVARC – Associação dos Municípios do Vale do Rio Cai
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
BR116 – Rodovia Federal Brasileira (116)
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC – Cargo em Comissão
CD – Compact Disc
CEA – Coletivo Educador Ambiental
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPM – Círculo de Pais e Mestres
CRE – Coordenadoria Regional de Educação
CRT – Companhia Riograndense de Telefonia
DE – Delegacia de Ensino
DVD – Digital Vídeo Disc
EAD – Ensino à distância
EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMATER – Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

ETEP – Escola Técnica Estadual de Portão

FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara

FEE – Fundação de Economia e Estatística

FEEVALE – Universidade Feevale

FG – Função Gratificada

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNDARTE – Fundação de Artes de Montenegro

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

GEEMPA – Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPH – Instituto de Pesquisas Hídricas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e Outros

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

NERU – Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos

ONG – Organização Não Governamental

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNA – Programa Nacional de Alfabetização

PPP – Projeto Político Pedagógico

PRADEM – Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Educação Municipal

PSDB – Partido da Social-Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC - Pontifícia Universidade Católica

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RS – Rio Grande do Sul

RS240 – Rodovia Estadual do Rio Grande do Sul (240)

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo

SIMPO – Sindicato dos Municípios de Portão

SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SMED – Secretaria Municipal de Educação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de conclusão de curso

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UCA – Um Computador por Aluno

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNIRITTER – Centro Universitário Ritter dos Reis

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul

UNISINOS – Universidade do Vale do Sinos

SUMÁRIO

APRENDENDO SEMPRE: que vontade de estudar!	20
1. INTRODUÇÃO: pelos caminhos do aprender	27
2. MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: percursos pedagógicos entre os Vales do Sinos e Caí	43
2.1 “Minha mãe sonhava ser professora!”: memórias de professoras aposentadas.....	45
2.1.1 Professoras aposentadas da rede pública municipal de Portão/RS: situando este grupo	46
2.1.2 Rede formada: entrando na roda de conversa.....	48
2.1.3 Quem são as professoras aposentadas ‘parceiras’ desta pesquisa?	53
2.2 “Eu fiz o normal de primeiro ciclo”: a formação pedagógica	63
2.2.1 Escolhas e itinerários	64
2.2.2 O início: a primeira turma como professora	69
2.2.3 Formação continuada	73
2.3 “Há coisas boas em todo tempo”: reminiscências de um tempo escolar outro	77
2.3.1 Relações entre a formação e atuação pedagógica	80
2.3.2 Idealização da instituição pedagógica escolar.....	82
3. BIOGRAFIA PROFISSIONAL: o trabalho na rede pública municipal de ensino em Portão/RS	87
3.1 “Eu subi no fusca branco e fui conhecer a escola.”: a carreira na educação.....	88
3.1.1 Contratos e concursos: enfim, o trabalho!	90
3.1.2 O que amam lembrar: da sala de aula e sobre ensinar	95
3.1.3 A ocupação de cargos e setores na escola: por outros ângulos.....	99
4. MOVIMENTOS NAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS: relações, marcos e impactos	111
4.1 “Na sala dos professores a gente falava de tudo.”: dos relacionamentos profissionais.....	111
4.1.1 Com colegas: da sala de professores aos conselhos de classe.....	112
4.1.2 Com a equipe diretiva: dos documentos aos comprometimentos	116
4.1.3 Com alunos e comunidade escolar: para além da sala de aula, corredores e pátio....	119
4.2 “Uma vez um aluno apedrejou toda escola.”: percursos (in)alterados	122
4.2.1. Desafios, riscos e marcos da carreira em educação.....	123
4.2.2 Impacto da gestão administrativa e pedagógica no trabalho em educação	128
5. A ESTRUTURA DA ESCOLA: conhecendo estes espaços.....	135
5.1 “Meu maior desafio foi fazer a merenda.”: estrutura da escola pública municipal	136
5.1.1 As professoras apresentam as escolas públicas municipais de Portão: trânsitos	136
5.1.2 Visitando e revisitando a estrutura física da escola pública.....	145

5.1.3 A organização profissional no ambiente escolar	149
5.2 “Eu trabalhava, mas não gostava da festa junina.”: programas e eventos.....	153
5.2.1 Engajamento nos programas educacionais: forças e atritos	154
5.2.2 Projetos: afinal, para que servem?	158
5.2.3 Organização e participação em eventos	161
5.3 “O programa social fez toda diferença pra aquela comunidade.”: as implicações de uma escola que se torna ‘para todos’	164
5.3.1 Professor preparado?	165
5.3.2 Movimentos na cidade para atender a diferentes programas em educação	167
6. A ESCOLA E A CIDADE: janelas de lá e de cá	172
6.1 “Parece que tem um ruído.”: retratos da conexão entre a cidade e a escola	172
6.1.1 Pensar a cidade de dentro da escola	173
6.1.2 Olhares da cidade para a escola	176
6.1.3 A cidade e a escola em constante transformação.....	179
6.2 “A escola é um bem de todos.”: patrimônio cultural escolar	193
6.2.1 Patrimônio material e imaterial	195
6.2.2 As escolas desativadas	201
6.2.3 Marcas permanentes	204
6.3 “É possível transformar pela educação.”: reflexões sobre a escola pública na contemporaneidade	206
6.3.1 De qual escola você se despediu ao se aposentar?	207
6.3.2 Pensando a escola pública hoje: o que podemos aprender com seu legado?	209
6.3.3 A reinvenção da escola pública: o saber fazer	211
7. CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO “SER” PROFESSOR: passo a passo até a aposentadoria.....	216
7.1 “A profissão de professora foi uma das primeiras permitidas à mulher.”: a presença do feminino na docência.....	216
7.1.1 Relação entre gênero e magistério	218
7.1.2 Posicionamentos sobre empoderamento feminino e a educação	221
7.1.3 Magistério como missão?	225
7.2 “Eu dizia que queria me aposentar estando bem.”: aposentadoria e as questões sobre envelhecimento	227
7.2.1 Tempo pré-aposentadoria.....	228
7.2.2 Primeiros passos pós-aposentadoria.....	230
7.2.3 Como é ser uma professora inativa?.....	235
7.3 “Eu senti cada momento vivido na escola”: a vida como uma obra de arte	239
7.3.1 Dos sentidos.....	240

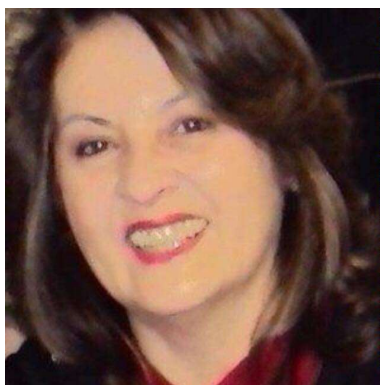
7.3.2 Das afetações	244
7.3.3 Das memórias.....	245
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: o pó de giz que resta nas mãos das professoras aposentadas da escola pública municipal em Portão/RS	251
REFERÊNCIAS	259
ANEXOS	273
APÊNDICES	274



Mariângela Werlang, 2021.

Quem ensina sem emancipar, embrutece.
E quem emancipa não tem que se preocupar
com aquilo que o emancipado deve aprender (RANCIÈRE, 2020, p. 37).

APRENDENDO SEMPRE: que vontade de estudar!



O desejo de aprender sempre me acompanhou, como acredito que seja com a grande maioria das pessoas. Desde criança tinha muita curiosidade e vontade de estudar: entrei no mundo das letras e números com ajuda dos meus pais e dos jornais velhos que meu pai trazia do trabalho. Lembro de recortar imagens de relógios¹ que estavam ali como propaganda, mas que tinham horários e preços diferentes e eu, com uma enxurrada de perguntas aos adultos da casa – meus pais, Terezinha e Armiro, e minha avó materna, Maria Amélia – memorizava os dados. Claro que, além disso, eu brincava com os relógios: passava na água e colocava em meu pulso, fazendo poses e diálogos em infinitas criações performáticas. A mesma coisa acontecia com as letras e imagens: fazia perguntas, recortava, colava e criava cenas. Foi desse modo que aprendi a ler, escrever e calcular. Estes jornais me levaram ao mundo da leitura e este abriu possibilidades.

Ao lado de nossa casa morava a conhecida “Dona Laura”. Era Laura Schirmer, diretora do Grupo Escolar de Rincão do Cascalho. Vizinha e amiga da família há bastante tempo, atendeu aos pedidos de minha mãe para que eu pudesse frequentar a escola. Eu tinha cinco anos e fui para a primeira série.

Na escola tinha merenda todo dia, mas eu sempre levava café e pão. Num dia da semana todo mundo levava algo para contribuir com a sopa: um ovo, umas folhas de couve, uma cebola. Os recreios eram, depois da merenda, de pega-pega, esconde-esconde e passa anel.

O guarda-pó, costurado por minha madrinha Eracy, costureira de mão cheia, era alvo por causa do anil usado na limpeza. Aquele produto duro, pequeno e azul, enrolado num pedacinho de pano, fazia milagres nas roupas. No verão, chinelo de dedo. No inverno, uma conga. Mas o mais importante de tudo era poder ouvir a professora, no caso a primeira, Roselis Uebel, atualmente minha amiga nas redes sociais. A classe era dupla, de madeira, inclinada e com um friso para colocar o lápis e um espaço também para a borracha. Lembrava muito os bancos da igreja.

Lembro de ter recebido certa vez uma pasta do governo federal, com a frase “As crianças são o futuro do Brasil”. Confesso que esta frase, acompanhada de desenho de uma professora com algumas crianças, me enchia de orgulho – não era bem isso naquela idade, sei lá, de satisfação e alegria para uma criança, no caso. Frases de impacto de um governo ditatorial, num estado nacionalista que, hoje

¹ Algumas imagens que compõem a tese e estão sem identificação estão listadas ao final, após as referências. A justificativa para tal está no Capítulo 1.



sabemos, passava ideias que a maioria da população acolhia, sem pensar, até porque não tinha condições para tal.

Os primeiros anos na escola foram maravilhosos, mas ao chegar na 5ª série, o último ano que o Grupo Escolar de Rincão do Cascalho oferecia, a tristeza se escondia atrás do sorriso. Havia uma certeza em meus pensamentos: não tinha como ir estudar no centro ou no bairro Portão Velho. Não haveria dinheiro para passagem de ônibus diariamente. Mas, num esforço muito grande, minha mãe, que já trabalhava como costureira em uma fábrica de calçados em Novo Hamburgo, decidiu que eu iria continuar meus estudos. O dia desta informação foi um dos mais lindos da minha infância.

Com o tempo, os desafios aumentaram: sair para além do meu bairro, conhecer pessoas novas, a 6ª série com tantos professores, horários, tarefas. Admito que foi muito difícil, mas com muita perseverança, consegui avançar. Depois, a mesma angústia que me afligiu na 5ª série voltou a aparecer na 8ª: vou conseguir continuar estudando? Lembro de minha mãe me levando à Escola Normal de São Sebastião do Caí para saber como funcionava, ver preços, uniforme, materiais, passagem de ônibus. Esta era uma escola dirigida por freiras (Instituição Católica), em que as mensalidades tinham o valor conforme a renda da família. Tudo calculado, era hora de enfrentar.

Havia uma pequena taxa mensal que deveria ser paga na Caixa Econômica Estadual, instituição que não mais existe. O uniforme, saia e calça marrom, além de camisa rosa, de botões, foram costurados por minha madrinha, como de costume. O gasto maior foi com a compra de abrigo marrom a ser usado nas aulas de educação física. Minha mãe comprou dois, em prestação. Aqueles dois abrigos duraram todo o tempo da formação.



Porém, naquele ano de ingresso no Magistério eu faria 15 anos. Meus pais não poderiam me dar uma festa, nada além de um almoço com a família e um bolo da tarde para minhas amigas mais próximas, mas o presente eles queriam me dar e então perguntaram sobre o assunto. Como eu tinha muito interesse e me informado antes, pedi um curso de datilografia numa escola no centro da cidade, sendo que ocorreria no período de férias. Recebi o presente, com grande alegria. Foram dois meses de tortura para as mãos: unhas encravadas, dedos cortados e coração acelerado. As teclas eram altas e duras. O professor dava textos e marcava no relógio. Um frio na barriga o tempo todo. Até que recebi meu certificado de 'Datilógrafa'. E foi por causa dele que meu pai pode me encaminhar para uma entrevista no posto de combustíveis em que ele trabalhava. Datilografei 3000 convites, um a um, para a inauguração

da empresa hoje reconhecida internacionalmente, Irmãos Hoff. Com tamanha habilidade e seriedade, fui convidada a trabalhar de forma fixa neste lugar no turno inverso à aula. Com o dinheiro consegui aliviar minha mãe em seu contracheque. Paguei minhas mensalidades e passagens. Também conseguia pagar as passagens para minha irmã, Adriana, estudar.



Foram três anos e meio de correria entre estudos, trabalho e a ajuda em casa. O estágio foi tenso e cheio de emoção. Minha avó paterna, Valentina, fazia uma contagem regressiva. Além da turma onde estagiava, eu já estava trabalhando em uma escola e recebendo como professora. Meu padrinho Alcides era amigo do prefeito e me levou para uma conversa, mas isso é outra história. O dia da formatura no magistério chegou! Foi marcante também pelo fato de ter sido escolhida a oradora da turma. E, claro, pelo orgulho para toda a família e reconhecimento pelo esforço e dedicação.

Relembrando fatos que tratam de minha relação com o ato de estudar desde a infância, cada ponto foi se unindo e criando linhas de todos os tipos. Agora, estas linhas se cruzam e engendram formas diversas. Para a continuidade de minhas investigações foi necessário repensar meus percursos enquanto pessoa, profissional e pesquisadora, problematizando questões de minha experiência pedagógica e acadêmica.



Trabalhei por trinta e dois anos na rede pública municipal de educação do município de Portão²/RS como professora titular dos anos iniciais, professora de projetos de meio ambiente e de jogos de raciocínio e, desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental, como professora da disciplina de Artes. Propostas de trabalho em áreas distintas sempre me estimularam, pois tinha a oportunidade de circular e vivenciar outras experiências. Na rede privada atuei como professora de Artes Visuais no ensino fundamental e médio, de Didática da Arte no Curso de Magistério e como professora de Teatro no Colégio Luterano Concórdia, em São Leopoldo³/RS.

Sempre tive interesse pela pesquisa, de forma a ter orientado grande número de projetos de iniciação científica do ensino fundamental, sendo que muitos destes se destacaram no município de Portão, em feiras regionais e na Mostratec Jr⁴. Atualmente realizo palestras e presto

² O município de Portão é situado no Vale do Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre. Fundado em 9 de outubro de 1963, possui em torno de 31.000 habitantes.

³ São Leopoldo é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre. Fundado em 25 de julho de 1824, com população estimada em torno de 230.000 habitantes. (IBGE 2016).

⁴ Mostra anual de trabalhos de iniciação científica e tecnológica realizada pela Fundação Liberato, de Novo Hamburgo, que premia os melhores trabalhos em todos os níveis de ensino da educação básica. Os premiados apresentam seus projetos em outros municípios, estados e países. Além disto, são oferecidas bolsas de estudos de várias Instituições de Ensino parceiras da Mostra.

assessoria para professores e professoras de escolas da região do Vale do Sinos/RS, nas redes pública e privada, na orientação de projetos de pesquisa na educação básica. São essas práticas que me conduzem ao desejo da pesquisa contínua e aprofundada.

Minha formação inicial foi de Magistério na Escola Normal de São Sebastião do Caí⁵/RS (hoje escola Estadual Paulo Freire), em 1985. Iniciei minha trajetória profissional sempre participando de cursos, encontros e seminários⁶, pois entendia a necessidade de aperfeiçoamento para garantir um trabalho de qualidade em séries e áreas distintas da educação básica.

Minha graduação foi em Artes Visuais pela Universidade Feevale, em Novo Hamburgo⁷/RS, bem como a especialização em Arteterapia⁸. Com foco na saúde mental e na educação, realizei encontros arteterapêuticos com grupos de alunos e de professores e professoras da rede pública municipal de Portão.

Para a pesquisa de Mestrado optei pelo Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, um curso interdisciplinar em que realizei estudos em outras áreas, como antropologia e história, estando a arte presente em toda investigação. A pesquisa intitulada “Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Rio do Sinos/RS⁹” trouxe a possibilidade da prática no campo etnográfico, o que, em minha análise, tem relação direta com a arte pelo fato de produzir conhecimento explorando outras escutas, olhares e movimentos, através das imagens e narrativas.

As interlocutoras da investigação foram protagonistas desta pesquisa, rememorando tempos e lugares, numa “costura” ética comigo, enquanto pesquisadora. O arremate desta costura deu-se por meio da elaboração das capas de cada fascículo da dissertação, apresentada como livro de artista. As imagens elaboradas são mediadoras de passagens vividas durante a pesquisa, na qual corpos, objetos e histórias foram narrados numa rede de construção de significados e de conhecimento coletivo.

O encontro entre arte e antropologia deu-se naturalmente, e o modo “artístico” de pesquisar concebeu outras formas de saber aos envolvidos na investigação (ARCHER, 2001,



⁵ São Sebastião do Caí é um município do Rio Grande do Sul, situado no Vale do Rio Caí. Fundado em 01º de maio de 1875, tem uma população em torno de 22.000 habitantes.

⁶ Todos estes dados constam em meu Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8700010415114079>>

⁷ O município de Novo Hamburgo pertence ao Vale do Sinos, região metropolitana de Porto Alegre. Possui em torno de 247.000 habitantes, tendo sido fundado em 05 de abril de 1927.

⁸ Busca da melhoria da qualidade de vida das pessoas, através de uma abordagem teórico-prática, relativas às áreas das Artes Visuais e da Psicologia.

⁹ Dissertação defendida em fevereiro/2019.

p. 95). Aprofundei estudos sobre gênero e envelhecimento, tendo a arte como enlace, abertura e espaço do/para/no percurso de pesquisa.

Entendo meu percurso como uma tentativa de ampliar as relações entre arte e outros saberes por meio de um fazer investigativo que valoriza a “potência” de criação e a multiplicidade de práticas (DIAS, 2011, p. 32). Acredito que quando o pesquisador se propõe a entrar em campo, aberto a questionamentos e tensionamentos, pensando em outras relações entre as diversas áreas do conhecimento, criam-se aberturas por entre as “[...] maneiras cristalizadas do nosso próprio pensamento [...]” (LOPONTE, 2005, p. 166), e os deslocamentos ampliam as experiências. E a vontade de estudar só aumenta!

[illegible]

1. INTRODUÇÃO: pelos caminhos do aprender

Com a chamada realizada e a apresentação feita, é chegada a hora da roda de conversa. Para o doutoramento muitas foram as leituras e reflexões, de modo a fazer submergir o fio condutor em minha trajetória pessoal, profissional e como pesquisadora. Incentivada por histórias contadas em família, de geração em geração, sobre meu bisavô (Figura 1), primeiro professor da localidade de Rincão do Cascalho¹⁰, Portão, nas décadas de 1920 a 1940, meus passos em busca do conhecimento anunciam o interesse em observar os percursos de professoras, hoje aposentadas, e discutir sobre assuntos que enredam a educação¹¹, a cidade e o patrimônio. Assim, o tema desta pesquisa é o impacto da estrutura escolar, das experiências pedagógicas e das tecnologias de governo na carreira profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de ensino de Portão/RS e o patrimônio cultural escolar, parte relevante da cidade e da sociedade contemporânea.



Figura 1: Professor Paulo Paulino da Costa e algumas de suas alunas.
Fonte: acervo de Terezinha L. C. Passos, década de 1930.

¹⁰ Bairro tradicional do município, por ser conhecido antes mesmo da emancipação deste, por ser rota de tropeiros e ter crescido no entorno de uma pedreira.

¹¹ Sobre a história da educação ler em: FRANCISCO FILHO, Geraldo. História geral da educação. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. GHIRALDELLI JUNIOR. Paulo História da Educação. 2ªed., São Paulo: Cortez, 1994.

Existem pesquisas no banco de teses da CAPES¹² que demonstram a preocupação em problematizar as questões que envolvem o espaço escolar por meio de estudos em antropologia, história e arte. Fábio Josué Souza dos Santos, com a tese pela UNEB¹³ de 2015, “Docência e memória: narrativas de professores de escolas rurais multisseriadas¹⁴”, mostra-nos algumas pistas desta relação. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, com sua tese pela PUCRS¹⁵ em 2008, exhibe as “Memórias recompondo tempos e espaços da educação – Bom Jesus¹⁶/RS (1913-1963)”, tendo como lócus de pesquisa o acervo municipal de história oral da cidade citada.

Entendo, assim, a necessidade de pensar de que modo uma pesquisa com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, aposentadas da rede pública no município de Portão/RS, apresenta as estruturas educacionais, as relações de poder e a história cultural deste espaço. Para tanto, torna-se indispensável compreender quais transformações ocorreram a fim de atender às demandas, levando-se em conta os modos de trabalhar no ensino público, as modificações no ensino básico ao longo do tempo, a estrutura da formação ética e estética¹⁷ no cotidiano dos profissionais, o exercício da profissão e tudo que isso envolve. Afinal, a escola é um espaço de produção de conhecimento e de saberes diversos, com inúmeros processos rituais em seu interior: vivências e experiências se multiplicam numa infinidade de narrativas e imagens carregadas de similitudes e divergências, configurando-se para além do que é visível.

Para situar, apresento o Quadro 1, que contém os níveis de ensino da educação básica no Brasil (no período de atuação das professoras parceiras desta pesquisa) e as respectivas Leis Federais que os organiza e regulamenta. Estas alterações foram realizadas de acordo com as necessidades observadas ao longo do tempo¹⁸, lembrando, evidentemente, que “há pessoas que puxam os fios e que as verdadeiras implicações estão em outro lugar”, mas que ainda “o parlamento é o lugar da política legítima, o lugar em que se institui uma maneira legítima de formular e regular os conflitos entre os grupos” (BOURDIEU, 2014, p.199). Nesta pesquisa o foco é a carreira profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, denominação que hoje lhe é atribuída, e pode ser observada no quadro a forma como era

¹² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹³ Universidade do Estado da Bahia.

¹⁴ Escolas multisseriadas são aquelas em que o professor atende conjuntamente a mais de uma turma/ano no mesmo lugar e período, podendo ser 2, 3, 4 e até 5 turmas de diferentes níveis de ensino. Ainda hoje são encontradas escolas multisseriadas no Brasil, principalmente em locais mais afastados, em escolas indígenas e quilombolas.

¹⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Bom Jesus é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se no nordeste do Estado, nos chamados Campos de Cima da Serra. Tem em torno de 12.000 habitantes e foi emancipado em 16 de julho de 1913.

¹⁷ Como estética da existência, no sentido foucaultiano.

¹⁸ Ver mais em: TAGLIAVINI, João Virgílio; TAGLIAVINI, Maria Cristina Braga. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: Constituição, Leis e Diretrizes.

designada, segundo a legislação de cada período. As leis relacionadas no quadro serão citadas durante a tese, tendo suas referências e *links* associados. Convém ressaltar que cada Lei Federal aqui listada possui prazo para entrar em vigor. Assim, entidades educacionais privadas, estados e municípios se organizam conforme suas possibilidades para seu cumprimento.

Níveis de ensino da educação básica do Sistema Educacional Brasileiro				
Legislação	Organização	Organização	Organização	Organização
4024/1961	Pré-escola	Primário	Ginásio	Colegial
5692/1971	Pré-escola	1º Grau	1º Grau	2º Grau
9394/1996	Educação Infantil - Creche - Pré-escola	Ensino Fundamental (primeiras 4 séries)	Ensino Fundamental (últimas 4 séries)	Ensino Médio
11114/2005 e 11274/2006	Educação Infantil - Creche - Pré-escola	Ensino Fundamental (anos iniciais – 5 anos)	Ensino Fundamental (anos finais – 4 anos)	Ensino Médio

Quadro 1: Níveis de ensino da educação básica brasileira.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Esta tese defende que a carreira profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental no ensino público em Portão/RS sofreu impacto diante da estrutura escolar, das experiências pedagógicas e das tecnologias de governo¹⁹, sendo parte do patrimônio cultural escolar deste lugar. É importante cientificar que as tecnologias de governo presentes nesta tese são as leis, projetos e programas responsáveis pela estrutura e funcionamento da educação no Brasil. Estas também são vislumbradas por meio das políticas públicas, aqui observadas em relação à educação, conforme as narrativas das professoras aposentadas.

Esta pesquisa adentra nos estudos de memória individual e coletiva, promovendo a sensibilização para reconhecimento dos processos que envolvem estas trajetórias e posterior valorização destas manifestações culturais. A pesquisa se desenvolve de modo interdisciplinar, envolvendo arte, antropologia, educação, sociologia, filosofia e história, numa perspectiva de estudos na linha de pesquisa de memória e identidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, da Universidade Feevale.

Para tanto, pergunto: De que maneira as experiências pedagógicas, a estrutura escolar e as tecnologias de governo influenciaram a trajetória de professoras dos anos iniciais do ensino

¹⁹ Ler mais sobre o assunto na Revista Horizontes Antropológicos de nº 46/2016, disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/1282>>

fundamental da rede pública no município de Portão/RS? De que forma estas trajetórias se relacionam com o patrimônio cultural escolar?

Através da observação dos percursos de profissionais em educação, parti da hipótese de que estes sugerem dinâmicas de acordo com as tecnologias de governo, a estrutura escolar e as experiências pedagógicas no ensino público. Estes percursos apresentam elementos que compõem a cultura deste espaço de modo que retratam o patrimônio cultural escolar do município de Portão/RS.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência das experiências pedagógicas, da estrutura escolar e das tecnologias de governo na construção da trajetória profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de Portão/RS e a relação com o patrimônio cultural escolar. Para que este objetivo fosse alcançado foi necessária a realização de objetivos específicos, que são os seguintes: descrever as experiências pedagógicas marcantes apresentadas nas narrativas das professoras aposentadas da rede pública de ensino de Portão/RS; verificar os elementos que retratam a estrutura escolar deste espaço ao longo dos anos; identificar as tecnologias de governo presentes nas narrativas e a forma como influenciaram a trajetória das professoras; compreender os elementos da narrativa que se relacionam com o patrimônio cultural escolar deste espaço.

Dados sobre os itinerários familiares e pessoais das parceiras de pesquisa são apresentados nas narrativas, juntamente com os profissionais. Assim, é possível observar a relação entre estes momentos vividos por elas e a forma como se construiu a subjetividade do “ser” professor, revelando a ritmicidade de cada uma delas. Além disso, fotografias e imagens das produções artísticas elaboradas pelas professoras durante a pesquisa compõem o cenário de cada caminhada.

Para fundamentar esta pesquisa foram necessários estudos a partir de autores que abordam conceitos que constituem o mapa conceitual desta tese. Este mapa, que evoca a imagem de uma profusão de planetas e estrelas (Figura 2), além dos conceitos desta investigação, contém a intenção de lembrar que a pesquisa compõe um fragmento de algo muito maior, que é a própria vida. Muitos textos indicam a provocação de Foucault (2007) quando traz Nietzsche e a ideia de pensarmos nossa vida como uma obra de arte. Este desafio propicia deslocamentos quando nos propomos a suspeitar do que está posto e suspender alguns conceitos e práticas.

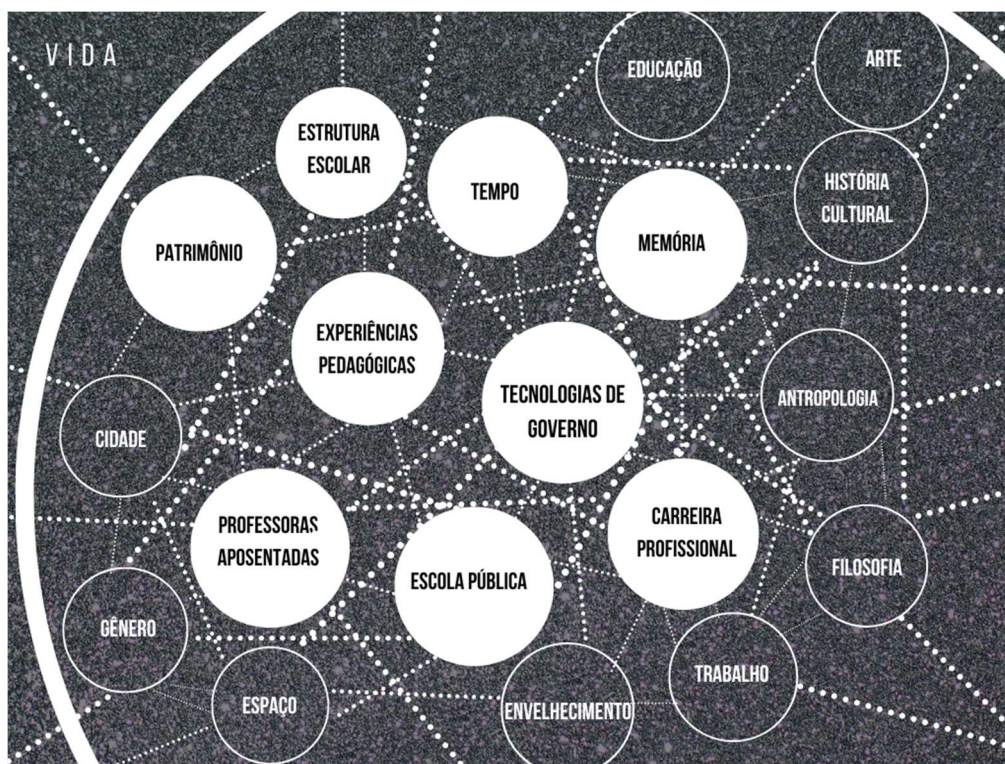


Figura 2: Mapa conceitual.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.

Pode-se pensar em olhar este mapa por meio de um caleidoscópio, objeto que Foucault (2020) elegia para visualizar conceitos, propiciando uma mistura de formas, linhas, espaços, sem uma rigidez ou ordem, uma ideia aqui abordada de forma sucinta, mas que exigiu sério e delicado aprofundamento. Essa constelação se apresenta como instrumento de navegação nessa jornada. Entre tantos mestres, o “ignorante²⁰” e o “inventor²¹” fazem a constelação pulsar.

A biografia profissional do trabalho nos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública de ensino em Portão/RS trata da carreira na educação, com os contratos e concursos, as transferências de escolas e de turmas, conquistas, riscos, medos e marcos ocorridos no trabalho, contando também com a ocupação de cargos e diferentes setores na escola. Os estudos de Michel Foucault (2007, 2014, 2020) são importantes para pensar a educação com todos os desafios que lhe são próprios. Jacques Rancière (2012) nos aponta para uma reflexão sobre o trabalho tendo uma abordagem, em muitos momentos, especificamente sobre o trabalho em educação, possibilitando a discussão sobre emancipação intelectual, estética, imagens e saberes distintos.

O campo da educação, observado pelo ângulo de pessoas que estiveram em seu meio e agora, após trabalho realizado, mostra especificidades e, quem sabe, horizontes para se pensar

²⁰ Do livro O mestre ignorante, de Jacques Rancière (2020).

²¹ Do livro O mestre inventor, de Walter Omar Kohan (2013).

em possibilidades futuras na área. A composição entre narrativas e imagens (RANCIÈRE, 2012) apresenta as memórias vividas em educação.

Professoras aposentadas do ensino público em Portão/RS narram suas memórias educacionais, com seus percursos pedagógicos entre os Vales do Sinos (Figura 3) e do Caí (Figura 4). Nestas memórias estão contidos elementos sobre a formação pedagógica, com as escolhas e itinerários, dificuldades encontradas, relações entre formação e atuação e a formação continuada deste grupo. Estes desafios apontam para a subjetivação do “ser” professor, objeto de estudo de Gilberto Velho (1986). Pode-se questionar: quais as características deste grupo de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental? A tribalização do mundo, tratada por Michel Maffesoli (2005) dá indícios desta composição.

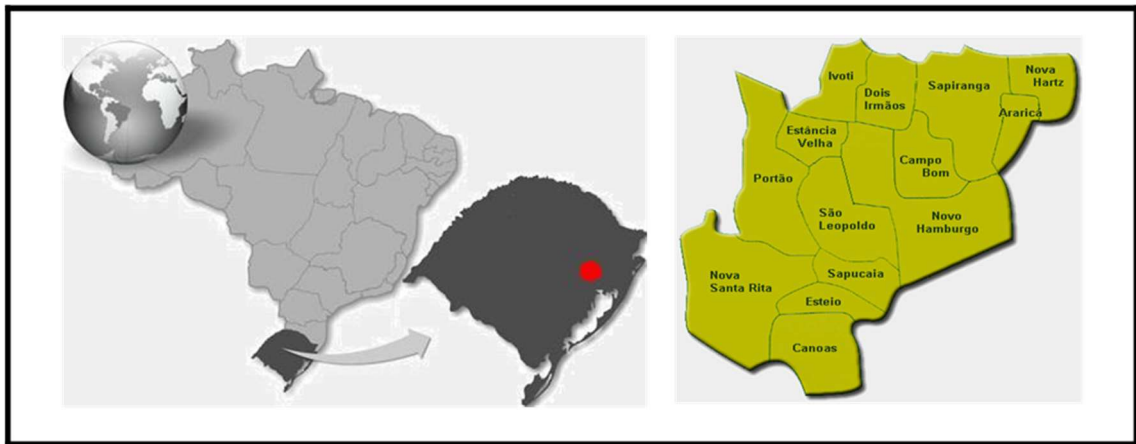


Figura 3: Mapa da região do Vale do Sinos/RS.
Fonte: Forner, 2017.

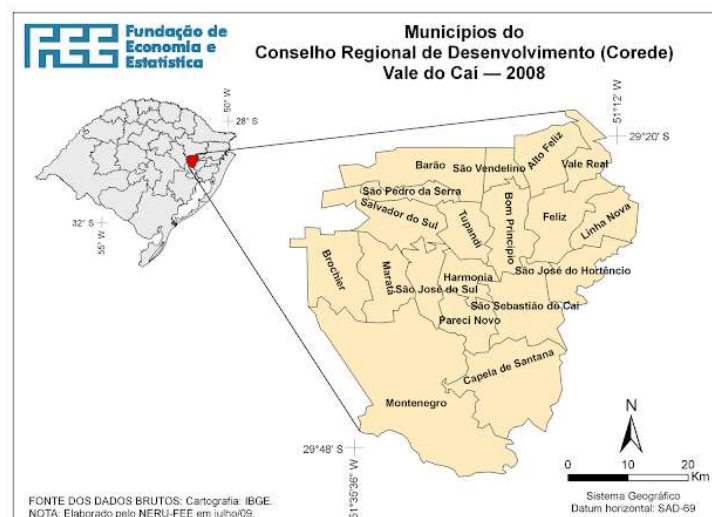


Figura 4: Mapa da região do Vale do Caí/RS.
Fonte: NERU-FEE, 2009.

Além disso, as memórias do mundo do trabalho apresentam elementos das pesquisas de Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998, 2009, 2011, 2013) e Cornelia Eckert (1998, 2008, 2010,

2012, 2015). Estudos sobre os espaços da cidade e a relação com a escola e as professoras, durante e após o trabalho, percursos e alterações nestes lugares, são altamente relevantes nesta investigação.

Neste encadeamento, foi possível reunir os experimentos de Marcel Mauss (2015), que mostram a importância do intercâmbio dentro de grupos sociais. Isso remete às experiências educacionais perpassadas pelo gesto de agrupamento nas trocas de projetos e práticas pedagógicas. A rotina escolar está retratada pelas narrativas e imagens que demonstram as iniciativas, recuos e silenciamentos, as reminiscências de um outro tempo escolar, o saudosismo e a idealização da instituição pedagógica escolar (KOHAN, 2013).

Sobre os trânsitos, com idas e vindas num campo de disputas em educação, Georg Simmel (1934) trata da sociabilidade por meio dos conflitos. Fato que se percebe nas questões levantadas por Foucault (2014) sobre o medo como uma fonte produtiva de reações, estão presentes em alguns relatos nesta tese.

A estrutura da escola, permeada pelas tecnologias de governo no e do ambiente escolar, é abordada em sua estrutura física e na organização profissional da escola pública (KOHAN, 2013). A pesquisa se concentra nos percursos em escola pública para compreender como esta estrutura se apresentou ao longo do tempo.

Os Programas Educacionais e eventos são demonstrados através das narrativas sobre o engajamento nestes, com as formas de participação e contribuição em sua organização. Os programas de governo, lembrados como parte de um sistema de poder (FOUCAULT, 2014), permitem questionar sobre o preparo da professora para tal desafio e os movimentos na cidade para atender às demandas relacionadas ao crescimento populacional e ao engajamento à escola. Os projetos são explicitados e comentados, manifestando seus benefícios e, ao mesmo tempo, suas dificuldades de aplicação, bem como o tempo e o preparo para atuação profissional nestes.

Relatos sobre o impacto da gestão administrativa e pedagógica no trabalho em educação, bem como sobre os relacionamentos profissionais com colegas, equipe diretiva, alunos e comunidade escolar são investigados como uma arqueologia do saber (FOUCAULT, 2020). De fundo histórico, esta pesquisa utiliza os estudos de Michel de Certeau (1994, 1996) e Roger Chartier (2011): cotidiano e estratégias das vivências nestes percursos profissionais, além do que é vivido de modo pessoal e as relações entre estas esferas.

Ademais, conforme as narrativas foram trazendo dados, fez-se necessário recorrer à legislação que diz respeito à estrutura e funcionamento escolar, parte relevante das tecnologias de governo. Dentre eles podemos citar a Constituição da República Federativa do Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, os Planos Nacional, Estadual e

Municipal de Educação, a Base Nacional Comum Curricular e Projetos Políticos Pedagógicos das escolas mencionadas durante a pesquisa de campo. Cláudia Fonseca (2004) aborda os processos e movimentos que ocorrem nas mais diversas instituições, neste caso específico com foco na instituição escola.

Para além da organização estrutural do sistema de ensino, como a legislação, os projetos e programas educacionais, as tecnologias de governo estão presentes nos pequenos arranjos no cotidiano da escola. A dimensão das tecnologias de governo está intrinsicamente relacionada às dimensões das experiências pedagógicas e da estrutura escolar, sendo parte pulsante nas narrativas das professoras aposentadas. Ao longo da tese será possível observar a forma como as tecnologias de governo se apresentam nos percursos destas mulheres, especialmente em se tratando do trabalho em escola pública. Assim, pontualmente, será dado destaque a estas relações em cada capítulo.

Maurice Halbwachs (2003) nos diz, entre outras coisas, que a memória coletiva está relacionada à convivência em grupos sociais, de modo que é possível observar como a rede social da pesquisa se entrelaçou diante das falas de cada participante. Os detalhes do cotidiano de trabalho, sutis pela delicadeza de mostrar a memória nas coisas visíveis e invisíveis (WOORTMANN, 2001) e intensos por desvelar como utilizamos as táticas para alterar códigos, foram necessários para a compreensão dos percursos das professoras.

Além disso, Ellen Woortmann (2001) aproxima a relação entre memória e patrimônio, de onde é possível reiterar a hipótese de que as narrativas das professoras aposentadas de Portão são parte do patrimônio cultural escolar deste lugar. Ora, Regina Abreu e Mário Chagas (2009) deixam claro que os estudos de trajetórias evidenciam a relação entre memória social e patrimônio cultural, sendo uma fonte teórica importante nesta tese.

Franz Boas (1986, 2004) é um expoente na pesquisa com investigação etnográfica, e, assim, sua base teórica é relevante para discutir sobre a cultura e seus processos, manifestados nos percursos etnográficos com as professoras aposentadas. Há um fio que percorre estes percursos que é de fundo histórico (BOAS, 2004), evidenciando as relações entre eventos históricos e culturais ao longo do trabalho das professoras. Este é importante para perceber alterações nas estruturas escolares, tanto pedagógicas quanto físicas, produzindo dados relevantes para a interpretação das culturas (GEERTZ, 1978). Outrossim, os escritos de Mary Douglas (1998, 2004)), em que observamos questões sobre riscos, desafios e ética, mostram o quanto estes elementos se apresentam, de forma direta e indireta, nas narrativas destas professoras aposentadas.

José Guilherme Cantor Magnani (2009) aborda a conexão entre prática e experiência dentro da pesquisa, em que é possível discutir esta operação em âmbito do mundo do trabalho. Para além disso, a teoria sobre o fazer etnográfico instrumentaliza o pesquisador antes da saída em campo, o que é extremamente necessário. Aqui, a rede formada para a pesquisa baseia-se nos estudos de William Foote-Whyte (1975, 2005). Somando-se a isso, Howard Becker (1994, 2007) motiva a pesquisa por meio de vários exercícios a fim de que o pesquisador perceba o campo por ângulos diversos, favorecendo a compreensão de fatos que possam passar despercebidos. Assim, fica evidente que os dados coletados não devem ser tidos apenas por um único viés, retratando o senso comum, mas por meio de singularidades. Estas, por sua vez, podem denotar algum apagamento na memória individual ou coletiva, que é de interesse da pesquisa identificar, refletindo sobre este fato social e cultural.

Como a escolha da corporeidade se deu especificamente por professoras, interessou pensar a presença do feminino na docência, numa possível relação entre gênero e magistério. Outro ponto importante nesta subjetividade é o vínculo com a religiosidade, manifestando-se muitas vezes em forma de “magistério como missão”, outras como um lugar de fortalecimento nos momentos difíceis enfrentados na profissão. Para dar conta destas possibilidades, estudos realizados por Georg Simmel (1934) e Judith Butler (1993) sobre a cultura feminina e religião foram essenciais.

Como estas mulheres são aposentadas, a pesquisa aborda o tempo pré-aposentadoria, os primeiros passos pós-aposentadoria e o que seria uma professora inativa, de fato. Logo, questões sobre os processos de envelhecimento são pertinentes. As pesquisas de Ecléa Bosi (1994) em relação ao envelhecimento são relacionadas às narrativas destas mulheres.

Cada escola está situada em um espaço da cidade (MAFFESOLI, 2005) (ECKERT; ROCHA, 2003, 2013a), e esta relação é discutida a partir do modo como estas professoras aposentadas viam a cidade pelo lado de dentro da escola, como professora ativa, e pelo outro lado da janela, com o olhar da cidade para a escola, numa perspectiva atual, de professora inativa. Assim, são exteriorizados os retratos desta conexão entre comunidade e escola pública, em momentos de normalidade e em épocas de crise (SIMMEL, 1934), como na pandemia da Covid19²². Obviamente, foram tratadas as escolas onde as professoras aposentadas realizaram seu trabalho.

²² Covid19 é uma doença causada pelo vírus SarsCov2, que se espalhou por todo o mundo, sendo considerada uma pandemia que provocou distanciamento social, uso de máscara e higienização frequente das mãos, até a chegada da vacina no final de 2020, sendo que no Brasil iniciou em 2021, com uma lenta vacinação, o que em nosso país provocou, até o presente momento, a morte de mais de 680.000 pessoas.

A forma como se constituíram estas trajetórias no ensino público anuncia saberes e retratos deste tempo e espaço (BACHELARD, 1993), por meio dos encontros em campo, dos objetos relacionados à escola que as professoras exibiram, de processos artísticos que as professoras foram incentivadas a realizar (IRWIN; DIAS, 2013) e das fotografias de escolas em diferentes tempos e situações.

Desse modo, pode-se reafirmar que esta tese resulta de uma pesquisa interdisciplinar, ampliando possibilidades nos percursos de investigação. Para tanto, foi necessário um estudo sério, organizado e criativo de contemplar o referencial teórico e os elementos empíricos, reunidos de modo a explicitar os processos culturais que envolvem a carreira profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Portão/RS e o patrimônio cultural escolar.

Toda investigação exige método, que, por sua vez, requer escolhas pré-determinadas. Esta pesquisa é de natureza básica. Quanto aos objetivos, utilizou um percurso exploratório e descritivo, sendo quantitativa e qualitativa quanto à forma de abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013). No que tange aos procedimentos, foram utilizadas as técnicas do método “arte-etnográfico” (COLLING, 2021), além da pesquisa documental e bibliográfica.

Para a etnografia primeiramente foi feita a rede de entrada em campo, para depois iniciar o trabalho com observação participante. A etnografia deu-se com um grupo de professoras aposentadas da rede pública de ensino no município de Portão/RS²³. Cada encontro foi organizado de acordo com roteiro de entrevista semiestruturado, que “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença atuante da pesquisadora no processo de coleta de informações, para que as descrições destas apresentem elementos para retroalimentação da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Cada registro teve um tratamento singular. Tanto as gravações de áudio quanto a fotografia têm papel fundamental neste trabalho de campo. Além das narrativas, as parceiras de pesquisa foram convidadas a produzirem imagens com materiais artísticos distintos, conforme suas memórias sobre a carreira profissional em educação. Esta etapa seguiu alguns pressupostos das pesquisas de Rita Irwin e Belidson Dias (2013). Ao realizar um trabalho de arteterapia com um grupo de professoras, Colling apontou que, conforme:

²³ Cada uma das participantes assinou a Carta de Cessão (Anexo A), bem como autorizou uso de imagens e narrativas verbalmente, estando isso registrado através de gravação em áudio e/ou vídeo.

texto, mas com rigor na escrita. Trata de escrever, ler e reescrever quantas vezes forem necessárias para que o pesquisador encontre sua forma de ser pesquisador e refletir sobre o que deseja com sua escrita. Estes escritos são frutos de intenso exercício dos atos de escrever, ler e reescrever.

Para levantamento bibliográfico foi organizado um fluxograma contendo os principais conceitos (contidos na constelação do Mapa Conceitual) e, a partir disso, a construção de uma tabela contendo informações sobre os materiais bibliográficos coletados e posterior leitura e fichamento destes materiais. À medida que estas leituras foram sendo realizadas, houve o cruzamento de informações entre os conceitos, a temática da pesquisa e os materiais reunidos por meio da arte-etnografia.

As informações sobre o mundo do trabalho das profissionais da área de educação foram coletadas a fim de valorizar as experiências e os saberes, para ampliar os modos de se perceber o mundo. O percurso em campo trata de construir, organizar e socializar, por meio de uma perspectiva histórica, antropológica, sociológica, filosófica e artística.

Os dados quantitativos são relevantes para situar o espaço, as pessoas envolvidas e o tempo referido nas narrativas das professoras aposentadas. Deste modo, a pesquisa documental foi utilizada para coletar, ler e relacionar mapas, Legislação referente à temática da tese, dados indicativos de número de professoras aposentadas na rede pública municipal em Portão/RS, além de registros fotográficos do acervo do Departamento Cultural do município. Sites como do IBGE²⁵, do Diário Oficial do Estado e dos arquivos públicos federal, estadual e municipal foram fundamentais.

O que se pretendeu foi criar um campo para produzir uma zona de intensidade e pensar, juntamente com os teóricos, sobre o que nos dizem as imagens, narrativas, gestos e movimentos produzidos por profissionais da rede pública de ensino, dos anos iniciais do ensino fundamental, hoje aposentadas. Foi levantar dados, atentar para os “rastros” nas memórias do mundo do trabalho por meio das experiências pedagógicas relatadas, buscando compreender a estrutura escolar pública deste espaço e sua dinâmica, bem como a potência e o impacto das tecnologias de governo na carreira dos profissionais do ensino público e nas subjetividades sociais e individuais deste grupo investigado.

A etapa que se deu em campo foi realizada com um olhar diferenciado, à procura de um registro anterior do que se tem como imagem, através do ver o mundo com os sentidos. Visitar professoras aposentadas, pela *internet*²⁶, propiciar momentos de produção visual relacionados

²⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

²⁶ Em função do isolamento social por motivo da Covid19.

a sua profissão, gravar suas falas, tudo fez parte do processo e trouxe consigo um rico material cultural, antropológico e poético. Mauss (2015, p. 88) expõe que “a magia é uma arte de dispor”, e isso, no decorrer de seus estudos aponta para todo e qualquer rito, incluídos aqui todos aqueles observados nas instituições de ensino.

As experiências dos encontros *on-line*²⁷ foram importantes para pensar sobre os novos tempos que, devido à pandemia de Covid19, fizeram com que nos transformássemos, tendo que nos adaptar, criar e reinventar outras formas de convívio. Também, para que pudéssemos pensar a forma como cada parceira de pesquisa se dá a ver e o modo como a câmera, agora do celular ou do computador, é um personagem que apresenta o cênico, dirigido por mim, pesquisadora, o dramático e o técnico – dependendo do aplicativo utilizado para o encontro, conforme as necessidades e possibilidades de cada uma das professoras aposentadas. Eu, munida do roteiro semiestruturado e com os recursos de gravador, filmadora e aqueles que os dispositivos disponibilizam, observei os diversos movimentos que temos ao nosso dispor, tecnologicamente, a fim de registrar os encontros da melhor forma possível, visto que o presencial não nos foi possível. Muitos foram os *downloads*²⁸ de imagens e *print screen*²⁹ de tela a fim de registrar momentos da pesquisa.

Os encontros se deram nos anos de 2020 e 2021, de forma remota e individual. Porém, na escrita da tese apresento as narrativas em forma de roda de conversa, com diálogos e imagens em torno dos assuntos presentes no mapa conceitual da investigação, como se estivéssemos todas juntas presencialmente, desejo que poderá ser realizado em parte³⁰ daqui a algum tempo. No decorrer da tese, para além das figuras apresentadas na listagem inicial, algumas outras imagens estão ao lado das narrativas: são fotografias, desenhos e montagens que compõem minha narrativa e os encontros arte-etnográficos. Estas imagens, diferentemente das demais, estão listadas ao final da tese, inspirada no corpo e forma da dissertação de Rafael Victorino Devos³¹ que utilizou quadros de imagens para “dar conta da riqueza da “arte” de dizer” de seus parceiros de pesquisa (DEVOS, 2002, p. 4, grifo do autor). Também é uma tentativa de oferecer

²⁷ Conectado direta ou remotamente a um computador ou celular e pronto para uso.

²⁸ Em tecnologia, *download*, em português descarregamento, no âmbito da comunicação em redes de computadores, utilizado para referenciar a transmissão de dados de um dispositivo para outro através de um canal de comunicação previamente estabelecido.

²⁹ O *Print screen* é uma tecla comum nos teclados de computador. No *Windows*, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela e copia para a Área de Transferência.

³⁰ Durante a escrita da tese ocorreu o falecimento de uma das parceiras da pesquisa, por Covid19.

³¹ Dissertação: “Uma ilha assombrada na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir de narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre” (2002), com orientação da professora Cornélia Eckert, no PPG Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

outras formas de leitura e apresentar um pouco mais as ricas imagens que fizeram parte do percurso de pesquisa.

A poética da fala e das imagens trouxe elementos que constituem a relação entre a carreira profissional destas aposentadas, a estrutura escolar, as experiências pedagógicas e as tecnologias de governo. Além disso, a leitura atenta do referencial teórico e o levantamento cuidadoso dos dados dão corpo à tese juntamente com o material arte-etnográfico.

Para a análise dos dados coletados foram utilizadas as pesquisas de Franz Boas (1986, 2004) a partir de uma perspectiva histórica e, para além dela, os aspectos da estrutura social e cultural para apresentar os dados de uma forma descritiva que contemple a multiplicidade do ser. Para Boas (2004), educação e cultura são indissociáveis e, portanto, ‘costuram’ com os conceitos desta tese, em que o patrimônio retrata o que seria mais importante para a cultura de um tempo e lugar. Para Clifford Geertz (1978) a análise da cultura sob os aspectos social e antropológico está relacionada ao método interpretativo, o que é um diálogo interessante com o pensamento de Boas.

Para verificação do ponto de vista da arte, foram utilizadas as pesquisas de Rita Irwin e Belidson Dias (2013) sobre os processos ocorridos durante o campo e o modo como olhar os dados coletados pensando na pesquisadora/professora também como um artista que cria e realiza com as participantes da investigação, num processo de retroalimentação, para que teoria e prática em campo se construíssem ao longo do percurso da pesquisa. Os estudos de Rafael Estrada Mejía (2015), juntamente com imagens de obras de artistas contemporâneos, foram estímulos para o surgimento de traços, contornos e marcas das memórias do mundo do trabalho em educação, para além do que foi narrado.

A tese, resultado de uma comprometida e responsável caminhada, abre-se para uma gama de possibilidades de leitura, sendo apresentada como fruto de um processo contínuo, dinâmico e sensível, afinal “Observar, na pesquisa de campo, implica interagir com o Outro, evocando a habilidade de participar das tramas da vida cotidiana, juntamente com o Outro no fluxo dos acontecimentos” (ROCHA; ECKERT, 2013a, p. 57, grifo das autoras).

Estas foram as intenções desta pesquisa de doutoramento, com aprofundamentos teóricos, participação comprometida nas disciplinas, diálogo e atenção às orientações. Conforme Kohan (2013, p. 65), agora “é a hora do rascunho, de escrever, de apagar e reescrever, de ensaiar uma escrita em sintonia com um novo pensamento e uma nova vida”. Segundo ele, ao ensaiar estamos inventando, errando, transformando. Como Benjamin já dizia, “A fala conquista o pensamento, mas a escrita o domina” (1987, p. 31). É reunir os resíduos do pó de

giz destas profissionais que se dedicaram à educação e apresentar as memórias do mundo do trabalho das/nas instituições públicas de ensino fundamental em Portão/RS.

Para a observação destes percursos percebi a necessidade da montagem da Tese em dois Tomos. O Tomo I desta Tese é organizado em oito capítulos, apresentando os caminhos do aprender da pesquisadora e a organização teórica e metodológica da tese (Cap. 1), a rede social formada por professoras aposentadas dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Portão/RS, suas biografias pessoais e profissionais, estilos de vida, trajetória profissional, desde a formação inicial até a formação continuada (Cap. 2), além dos contratos e concursos, trabalho em sala de aula e a circulação pelos setores da escola (Cap. 3), relacionamentos profissionais, desafios, conquistas e marcas no trabalho em educação (Cap. 4). Também é possível acompanhar as narrativas das professoras que “andam” junto aos estudos teóricos da pesquisadora, tratando da estrutura da escola pública, dos programas, projetos e eventos (Cap. 5). Escolas estas que são apresentadas pelas interlocutoras, trazendo a relação entre a cidade e a escola, numa constante construção, atentas às transformações no tempo, crescimento da cidade, a metropolização e a complexificação da sociedade, em que se pode discutir o patrimônio cultural escolar, arquitetônico e didático. Ao ‘ouvirmos estas falas’, em uma diversificada e potente roda de conversa, é possível refletir sobre as escolas que não mais existem e, também, sobre o legado da escola pública na contemporaneidade (Cap. 6). As conversas sobre as trajetórias percorridas se encontram ao pensar sobre a constituição subjetiva do “ser” professor: a presença do feminino na docência, o magistério como missão e as questões do envelhecimento, agora presentes. Os encontros arte-etnográficos apresentam ricos detalhes em forma de linhas, cores e formas, convidando, no Capítulo 7, a um olhar para o Tomo II da tese. Há muitos caminhos! E foi um prazer refazê-los com estas mulheres e refletir sobre o que é rememorado (Cap. 8).

Ao percorrer os caminhos do aprender com as professoras aposentadas dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Portão, as interlocutoras nos mostram, por meio da arte-etnografia, um número incontável de marcas e vestígios, além de possibilidades infindas de observar o vivido em educação. Observar e sentir. Algumas das elaborações artísticas abrem os capítulos do Tomo I.

O Tomo II desta Tese, em formato de livro arte-etnográfico, apresenta fotografias, escritas e criações artísticas realizadas pelas parceiras desta pesquisa, impulsionadas e desafiadas pela pesquisadora, partindo das rememorações do mundo do trabalho em educação. Por meio destes fazeres é possível observar delicadezas, espaços, potências, traços e movimentos. Estes gestos são acompanhados por um “aquarelar” da pesquisadora numa

tentativa de reunir o pó de giz que resta nas mãos destas professoras. Este trabalho é uma provocação a mergulhar nestes espaços: da escola, da cidade, do outro. Por dentro e por fora.



Leila de Freitas Rodrigues, 2021.

Importa a palavra no
movimento múltiplo da vida, da escrita e da leitura,
no que ela traz e origina de uma vida vivida inteiramente pelas vidas por viver
a partir das leituras dessa vida que se manifesta em palavras.
Para isso escrevemos, por isso estamos escrevendo, para afirmar e gerar vidas (KOHAN, 2013, p. 18).

2. MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: percursos pedagógicos entre os Vales do Sinos e Caí

/Portão, meu chão, terra boa pra morar
Entre o Sinos e o Caí, este aqui é o meu lugar³²./

Como diz a letra do refrão do Hino à Portão, esta cidade está situada entre o Vales do Rio do Sinos³³ e do Rio Caí³⁴ (Figura 6), distante a 43 quilômetros de Porto Alegre³⁵, sendo considerada parte integrante da região metropolitana. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no Censo de 2010, Portão apresentava 30.920 habitantes.

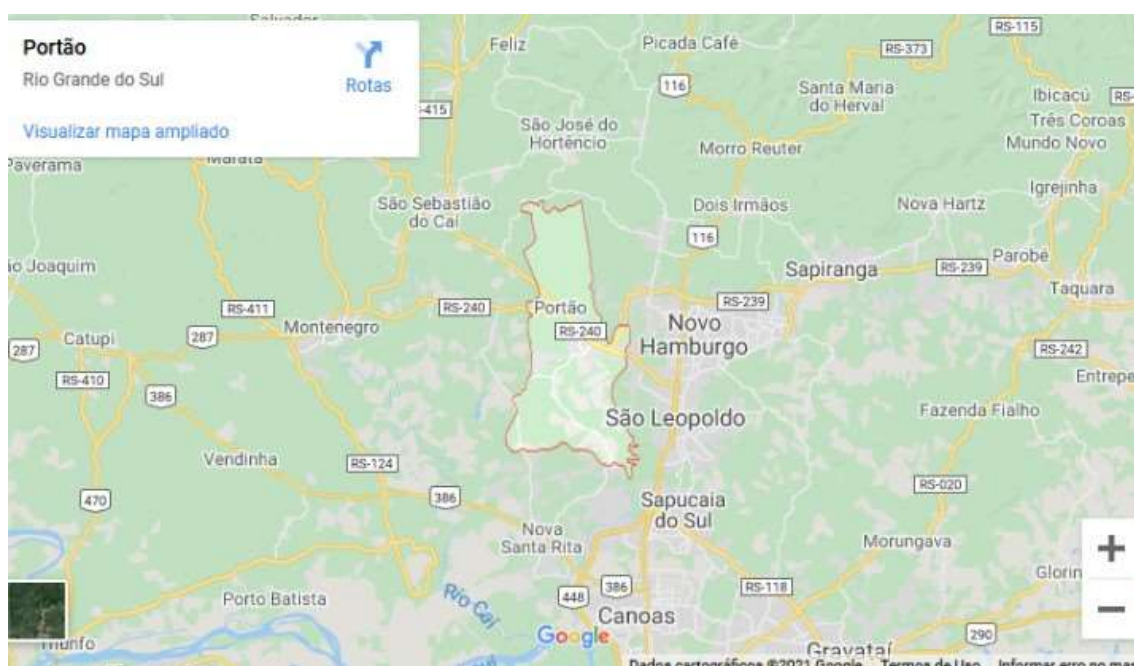


Figura 6: Mapa do município de Portão/RS e municípios de entorno.
Fonte: Google Maps, 2021.

O livro³⁶ sobre a história de Portão traz indícios de indígenas circulando e habitando este espaço geográfico, há muito tempo. Oficialmente, o município tem registros de povoamento desde 1788, por ser passagem de boiadeiros, onde havia um portão que separava

³² Refrão do Hino à Portão. Letra: Ernani de Oliveira Nunes. Música: Jacqueline de Oliveira Nunes e Geraldo da Silva. Ouvir em: <https://www.youtube.com/watch?v=NHA1iBsX_O8>

³³ O Vale do Rio dos Sinos recebeu este nome devido ao próprio Rio dos Sinos que, em seu percurso, forma um extenso e fértil vale coberto por inúmeros municípios como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Araricá, Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul e Portão, entre outros.

³⁴ O Vale do Caí compreende uma região do Rio Grande do Sul, formada pelos municípios que circundam o Rio Caí, entre eles São Sebastião do Caí, Feliz, Maratá, Salvador do Sul, Montenegro e Pareci Novo.

³⁵ Porto Alegre é a capital do estado de Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Foi fundada em 26 de março de 1772. Com uma área de quase 500 km², tem uma população em torno de 1.500.000 de habitantes.

³⁶ Conhecer para amar e respeitar a nossa história. 2013. Jussara Prates dos Santos Girardi; Claudete Brandolt Rocha; Eliege Moura Alves (Orgs).

o gado de localidades distintas e, mais tarde, local de plantação de linho cânhamo³⁷. Mais tarde, após 1824, recebeu imigrantes de origem alemã, além dos portugueses e quilombolas que já viviam aqui e que construíram a diversidade desta cidade. Inclusive, minha cidade. E por isto, também, a importância deste olhar da pesquisadora “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), mas principalmente adotando uma perspectiva distanciada para reunir os dados e apresentar as memórias educacionais destas professoras que trabalharam neste município.

Durante sua história Portão pertenceu a municípios como Porto Alegre, São Leopoldo e, por último, a São Sebastião do Caí, emancipando-se em 9 de outubro de 1963. Este lugar é conhecido também por seus curtumes, produção de cerâmica e cuca, além de destaques em educação, inclusive a nível mundial, como no caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Mauá, bicampeã mundial de jogos de mesa.

Como esta tese empreendeu o desafio de narrar os percursos pedagógicos de professoras aposentadas da rede pública de Portão, faz-se necessário apresentar alguns dados. Dentre eles, o quadro dos profissionais em educação, ativos e inativos, além de algumas singularidades do grupo de professoras hoje aposentadas, quem são as parceiras desta investigação e a rede social formada para a pesquisa em campo. A pesquisa tem o papel, primeiramente, de “[...] colocar o antropólogo na humilde situação de um autor em busca de seus personagens para melhor compreender seu lugar no mundo” (ECKERT; ROCHA, 1998, p. 134). Assim, é preciso conhecer as formas como se apresentam as narrativas e, como disse Michel de Certeau, observar que

Essas histórias representam uma sucessão de combinações entre todas aquelas possibilitadas pela organização sincrônica de um espaço, de regras, dados, etc. São as projeções paradigmáticas de uma opção entre esses possíveis - opção correspondente a uma efetuação (ou enunciação) particular. [...] Memorizadas bem como memorizáveis, são *repertórios de esquemas de ação* entre parceiros. Com a sedução aí introduzida pelo elemento surpresa, esses memorandos ensinam as táticas possíveis em um sistema (social) dado (CERTEAU, 1994, p. 84, grifo do autor).

As memórias do mundo do trabalho destas mulheres vêm nos apresentar o “trabalho no tempo das dinâmicas urbanas” (ECKERT; ROCHA, 2015, p.20). Com elas vamos percorrer espaços educacionais da cidade de Portão, em momentos distintos e com movimentos rítmicos variados. Nestes momentos, as camadas de tempo podem ser observadas pelas lembranças de infância que “só são conservados pela memória coletiva porque no espírito da criança estavam presentes a família e a escola” (HALBWACHS, 2003, p. 93).

³⁷ Linho cânhamo é um vegetal; seu caule e suas fibras são usadas na produção de papel, tecidos, cordas, compostos plásticos e materiais de construção. Neste período citado pelo livro, era utilizado precisamente para produção de tecidos e cordas.

As narrativas sobre formação inicial e continuada trazem movimentos provocados pelas tecnologias de governo. Em se tratando de trabalho em espaço público, também se observam memórias de políticas públicas em momentos onde as professoras falam sobre as escolhas e possibilidades de formação, a relação entre formação e atuação pedagógica e os desafios no início do trabalho, como transporte, documentação e o diagnóstico dos alunos e comunidade onde começaram a lecionar.

2.1 “Minha mãe sonhava ser professora!”: memórias de professoras aposentadas

Portão possui 34 escolas (educação infantil, ensino fundamental e médio), sendo 20 da rede pública municipal, 5 da rede pública estadual e 9 da rede privada. Atende em torno de 7000 alunos, tendo 4691 matriculados em escola pública municipal.

A rede pública municipal de ensino de Portão é composta por 272 professores ativos, sendo que 61 trabalham com turmas dos anos finais do ensino fundamental e 211 na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, alguns desses professores têm dupla contratação ou desdobramento de carga horária (de 20 para 40 horas). Estas informações foram repassadas no final do ano de 2020 pela Diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, professora Márcia Hadres Bueno, em uma entrevista concedida a mim. Ela também informou que o município tem 83 professores aposentados. Destes, 3 são do sexo masculino, sendo apenas 1 dos anos iniciais, e 80 do sexo feminino. Deste total, 78 professores aposentados lecionaram nos anos iniciais do ensino fundamental.

Um fato que serve para reflexão é que, destes profissionais aposentados nos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Portão, não há nenhum professor/professora negro/negra. Apenas uma professora aposentada negra que atuou nos anos finais do ensino fundamental. Este dado aponta para a falta de oportunidades e de políticas públicas direcionadas à população negra e servirá para reflexões em meus estudos futuros.

As memórias do mundo do trabalho destas mulheres trazem linhas entrecruzadas do tempo, mostrando a multiplicidade do sujeito em constantes movimentos, interessando aqui o ponto de vista sócio/arte/antropológico. A frase que aparece no início deste subcapítulo, “minha mãe sonhava ser professora”, de autoria de Adreane Arnecke, uma das parceiras desta pesquisa, permite-nos “experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas” (ECKERT; ROCHA, 2008, p.12). O olhar direcionado a estas professoras aposentadas é aquele que busca a biografia, as

marcas, os percalços de professoras que passaram por uma série de rupturas para construírem seu projeto de ser professora.

É necessário observar a leitura das narrativas, no que se afastam e em que se aproximam, de si mesmas e com relação às demais parceiras, pensando num mapa com estes fenômenos, caminhando com elas, em cada trajeto, pelas estradas e ruas em direção às escolas, mas também percorrendo as camadas de tempo, revelando a ritmicidade de cada uma delas. Estas mulheres, de camadas médias urbanas, com seus estilos de vida, sua trajetória pessoal e social, com suas marcas e pistas, trabalhadoras da educação em uma sociedade complexa, “figuram práticas, reinventam saberes” (ECKERT, 2012, p. 117). E é isto que esta tese tenta, respeitosamente, apresentar.

2.1.1 Professoras aposentadas da rede pública municipal de Portão/RS: situando este grupo

Cada professora teve uma entrada na profissão, seja por contrato ou por concurso, dependendo da legislação de cada período. Segundo os Planos de Carreira e a Lei Municipal de Educação, ambos vinculados à Constituição Federal, professores e professoras se aposentam após um determinado período de trabalho, levando em conta também a idade do professor ou professora. As professoras aposentadas desta pesquisa se aposentaram antes da Reforma da Previdência do ano de 2019³⁸ entrar em vigor. Portanto, muitas se aposentaram ao completar 50 anos de idade tendo, no mínimo, 25 anos de atuação em sala de aula. Os anos trabalhados em outras funções dentro da escola não entram neste cálculo. Para detalhar minha entrada neste grupo, passo a relatar alguns movimentos.

Participo de um grupo de professoras aposentadas da rede pública municipal de Portão, no *WhatsApp*³⁹. Neste grupo são realizadas muitas trocas: sugestão de leituras, filmes, lugares, mensagens de aniversário e de pêsames também. Por meio de mensagem neste grupo, em janeiro de 2021 convidei-as a participarem de uma pesquisa (Apêndice A) utilizando o *Google Forms*⁴⁰ e 30 professoras participaram. Com as respostas é possível visualizar algumas questões importantes que passo a descrever a seguir para situar este grupo específico.

Estas professoras aposentadas estão com idade entre 51 e 65 anos. 53,3 % delas tiveram alguém da família que foi professor antes da escolha delas por esta profissão, sendo estes

³⁸ Segundo site <<http://www.brasil.gov.br/novaprevidencia/>>

³⁹ *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além disso possibilita envio de imagens e documentos, além de chamadas por vídeo, bastando ter conexão pela internet.

⁴⁰ Aplicativo de gerenciamento de pesquisa do *Google*.

familiares, em grande parte, irmã, tia e prima. Estes familiares eram, em sua ampla maioria, mulheres.

Destas 30 professoras municipais aposentadas que participaram desta pesquisa pelo *Google Forms*, 15 também trabalharam na escola pública estadual e 3 na rede privada. O tempo de trabalho na rede municipal ficou entre 22 e 37 anos. Em sala de aula, estas professoras trabalharam entre 9 e 34 anos. Algumas delas, mais precisamente 8 professoras, ocuparam outros cargos na escola, como supervisora, diretora, vice-diretora e bibliotecária.

Todas elas trabalharam nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo que 22 atuaram também na educação infantil, 9 nos anos finais do ensino fundamental e 7 na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Algumas também trabalharam em ensino médio, em cursos técnicos e na graduação.

Das 30 professoras aposentadas, 21 possuem graduação, 16 têm pós-graduação e 15 cursaram magistério. O curso de graduação que mais apareceu foi pedagogia, sendo subdividido em supervisão, gestão escolar e educação especial. Ao todo, 16 professoras trabalharam em escola multisseriada⁴¹, todas da zona rural do município, por, no mínimo, 1 ano. Algumas poucas trabalharam por mais tempo em turma multisseriada, chegando a até 10 anos, como no caso de uma delas. Já na zona urbana, trabalharam entre 17 e 37 anos.

O tempo de aposentadoria deste grupo varia de 1 a 13 anos. Quando foi perguntado a elas quais as palavras que resumem sua trajetória em educação, as que mais apareceram foram amor, conhecimento, profissionalismo, comprometimento, humanidade, aprendizado, dedicação, responsabilidade, persistência e superação.

O percurso de trabalho em educação no município de Portão nos apresenta, através das narrativas de professoras aposentadas, o esforço da mulher em se tornar sujeito de si, o indivíduo no trabalho como mulher, com seus desafios e conquistas. Através de uma leitura e de uma escrita cuidadosa, com um tratamento documental das entrevistas, aprofundando dados, pontos de vista, os ‘não-ditos’, as imagens, estas mulheres nos mostram a sala de aula, a escola e a cidade. Inclusive os movimentos entre a escola e a cidade, tendo elas como agentes destes trânsitos, atentas ao crescimento populacional, suas necessidades, riquezas e problemas.

Para além das formações, dos sistemas de ensino, dos planos de carreira, dos concursos, dos planejamentos e da prática em sala de aula, mulheres se mostram e com elas, a escola e a cidade em transformação. Não é uma jornada fácil, especialmente para quem pesquisa sua cidade e sobre sua profissão. Foi preciso, por parte da pesquisadora, enquanto narradora de um

⁴¹ Escola onde a professora leciona para duas ou mais turmas em um mesmo espaço e tempo, geralmente são situadas em pequenas localidades de zona rural.

lugar e de um campo extremamente próximo, realizar sistematizações, distanciamentos e organização não intuitiva de forma a avançar objetivamente, a fim de apresentar a roda de conversa entre professoras aposentadas sobre seus percursos profissionais em Portão.

Rememorar estas histórias de vida traz um pouco de cada habitante do município; afinal, cada um passou, em algum momento, pelos bancos escolares. As próprias professoras aposentadas apresentam as escolas onde se alfabetizaram, as transformações e aquilo que ainda reverbera daquele tempo. O compromisso desta escrita é compartilhado com os teóricos desta investigação e, página por página, com cada uma das mulheres parceiras desta pesquisa. Agora, parto para a apresentação destas professoras, com muita admiração e respeito por suas trajetórias.

2.1.2 Rede formada: entrando na roda de conversa

Para começar a roda de conversa com estas mulheres é preciso pontuar o momento em que estamos vivendo, sob os cuidados necessários em função da pandemia de Covid19. Uma das melhores formas de estarmos seguros deste vírus, enquanto a vacina não era disponibilizada para toda a população, foi o distanciamento social. Como as parceiras de pesquisa são professoras aposentadas, a questão do envelhecimento, com algumas doenças, como no meu próprio caso, paciente oncológica, não permite que estejamos reunidas para nossos encontros. Assim, a roda de conversa ocorreu por meio digital, a partir de roteiro semiestruturado (Quadros 2 e 3).

É importante lembrar que são constituintes, em uma etnografia visual, os recursos cênicos, dramáticos e técnicos, segundo os estudos realizados através das pesquisas do BIEV⁴². A parte cênica é dirigida pela pesquisadora, que, com a câmera de celular e de *notebook*, orienta a visualização das parceiras de pesquisa durante os encontros. Sobre a dramática, esta fica a cargo tanto da pesquisadora quanto das parceiras de pesquisa, na forma de narrar e trazer a carga destas memórias do mundo do trabalho, com pausas, gestos, palavras repetidas, mostra de fotografias e objetos e na arte apresentada por cada uma durante e após os encontros. Os recursos técnicos são gravador, filmadora, *notebook*, celular e, para além destes, os aplicativos

⁴² O BIEV é um centro de pesquisas antropológicas sobre a memória coletiva e estética urbana nas cidades contemporâneas, no Brasil e no estrangeiro; está vinculado ao Laboratório de Antropologia Social do PPGAS, IFCH, UFRGS. As Revistas *Iluminuras* e *Fotocronografias* são publicadas pelo BIEV, além do desenvolvimento de uma série de projetos, eventos e cursos. O trabalho de tratamento documental fundamenta-se em suportes diferenciais (texto, som, foto, filme e vídeo), dados construídos em pesquisas etnográficas com base nestes suportes e cadastrados em sistema informatizado. Ver mais em: <<https://www.ufrgs.br/biev/>>

utilizados para os encontros, como *WhatsApp*, *Messenger*⁴³, *Google Meet*⁴⁴ e *Zoom*⁴⁵. Cada um destes aplicativos foi utilizado conforme a disponibilidade de cada parceira de pesquisa. Assim, muitos foram os momentos em que houve ‘Não te escuto’, ‘Não estou te vendo’, ‘Está travando’. Todos nós precisamos nos reinventar neste período pandêmico e, nesta pesquisa, não foi diferente. O que se pode afirmar é que foram manhãs, tardes e noites incríveis, de muita conversa, descontração e aprendizado.

Família de origem	- Origem da sua família. Falar um pouco sobre ela.
Família de procriação	- A formação familiar. - Profissão dos pais. - Se casou, se teve filhos, quantos. - Quando saiu de casa, onde foi morar e com quem; relato sobre o primeiro emprego e outras atividades profissionais. Fala sobre ocupação atual.
Itinerários	- Local de nascimento, residência atual (se morou sempre no mesmo lugar) e outros locais de morada. - Se percebe modificações na cidade, da sua época de juventude para os dias atuais. - Se não, onde morava antes de vir para Portão; por que se mudaram; diferença que percebeu quando chegou a Portão em relação ao lugar de onde veio. - Formação pedagógica: local, período; relação da formação com laços de parentesco (incentivo ou iniciativa).
Trajetória profissional	- Tempo de trabalho como professora; escolas, áreas e turmas trabalhadas; - Tempo de aposentadoria. - Dificuldades encontradas durante a formação. - Relatar fatos sobre o início do trabalho; relações entre formação e atuação. (experiências vividas na primeira escola). - Formação continuada: se fez formação continuada; o que acha deste assunto. - Idealização da instituição pedagógica escolar: se tinha ou tem uma idealização da instituição escola; como vê esta questão. - Como se deu a trajetória em relação aos contratos e concursos. - Transferências de escolas e de turmas: como foram as transferências de escolas, como se deu e qual é a percepção sobre isso; e as trocas de turmas dentro da escola, como funcionavam? - A ocupação de cargos e setores na escola: quais foram e como se deram. - De que forma ocorreram as modificações na legislação que mais marcaram a trajetória como professora.
Relacionamentos	- Com colegas: na sala de professores, nos conselhos de classe. - Com a equipe diretiva: sobre reuniões, pedido de documentos. - Com alunos e comunidade escolar: além da sala de aula, nos corredores e pátio.

Quadro 2: Roteiro de pesquisa dos encontros (partes 1-3).

Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.

⁴³ *Messenger* é um mensageiro instantâneo e aplicativo que fornece texto e comunicação por mensagens e vídeo.

⁴⁴ *Google Meet* é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*.

⁴⁵ A *Zoom Video Communications* é uma empresa americana de serviços de conferência remota com sede em San Jose, Califórnia. Ela fornece um serviço de conferência remota "*Zoom*" que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.

A estrutura da escola	- Relato sobre a estrutura física da(s) escola(s) pública(s) onde atuou. - Fala sobre a organização profissional da escola pública. - Programas e eventos: organização e participação dos professores. - Projetos escolares: aspectos a considerar em projetos criados nos diferentes âmbitos. - A escola e a cidade: percepção da relação entre a comunidade e a escola pública. - Reflexão e fala sobre o olhar da escola para a cidade e da cidade para a escola. - Durante a pandemia, como percebeu esta relação entre a escola e a cidade. - Fala sobre as transformações que ocorreram na cidade no decorrer do tempo em que trabalhou em Portão. - Reflexões sobre a escola pública na contemporaneidade (programas, projetos, formação); como é a escola pública que a professora se despediu ao se aposentar; como percebe o estado atual da escola, se vê alguma degradação e se é possível ou necessária uma reinvenção da/na escola.
A construção do “ser” professora	- Fala sobre a presença do feminino na docência: relação entre gênero e magistério. - Posicionamentos sobre o feminino e a educação. - Como percebe a questão do magistério como missão. - Aposentadoria e as questões sobre envelhecimento: tempo pré-aposentadoria; primeiros passos pós-aposentadoria; como é ser uma professora inativa; como uma professora aposentada, de que modo reagiu durante a pandemia do Covid19; como faz uso do tempo atualmente; como utiliza as redes sociais na internet.
A escola e o patrimônio	- Patrimônio arquitetônico: itens observados. - Patrimônio didático: o que entende como sendo esta questão. - Acredita que sua narrativa e sua trajetória possam pertencer ao patrimônio da cultura escolar? - Sobre as escolas que não existem mais: se trabalhou em alguma escola que já não existe mais (estrutural e/ou fisicamente); se percebe a presença destas escolas ainda e como; relatos de vivências e imagens destes espaços. - Marcas permanentes: de tudo que foi lembrado, o que é mais marcante. - Pensando a escola pública hoje: o que podemos aprender com seu legado.
Arte	Durante cada encontro as professoras irão observar algumas imagens de obras de arte contemporânea (de Bruno Novaes) e, a partir delas, elaborar algo manualmente com a técnica que desejar, representando o sentimento e a sensação que teve ao olhar cada imagem. As aposentadas receberão um caderno para registrarem suas memórias a partir de nossas conversas. Também pedirei que cada professora relate ou elabore algum trabalho manual que possa apresentar alguns tópicos em relação a sua presença nas escolas pensando em: sons, cores, cheiros, sabores e percepções da escola. Alguns destes registros estarão no Tomo II da tese.

Quadro 3: Roteiro de pesquisa dos encontros (partes 4-6).

Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.

As conversas se deram, inicialmente, na ordem do roteiro. Porém, conforme as memórias surgiam, muitos assuntos foram sendo tratados em outra ordem, o que era, obviamente, prezado. Também é importante dizer que, em vários momentos, as professoras aposentadas ficavam em silêncio, não tocavam em fatos que eu sabia previamente e isto também foi respeitado. Além de 6 encontros com cada uma delas de modo virtual, estive na presença de cada uma para entrega de caderno para realização de atividades e para assinatura da Carta de Cessão. Uma das combinações que fizemos foi que, ao lembrar de algum fato ou comentário que considerassem importante, poderiam me enviar áudios pelo *WhatsApp*, em qualquer dia e hora. E isto ocorreu muitas vezes e sempre retornei com agradecimento; afinal, era mais uma prova de que estavam pensando sobre e com a pesquisa.

Após estas informações iniciais, apresento a rede social formada (FOOTE-WHYTE, 2005). A escolha da primeira professora aposentada se deu por uma das parceiras de pesquisa de minha Dissertação, Eoní de Deus da Rosa. Conforme as narrativas, a rede foi se formando. Ao mesmo tempo em que elas foram narrando suas memórias no trabalho em educação, inúmeras colegas foram citadas. Muitos momentos foram vividos, direta ou indiretamente, por estas mulheres, professoras aposentadas da rede pública municipal de ensino de Portão. É com elas que iremos percorrer estes caminhos que, além de suas trajetórias, trazem as memórias e a cultura deste lugar. Em muitos destes momentos, eu e você, leitor, poderemos nos encontrar, afinal,

[...] procuramos “representações da sociedade” em que outras pessoas nos falam sobre todas essas situações, lugares e épocas que não conhecemos em primeira mão, mas sobre os quais gostaríamos de saber. Com a informação adicional, podemos fazer planos mais complexos e reagir de uma maneira mais complexa às nossas situações de vida imediatas (BECKER, 2009, p. 13, grifo do autor).

Becker (2009) traz uma série de questionamentos e exemplos para nos colocar em campo e refletir sobre a estética da realidade, as formas de representar os dados coletados nas pesquisas e pensar nas diversas possibilidades enquanto pesquisadores. Ele mostra que aquilo que seria o dado bruto resulta de uma pesquisa com aquilo que seria a realidade social. Por isso, essa questão estética no sentido da forma, pois por meio dessa forma pela qual se dá a ver que eu, enquanto pesquisadora, intermedeio a minha interação com ela. Eu, como professora aposentada da rede pública investigando com professoras aposentadas da rede pública. A questão também do resumo dos detalhes é importante para mostrar como esse conjunto de dados se apresenta.

Vamos então à entrada na roda de conversa com estas mulheres. Em cada encontro, partindo de Eoní de Deus da Rosa, como já citado, vários nomes foram se entrecruzando. A partir destes nomes passei a convidar cada uma das demais professoras. Assim, na Figura 7 podemos observar as relações entre as parceiras através de linhas que indicam as aproximações entre elas.

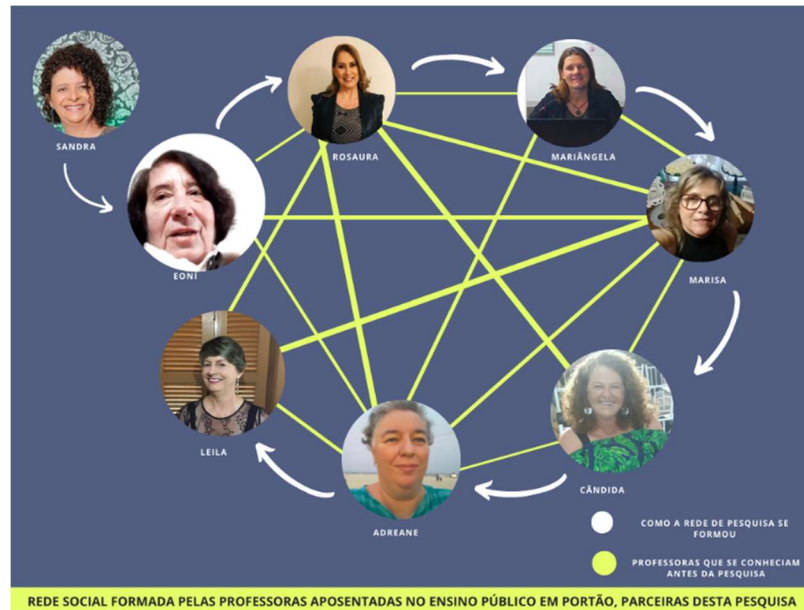


Figura 7: Rede social desta pesquisa.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

As sete parceiras desta pesquisa trabalharam na rede pública municipal de Portão, sendo que algumas delas também lecionaram na rede pública estadual, a saber, Eoní, Marisa, Cândida, Adreane e Leila. Foi possível colocar em uma tabela (Tabela 1) alguns dados para situarmos estas mulheres, como data de nascimento, formação, outros cargos que ocuparam na escola, número de escolas em que trabalharam, tempo de trabalho e de aposentadoria.

PROFESSORAS/ DADOS	Data nasc.	Formação	Outros cargos na escola	Tempo de trabalh o	Tempo de aposentadoria	Núm. Escolas em que trabalharam
EONÍ DE DEUS DA ROSA	10/11/1945	Magistério	Bibliotecária Sala de Informática	44 ANOS	12 ANOS	3
ROSAURA GUIMARÃES CORRÊA GOMES	04/08/1966	Magistério Pedagogia Espec. Gestão Escolar	Vice-diretora Diretora Secretária de Educação	32 ANOS	4 ANOS	4
MARIÂNGELA WERLANG	08/06/1969	Magistério Licenc. Ed. Física Espec. Gestão Escolar	Diretora Secretária de Assistência Social	31 ANOS	3 ANOS	5

MARISA BRAGA	11/05/1963	Magistério Est. Adicionais Artes Espec. Gestão Ambiental Mestra em Recursos Hídricos	Diretora Coordenadora de Educ. Ambiental do município	30 ANOS	3 ANOS	12
MARIA CÂNDIDA PEREIRA TEIXEIRA	30/04/1968	Magistério Pedagogia Espec. Educação Especial	Não	26 ANOS	2 ANOS	5
ADREANE ARNECKE	06/10/1965	Magistério Pedagogia Espec. Gestão Escolar Espec. Alfabetização	Diretora Secretária de Educação	32 ANOS	3 ANOS	5
LEILA DE FREITAS RODRIGUES	09/05/1966	Magistério Licenc. Estudos Sociais Espec. História	Diretora	32 ANOS	7 ANOS	5

Tabela 1: Alguns dados sobre as parceiras de pesquisa.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

As professoras aposentadas parceiras desta investigação nos apresentam seus percursos, com singularidades, relações com suas vivências pessoais, com generosidade pelo tempo e implicação com este documento. Comprometidas com o compartilhamento de ideias, de visões de mundo e do universo da educação, com perspectivas que ora se aproximam ora se distanciam, nos mostram a construção do saber fazer-se um ‘ser’ professor, numa cidade que cresce e se transforma e pela qual os caminhos nos conduzem nesta espécie de cartografia⁴⁶.

2.1.3 Quem são as professoras aposentadas ‘parceiras’ desta pesquisa?

Agora é chegado o momento de conhecermos um pouco mais estas mulheres. Juntamente a suas imagens fotográficas, todas escolhidas por elas mesmas, de seus acervos pessoais, cada uma destas professoras se apresenta enquanto profissional em educação. Na sequência, descrevo suas famílias de origem e de procriação, juntamente com elas, encaminhando-nos para o próximo movimento que é, propriamente dito, o primeiro passo em direção ao magistério. Começando pela apresentação de Eoní:

⁴⁶ Com base na leitura do livro Cartografia Sentimental (2006), de Suely Rolnik.



Eu sou a professora Eoní de Deus da Rosa. Tenho setenta e cinco anos e me considero uma pessoa calma, abençoada e feliz. Gosto muito de viajar, conhecer novos lugares, fazer novas amizades. Gosto de assistir filmes e documentários e de cultivar flores e folhagens. Fico realizada quando encontro um ex-aluno, ele vem e me dá um abraço ou cumprimenta dizendo: Oi, professora, como vai a senhora? Esta sou eu, a professora Eoní, da Estação Portão⁴⁷ (EONÍ, 2021).

Figura 8: Eoní de Deus da Rosa.

Fonte: acervo pessoal de Eoní, 2020.

Eoní de Deus da Rosa é casada, teve três filhos, um deles já falecido. Este ano o casal está radiante com a chegada do primeiro neto, Pedro. Sobre sua família de origem, por parte do pai, além de portuguesa, a ascendência também era indígena. A avó de seu pai era uma indígena; o seu bisavô teria a trazido na garupa do cavalo quando voltou fugido da guerra do Paraguai⁴⁸. Essa é a história que ela ouvia contar. De parte de sua mãe eram portugueses.

Seu pai era agricultor e pecuarista e a sua mãe era dona de casa, em Portão. Porém, ela exercia a profissão de costureira, mas não oficialmente. “Antigamente se pensava assim, tinha que ser oficial” – e ri pensativa. Eoní conta que sua mãe sempre tinha o dinheirinho das costuras dela. Fazia de vestidos de noiva até as famosas fatiotas para homens. “Ela era do lar, criava galinha, fazia queijo, plantava a horta. E o pai também, criava gado, tirava leite pra fazer queijo e plantava acácia negra, melancia, milho, mandioca, coisas do nosso interior”. Eoní afirma que eles eram moradores da localidade de Fazenda das Palmas⁴⁹, quando esta pertencia a São Sebastião do Caí, sendo que depois passou a pertencer a Portão quando este se emancipou. Ela tem uma irmã, que é oito anos mais velha que ela. “Ela está com oitenta e dois anos, com saúde, também professora aposentada e mora em São Leopoldo”.

Eoní morou com seus pais até um certo tempo depois de casada. Como precisava trabalhar na zona rural – em Fazenda das Palmas – acharam conveniente residir com os pais dela até que pudesse ser feita sua transferência para a zona urbana do município e, então, construir a casa e viver mais perto do local de trabalho, no bairro Estação Portão.

⁴⁷ Bairro denominado Estação Portão devido ao fato de ser o local onde se situava a estação férrea, onde circularam os trens de 1909 até 1965.

⁴⁸ A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América Latina. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870.

⁴⁹ Localidade rural situada ao sul do município de Portão.



Eu sou uma apaixonada pela educação e gosto muito de desafios. Quando eu iniciei essa minha carreira a vontade de ser professora fez com que esse meu sonho se tornasse realidade. É vivenciar um circuito de interações, de limites e de possibilidades com o outro. É ser uma referência, onde se cruzam e se cruzaram muitas histórias de vidas, sem esquecer o respeito, a ética, a humildade e admiração por todos, onde o esforço e a dedicação são fundamentais. E eu acredito sim que eu fiz a melhor escolha pra mim: ser professora. Eu acredito na educação. Eu tenho muito orgulho da minha trajetória como professora. Procurei me dedicar, estudar, buscar formas de ensinar melhor meus alunos. Também sempre pautei minhas ações no diálogo (ROSAURA, 2021).

Figura 9: Rosaura Guimarães Corrêa Gomes.

Fonte: acervo pessoal de Rosaura, 2020.

Rosaura Guimarães Corrêa Gomes é casada e tem uma filha. Ela conta que a origem de sua família é portuguesa. A mãe é Albuquerque, o pai é Guimarães. “Eu tive a oportunidade de, quando fui em Portugal, em 2018, conhecer a cidade de Guimarães. Aí eu fotografei, e trouxe coisas pro meu pai de lá”. Em sua casa eram os pais, ela e um irmão. Rosaura lembra que sua família é de origem humilde, batalhadora, que conquistaram tudo com muito trabalho, sempre priorizaram os estudos, e se preocupavam em passar valores, como respeito, a persistência de seguir em frente, buscando sempre o melhor com sabedoria, dedicação e humildade acima de tudo. “Meus pais sempre trabalharam fora e tiveram a preocupação de nos dar uma boa educação, a qual eles não puderam ter acesso, né? Eu também tive uma referência muito forte na minha vida, que eu não posso deixar de mencionar, que foi a minha avó”. Ela conta que a avó cuidava deles enquanto seus pais trabalhavam. “Eu cresci ouvindo as suas histórias e que saudade. Que bom poder tá lembrando um pouco dela neste momento”.

Seu pai era motorista; sua mãe, auxiliar de telefonia na CRT⁵⁰, onde ela acabou se aposentando. Rosaura morou com sua família até os 21 anos, quando se casou. “Eu casei em 1988 e depois de 3 anos eu tive uma linda e amada filha chamada Priscila. Quando casei vim morar em Portão pois meu esposo trabalhava em uma empresa aqui no município. Mas eu nunca tinha ouvido falar na cidade de Portão”. Ela conta que o marido morava em Porto Alegre, mas para não fazer essa viagem todo dia optaram por morar no município de Portão. Rosaura morava em Esteio⁵¹, e seu primeiro emprego foi em uma creche particular por um curto período e,

⁵⁰ Companhia Riograndense de Telefonia.

⁵¹ Esteio é o menor município da região metropolitana de Porto Alegre, bem como do sul do País, em área de terra. Emancipou-se em 08 de dezembro de 1953 e possui cerca de 85.000 habitantes.

depois, em uma escola na cidade de Sapucaia do Sul⁵². Atualmente, Rosaura é Secretária Municipal de Educação de Portão.



A professora Mariângela sempre foi muito dedicada – *ela afirma*. Eu gostava de combinações, com os alunos, com os pais, com a comunidade. Acredito que, com diálogo e compromisso, todos nós aprendemos. E que tem hora pra tudo, de brincar, de estudar, de se divertir. Eu lembro que, na Gonçalves⁵³, nos últimos tempos, quando acontecia algum desentendimento entre os alunos, a gente logo ia conversar e tentar resolver. É o melhor pra todos. Sempre fui adepta ao diálogo e ao cumprimento de regras. Isso fortalece a relação entre as pessoas, e nosso papel de professor, penso eu, também é possibilitar isso (MARIÂNGELA, 2021).

Figura 10: Mariângela Werlang.

Fonte: acervo pessoal de Mariângela, 2020.

Mariângela Werlang é uma esportista que pratica caminhadas, corridas e adora ciclismo. Seu pai é natural de Santa Cruz do Sul⁵⁴, de descendência alemã e trabalhou na agricultura desde criança. Eles plantavam fumo naquela região, só que, quando ele era jovem, saiu para estudar no seminário e depois fez magistério, seguindo a carreira de professor. Sua mãe tem descendência também alemã, além de portuguesa. “Souza era minha vó e Borges, meu vô. Na verdade, Borges, o sobrenome original era Burs e veio de uma cidadezinha da Alemanha que não lembro o nome. A minha mãe foi visitar, ela quer que a gente vá conhecer”. A mãe de Mariângela é natural de Torres⁵⁵ e, quando jovem, foi estudar numa escola de freiras e depois fez magistério. “Se não me engano foi no magistério que os dois se conheceram, o pai e a mãe.

⁵² Sapucaia do Sul é um município da região metropolitana de Porto Alegre. Possui em torno de 138.000 habitantes e foi emancipada em 20 de agosto de 1961.

⁵³ Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, Portão/RS.

⁵⁴ Santa Cruz do Sul é um município brasileiro no estado do Rio Grande do Sul. A 155 km de Porto Alegre e a 142 km de Santa Maria, no centro do estado, possui uma população estimada em 130.000 habitantes, sendo o 15.º município mais populoso do Rio Grande do Sul. Foi emancipada em 28 de setembro de 1878. Um dos primeiros e mais importantes vereadores do município foi Pedro Werlang, antepassado da parceira desta pesquisa.

⁵⁵ Torres é um município brasileiro situado no extremo norte do litoral Atlântico do estado do Rio Grande do Sul. Fundada em 21 de maio de 1878, possui cerca de 39.000 habitantes.

Sei que foi em Lajeado⁵⁶, eu não tenho certeza se foi fazendo magistério, provavelmente sim, ou se já estavam trabalhando, deste detalhe eu não lembro”.

Mariângela conta que a família de sua mãe morava em Torres, à beira de uma lagoa, na BR116⁵⁷, que eles tinham um comércio e, inclusive, seu avô foi um dos primeiros vereadores daquela cidade. “Meu avô era bastante atuante e a minha avó também, principalmente na igreja, ela ajudava, conhecia as pessoas, até antes de morrer, ela ia nos hospitais, muito ligada à igreja”.

O pai de Mariângela faleceu em 2004. “A mãe, graças a Deus, ainda tá viva, com 81 anos, mas firme e forte nas redes sociais. Ela não para. Ela é poeta, está sempre lendo e escrevendo”. Sua mãe utiliza muito o *Facebook*⁵⁸, comentando e conversando com as pessoas, fazendo fotografias do pôr do sol e encaminhando aos amigos, com seus versos. “Nós somos entre cinco irmãos, o mais velho é um menino, as outras todas são mulheres”. Ela relembra de cada atividade profissional dos irmãos, a maioria ligados a trabalhos eletrônicos e artísticos. Na fala de Mariângela percebe-se uma grande preocupação em função de problemas de saúde de seus irmãos. Uma de suas irmãs faleceu de câncer durante nossos encontros.

Mariângela morou com a família até os 32 anos, construiu sua casa numa área de terras da família, mora com sua amiga Marcele e seu irmão mais velho. Como já citado, pratica esportes e gosta de realizar as próprias reformas em sua morada.



Eu sou uma pessoa persistente e resiliente, essas são as palavras que me definem. Como professora, eu sempre me preocupei de, além de ensinar conteúdo, ensinar a pessoa, o aluno a ser humano, né? E eu deixei essa questão da profissão entrar nas minhas veias, sabe? Uma outra forma que eu me defino, tanto como pessoa, quanto como profissional é que eu me comparo com a água. O meu elemento pessoal, é a terra, mas quem alimenta a terra é a água. E a água vai contornando tudo que é obstáculo. Pra chegar aonde que ela quer, onde é necessário. E assim, eu me enxergo, né? Na minha vida. Desde menina, contornando os obstáculos e preenchendo os espaços onde eu consigo e sempre adiante, sabe? (MARISA, 2021).

Figura 11: Marisa Braga.

Fonte: acervo pessoal de Marisa, 2020.

⁵⁶ Lajeado é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul e faz parte da região de Santa Cruz do Sul. Possui em torno de 85.000 habitantes, tendo sido fundada em 20 de março de 1855.

⁵⁷ BR-116 é uma rodovia longitudinal brasileira que tem início no município de Fortaleza, no estado do Ceará, e termina em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai.

⁵⁸ *Facebook*, Inc. é um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social com sede em Menlo Park, Califórnia. O Brasil é um dos países no mundo que mais utiliza esta rede social.

Marisa Braga é uma pessoa bastante ativa quando se fala em questões ambientais. Ela faz parte do Coletivo Educador Ambiental Regional que envolve pessoas da região do Vale do Sinos e do Paranhana⁵⁹. Mora com seu marido e estão organizando troca de residência para o estado de Santa Catarina, mais propriamente para o município de Bombinhas⁶⁰. Mesmo assim, com o uso de tecnologia, não pretende se desvincular deste coletivo e quer ampliar as ações aqui realizadas em sua nova cidade. Marisa tem uma filha.

Sobre sua família de origem Marisa conta que a parte materna de seu pai veio da Itália e se fixaram na serra gaúcha. “Ele contava que antigamente eles construíam morada dentro daquelas árvores grandes, né, umbu, porque eles não tinham onde se instalar, os primeiros. E que todo mundo tomava banho na mesma gamela⁶¹, era a mesma água”. Marisa narra que seu pai contou que o avô dele foi morto no Rio Caí, a tiros, porque eles eram contra a coroa. Depois da morte de seu bisavô a família se fixou na região do Vale do Caí. O pai de Marisa era agricultor.

Por parte da família de sua mãe, Marisa não lembra de muita coisa. Durante a pesquisa sua mãe estava adoentada e veio a falecer. No entanto, o que sabe é que a família é da região do Vale do Caí e que também vivia da agricultura. “Meu vô materno ajudava a transportar cargas pelo Rio Caí, naqueles barcos a vapor. Ele fazia de tudo um pouco, faziam aqueles grupos de pessoas que trabalhavam em mutirão assim, sabe? Construindo casas”.

Sua mãe lhe contou que aprendeu a escrever na pedra. “Aprendia a lição na pedra e depois chegava em casa, daí tinha que apagar e guardar na cabeça, assim como fazia contas de cabeça”. Marisa relembra que seus pais se conheceram na localidade de Pareci Novo⁶², que ainda não era município. “Eles se casaram e a família veio morar em Lajeadozinho, ali perto da Conceição⁶³”. Ali tiveram cinco filhos, sendo Marisa a quarta filha. Seu pai então trabalhava na agricultura e na mineração de pedra grês⁶⁴ – porque havia uma pedreira na região onde moravam. Sua mãe dedicou-se aos filhos e ao trabalho na roça.

⁵⁹ O Vale do Paranhana é uma microrregião do estado do Rio Grande do Sul, é formado pelas cidades próximas do Rio Paranhana e do Rio Rolante e abrange áreas dos municípios gaúchos de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas.

⁶⁰ O município de Bombinhas foi criado em 15 de março de 1992. Situa-se no litoral norte do estado de Santa Catarina e possui cerca de 20.000 habitantes.

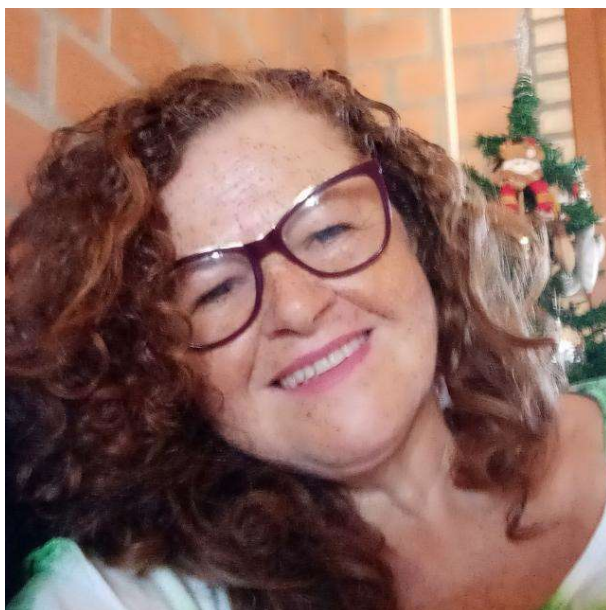
⁶¹ Vasilha de madeira ou de barro, de vários tamanhos, para dar de comer aos porcos, para banhos, lavagens e outros fins.

⁶² Nesta época citada era localidade, hoje município do Vale do Rio Caí que possui cerca de 4.000 habitantes, tendo sido fundado em 20 de março de 1992.

⁶³ Lajeadozinho e Conceição são localidades que pertencem atualmente ao município de São Sebastião do Caí.

⁶⁴ Pedra utilizada para alicerces ou paredes rústicas.

Marisa e uma de suas irmãs estudaram numa escola multisseriada próxima à casa deles e depois, na terceira série, passaram a estudar na Escola Felipe Camarão⁶⁵, no centro da cidade de São Sebastião do Caí, aonde iam a pé, 5 quilômetros para ir e 5 para voltar, margeando o Rio Cadeia⁶⁶. Como o tempo passou e as dificuldades aumentaram, sua mãe foi trabalhar fora como lavadeira e passadeira, “era engomadeira de mão cheia”, conta Marisa. Com isso, mais tarde, Marisa acabou indo trabalhar de babá e empregada doméstica, com 12 anos, sempre em casas de professoras.



Pra falar da professora Maria Cândida Pereira Teixeira, eu preciso falar também da pessoa que eu fui, né? Principalmente na infância, eu fui uma criança bastante tímida, eu penso que essa minha relação tímida com a escola marcou a minha vida, né? E ao longo dos anos eu encontrei o suporte na família e, também, com muitos professores pra vencer essa timidez e, enfim, me tornar uma pessoa bem comunicativa. Hoje sou uma pessoa que trabalhou com educação mais de trinta e dois anos, né? Eu me sinto muito encantada com esse processo de ensinar. Penso que eu sempre aprendo durante o processo, principalmente na alfabetização, que é a área que eu mais trabalhei [...] eu sinto muito prazer na minha relação com as crianças, eu penso que eu construí essa capacidade (CÂNDIDA, 2021).

Figura 12: Maria Cândida Pereira Teixeira.

Fonte: acervo pessoal de Cândida, 2021.

Maria Cândida Pereira Teixeira é a segunda filha de um casal de moradores de Caçapava do Sul⁶⁷/RS. Eles são entre quatro irmãos, somente ela do sexo feminino. O pai trabalhava na Sultepa⁶⁸, em construções de rodovias, com detonação de minas – o chamado ponta de fogo – e mudavam-se de cidade em cidade sempre que havia necessidade. Pela história de vida do pai dela, que perdeu a mãe em trabalho de parto, em Lavras do Sul⁶⁹/RS, quando ele tinha apenas dezesseis anos de idade e o pai tendo casado novamente seis meses depois, fazendo com que os filhos fossem espalhados pelas casas dos parentes, o pai de Cândida teve a necessidade de criar os seus filhos sempre bem próximos uns aos outros. Assim, Cândida descreve esta união e ajuda mútua.

⁶⁵ Escola da rede pública estadual de São Sebastião do Caí.

⁶⁶ O rio Cadeia é um rio brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. É afluente da margem esquerda do rio Caí. Seu maior afluente é o Rio Feitoria. Banha os municípios de São José do Hortêncio, Picada Café, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval, Lindolfo Collor e Portão, com sua foz em São Sebastião do Caí.

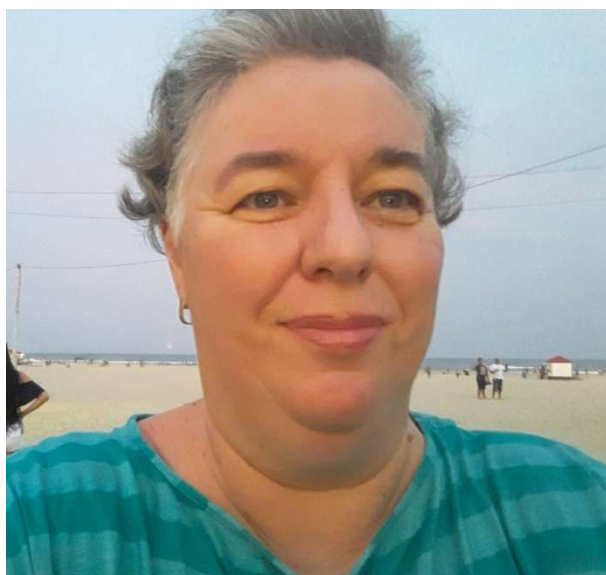
⁶⁷ Caçapava do Sul é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul. Fundado em 25 de outubro de 1831, tem cerca de 34.000 habitantes e se situa na região da campanha.

⁶⁸ Sultepa é a maior empresa de pavimentação rodoviária do sul do Brasil.

⁶⁹ Lavras do Sul é um município da campanha do Rio Grande do Sul. Possui cerca de 8.000 habitantes e foi fundado em 09 de maio de 1882.

Sobre seu nome, traz a curiosidade de que, em homenagem à avó falecida, todas as filhas mais velhas da família de seu pai têm este mesmo nome. Com o tempo ela aprendeu a gostar e a respeitar seu nome. Lembrou também que nasceu em casa e que, quando a parteira chegou, já estava lá pronta para apenas cortar o cordão umbilical. Passado um tempo, morando em Santana da Boa Vista⁷⁰/RS, local de onde Cândida tem muitas lembranças de infância, seu pai juntou um dinheiro e foi morar com a família perto de uma irmã, na localidade de Rincão do Cascalho. “Meu irmão mais velho estava na idade escolar e para meu pai nós estudarmos era importante. A empresa estava em crise, não pagava salário há 6 meses, então ele resolveu vir morar em Portão” – ela reforça. Eles moraram de aluguel por um tempo até comprarem um terreno no centro da cidade. O pai dela já não podia trabalhar mais em curtume – seu meio de trabalho nesta cidade – por causa de alergias. “A gente comprou um terreno ali no centro de Portão, construiu a casa, primeiro era uma casa de madeira, depois de material. Então, daí eu cresci ali, né? A minha referência de escola é a 9 de Outubro⁷¹, referência de vida, né?” – relata Cândida.

Cândida não se casou, nem teve filhos. Ela saiu de casa com 39 anos de idade – pois o pai acreditava que pagar aluguel era pôr dinheiro fora. Entre estudos, crise de depressão e doença dos pais, Cândida fez escolhas e aguardou o momento que achava certo para se mudar. Seu pai incentivou-a a economizar e comprar um terreno para construir sua casa própria. E assim ela fez. Gosta de seu espaço, de sua autonomia. “Eu fui educada pelo meu pai, por minha mãe também, dessa forma que eu gosto de viver, independente”.



Eu sou uma professora apaixonada pelo meu trabalho. Cada coisa que fiz foi com muita atenção, respeito e cuidado. A alfabetização foi uma das coisas que mais amei em educação. Da sala de aula o que eu mais gostava era da roda de história. A gente sorteava quem ia contar a história de um livro escolhido de cada aluno. Era um momento muito esperado e, também, inesquecível. Penso que tenha contribuído com o percurso estudantil de algumas pessoas, pois sempre lutei pelo melhor em educação para nosso município. E tenho enorme orgulho disso (ADREANE, 2021).

Figura 13: Adreane Arnecke.

Fonte: acervo pessoal de Adreane, 2021.

⁷⁰ Santana da Boa Vista é um município da campanha do Rio Grande do Sul. Possui cerca de 9.000 habitantes e foi fundado em 17 de setembro de 1965.

⁷¹ Escola Estadual 9 de Outubro situada na Rua Ivoti, n. 229, Centro. Atende atualmente alunos do ensino fundamental e médio.

Adreane Arnecke⁷² é uma professora aposentada que curte cada momento para leituras, viagens, filmes e séries. Mas participa de reuniões sobre livro didático e ações desenvolvidas pelo MEC⁷³, por exemplo. Durante sua trajetória em educação foi Secretária Municipal de Educação de Portão por 14 anos. Adreane é casada e tem uma filha.

Ela conta que sua mãe era natural de Portão, da família Wink, que era uma família bastante numerosa. Sua mãe tinha onze irmãos, e os avós trabalhavam com olaria, fabricando tijolos. Seu pai veio da região de Padre Eterno⁷⁴ e os avós paternos vieram da Alemanha. “Meu pai serviu ao exército em São Leopoldo. E aí veio trabalhar em Portão, conheceu a minha mãe e depois, com um tio meu, instalou uma oficina mecânica aqui”. Ela fala que teve um irmão que faleceu com quatro anos de uma insuficiência de traqueia. Assim, Adreane é filha única de um pai mecânico e de uma mãe, na época, chamada do lar. “Quem coordenava todas as atividades da oficina, aquelas questões de controle de contas, tudo era a mãe. Ela era muito sonhadora, falava muito de não poder ter sido professora, né? E tinha uma letra linda, tinha todo o perfil pra ser uma professora”.

Adreane relembra que seu pai tinha muitos irmãos, mas, pela distância (a maioria se localizou em Campo Bom⁷⁵ e Dois Irmãos⁷⁶), sua referência familiar é da parte da família de sua mãe. “Meus tios eram o meu núcleo familiar de convívio”. Ela conta que seus pais namoraram, casaram-se e fixaram moradia em Portão. “No início eles tiveram somente um puxadinho, onde mais tarde foi construída então a oficina mecânica”. Assim como seus pais viveram próximos a seus avós maternos, Adreane e seu marido viveram juntamente com os pais dela até o falecimento deles. Ela lembra de momentos na infância, sempre neste espaço, numa grande área de terra no entorno do Arroio Portão⁷⁷, com muitas brincadeiras na oficina mecânica. “Eu fui uma menina arteira”. A professora Adreane fez vários percursos até se dedicar ao que mais amou em educação: alfabetizar.

⁷² Depois da finalização de nossos encontros, Adreane faleceu vítima de Covid19. Esta perda foi muito sentida por todo setor educacional do município e por esta pesquisadora.

⁷³ Ministério da Educação e Cultura.

⁷⁴ Padre Eterno é uma localidade pertencente ao município de Santa Maria do Herval. O município gaúcho fica na região serrana, possui em torno de 6.500 habitantes e foi fundado em 12 de maio de 1988.

⁷⁵ Campo Bom é um município da região metropolitana. Fundado em 31 de janeiro de 1959, possui cerca de 67.000 habitantes.

⁷⁶ Dois Irmãos é um município situado na encosta inferior do nordeste do Rio Grande do Sul. Possui em torno de 31.000 habitantes e foi emancipado em 10 de setembro de 1959.

⁷⁷ O Arroio Portão se situa na bacia do Rio do Sinos e suas águas correm pelos municípios de Estância Velha e Portão. Suas águas não são próprias para banho, uso e pesca devido ao acúmulo de poluentes.



Eu sou a Leila, uma professora de anos iniciais. Dedicada aos seus alunos, mãezona, pacienciosa, amorosa, carinhosa, com muita responsabilidade, tratando seus alunos como únicos. Também tendo alunos com dificuldades e procurando sempre ajudá-los da melhor maneira possível. Com os seus defeitos também, algumas vezes errando e procurando com seus erros aprender mais. Essa sou eu (LEILA, 2021).

Figura 14: Leila de Freitas Rodrigues.
Fonte: acervo pessoal de Leila, 2021.

Leila de Freitas Rodrigues é moradora do bairro Rincão do Cascalho, é casada e tem uma filha. A família de seu pai é descendente de portugueses, de sobrenome Freitas. Era uma família muito grande, tinham uma extensa área de terras em Rincão do Cascalho, próxima de onde hoje é a moradia dela, na RS 240⁷⁸. Seu avô tinha uma atafona⁷⁹, tambo⁸⁰ de leite e plantação.

Já a família de sua mãe é de origem alemã. A tataravó materna de Leila veio da Saxônia⁸¹. “A minha bisavó nasceu no navio que vinha pra cá. Ela veio sem pai. A mãe dela fez um contrato porque não casando não deixaria nenhum bem pro marido. A minha bisavó tinha terras em Nova Santa Rita⁸², que naquela época era de Canoas⁸³”. Assim, a família de sua mãe se formou entre descendentes de alemães que moravam em Canoas e na Feitoria⁸⁴. “Meu pai e minha mãe se conheceram na casa do tio Arnaldo, que era irmão da vó Nina e da tia Irena, que era irmã da vó Marta. Assim que eles se conheceram, numa casa de parentes”. Ela diz que eles se casaram e foram morar em Nova Santa Rita. “Quem fez o casamento foi o padre Inácio, aquele que depois veio pra cá e fez a nossa comunhão”.

⁷⁸ Rodovia estadual do Rio Grande do Sul, é transversal e possui cerca de 34 Km.

⁷⁹ Atafona, do árabe at-tahunâ, ‘moinho’, é um tipo de mecanismo manual ou movido por força animal destinado a transformar o andamento do animal em movimento rotativo para mover moinhos, engenhos de açúcar, engenhos de ralar mandioca, engenhos de pastel, bombas para elevação de água, teares e outros equipamentos

⁸⁰ Tambo de leite é o local onde se criam e ordenham vacas, vendendo a atacado e varejo o leite produzido no local.

⁸¹ Saxônia é um estado federado da Alemanha.

⁸² Nova Santa Rita pertencia a Canoas, mas se emancipou em 20 de março de 1992. É um município da região metropolitana de Porto Alegre e possui em torno de 27.000 habitantes.

⁸³ Canoas é um município da região metropolitana de Porto Alegre. Tem cerca de 345.000 habitantes e foi fundado em 27 de junho de 1939. Como curiosidade, também pertenceu a São Sebastião do Caí.

⁸⁴ Feitoria é um bairro de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Possui atualmente cerca de 37.000 habitantes.

Leila relembra que, mais tarde, seus pais vieram morar nas terras que herdaram aqui na localidade de Rincão do Cascalho, onde hoje ela reside. Leila tem um irmão. Eles são muito próximos. “O Jairo não quis estudar. Mas é um gênio, inteligentíssimo, uma pena” – complementa Leila. Ela demonstra muito apego à família de origem, gosta de lembrar fatos de familiares já falecidos e, volta e meia, pesquisa sobre as pessoas de seu passado. “Ainda estou pesquisando sobre minha bisavó Ernestine Weterline”.

Para iniciarmos nossas conversas, estas são as sete professoras aposentadas que vamos conhecer um pouco mais durante o percurso investigativo desta tese. Será possível visitar escolas da cidade de Portão, percorrer ruas que hoje se apresentam de outras formas, perceber as transformações que ocorreram, sentir a sensação de alegria do primeiro emprego, da formatura, mas também da aflição pelos desafios que se apresentavam. Este é um convite a conhecer e viver as memórias destas professoras aposentadas, de suas vivências familiares até chegar ao magistério, das salas de aula, dos movimentos das ruas e da cidade de Portão.

2.2 “Eu fiz o normal de primeiro ciclo”: a formação pedagógica

Sobre a formação inicial de cada uma das professoras aposentadas e suas particularidades, cada uma a seu tempo narrou suas escolhas, fatos interessantes, alguns engraçados, outros momentos de dificuldade. O início da atuação como professora, a primeira escola e a primeira turma, são fatos marcados por singularidades. Estas mulheres também falaram sobre a formação continuada para o desempenho da profissão em educação, dividindo situações das mais diversas.

Em certos momentos elas falam de lugares onde estiveram juntas, em outros citam o enfrentamento solitário, algumas dificuldades, como doenças e situação financeira, por exemplo, que impediram ou impulsionaram mudanças em âmbito profissional. Observa-se nas falas destas mulheres que houve períodos de repensar o trabalho em virtude de alguns problemas pessoais, mas desistir da profissão nunca foi opção de nenhuma delas.

Situações em épocas e espaços diferentes contribuem para refletirmos sobre os impactos do social no privado e vice-versa. Movimentos para outras cidades em busca de formação são comuns a todas elas. Mais um momento que reforça a ideia de que Portão fica entre os Vales do Sinos e do Caí pois aparecem cidades vizinhas, destas regiões, como lugares com escolas para formação no magistério⁸⁵. Seguimos com as conversas desta roda.

⁸⁵ Sobre a história da formação docente no Brasil ver mais em:

2.2.1 Escolhas e itinerários

Ao escrever sobre a percepção das pistas em campo, atentar para o detalhe, o movimento, registrar, relacionar, recolher dados e analisar fazem do pesquisador social alguém que está a serviço de algo muito maior. Notar a importância daquilo que escrevemos e o quanto isto pode reverberar do micro para o próprio micro e para o macro, aumenta a responsabilidade. Assim como as parceiras de pesquisa narram suas escolhas, eu, enquanto pesquisadora, tenho o compromisso das escolhas sobre as formas de narrar. Desse modo, passo a trazer a forma como cada professora trouxe seus desafios iniciais, apresentando como a decisão pelo magistério⁸⁶ entrou em seu percurso. Cândida lembra que o pai sempre lhe dizia:

Minha filha, o que tu quer da vida? Se tu não quer estudar, o que vai ser da tua vida, será a tua única saída. Se um dia se casar com um vagabundo, pega a tua mala e vai embora, só com tua mala, né? Agora, se tu não tiver uma profissão, se não tiver um trabalho, daí vai estar difícil pra ti, né? Então, ele sempre colocou isso.

E Cândida então conta de seu primeiro emprego. Este foi essencial para sua escolha posterior pelo magistério.



Ah, meu primeiro emprego foi decisivo na minha vida. Porque assim, eu tinha quatorze anos e eu tava na oitava série, e eu já tinha em mente que eu ia estudar à noite e de dia eu ia trabalhar. E daí, meu pai era completamente contra, né? Os meus irmãos, um de treze, um de quinze, o de treze anos está trabalhando e eu não posso, né? Daí o pai dizia assim, minha filha, isso não é lugar pra ti, não é ambiente pra ti, não é um ambiente pra uma menina. Eu não queria que tu tivesse que passar por isso, era bem isso que ele dizia. Mas eu sempre fui atrás de explicação de porque eu não posso as coisas. E nesse 'os guris podem e eu não posso', eu convenci ele, né? Ele abriu a guarda e disse tudo bem, então faz o que tu quer fazer. Mas não pode parar de estudar, foi com esse trato, assim, eu disse pro pai que não tenho a menor intenção, assim, de parar de estudar, eu sei que a única possibilidade que eu tenho é o estudo. Não tem outra possibilidade. [...] E eu fui trabalhar, onde era a antiga Nische⁸⁷, naquela época. Eu morava na rua de baixo, sabe? Onde é o Mercado Dia ali, sabe? Tem um posto de gasolina na esquina, eu morei a vida toda naquela rua, eu cresci naquela rua, né? Então, eu acho, cinco minutinhos eu tava no trabalho. E assim, até,

Saviani, D. (2011). História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. *Educação*, 30(2), 11–26. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735>> Este texto reconstrói a história da formação docente no Brasil, iniciando pela formação mundial, preconizando os fatos acontecidos depois da independência do Brasil, lembrando nomes como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, passando pela Lei Orgânica do Ensino Normal (1946), pela reforma no ensino (1971), até a Lei de Diretrizes e Bases. Anterior a isto, sobre o papel de Marquês de Pombal na educação brasileira (ARATANGY, 2019), lê-se mais em:

<<https://cfvila.com.br/blog/2019/08/29/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-marques-de-pombal/>>

<<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/marques-de-pombal-e-a-reforma-educacional-brasileira>> (SECO; AMARAL, 2006). Ver também na Lei 2588/1955 sobre as bases do ensino normal no Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-2588-1955-rio-grande-do-sul-acresce-paragrafos-ao-art-4-da-lei-n-2588-de-25-de-janeiro-de-1955>>

⁸⁶ Sobre a História do Magistério Público no Brasil ver mais em:

<<http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=curiosidades&id=comoSurgiu>> e para Legislação atual do magistério, tanto a nível federal quanto estadual (RS) ver em: <<https://educacao.rs.gov.br/legislacao>>

⁸⁷ Nische era a maior fábrica de calçados do município nas décadas de 1970-1980, que lançou a famosa Botinha da Xuxa - que inclusive esteve visitando a fábrica na cidade. Mais tarde, esta empresa foi comprada pela empresa Azaléia, que atualmente não existe mais também.



acho que os primeiros meses, foi meio divertido. [...] mas assim, depois guria, eu tinha verdadeiro pavor de ir trabalhar lá. Ódio, raiva, tudo. [...] E assim eu contava os minutos pra vir pra casa, realmente, era bem complicado pra mim, a questão do trabalhar na produção, né? Aquele trabalho assim, contínuo, igual, o tempo todo, não que eu fizesse alguma coisa muito difícil. Nada muito difícil, nada que não desse conta de fazer, não era isso. [...] Na minha casa a gente era proibido de dizer palavrão. E isso lá tinha bastante, as pessoas falavam da sua intimidade, assim, como quem come bala no café da manhã, sei lá, eu, né. E aquilo, assim, meio que me agrediu. Eu era uma menina, não tinha quatorze anos ali no meio, chocava aquele jeito que as pessoas tinham de falar e eu lembro que eu fiquei muito retraída ali, inclusive. E eu ficava meio que me protegendo da situação, porque era um lugar que me agredia. Lembro de uma senhorinha, às vezes encontro ela aí na cidade, ela ainda é viva, mas ela já tinha cabelo branquinho. Um dia ela me perguntou como é que tava. Eu não aguentava mais. E daí, depois ela acrescentou, esta vida aqui é pública. E eu nunca ia me acostumar, porque não era o meu jeito, o que eu queria. E foi esse o meu primeiro emprego, eu trabalhei um ano e oito meses ali, assim, na dura teimosia. Porque não, não foi uma coisa muito fácil, pra mim. Mas, enfim, eu trabalhei. E entendi que não era pra mim aquele tipo de trabalho. Então, eu tinha que realmente buscar outro caminho, né. Foi isso.

Cândida foi incentivada por uma amiga chamada carinhosamente de ‘Tia Paula’ que convidou ela e sua amiga Estela Marta Teixeira⁸⁸ para estudar no magistério. Cândida já estava fazendo o primeiro ano do ensino médio na Escola Estadual de 2º Grau de Portão⁸⁹, mas ficou entusiasmada e, levando ao pai a decisão, teve seu apoio e ajuda. Afinal, era em outra cidade, São Sebastião do Caí, tinha gastos com transporte, material, mas “fui me apaixonando pela ideia de ser professora”, ressalta Cândida. “Estudei lá até 1988, ano em que fiz meu estágio e me formei professora primária”.

Marisa teve um longo processo de construção até chegar ao Magistério. Ela começou o ensino médio em Química, depois em Contabilidade. Porém, em sua infância e adolescência ela morou e trabalhou em casas de professoras do município de São Sebastião do Caí e comenta que sempre ouvia as histórias que estas mulheres contavam em casa. Então, o magistério apareceu como opção quando ela engravidou. “A mulher com quem eu trabalhava no escritório de contabilidade disse pra mim, por que eu não fazia magistério. Já pensou? Poder trabalhar vinte horas, meio turno e cuidar da Camila no tempo restante?” Então, Marisa se informou e fez as disciplinas complementares, as didáticas e, ao final, o estágio. “Eu fiz estágio na Escola do Lajeado, na Barra, São Sebastião do Caí. Neste meio tempo eu me separei, em 1986, e vim morar em Portão, no Rincão do Cascalho. Não foi fácil, foi uma luta diária”. Mas ela ressalta que teve o apoio de sua mãe.

Na fala de Marisa se percebe a relação entre o público e o privado, na importância da carga horária de trabalho do magistério, no caso de um turno, para que tivesse tempo de cuidar

⁸⁸ Professora municipal falecida em 2016, reconhecida na cidade pelo profissionalismo e competência.

⁸⁹ A Escola Estadual de 2º Grau de Portão hoje é denominada Escola Estadual 9 de Outubro, situada na Rua Ivoti, 229, Centro, Portão, e atende alunos de ensino fundamental e médio.

da filha. Além disso, a força da mulher que, apoiada na ajuda de outra mulher – de uma terceira geração (DEBERT, 1994) –, vai em busca da profissão e, com isso, de sua autonomia e de uma subjetividade⁹⁰ empoderada (VELHO, 1986) (FOUCAULT, 2013). Mais adiante essa questão será retomada.

Rosaura sempre pensou em ser professora e afirma que seu pai era um grande incentivador. “Meu pai sempre que voltava de viagem, trazia quadro verde, caixa de giz, livros”. Ela estudou em colégio de freiras em Esteio e percebia o modo como o trabalho era desenvolvido lá como algo que gostaria de fazer no futuro. Ela concluiu o primeiro grau, como se chamava na época, em 1981. “Então eu sempre senti esse compromisso de retribuir aos meus pais esse esforço e essa dedicação que eles tiveram pra minha formação”. Ela fala que percebia a importância da escola e o entusiasmo deles de realizarem um projeto ambicioso que tinham, que era a educação dos filhos. Sua mãe dizia que iria pagar seus estudos até a sua formação no curso de magistério e que, depois, ela teria que trabalhar para poder ajudar nos custos de uma formação acadêmica. “Em 1986 eu recebi meu diploma de professora de primeira a quarta série, né? Professora. Com muito orgulho”.

Eoní morava na zona rural, com muita distância de tudo que se apresentava na década de 1960 em termos de continuidade dos estudos. Porém, sua irmã mais velha tinha feito curso de magistério, e, quando ela se formou, o pai delas doou terras para a construção da Brizoleta⁹¹ de Fazenda das Palmas.

Nos primeiros anos escolares Eoní estudou numa escola em Capão do Padre⁹², numa escola que não existe mais, que pertencia ao município de Canoas. A escola de Portão mais próxima à casa deles era na localidade de Socorro e era muito mais longe que esta escola em Canoas. Depois dos primeiros 5 anos nesta escola Eoní foi para um internato, no município de Arroio do Meio⁹³, Colégio das Irmãs. “Era o que tinha” – diz ela sorrindo.

Como era longe pra mim estudar e a minha mãe era daquelas que botou na cabeça que as filhas tinham que estudar, nem que ela ficasse no pé da máquina, costurando e aí, através do professor Antônio José de Fraga⁹⁴, a gente foi naquela época na 2ª

⁹⁰ Para Foucault, as instituições médicas, judiciais e educacionais apresentam processos de subjetivação. Atualmente, há autores que incluem as instituições midiáticas nesta lista.

⁹¹ Brizoleta é o tipo de construção escolar de um projeto que priorizava uma educação de qualidade, podendo ser entendida como símbolo de uma época de mudanças através da educação. Leva este nome em homenagem ao governador Leonel de Moura Brizola, seu idealizador.

⁹² Capão do Padre era uma localidade que pertencia ao município de Canoas e hoje faz parte de Nova Santa Rita.

⁹³ Arroio do Meio é um município gaúcho da região de Santa Cruz do Sul. Possui cerca de 21.000 habitantes, tendo sido fundado em 28 de novembro de 1934.

⁹⁴ Antônio José de Fraga era professor e foi o segundo Prefeito municipal de Portão, tendo, desde 1991 uma escola com seu nome.



Delegacia de Ensino⁹⁵ porque ele trabalhava lá com a dona Aidê⁹⁶, que era a responsável em educação, por esta região. Aí eles foram ver onde tinha a escola com internato ainda. Ele era muito amigo do meu pai. Aí encontraram em Gaurama⁹⁷, encontraram essa de Arroio do Meio e mais umas outras, Lajeado, parece. Aí acharam que era mais fácil ir pra Arroio do Meio, então eu fui. Não era nada fácil. Fiquei quatro anos no internato, vindo pra casa só nas férias de julho e depois quando terminava as aulas, fim de novembro pra quem passava na prova. A gente fazia de tudo pra passar na prova e vir logo pra casa. O meu pai tinha uma modelo A⁹⁸ e me levava até São Leopoldo. Então eu pegava o ônibus, ia até Lajeado e de Lajeado outro ônibus pequeno até Arroio do Meio. Nova Bréscia⁹⁹ que era a localidade da escola. Hoje é município. Eu fiz o normal de primeiro ciclo, que equivalia ao ginásio escolar e normal junto, e comecei a dar aula em 1964. Bem na época da famosa revolução. Aí, depois, eu também fui fazer a escola normal, que hoje é magistério, no Colégio São José¹⁰⁰, em São Leopoldo, onde a minha irmã estudou.

Adreane conta que, na infância, adorava brincar de escolinha e que seus gatos eram seus alunos. Ela estudou na Escola Edmundo Kern¹⁰¹, do pré até a 5ª série e depois foi para a Escola Portão Velho¹⁰², onde terminou o primeiro grau. Sobre a escolha pelo magistério, Adreane lembra:

Então, lá pela sexta série eu já sabia que se eu tivesse a oportunidade de fazer ensino médio seria para professora. Eu já tinha essa convicção muito forte, uma vontade muito grande de ser professora. Ahm e, também, não é uma questão muito simples, a gente não tinha muitas opções – *e fica pensativa*. Porque naquela época ou a gente ia pra São Leopoldo, que tinha química e um outro curso que eu não me recordo agora, ou pra Novo Hamburgo, que tinha um leque um pouco maior, mas Novo Hamburgo, por exemplo, o magistério que tinha era totalmente particular, não tinha magistério público em Novo Hamburgo, né? Ou ia pro Caí. Então no Caí a gente tinha o curso de aplicação ou o magistério, então quer dizer que sendo bem realista assim, eu fui bastante feliz porque a minha opção era aquela, né? Mas também, pra outros colegas, que quando a gente brincava na hora de estudar, que não tinha outra coisa mesmo, daí vir pra cá, né, era difícil. Porque não era a gama que tem hoje em dia. Eram restritas as opções. Eu fui muito convicta assim que eu iria pro Caí, pra Escola Normal de São Sebastião do Caí¹⁰³. Vivía dentro do Caiense¹⁰⁴ – *e dá risada*. Eu brinco assim, eu tive dois baques na minha educação. Quando eu fui pra quinta série, na Escola Portão Velho, eu me perdi, os três primeiros meses eu pensei que eu não iria mais me achar, né? Porque eu fui pra uma escola muito maior, naquela época a Edmundo Kern era bem pequena, e eu fui pra uma escola com muitos professores, já trocavam os cadernos,



⁹⁵ Hoje 2ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em São Leopoldo.

⁹⁶ Professora estadual de grande prestígio na região.

⁹⁷ Gaurama é um município do norte do Rio Grande do Sul, da região de Erechim. Possui em torno de 6.000 habitantes e sua fundação deu-se em 15 de dezembro de 1954.

⁹⁸ O original Ford Model A foi o primeiro carro produzido pela Ford Motor Company, iniciando-se sua produção em 1903.

⁹⁹ Nova Bréscia, município gaúcho do Vale do Taquari, antes pertencia a Arroio do Meio, mas foi fundado em 28 de dezembro de 1964. Possui cerca de 3.500 habitantes.

¹⁰⁰ Instituição privada de educação básica no município de São Leopoldo/RS.

¹⁰¹ Neste período citado por Adreane a Escola Edmundo Kern era estadual. Anos depois do município ser emancipado passou para a rede pública municipal.

¹⁰² Escola de ensino fundamental da rede pública estadual, situada na Rua Júlio de Castilhos, n.º 3742, Portão Velho.

¹⁰³ Escola pública de curso normal, magistério, em São Sebastião do Caí, hoje denominada Escola Estadual Paulo Freire.

¹⁰⁴ Empresa Caiense de Ônibus Ltda. Faz trajeto entre São Sebastião do Caí e cidades da região metropolitana, sendo único meio de transporte coletivo entre São Sebastião do Caí e Portão.

aquilo foi uma bagunça na minha vida. Fui uma criança que sentiu muito a passagem pra quinta série. E quando eu fui pra São Sebastião do Caí, a mesma coisa, assim, meu primeiro boletim do primeiro ano, era uma coisa meio que tradicional. Porque quase todos que iam do Portão, no primeiro trimestre saíam rodados. Era um sufoco, principalmente química e física. Em uma época 90% das professoras formadas de Portão eram alunas do Caí.

Adreane fez seu estágio em 1984, em uma escola da localidade de Conceição, pertencente a São Sebastião do Caí. Ela recorda que o estágio era uma experiência traumatizante, as visitas das supervisoras, os planos. Mas também pontua que as colegas se ajudavam, trocavam experiências, sugestões e davam apoio umas às outras. Assim, encerrado este período, veio a formatura e um novo ciclo.

Leila gostava de “brincar de dar aula” desde pequena. “Meu sonho era ser professora. Daí estudei no Grupo Escolar de Rincão do Cascalho¹⁰⁵ até a 5ª série, fui pro 9 de Outubro fazer até a 8ª série, e o pai disse que ia me ajudar a fazer o magistério. Então fui pra Escola Normal de São Sebastião do Caí”. Ela relembra que foram tempos de muito esforço, muito estudo e que ajudava a mãe a fazer calçado em casa – “aqueles de fazer tranças de couro manualmente” – para contribuir com as despesas de passagem de ônibus que ela tinha para ir estudar e com mensalidades que eram pagas na Caixa Econômica Estadual¹⁰⁶, na época. O estágio ela fez na mesma escola onde aprendeu a ler, só que na década de 1980 já tinha outro nome: Escola Estadual Adolfo Gustavo Krumenauer. “Eu fiz estágio com uma turma de 2ª série e gostei muito. Era a realização de um desejo muito forte e aquilo passou como uma fantasia”.

Mariângela cresceu dentro da Escola Portão Velho. Com a mãe diretora e o pai secretário da escola, sua infância se passou em torno dos assuntos escolares. Ela frequentava a escola mesmo antes de estar matriculada e era com naturalidade que percebia este espaço. Todo o ensino de 1º grau foi nessa escola, que era sua segunda casa. “Depois que acabavam as aulas, tanto para minha irmã menor, quanto para outros colegas, eu dava um reforço escolar e isso me fez gostar dessa parte, do pedagógico, e achar que de repente era uma coisa boa a fazer. E aí eu segui no magistério” – e suspira. Desse modo, a escolha pelo magistério foi tranquila. Ela frequentou a Escola Estadual Paulo Freire – a mesma Escola Normal de São Sebastião do Caí aqui apresentada por outras professoras que lá estudaram.

¹⁰⁵ Atualmente denominada Escola Estadual Adolfo Gustavo Krumenauer, em memória ao proprietário do Curtume Krumenauer, colaborador da escola. Esta escola situa-se na Rua Guarani, s/n, Rincão do Cascalho e atende alunos do ensino fundamental.

¹⁰⁶ A Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul foi uma autarquia financeira ligada ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Foi criada em 1960, durante o governo de Leonel Brizola e depois incorporada ao Banrisul, em 1998.

A forma como cada uma destas professoras fez a escolha pelo magistério apresenta muito das vivências familiares, do incentivo que receberam e das possibilidades que se apresentaram em cada período, para cada uma destas mulheres. Algumas como forma de retribuir o esforço dos pais para que estudassem, outras pensando no futuro com algumas facilidades que a profissão oferecia e outras, ainda, naturalmente envolvidas em educação desde a infância. Também é possível refletir sobre a relação entre o feminino e o magistério com base nos relatos trazidos, o que será tratado especificamente mais adiante, mas é preciso pontuar sobre a importância deste aspecto desde as primeiras conversas.

2.2.2 O início: a primeira turma como professora

As conversas sobre as experiências com a primeira turma foram ricas em detalhes e carregadas de emoção pela forma como cada uma se deu. Mariângela lembra com carinho da primeira turma onde lecionou depois de estar formada. Ela conta:

Eu tinha uma segunda série de trinta e cinco alunos, mas era maravilhoso. As crianças eram agitadíssimas e eu dava aula de tarde. Dava um suador, mas foi um tempo muito bom, bons colegas e bons alunos. Como a gente morava lá perto da Escola Afonso, a Escola São Jorge era a mais próxima que tinha vaga. Foi um ano muito bom. Só mudei depois porque eu fui morar em Capela de Santana, né? Então, pedi pra ir pra uma escola mais perto possível.

As professoras lembram da primeira turma com uma expressão facial em que se percebe alegria, saudosismo, satisfação em vasculhar estas memórias. Mesmo quando estas trazem algumas dificuldades por elas enfrentadas. Assim como narra Leila:

Minha primeira turma foi no Macaco Branco¹⁰⁷. Fui cheia de coragem. Nem sabia que era mais de uma turma, eram quatro turmas juntas, tinha que fazer a merenda, limpar a escola, ser secretária, diretora, tudo que tivesse que fazer era comigo. Eu caí de paraquedas numa turma multisseriada, mal sabia dar aula pra uma turma, foi um desafio. Um ano e meio eu fiquei lá. Nossa, eu agradeço a muitas pessoas, a Evany do Roque¹⁰⁸ me ajudou a fazer a folha da merenda. Tinha o boletim informativo, calcular o valor dos alimentos. Além dos planos de aula, por objetivos. Tinha que fazer pra cada série em separado. Eu não era boa de cozinha e vinha aquela proteína pausterizada de soja, era horrível pra consumir, eu inventava receitas diferentes para eles consumirem. Não tinha mimeógrafo lá. Eu fazia com papel carbono, até que apareceu um mimeógrafo. Eu levava as coisas pra casa e fazia torta de bolacha, polenta, inventava porque era muito difícil. Às vezes eu me via com a caneta na mão pra mexer dentro da panela – *e cai na gargalhada*. Era muito louco. Eu não tinha muita didática, era difícil, separar o quadro. Minha única experiência era a turma de estágio. Saí crua. O começo foi horroroso – *e ergue os olhos pensando*. A gente ia de táxi pro interior. Era eu, a Jeane Martins, a Adreane Arnecke. O taxista enchia o táxi de outras pessoas, nossa! Uma coisa inesquecível foi que as crianças começaram a falar em alemão e eu não entendia nada, né? Achavam que eu sabia alemão. Já me botaram lá achando que ia falar. A pessoa olhava pra minha cara, né? Daí eu criei a primeira regra: ninguém podia falar em alemão na escola. É simples, eu não ia falar



¹⁰⁷ Localidade rural situada ao norte do município de Portão.

¹⁰⁸ Maria Evany de Paula, professora, esposa do vereador, na década de 1980, Roque de Paula.

que não sabia. Não, não. Outra coisa, havia muitos alunos negros¹⁰⁹, que viviam no entorno do Buraco do Cocó¹¹⁰. Então, achei melhor incentivar que os alunos falassem alemão em suas casas e, na escola, todos falando em português para haver uma comunicação entre todos. Lá também havia muito a questão de apelido. Sabe? Qualquer coisa era motivo pra colocar apelido. Não foi fácil. Ah, tinha poço cavado. Tinha que tirar água do poço pra usar. Daí depois eles conseguiram uma água que vinha de uma mulher, lá do morro. Aí a Jeane e a Adreane foram transferidas no final do primeiro ano, para o centro e eu fiquei. Aí a Terezinha Gonçalves foi pra Cachoeira (Escola Gonçalves Dias) e a Silvana Rodrigues da Silva foi lá pra General Osório (Escola). Daí naquele ano eu dividi o táxi com estas duas. Até que meu ano de ir pra cidade¹¹¹ veio.

Ao lembrar da primeira turma, Adreane também se recorda da turma multisseriada da zona rural, do pavor de ter que cozinhar a merenda, da divisão do táxi para o deslocamento porque não havia uma alternativa. Acrescentando que, em sua escola, General Osório, não havia energia elétrica.



Iniciei meu trabalho numa escola multisseriada. Eram vinte e duas crianças, uma escola grande, porque a maioria tinha oito, nove, no Macaco Branco, naquela época tinha nove, a Carminha na Cachoeira (Gonçalves Dias), se eu não me engano, tinha doze. Então, eu tinha uma turma grande, né? Naquele período. Mas o que me apavorou foi quando a Rosina¹¹² olhou pro fogão no fundo da sala e disse ‘ali você faz a merenda’. Gente, fui criada, eu não cozinhei um ovo. Não tinha menor constrangimento de dizer isso porque eu estudava, se eu tinha uma tia que morava com a gente, que era chamada Tata, que fazia todas as minhas vontades. Daí ela disse, ‘as crianças adoram qualquer coisa, tá?’ Então assim ó, as minhas dificuldades em relação a qualquer questão educacional nunca foram sobre método, processo, recurso ou mesmo em relação às crianças. Às vezes as dificuldades maiores de tirar o sono, quando acabava o gás, tem que fazer fogo e quem fazia pra mim era um aluno do quarto ano. Eu não sabia fazer. Então, assim, as faxinas eu fazia em sexta-feira, porque daí eu ficava na escola, no turno da tarde, limpava a escola. Então, eu lidei com coisas assim, né, proteína de soja depois de dois meses que descobri que se deixava de molho. Essas foram as minhas principais dificuldades. Como e/u havia passado por uma turma bastante difícil de estágio, a minha do Bom Jardim¹¹³ era a oitava maravilha do mundo. Eles eram uns amores, realmente. Eu não tive, particularmente, não tive dificuldade, assim, de ser as quatro séries juntas. Pra mim foi muito fácil, porque na minha cabeça eu já tinha muito certo de que os mais velhos ajudariam os mais novos. Uma das coisas que chamou a atenção da Rosina, foi que depois de uma semana, quando ela foi me visitar pela primeira vez, meus alunos estavam sentados juntos. Daí ela pegou e disse, ‘não vai dar muita bagunça?’. Daí eu disse, não, bem tranquilo. Eu empoderei muito meus alunos do quarto ano, no sentido de que eles ajudassem o primeiro. Então a gente enalteceu bastante eles assim, que eles não vinham numa prática disso, sabe? E eu sinceramente assim, eu não sei da onde eu tirei isso, sabe? Porque a minha formação também não dava isso. Foi em função assim de estudar, como é que se formam grupos ou era tudo um atrás do outro mesmo, né? Era muito o controle, tinha uma disciplina muito rígida. Aí quando fazia como se fizesse trabalho em grupo, se escutam pra não virar uma bagunça. Eu vinha dessa prática de aprendizagem. Na minha sala no Bom Jardim tinha barulho, mas tinha muita vontade, eu sentia assim, as crianças ansiavam muito pelo ler, pelo escrever. Eu reforço, assim, ó, as minhas dificuldades em nenhum momento foram com a aprendizagem deles,



¹⁰⁹ Pode-se pensar nos marcadores sociais da diferença durante a narrativa de Leila, quando ela trata da linguagem e, também, das questões sobre *bullying*, com atos de violência, especialmente os psicológicos.

¹¹⁰ Local da zona rural de Portão onde os negros fugitivos se refugiavam, segundo Livro Conhecer para amar. Próximo a ele há um quilombo atualmente.

¹¹¹ Leila se refere à zona urbana quando fala em “cidade”. Qual seria mesmo o lugar da zona rural na “cidade”?

¹¹² Rosina Strieder era Diretora de Ensino da Secretaria de Educação de Portão na década de 1980.

¹¹³ Localidade da zona rural, ao norte de Portão, onde está situada a Escola Municipal General Osório.

como vou dividir os quadros, ou outras questões que colegas minhas colocaram, que estavam iniciando. Ah, a gente aprendeu com uma turma e agora eu tenho quatro, né? Aqui tem quatro cadernos, eu nunca tive quatro cadernos, eu tive sempre um diário só. Eu tinha muita parceria das famílias, né? Isso é uma coisa que me chamou bastante atenção, que eu não tive na minha escola de estágio, mas assim que entrou da hora do recreio, ou perto do final da aula, passava alguém, ‘profe precisa alguma coisa’, né? Eu tinha um pai, por exemplo, ele botava o botijão de gás na carona de uma moto e vinha no centro trocar pra mim, porque não tinha aquela questão de facilidade, a Prefeitura liga pelo celular, hoje passa alguém e vem aqui pega e busca. Então nesse sentido essas dificuldades foram complicadas pra mim, mas a convivência com os alunos com a função das quatro séries juntas foi muito gratificante. E bem importante, assim, por exemplo, eu tinha quatro alunos de primeira série e eles, em julho, eles estavam lendo. E eu iniciei em maio com eles. Ah, eles sabiam o alfabeto, a Irene era uma ótima alfabetizadora também, mas quando eu trabalhei com primeiras séries sozinhos, eles iam começar a ler em setembro, outubro. E lá, por que eu me pergunto até hoje, se deu esse processo, por quê? E eram quatro crianças que vinham de famílias que não tinham o hábito da leitura. Eram cortadores de mato ou eram agricultores, né? Quando a gente voltou das férias, coisa de início de agosto, os meus quatro alunos da primeira série iam. Não é soletrando palavrinha, iam. Mas muito em função da convivência, com certeza com as demais séries. E nunca foi investido suficiente pra que isso se tornasse, né, algo produtivo. Claro, tem a questão do custo, tem a questão de acesso, né? Tem várias questões pra se pensar também. Essa é a minha primeira experiência. Terminou esse ano e eu não pedi pra sair. Mas recebi convite pra sair.

Cândida conta que sua primeira turma como professora titular foi num primeiro ano numa escola municipal de Novo Hamburgo. Contudo, ela não conseguiu trabalhar por muito tempo, ficou doente e pediu demissão. Um tempo depois foi dar aula de matemática na Escola Portão Velho e, por este motivo, a Escola 9 de Outubro solicitou ao município a contratação de uma professora de matemática, já que eles não tinham, e ela foi contratada para dar aula para a 5ª e a 6ª série. Mas ela fala que primeira turma mesmo foi em uma terceira série:

Eu assumi, em 1990, uma terceira série e depois eu até desdobrei¹¹⁴ com outra terceira no turno da manhã, que a professora teve bebê, né? Então, eu trabalhei dois anos na E. M. Visconde de Mauá, e daí assim, eu gostava bastante de trabalhar na Visconde, mas realmente era uma escola bastante cansativa por vários motivos. Por uma questão dos alunos, algumas da administração, que eu não gostava, eu pensei muito. Naquela época, eu era muita chata, né? Eu achava que eu tinha direito de dizer o que eu pensava. Ah, hoje eu já penso diferente, né? Graças a Deus. Direito de falar, não era com falta de educação, mas, enfim, eu tinha uma coisa assim, e era longe pra eu ir, né, eu ia a pé ou de bici, não tinha ônibus. Então, eu pedi transferência pra São Jorge e teve vaga na São Jorge.

A professora Cândida se refere principalmente às dificuldades apresentadas pelas questões sociais que envolvem uma escola de periferia, na área onde se localizavam os trilhos de trem que há muito não são utilizados e que deram lugar, por serem de domínio público, a invasões de moradores. Esta é uma das escolas que está situada numa destas áreas do município de Portão. Nos anos 1980 eram muitas as dificuldades encontradas pelas professoras que ali

¹¹⁴ Desdobramento é um acréscimo de horas na carga horária do professor a fim de remunerar o trabalho ‘dobrado’ em outro turno para suprir alguma necessidade da escola. Este período não conta para fins de aposentadoria, conforme Legislação Municipal, vigente atualmente, de nº 2101.

trabalhavam: pelo deslocamento sem acesso a transporte público, estrada de chão batido, além das questões sociais da comunidade que adentravam a escola e faziam com que os problemas de aprendizagem fossem muitos, além da indisciplina. Apesar de tudo que comenta, ela lembra que o trabalho na primeira turma de 3ª série foi interessante e que hoje ainda encontra na rua alunos daquela época e é sempre muito bom.

Rosaura lembra que sua primeira turma foi na Escola Visconde de Mauá, numa turma de 2ª série. “Tem alunos daquela época ainda que lembram de mim. Foi uma experiência muito boa. Meu primeiro salário eu comprei uma bicicleta porque não tinha ônibus pra lá, o chão era cheio de pedras e muita poeira. Hoje é tudo asfalto”. Rosaura, assim como Cândida, iniciou o trabalho em Portão não em escola rural multisseriada, mas em uma escola de periferia onde as dificuldades eram muitas, mas a vontade de ensinar era maior.

A primeira turma de Marisa foi num contrato do Pradem¹¹⁵ com a Prefeitura de Portão, na metade de 1988, em que foi trabalhar com uma 3ª série na Escola Portão Velho. “Foi meio ano trabalhando com esta turminha, foi muito bom. A única coisa que me pegou de surpresa foi ser chamada pela diretora para cuidar com o comprimento da minha saia. Não achava que isso envolvia meu trabalho”. De todo modo, ela recorda que a turma era grande, mas gostava muito de realizar todas as atividades propostas.

Eoní, algumas décadas antes das demais parceiras desta pesquisa, iniciou o trabalho em uma escola multisseriada próxima a sua casa, já que morava na zona rural. “Minha maior dificuldade foi trabalhar com duas turmas junto, 1ª e 3ª série. Alfabetizar alunos que não sabiam pegar um lápis na mão, não tinham coordenação motora, e atender a outra turma, não foi fácil. Fiquei 2 anos assim, depois com todas as turmas”. Eoní dividia as turmas da Escola Fazenda das Palmas com sua irmã professora. Quando sua irmã se casou e foi embora, ficaram todas as turmas somente para ela, até 5ª série, mais a direção da escola. “Lembro que era uma correria porque as reuniões de diretoras eram em São Sebastião do Caí, mas os documentos tinha que levar na 2ª DE¹¹⁶, em São Leopoldo. Eu pegava carona nos caminhões que transportavam lenha, era o jeito”. Houve uma época em que algumas mães achavam que ela passeava para não dar aula. Porém, ela conta que foi orientada pela Delegacia de Ensino que, no dia que tivesse reunião de diretoras, deixasse tarefa para os alunos realizarem em casa. Assim, não precisaria

¹¹⁵ Pradem é Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Educação Municipal (2003), tipo de gestão a ser adotado, no âmbito da educação pública brasileira, por imposição legal do artigo 206 da Constituição Federal Brasileira (1988), bem como o artigo 3º inciso VIII da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Cada município gerenciava conforme suas necessidades.

¹¹⁶ Delegacia de Ensino, atualmente denominada de Coordenadoria Regional de Educação.

correr ao meio-dia para voltar e dar aula à tarde, só comendo um sanduíche na rodoviária de São Sebastião do Caí, coisa que fez por um longo período.

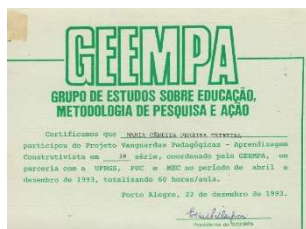
As primeiras turmas das professoras aposentadas, parceiras desta pesquisa, têm alguns pontos em comum: foram experiências que fizeram com que elas se reinventassem, se organizassem e enfrentassem as dificuldades que se apresentavam. Algumas dificuldades estavam nos deslocamentos ao interior do município, outras no acúmulo de atividades em escola multisseriada e outras ao fato natural de estarem no início da carreira, vivenciando coisas novas que, somente com a prática, poderiam aperfeiçoar e seguir em frente. O que se percebe também é a quantidade de documentação que tinham que preencher, de certa forma, um modo do poder público de controlar e vigiar o trabalho, lembrando aqui do panóptico trazido por Foucault (2014).

2.2.3 Formação continuada

A questão sobre formação continuada sempre esteve presente nos diálogos entre as professoras, tamanha a preocupação em dar conta das mudanças de legislação, formas de aprendizagem, contextos e busca pelo aperfeiçoamento profissional. Para Nóvoa

As instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do *corpo de saberes* e do *sistema de normas* da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos *conhecimentos pedagógicos* e de uma *ideologia comum*. Mais do que formar professores (a título individual), as escolas normais produzem a profissão docente (a nível coletivo), contribuindo para a socialização dos seus membros e para a gênese de uma cultura profissional (NÓVOA, 1999, p. 18, grifo do autor).

Com as parceiras desta pesquisa não foi diferente. É possível perceber a importância que estas professoras deram, ao longo de suas carreiras, para a questão da formação continuada. Cândida aponta que



Quando eu vim transferida pra São Jorge, daí meu medo. Primeiro ano, né? Ou eu vinha pro primeiro ano da São Jorge ou eu ficava na Mauá, então eu não pensei. Vamos lá. Daí eu comecei a trabalhar, comecei a ler bastante sobre a questão da alfabetização, fiz o curso do Geempa¹¹⁷, né? Então, eu tive um suporte, eu acho legal e foi muito bom, daí eu me apaixonei pela alfabetização. Passou o medo e veio a paixão e eu fiquei na São Jorge onze anos, desses, oito eu alfabetizei.

Além de muitos cursos, Cândida fez Estudos Adicionais – equivalente hoje a um curso tecnológico – em Matemática e Ciências, em Canoas, na UniRitter¹¹⁸, e outro que não finalizou

¹¹⁷ Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação, em Porto Alegre, RS.

¹¹⁸ Centro Universitário Ritter dos Reis, em Canoas, RS.

sobre alfabetização, em Montenegro, cursos do Geempa, de letramento, alfabetização matemática, o de alfabetização digital pelo MEC e todos os que a secretaria proporcionava naquele período. “Tinham cursos ali onde era o Restaurante Municipal – junto ao Ginásio onde hoje fica a Biblioteca Pública, no centro da cidade – sempre tinha cursos, né? E a gente acabava fazendo a formação”, lembra Cândida.

“Uma vez eu participei do Seminário Internacional de Educação, em Porto Alegre, e veio Carlos Rodrigues Brandão, minha nossa, tem uma fala poética e abrange sobre pesquisa. E quando veio Rubem Alves? Encantador no momento, né?” Cândida também faz uma crítica no sentido de que este último, filósofo, esteve sempre em contato com quem queria aprender, e ela diz que em seu caminho, muitas vezes encontrou alunos que não queriam aprender. “Depois que eles aprendem, eles até sentem prazer, mas antes?” Ela sustenta a importância dos estudos de Carlos Rodrigues Brandão em sua formação. Cândida afirma que é muito diferente alfabetizar alguém que está em contato com o mundo das letras do que alguém que nunca teve contato e nem acha isso importante. Então ela diz que Rubem Alves não é o guru do trabalho dela.

No meu dia a dia foi cobrado de mim, índice, isso e aquilo, e tem coisas na vida que a gente não faz por encantamento, a gente faz por necessidade. Nem todos os alunos serão alfabetizados por encantamento, mas por necessidade de viver num mundo onde precisa disso pra ascender – *complementa Cândida*.

Cândida atenta para o fato de que muitas professoras se deslocavam a Porto Alegre para formações, e ela disse que conheceu a capital por causa dos cursos. “Amava ir a Porto Alegre estudar”.

Eoní teve de enfrentar rapidamente a formação continuada visto que era uma necessidade para continuar no emprego. Com a alteração na legislação de 1972, o professor deveria ter cursado o “normal magistério” para praticar a atividade profissional de professor na zona urbana. Como ela tinha o “normal rural”, em Nova Bréscia, mesmo trabalhando na Escola Fazenda das Palmas, Eoní terminou o magistério em São Leopoldo. “Fazia aula nas férias de verão e inverno. Era intensivo. Eu queria ir morar na Estação Portão e trabalhar lá, mas não podia, só em escola rural. Casei e fiquei morando com meus pais no interior até me formar e conseguir transferência. Foram dois anos assim”. Ela lembra que, inclusive, teve seu primeiro filho lá no interior por conta disso.

A professora Eoní conta que, mais tarde, saiu uma emenda¹¹⁹ que permitia que a professora que tivesse mais de 10 anos de trabalho fosse admitida no quadro de professoras do estado diretamente, sem concurso, entregando a documentação à Delegacia de Ensino. “Eu tinha 11 anos de trabalho em sala de aula, mas eu fiz concurso mesmo assim, quando surgiu a obrigatoriedade, para trocar de nível”. Ela se refere ao Plano de Carreira do professor estadual¹²⁰. Eoní afirmou que sempre participou das formações que eram oferecidas pelas redes estadual e municipal. Ela também fez formação em Teologia pela Faccat¹²¹, o que contribuiu para o avanço de nível em sua carreira e para pensar nas questões que envolvem o aluno como um todo.

Rosaura fez licenciatura em Pedagogia, com habilitação em supervisão e administração escolar na Feevale¹²², e especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹²³. “A formação continuada pra mim era algo natural. Era preciso estar sempre buscando melhorar, sempre. Fiz muitos cursos e busquei principalmente informação pra poder trabalhar na alfabetização, que era meu chão”. Marisa também valoriza muito o aperfeiçoamento contínuo, apesar de tantas dificuldades que teve ao longo do caminho.



Meu maior desafio foi completar a faculdade. Eu comecei umas três vezes por causa da situação econômica; eu tive que trabalhar sessenta horas em alguns momentos, né? Sim, era pai e mãe, tinha uma filha. Então, eu fazia aos pouquinhos. Fiz licenciatura em Pedagogia pela Unisinos¹²⁴, Estudos Adicionais (especialização) em Artes pela Fundarte¹²⁵, com documentação da Universidade Feevale. No período do secretário Lirio Casagrande e da diretora de ensino Maria Helena Lauxen, tinha muita formação, muitos cursos. E isso foi chave fundamental para meu planejamento pedagógico. Mas eu também fui em muitos congressos. Eu gostava de trazer novidades para os alunos, nada que fosse convencional, misturando teatro, dança, música, meio ambiente, contação de histórias, saídas de campo. Às vezes eu me perguntava: será que estou ensinando? Mas hoje vejo meus ex-alunos fazendo carreira de sucesso em várias áreas e daí isso responde muita coisa pra mim. Meu esforço valeu muito.

Mariângela fez licenciatura em Educação Física pela Ulbra¹²⁶. “Os melhores cursos daquela época, os que eu mais gostava, os mais qualificados que eu achava, os melhores profissionais, eram da Ulbra. Então eu escolhi fazer essa faculdade, por toda a história que tinha

¹¹⁹ Constituição Estadual do Rio Grande do Sul (03/10/1989), com base na Constituição Federativa do Brasil, de 1988 e Legislação Federal nº 8112/90. Ver mais em: <<http://www2.al.rs.gov.br/>> e em Leis Complementares nºs 10.098/94 e 10.842/96

¹²⁰ Lei nº 6672 de 22 de abril de 1974. Ver mais em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-6672-1974-rio-grande-do-sul-estatuto-e-plano-de-carreira-do-magisterio-publico-do-rio-grande-do-sul>>

¹²¹ Faculdades Integradas de Taquara, RS.

¹²² Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS.

¹²³ UFRGS, em Porto Alegre, RS.

¹²⁴ Universidade do Vale do Sinos, em São Leopoldo, RS.

¹²⁵ Fundação de Artes de Montenegro, RS.

¹²⁶ Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, RS.

sobre esportes. Foi um excelente curso”. Mais tarde, Mariângela fez especialização em Gestão Escolar pela UFRGS. Também participou de todas as formações que eram disponibilizadas pela Secretaria de Educação.

Depois do magistério, Leila cursou licenciatura curta (para lecionar nas séries finais do ensino fundamental) em Estudos Sociais – História e Geografia – na Unisinos, incentivada pela amiga e professora Maria Jeane Martins. Depois, fez especialização em História da África pela UNISC¹²⁷, em formato EAD¹²⁸, em que pesquisou sobre os quilombolas do município de Portão. “Tive muito prazer em fazer esta pesquisa. Foi o meu TCC¹²⁹. Eu queria mudar de nível conforme o plano de carreira, mas estudando sobre algo que me interessava muito foi ainda melhor”. Leila sempre participou dos cursos que eram oferecidos pela Secretaria de Educação do município, pois acreditava que eram importantes para enriquecer o seu trabalho.

Adreane estudou Pedagogia na Unisinos, Estudos Adicionais em Alfabetização pela Feevale, especialização em supervisão e orientação escolar pela Unisinos. Cursou Filosofia, juntamente com Psicopedagogia Clínica na Unisinos. Também fez uma especialização em Alfabetização pela UFRGS, com enfoque nas dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização. “Só não terminei o Mestrado que iniciei em Buenos Aires porque estava trabalhando muito e não consegui dar conta de tudo que exigia”. Ela conta que sempre foi defensora da qualificação e que, por isso, muitas vezes, passou certa dificuldade como Secretária de Educação ao solicitar formações para professores e professoras, pelo custo que envolvia. “Mas com boas justificativas sempre consegui o que almejava”.

O que se pode perceber nas narrativas sobre formação continuada são dois fatores importantes: a necessidade de cumprir exigências que o Plano de Carreira¹³⁰ solicitava para avanço de níveis e acréscimo de salário do professor e o desejo de aprender e inovar em sala de aula, estando munidas com materiais, livros, pesquisas que pudessem melhorar o trabalho cotidiano em sua prática.

O plano de carreira do magistério municipal vigente é o estabelecido na Lei 2101, de 13/09/2010, e trata dos princípios básicos, da estrutura da carreira, das funções, encargos, classes, níveis, padrões e promoções. O Artigo 20 trata da qualificação profissional e, como no Plano anterior, não estabelece ajuda de custeio para a formação continuada de professores, mas apresenta o seguinte:

¹²⁷ Universidade de Santa Cruz do Sul, RS.

¹²⁸ Educação à distância.

¹²⁹ Trabalho de conclusão do curso.

¹³⁰ Plano de Carreira nº 2101/2010, do município de Portão.

§ 2º O afastamento do Profissional de Educação para o aperfeiçoamento, durante a jornada de trabalho, dependerá de autorização da Secretaria Municipal de Educação, desde que referentes à Educação e/ou Magistério, a exigência de autorização se estende aos cursos, palestras, seminários e outros promovidos e incentivados pelo Município.

O Plano de Carreira anterior disponibilizava 20 horas anuais para a realização de aperfeiçoamento profissional com comprovação. De qualquer forma, fica clara a necessidade de uma autorização prévia da Secretaria de Educação, mas, agora, sem período previsto. Assim, vai do interesse e do financeiro do professor a realização de formação continuada, no caso das graduações e especializações. Vale reforçar que todas as professoras aposentadas elogiaram muito a quantidade de cursos e eventos organizados pela Secretaria de Educação de Portão ao longo dos anos.

As memórias sobre formação e atuação na primeira turma trouxeram, por vezes, questões relacionadas à Coordenadoria de Educação, a qual tinha como denominação anterior, Delegacia de Ensino. A palavra “delegacia” aproxima-se de algumas das ideias trazidas por Foucault (2013, 2014) sobre a vigilância dos corpos, o controle do poder e o uso das instituições como forma de gerenciamento. Palavras como esta são discretos meios de apresentar um cenário que leve ao entendimento de qual o papel de cada um neste espaço. É preciso estar atento e inquieto, refletindo sobre outros modos de ver e ser “escola”, problematizando as experiências vividas.

2.3 “Há coisas boas em todo tempo”: reminiscências de um tempo escolar outro

A maioria das professoras aposentadas participantes desta pesquisa não defende a ideia de romantização de um tempo escolar do passado. No entanto, elas afirmam que é comum professoras fazerem esta relação. Cândida nos diz:

Ah, olha, mas com certeza existe uma coisa assim de como era melhor, de como os alunos eram educados, de como o aluno era isso, como a família respeitava a gente. Olha, eu ouço isso há tempo. Mas eu não vivi isso, desse respeito, desse aluno assim. E nem sei se eu quero também esse aluno certinho, queridinho. Há diferença, há, com certeza. Eu acho que chamavam a família numa época e a família vinha e tu via um respaldo. Eu acho que tenha muitas diferenças. Mas eu não vivo essa romantização, né? Do passado, do perfeito, dos alunos que não incomodavam.

Rosaura percebe, olhando para o passado, que havia muita coisa a ser feita, muitas dificuldades e que, aos poucos, muitas facilidades se apresentaram, como formação, materiais, estrutura física e de apoio. “A gente não tinha todos os recursos de hoje. E a gente dava conta dos objetivos que tínhamos. Isso, sim. Mas não vejo com romantização, não. Penso em profissionalização”.

Para Eoní, o início do trabalho na década de 1960 traz momentos marcantes, mas não pontua como melhores. “Algumas coisas eram mais tranquilas, o contato com os pais, na zona rural, por exemplo. Mas as dificuldades de aprendizado dos alunos e minhas correrias para dar conta de tudo que isto envolvia, tomava meu tempo e minha energia”. Ela conta que no início de seu trabalho tinham reuniões para “reciclagem” de conhecimento. “Era diferente, mas nem melhor, nem pior. Há coisas boas em todo tempo”.

Marisa afirma que sempre trabalhou nos lugares onde se sentia bem. “Por isto pedi transferências algumas vezes”. Ela conta que atuava com recursos variados e que os retornos que tinha dos alunos e dos pais eram medidores de seu trabalho. Assim, não percebia ao longo do tempo muitas diferenças em relação aos alunos. Sobre os recursos da escola, conta que avançaram muito, além das possibilidades de formação. Desse modo, cabia a cada professor trabalhar de forma a fazer o melhor possível no lugar onde estava naquele momento. “Se eu não me sentia bem, acolhida pelo grupo de colegas, pela direção, enfim, eu pedia transferência no final do ano e vida que seguia”. Ela trata disso com tanta naturalidade que me pego a pensar nesta forma de visualizar a escola, o trabalho, de forma resolutiva, objetiva e, também, com tanto empenho em ser feliz onde estivesse trabalhando. “Professor tem que se sentir bem, né? Por isto sempre me filiei ao sindicato¹³¹, porque via nele a possibilidade de qualidade de vida no trabalho”.

Mariângela diz que hoje a tecnologia ajuda muito no trabalho em educação. Questões como a indisciplina sempre houve. “Quando eu trabalhei nos primeiros anos na Gonçalves, era *bullying*¹³² o tempo todo, principalmente entre os alemães e os afrodescendentes. Eu ficava muito chateada, foi um longo caminho até fazer a comunidade se aceitar e respeitar”. A professora fala em construção coletiva para o aprendizado de todos, no passado, no presente e no futuro. “Não vejo outra forma sem ser pelo diálogo”.

Neste caso o *bullying* agora foi citado por Mariângela e, anteriormente, comentado por Leila. Estes fatos relatados ocorreram em diferentes escolas numa mesma região de Portão: na zona rural ao norte do município onde há um quilombo e, também, muitos moradores descendentes de imigrantes alemães. É necessário reafirmar a importância deste olhar por parte das professoras e refletir sobre as políticas públicas que devem ou deveriam estar presentes nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas a título das questões que envolvem o racismo, por

¹³¹ Sindicato dos Professores Municipais de Portão, que existiu no final dos anos 1980 até início dos anos 2000, onde foi agregado ao Sindicato dos Funcionários Públicos, tornando-se um só, SIMPO, Sindicato dos Municipários de Portão.

¹³² Resumidamente, *bullying* é uma prática de violências físicas ou psicológicas constantes feitas por um ou mais agressores à sua vítima.

exemplo, sendo este assunto um sério dificultador do ensino-aprendizagem dos alunos e, principalmente, fator relevante na formação integral dos sujeitos. Relatos como estes expõem a violência e a relação histórica e cultural dos indivíduos (VELHO, 1981), e não podem passar despercebidos.

Continuando, Leila conta que, em seu modo de ver, as crianças pareciam mais respeitadas com as professoras, principalmente as que moravam no interior. Ao mesmo tempo, ela lembra que havia dificuldades por falta de suporte, e que, nos últimos anos, tantos foram os avanços que permitiram que ela pudesse atender crianças com muitas dificuldades. “Eu tive um aluno com deficiência física, e aquele desafio veio com tanta carga afetiva, que nós juntos superamos. Hoje ele faz faculdade de química no Instituto Federal e eu me sinto plena por ter enfrentado as dificuldades junto com ele. Ele sempre manda fotos”.

Adreane fala em conquista, mas também pontua algumas perdas em âmbito nacional. Ela afirma:

Tudo que eu vivi em escola faz parte de um período da minha vida, muito rico. Mas eu não posso romantizar uma escola sem luz elétrica, por exemplo. Então, eu sou saudosa das coisas que eu vivi, porque me parece que a gente tinha alguns facilitadores naquela época que não se tem hoje. A juventude, a família, se tu souber usar tua palavra, teu gesto, se quisesse usar... porque tem muita corrente de diretor até hoje que não traz a família pra escola, porque também dá incomodação. Não é só prazer, né? No momento que eu tenho um trânsito com minha diretora pra colaborar e pra opinar sobre as questões de educação, também tem esse mesmo gancho pra reclamar da professora, por exemplo, que falta muito, né? Então, eu vejo isso como um trânsito social que a escola não sabe lidar, não soube antes, não sabe agora. Então, a gente vai escrevendo o futuro, né? Eu vejo escolas grandes que dizem que a comunidade não colabora. É que faltam ações sociais pra trazer essa comunidade também. Isso é um processo de conquista da escola, dos professores, da direção, de todos. [...] De modo geral, no Brasil, perdemos, o piso nacional do magistério é um exemplo disso. Com o tempo a gente romantizou a escola, sim. Por que romantizar o que é? Ganhar pouco e trabalhar muito. Hoje se um professor precisar de Uber¹³³ pra ir trabalhar, o que sobra? Eu não ganhava muito no começo, mas dava pra eu ir de táxi todo dia.

As aposentadas, em sua maioria, acreditam em um saudosismo muito forte e em períodos diferentes, com uma escola e uma formação diferente. Podemos ler em suas narrativas que as professoras de hoje são de outra geração e que são distintas as necessidades, tendo dificuldades menores em alguns pontos e novos desafios em outros.

É possível observar em suas narrativas que o tempo possui fases e que estas ora se justapõem ora se sobrepõem, os contextos se diversificam, se transformam, as experiências escolares estão em constante processo, assim como a sociedade. Nóvoa (1999, p. 177) afirma que, o tempo todo, “reinventam-se recursos a partir de outros olhares sobre a escola e o meio;

¹³³ *Uber Technologies Inc.* é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização, em inglês *e-hailing*, oferecendo um serviço semelhante ao tradicional táxi.

reatualizam-se os saberes; diversificam-se actividades e papéis, redimensionam, aprofundando-se as relações; recria-se a profissão e sente-se que a sua imagem se pode tornar outra”. É deste constante movimento que as parceiras desta pesquisa tratam quando, de forma indireta, pontuam aspectos positivos e negativos de cada período de suas trajetórias em educação. Há sempre um devir, um movimento após o último.

Os estudos arte-etnográficos que esta tese empreendeu olham para estes movimentos buscando refletir sobre a construção estética destas trajetórias em educação. Educação que ocupa os espaços da sala de aula, do pátio da escola e avança pelas ruas da cidade de Portão. Não só pelas ruas, mas pelo tempo que corre e escorre pelas falas destas mulheres que ora se debruçam a traçar as linhas destes espaços percorridos.

2.3.1 Relações entre a formação e atuação pedagógica

Para as parceiras desta tese, as formações sempre foram vistas com zelo e cuidado, refletindo de fato sobre a prática cotidiana e o que se lia e ouvia nos cursos de capacitação e aperfeiçoamento profissional. A professora Cândida afirma que sempre foi uma leitora crítica e que pensava muito sobre seu posicionamento em relação aos autores com que tinha contato:

Esse investimento no nível de qualidade na formação do professor, na formação continuada, acredito que seja uma busca pessoal, porque, assim, se eu quero ser um bom profissional, né, se eu quero ser respeitada enquanto educador, eu tenho que ter conhecimento, porque eu vou falar do meu achismo, ah, não!

A questão da prática em sala de aula, no início da profissão, para Rosaura, foi um momento muito diferente daquele espaço em sala de aula, como aluna de magistério. De estudante a professora foi um movimento bem grande. Ela narra o seguinte:



Depois, quando a gente vai pra prática claro, é muito diferente de quando nós estamos em sala de aula. Então, eu sentia mais, a falta daquele embasamento, para certas situações, assim, nossa, aquele aluno que chegou lá e não consegue, não conseguia ler, que não entrava na cabeça e não aprendia. E daí aquela agonia, né? E nós não tínhamos esses recursos que tem hoje de contar com a psicopedagoga, uma psicóloga, não tinha, a gente tinha que ir atrás. Eu lembro assim, até depois, em outra escola que eu estava, ali no Fraga, sobre a questão da inclusão, né? Eu tinha um aluno com Síndrome de Down¹³⁴ e essa era a dificuldade, porque a gente não tinha essa preparação, como lidar com isso. Pensei, e agora, o que que eu vou fazer? Como eu vou lidar com ele? Porque ele é meu e eu tenho que atender ele. E aí eu fui procurar a APAE¹³⁵. Nossa, eles me ajudaram muito. Foi maravilhoso poder contar com a ajuda

¹³⁴ Síndrome de Down é um distúrbio genético causado quando uma divisão celular anormal resulta em material genético extra do cromossomo 21. A síndrome de Down provoca uma aparência facial distinta, deficiência mental, atrasos no desenvolvimento e pode ser associada a doença cardíaca ou da tireoide.

¹³⁵ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Espaço onde toda a comunidade se une para prevenir e tratar a deficiência e promover o bem-estar e desenvolvimento da pessoa com deficiência.

deles. Pra mim e pro meu aluno. Então, se falta, na prática, algo de formação, eu penso que o professor deva ir atrás, de alguma forma. Porque a questão é procurar trabalhar da melhor forma possível.

Eoní lembra que, em sua primeira experiência, algo ficou muito marcante: a questão da alfabetização. Para ela, que havia feito normal rural, não foi uma formação suficiente para dar conta de alfabetizar crianças, muitas delas já em idade avançada, ou por reprovações em sequência ou por estar indo para a escola bem mais tarde mesmo.

Era muito difícil, eu tinha uma turminha, era uns quinze da 1ª série e crianças assim, entre sete e oito a doze, treze anos. Os maiores ainda com mais dificuldade, pra escrever, ler, era muito difícil. E daí ainda tinha que atender a outra turma também. Então, isso pra mim marcou muito. Minha formação não me permitiu este alcance e eu fiquei traumatizada. Tanto é que nunca mais peguei 1ª série. Bem mais tarde alfabetizei adultos, daí é bem diferente, né?

Leila conta que sempre gostou muito de criança e, como seu sonho era ser professora, levou o início de sua prática com muito entusiasmo, mesmo com as dificuldades já relatadas, sobre deslocamento, a questão da merenda, coisas que não se estudam, mas que se aprendem, na prática. “Mas tem muita relação, sim. Eu sempre busquei ler e estudar muito”.

Marisa acredita que ainda haja uma lacuna entre a formação e a atuação. “É preciso pensar no cotidiano, em nossas ações, no contexto de cada escola onde trabalhamos, no tempo, no lugar, no social, na cultura. Então, não há uma formação que dê conta disso. Há possibilidades e precisamos buscá-las”.

Para Adreane a relação entre a formação e a prática está sempre associada. Além disso, ela trata sobre a disponibilidade do professor em criar a partir de situações difíceis.

Eu sou uma pessoa otimista por natureza. Sou entusiasta pra várias coisas. Então, por exemplo, de manhã, quando o dia estava escuro e a gente não tinha energia elétrica, eu procurei transformar isso numa coisa muito prazerosa, né? Que era chamada a hora da história. Então, eu tentava tirar de alguns problemas que tinham a ver com a estrutura, algum benefício, mas isso nem sempre era possível.

Mariângela fala que, desde que começou a trabalhar, a formação é essencial para ela enquanto profissional. “Pra mim isto não era nenhuma obrigação, nunca foi. Era uma necessidade. Todo este investimento, né? Em cursos de especialização, de atualização. Então, isso me ajudava muito.”

Então, ao atentar para as colocações sobre formação e atuação, esta roda de conversa nos mostra a importância deste deslocamento em busca de possibilidades de criar, se reinventar, de alternativas, estímulos e oportunidades de troca de experiências. Os momentos de formação podem ser vistos como um espaço de se ver como professor que, envolvido com as coisas do

mundo, do outro e de si, torna-se capaz de sentir, perceber, ver e viver o cotidiano escolar de outras formas.

2.3.2 Idealização da instituição pedagógica escolar

Perguntando acerca de uma idealização da instituição escola, nesta roda de conversa, muitos fatores foram levantados. Cândida nos traz alguns elementos, nos quais podemos pensar a escola como um todo. O contraditório surge com uma possibilidade de atentar de forma mais metódica a este assunto.

Bom, eu não acho que há uma, eu acho que há muitas, muitas ideias. Ah. Tem a questão familiar, né? Que algumas famílias, principalmente da geração do meu pai, assim, de ver a instituição escolar como o lugar em que os seus filhos vão poder ascender. Seja intelectualmente, seja economicamente. Então, eu acho que tem isso sim. Os meus irmãos e eu, nós todos temos uma vida bem diferente do meu pai, sim, melhor ou pior eu não sei, mas bem diferente, né? Em questão de acesso a conhecimento, em questão de tudo, eu acho que sim, embora o meu pai, pra geração dele, pra escolaridade que ele teve, ele era uma pessoa diferenciada, porque ele buscou, ele sempre bateu nisso, de que tu tem que correr atrás do que tu quer e dos teus direitos, enfim, né? Que tem que buscar. Então, tem essa primeira, né, que é da família. E, também tem, eu acredito, uma família tão, tão, tão abaixo de tudo, que não vê salvação de nada. Entende? E não existe ação, que não tem força, que não tem vontade, tá tão aquilo ali, que não tem vontade. Algumas famílias que não veem nada, que não veem diferença, que não veem isso, também é uma luta. Assim, eu acho isso, de que a escola não faz a diferença, né? Tem isso também. Tem essa questão de como a sociedade vê a escola também. E a sociedade atual, eu não penso que ela veja a escola como salvadora, mas ela vê a escola como um lugar de jogar suas pressões, entende? [...]. Estudando, desde que ela nasceu foi como pra controlar realmente, né? Pra civilizar, pra educar, de um lugar de quem? De um lugar de quem tem o poder, é claro. Então, eu acho que tem várias coisas, sabe? Não é uma ideologia, tem a questão da família, tem a questão da sociedade como um todo, ahm tem o discurso, né? O discurso lindo que, ah, que a escola pode salvar. Que a escola é um espaço de aprendizado. Tu vê aquelas propagandas lindas na tv. Que bom que eles pensassem assim. Tem o dito e o não dito, né? O que eles pensam mesmo. O que se pensa, o que não se pensa. Tem a questão do próprio magistério, sabe? Ali. Que às vezes se põe numa posição meio de vítima da sociedade. Eu não acho que nós somos vítimas de nada. Ahm, porque assim, o que não pode se aceitar é o desrespeito, com certeza, mas o médico é desrespeitado, enfermeiro desrespeitado, professoras desrespeitadas, dono de casa desrespeitada, 'n' pessoas são desrespeitadas. Então, tem que trabalhar o respeito como um todo, né? Não no sentido categorizado, né, por classe profissional. Mas é muita coisa pra se pensar.

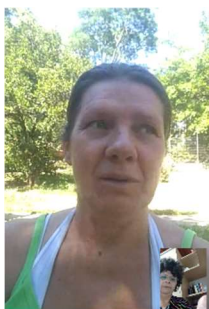
A fala de Cândida permite refletir sobre a categoria do magistério, sua organização e visão da sociedade sobre a escola. Em outro momento da tese a relação entre cidade e escola será discutida por todas as professoras, mas é importante destacar que este é um assunto potente e sempre em debate: há muitas perguntas e, ao que parece, as respostas devem ser construídas com cada comunidade escolar.

Eoní também traz mais questionamentos do que afirmações, e isso é muito importante para que possamos refletir sobre a educação e a ideia de escola. Ela começa perguntando:

Existe uma escola ideal? Olha, aqui no Brasil eu não sei se tem alguém preocupado com essa escola aí, ideal. Não, não estou assim, muito ao par disso, o que seria a escola ideal. Aquela que todo dia chega a hastear a bandeira, canta o hino e bate continência, faz oração e senta depois? Não sei. Ou aquela que leva o aluno a observar, tirar as suas conclusões, que vai pro campo, vai pra rua, caminha, observa, tem a liberdade de escrever o que pensa, desenha. Qual seria a escola ideal? No nosso meio é bem difícil, né? Acho assim que no nível das nossas escolas municipais de Portão, a SMEC¹³⁶, a Prefeitura quis manter assim com bastante eficácia, os índices, materiais, bandas, ginásio, essas coisas que ajudam bastante para que o aluno goste da sua escola. Mas o Estado já é aquele abandono, quase que fica tudo por conta da direção, professores, o CPM¹³⁷ que faz alguma coisa, né? E as escolas ficam muito longe do mínimo que se pensaria ter para um meio de educação mais ou menos satisfatório. É uma opinião de quem está de fora, né? Mas que também escuta muita coisa. E já viveu isso, né?

Leila lembra que algumas coisas podem ser trazidas para discutir sobre ideal: uma didática mais ativa; disponibilização de materiais para alunos; um número ‘x’ de alunos por sala de aula, para que os alunos sejam melhor atendidos. Contudo, ela mesma ratifica que estes cuidados acontecem no município de Portão. “Na escola pública estadual ainda é preciso avançar e não sei se o movimento não está sendo o contrário”.

Mariângela lembra do trabalho realizado na Escola Municipal Gonçalves Dias:



Nós tínhamos formas de trabalhar, essas eram ideais pra nós, dentro da nossa realidade e, às vezes, se diferenciava das outras. A gente tinha um destaque nesse sentido porque nós trabalhávamos com a comunidade. Então, pra mim, o ideal para uma escola, dentro da minha experiência, seria essa, né? Tu conseguir trabalhar, trazer a comunidade pra dentro da escola. E lá isso era marcante, a participação da comunidade, tanto que a gente ganhou, a gente foi finalista do Prêmio Nacional de Gestão Escolar, no ano de 2011, justamente nesse aspecto da participação da comunidade com a escola. E pra mim, o ideal é essa participação pra que a gente consiga aí alcançar os nossos objetivos.

Rosaura relembra momentos em que, ao olhar para o grupo de professores e professoras da escola onde atuava, tinha a sensação de que era um grupo ideal para aquela comunidade, naquele período. Então, para ela, depende muito da organização de cada grupo, do empenho, do envolvimento e do pertencimento à comunidade escolar.

Para Marisa não é possível pensar ainda numa escola ideal. “Eu acho que isso está em transformação. Acho que não é só investimento, o ideal depende de cada geração que vai acumulando os saberes de seus ancestrais e vai melhorando o que é pra ser melhorado naquele momento histórico, né?”

Adreane comenta sobre a formação, sobre os setores, a legislação, os programas que surgiram. Aparece em sua fala muito fortemente a questão da contrapartida da família. Para ela,

¹³⁶ Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

¹³⁷ Círculo de Pais e Mestres.

são muitos elementos que formam este todo da educação e é bastante complexo se tratar da idealização da escola.

Olha, nunca vai ter uma situação ideal, né? Ele é processo. E eu acho que uma idealização tem que ser pensada em curto, médio e longo prazo, numa situação mais estável. Eu vejo nesses trinta e dois anos que trabalhei, acredito que teve muito mais retrocesso do que avanço na questão pedagógica. Hoje eu faço essa leitura, ou seja, nós trocamos de métodos, processos, não didáticos, mas mesmo metodológicos que influenciaram grandemente nessa transição pedagógica, que não nos favoreceu. Em termos de Brasil eu não vejo como isso nos favoreceu, né? Primeiro porque nós somos uma geração que somos formados pra trabalhar com conteúdos. Nosso magistério, o curso de pedagogia, tô falando da minha geração, nós fomos formados pra trabalhar com conteúdos, nós somos conteudistas, trabalhamos numa relação de objetivos. O objetivo que determina a dimensão do conteúdo. Isso foi a nossa formação, né? – *e aí abre as mãos como forma de questionar*. Aí de uma hora pra outra a gente teve parâmetros curriculares, tá? Quem nos formou pra trabalhar com parâmetros curriculares? Ninguém. Aí então assim, ah, parâmetros curriculares nós vamos começar a pensar na questão das habilidades. Então, nós vamos trocar a questão da dimensão dos verbos e da dimensão dos objetivos pra dimensão das habilidades. Não concluímos esse processo até hoje. Tem professor que não entendeu isso ainda. Tem agência formadora de magistério trabalhando hoje ainda como questão conteudista. Porque trabalhar com questão conteudista é pra ensinar parâmetros curriculares de forma conteudista. E tu não desenvolve habilidade no teu ensino médio, mas tu quer que teu aluno ensine habilidade pros teus alunos, né? Então, acho que isso vemos, né? E agora, a Base Comum Nacional (Figura 15), então, a Base derrubou o resto, porque a Base pressupõe um professor que tenha uma formação tão qualificada a ponto de entender que ele dá a dimensão conforme o aluno vem, pensando nas competências. Essa que é a verdade. Então, numa turma de primeiro ano, por exemplo, tu tem aluno que veio de pré, hoje tu tem cem por cento de aluno que veio de pré e ele tá entrando na escola com quatro anos, então ele teve quatro e cinco anos na escola, tá? É impossível que ele não tenha interagido com nada de letras e números porque não sei então o que ele tava fazendo na escola né? Esse aluno que vem pro teu primeiro ano. Tu não tem mais repetente no primeiro ano. A minha primeira turma de primeiro ano tinha aluno que vinha de pré, aluno que vinha de casa e aluno repetente. Era no mínimo esses três tipos de aluno que eu tinha. Hoje não, sabe? Tu tem uma Base Comum que te dá exatamente a dimensão do que é a questão do letramento. Eu acho que teoricamente a gente evoluiu muito, só que o pedagógico não tá andando com este teórico, porque ninguém tá sabendo como é que faz. Tá? Então, a gente evoluiu a ponto de entender que, pera aí, tem momentos da intervenção pedagógica, eu digo assim, tudo que tu fundamenta como professor, tá? Se tu tiver conhecimento mais ou menos o suficiente, tu vai fazer bem feito. Se não, tu não vai conseguir fazer isso. [...] A Base Comum é perfeita, mas não tem como fazer, assim como nos Parâmetros Curriculares também não tinha. Mas no período conteudista tinha. [...] Então, se for pensar assim, se a gente tivesse qualquer possibilidade dessas de idealização, quem passou por todos esses processos é impossível que ela não tenha chegado ainda. Eu acho que a gente tropeçou no primeiro degrau, lá no primeiro degrau. Digamos assim, quando a gente entende o que que é ser construtivista. Ah, não tem como tu ser construtivista em sala de aula, se tu não é construtivista na tua vida. Ser construtivista é um estado de espírito. Ele é teórico, tem que entender toda a questão dos processos, ler os livros da Emilia Ferreiro¹³⁸, isto é teoria. Mas o que o construtivista é? Ele é aquele professor que ele não quer uma finalização, é um processo, ele vai tá sempre buscando mais, né?

¹³⁸ Emilia Beatriz María Ferreiro Schavi é uma psicóloga e pedagoga argentina, radicada no México, doutora pela Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget.

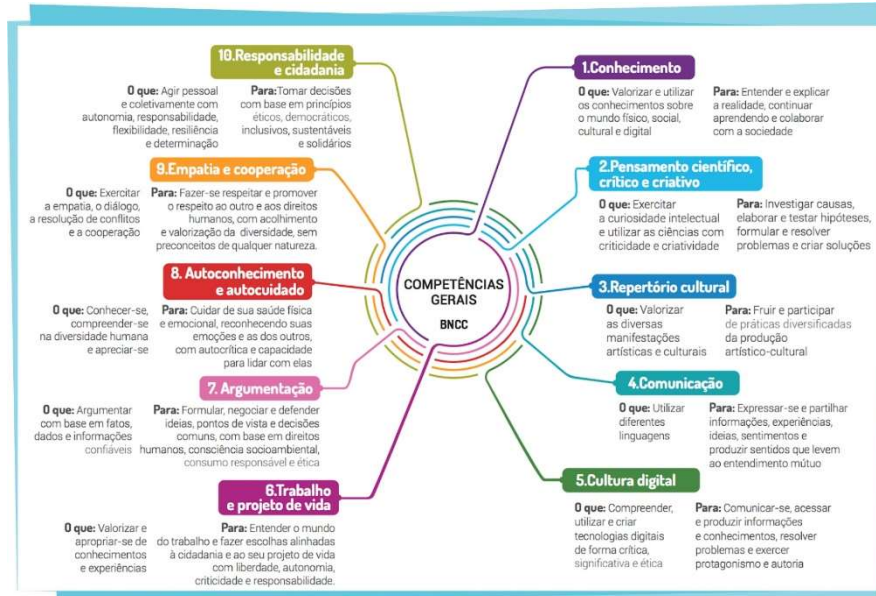


Figura 15: Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.
 Fonte: ZAIDAN, 2022.

A conversa se alonga e os questionamentos são muitos. A partir das falas que surgem nesta grande roda de conversa percebe-se que

A etnografia em colaboração consiste em uma prática que ultrapassa a escritura. [...] o espaço que ela abre ao processo de coteorização com os grupos que são estudados, proporcionando tanto aos nossos interlocutores quanto a nós próprios, novas ferramentas conceituais. Dito de outra maneira, a colaboração faz o espaço da pesquisa de campo ser entendido como lugar de produção de dados em espaço de coconceitualização, constringindo-nos a mudar a ênfase dada a escrita etnográfica em troca da reconceitualização da própria pesquisa de campo (MEJÍA, 2015, p. 99-100).

Seguiremos com nossas conversas, ouvindo, lendo e escrevendo sobre a biografia destas professoras aposentadas do município de Portão. Histórias que se cruzam, se movem, contornam e ocupam espaços nestas linhas e nos trajetos percorridos nesta cidade, de forma relevante, pois, como “*agentes culturais*, os professores são também, inevitavelmente, *agentes políticos*” (NÓVOA, 1999, p. 17, grifo do autor).



Maria Cândida Pereira Teixeira, 2021.

Um encontro é uma mescla, o efeito de um corpo sobre o outro (MEJÍA, 2015, p. 92-93).

3. BIOGRAFIA PROFISSIONAL: o trabalho na rede pública municipal de ensino em Portão/RS

Este capítulo apresenta o diálogo entre as professoras aposentadas do município de Portão sobre contratos, concursos e a ocupação em outros cargos na escola, além das memórias sobre os setores da escola por ângulos diversos. Ao falarmos em ângulos, incentivados pelos triângulos de Nóvoa (1999), propomos outras combinações conceituais, para além da educação, sobre cultura, poder, tecnologias de governo e pesquisa, entre outros.

Enquanto Eckert (2012, p. 90) buscou “entender a situação vivida pelos mineiros de carvão frente ao desaparecimento do seu mundo de referência – a mina”, tomando as devidas proporções, as parceiras desta pesquisa rememoraram um espaço que já não existe mais em seus cotidianos – a escola. De alguma forma estas buscas se aproximam: a ausência de um lugar em que possam realizar a prática de seu trabalho. De todo modo, estas professoras percorreram todo o trajeto da carreira profissional, coisa que não foi permitida a muitos dos mineiros franceses, parceiros de pesquisa de Eckert. Estas aproximações serão retomadas mais adiante.

Esta roda de conversa nos permite conhecer a carreira em educação de cada uma das parceiras de pesquisa, com os encontros e desencontros, as conquistas, os projetos de vida das pessoas que cruzaram o caminho destas mulheres, além de períodos distintos em educação. E isto, diante de cada comunidade escolar, é muito relevante, pois “a memória de seu grupo registra fielmente tudo o que se pode observar em fatos e gestos de cada um, porque eles reagem e influenciam toda essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la” (HALBWACHS, 2003, p. 100).

Assim, vamos conhecendo este espaço nos mais diferentes tempos, mas sempre guiados pelas narrativas e imagens apresentadas pelas professoras aposentadas desta cidade, aprofundando “laços entre história e memória” (CHARTIER, 2011, p. 122). Cada fala nos mostra um pouco de cada mulher e um tanto das vivências em educação, denotando algumas linhas de força em seus percursos profissionais. Momentos intensos, narrados com entusiasmo, apresentam a forma afetiva e o significado social encontrado no trabalho realizado.

Estas conversas com as professoras aposentadas trazem elementos que favorecem a narratividade; afinal, “A etnografia entendida como processo de escritura ativa a fabulação” (MEJÍA, 2015, p. 93). Esta foi uma das intenções nesta pesquisa: criar uma escrita potente, que possa fazer jus às rememorações das parceiras de pesquisa, pois “quando escreve, o etnógrafo usa palavras e elas constituem o seu material” (idem, ibidem). É neste desejo que continuo a manusear as palavras de forma que possam constituir uma melodia que presenteie as narradoras

da vida em educação e cada leitor que acompanhe esta roda de conversa. Esta busca também é processo de coprodução, numa rede colaborativa com as pessoas, as imagens e as narrativas surgidas destes encontros.

3.1 “Eu subi no fusca branco e fui conhecer a escola.”: a carreira na educação

No capítulo anterior conhecemos os primeiros passos das professoras em educação, a formação inicial e continuada, a primeira turma e algumas experiências. Agora, vamos adentrar em alguns episódios da carreira em educação que estas mulheres empreenderam. Lembrando que, conforme a legislação, mesmo com as reformas atuais, cada profissional em educação pode ter duas ou três aposentadorias (matrículas¹³⁹), podendo se aposentar no regime próprio de previdência e no regime geral, conforme consiga cumprir os requisitos em ambos os regimes. Assim, no decorrer das narrativas é possível observar que as professoras tratam de trabalho em dois ou mais lugares, sendo no poder público municipal e estadual, ou mesmo na rede privada de ensino. Porém, o foco nesta tese é a trajetória no ensino público municipal de Portão.

Adreane nos conta que recebeu o convite para trabalhar em uma escola da zona rural e que a Diretora de Ensino, na época, Rosina Strieder, levou-a até a escola. “Eu subi no fusca branco e fui conhecer a escola” – lembra. Mas, afinal, o que vem a ser uma carreira? E em educação?

O estudo sobre carreira foi abordado por muitos pesquisadores no século XX. No princípio a carreira era relacionada às estruturas organizacionais e às profissões. Mais tarde, foram observadas as questões socioeconômicas e seus contextos, além do aspecto comportamental do indivíduo, em constante transformação para atender as demandas oriundas da sociedade. O pesquisador americano Everett Hughes, depois de vários estudos, sugere que a carreira seja entendida, objetivamente, como a sequência de papéis, *status*¹⁴⁰ e cargos realizados pelo indivíduo na estrutura da sociedade e, subjetivamente, como “uma perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características, das ações e das coisas que lhe ocorrem” (HUGHES, 1937, p. 409-410).

Ao atentar para estas conceituações sobre carreira, que mais tarde foram recontextualizadas, nas aproximações, conflitos e movimentos desta dinâmica, o interacionismo está sempre presente. Os arranjos que se dão no campo do trabalho fazem parte de um “complexo jogo de negociação da realidade” (VELHO, 1986, p. 51), e nos permitem

¹³⁹ Até 3 matrículas de 20 horas de trabalho em cada uma, num máximo de 60 horas semanais.

¹⁴⁰ *Status* como posição de destaque.

lembrar dos escritos de Simmel (2006), pensando na sociedade como um todo, na mobilidade e no estático, na rítmica (MAFFESOLI, 2005) e na “polaridade entre a vida objetiva e a vida subjetiva” (ROCHA; ECKERT, 2009, p. 108).

Alguns pesquisadores, tanto da história quanto da sociologia da educação, apontam para o fato de que, com o projeto da modernidade, a própria organização da escola colaborou para a hierarquia das profissões (DÁVILA, 2006), além de acentuar as hierarquias sociais e políticas (ROSSI, 2003). Este fato não é o foco desta tese e merece maior aprofundamento de estudos e uma pesquisa específica, mas pode e deve ser observado através das narrativas sobre carreira profissional.

Mirando agora, especificamente, sobre a carreira em educação, no final do século passado, o pesquisador António Nóvoa apresentou um levantamento de dados e alguns percursos sobre a profissão professor, a forma como compreendia a carreira e o que vislumbrava para o futuro. Ele apresenta a história da profissão docente na Europa, com desafios e perspectivas, mas toca em questões que podem se observar em outros países, assim como no Brasil. O apanhado feito pelo autor mostra muitos questionamentos e algumas advertências sobre o papel do professor. Nóvoa afirma que:

No fundo, o que está em causa é a possibilidade de um *desenvolvimento profissional* (individual e colectivo), que cria as condições para que cada um defina os ritmos e os percursos da sua carreira e para que o *conjunto* dos professores projecte o futuro desta profissão, que parece reconquistar, neste final de século, novas energias e fontes de prestígio (1999, p.30).

Para Nóvoa (1999), de forma metafórica como em um jogo de *bridge*¹⁴¹, existem triângulos com diferentes formações que dão pistas do percurso em educação, de forma simplificada, apresentando dois vértices com “uma relação privilegiada” e o terceiro vértice sendo considerado o “lugar do morto”. Segundo o autor, o triângulo pedagógico é formado por professores, alunos e saber. O triângulo político apresenta os professores, o Estado e a comunidade. Enquanto isso, o triângulo do conhecimento é constituído pelo saber da pedagogia, o saber das disciplinas e o saber da experiência. Todos se movimentando ao mesmo tempo. O autor lembra que o professor está presente em todos eles, mas que nem sempre lhe é dado o direito de fala, sendo assim o vértice que traz o “lugar do morto”, como há no jogo por ele citado (NÓVOA, 1999, p. 7).

¹⁴¹ *Bridge* é um jogo de cartas em que o uso da mente e da comunicação é determinante para a vitória. Teve origem na Inglaterra no início do século XVI.

O que se pretende aqui não é criar quadros ou tabelas demonstrativas com dados que apresentem o que é a carreira em educação. Muito já se tem feito sobre estes pontos. Ao contrário, a intenção é, justamente, observar os detalhes, o que está por trás do regulamentado, ao qual todos nós temos acesso através da legislação e dos históricos de cada município. Estas informações estão disponíveis em inúmeros sites, museus e revistas *on-line*. Aqui, estamos dialogando com professoras que, agora aposentadas, têm a possibilidade de percorrer novamente suas trajetórias, guiadas por suas memórias, a fim de que possamos desfolhar suas vivências e compreender as narrativas de suas carreiras em educação como parte do legado da escola pública deste município. Lembrando que a memória está inserida em um campo de lutas e de relações de poder, o que configura um contínuo embate entre lembranças e esquecimentos (GEIGER, 2016).

3.1.1 Contratos e concursos: enfim, o trabalho!

O que um profissional mais deseja ao terminar sua formação? A maioria das respostas para esta pergunta certamente será em torno da palavra “trabalho”. Alguns profissionais conseguem emprego em suas áreas antes mesmo de estarem formados. Outros levam mais tempo até a realização deste feito.

O trabalho na esfera privada pode ser alcançado através de um bom currículo, além de referências de pessoas sobre confiança, competência e compromisso. Na esfera pública, atualmente, em se tratando de Brasil, a admissão no trabalho se dá através de concurso público¹⁴². Ainda há algumas entradas por meio dos chamados cargos em comissão, por indicação político partidária, mas que não oferecem nenhuma garantia de permanência a cada eleição que ocorre. Desse modo, desde 1988, o caminho para ingresso no serviço público é através de processo seletivo, mais conhecido como concurso. E isso não se refere apenas à área da educação, mas a todos os postos de trabalho. É importante lembrar que as questões sobre o concurso público tiveram vários momentos na história do Brasil e que, atualmente, este tema vem sendo debatido novamente pelo governo federal, que pretende retirar esta exigência, o que

¹⁴² Convém ressaltar que: com a Revolução Constitucionalista de 1932, Getúlio Vargas, que quando do Golpe do Estado Novo havia dissolvido o parlamento, convocou Assembleia Nacional Constituinte que votou e promulgou, em 1934, a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil que, em seu art. 170, 2º, na sequência transcrito, estabeleceu a utilização de mecanismo imparcial para o provimento de cargos públicos. Nascia neste momento o concurso público no ordenamento jurídico brasileiro: “2º, a primeira investidura nos postos de carreira das repartições administrativas, e nos demais que a lei determinar, effectuar-se-á depois de exame de sanidade e concurso de provas ou títulos.” Ver mais em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/868/O-concurso-publico-como-principio-constitucional-e-a-promocao-interna-para-cargos-organizados-em-carreira>>

não parece ser salutar ao Estado¹⁴³. As tecnologias de governo são meios utilizados para propor novos percursos, seja por programas, projetos, legislação, disponibilização de materiais, entre outros. Com as questões de poder, estas ações são realizadas com vários fins e nem sempre são tidas como garantidoras de direitos à população.

Prosseguindo, como a maioria¹⁴⁴ das professoras aposentadas desta pesquisa iniciou a docência em escola pública antes da Legislação¹⁴⁵ que exige o concurso público, as narrativas que nos trazem são sobre pessoas que as indicaram para o Prefeito Municipal e/ou o Secretário de Educação de determinados períodos. Algumas professoras foram nomeadas por concurso. De qualquer forma, a principal questão era trabalhar. “Ah, entrar em uma sala de aula que fosse minha! Era meu desejo” – afirma Leila.

Rosaura conta que seu primeiro emprego em Portão foi através de contrato. Ela foi convidada a visitar o então Prefeito, Euclides Xavier de Almeida. Ela e o esposo foram em sua casa, conversaram e ela foi encaminhada ao Secretário de Educação, Edmundo Strieder e à Diretora de Ensino, Rosina Strieder. Assim deu-se o contato para efetivação do contrato de trabalho como professora. Depois, com a chegada da obrigatoriedade da realização de concurso, ela narra:

Foi terrível, né? Porque eu lembro assim, na época, que foi pouco tempo, que nós tínhamos, assim, quando anunciaram, vocês têm que fazer o concurso. E aí, a gente se apavorou. Eu lembro também que a gente fez umas aulas ali na Escola 9 de Outubro, depois do horário de trabalho, promovido pelo sindicato¹⁴⁶. Nós tínhamos aquelas aulas lá pra nos ajudar na questão de legislação e teoria, não é verdade? Essas aulas foram ótimas assim, pra mim foi o que me salvou, né? Eu não passei muito bem não, mas eu lembro que nós tínhamos uma colega que não passou e realmente ela teve que sair do trabalho. Agora, nos afetou bastante. E aí, a partir disso, foi esse concurso que eu fiz e não fiz mais nenhum. Fiquei só com 20 horas no município mesmo.

Com a legislação, a partir da Constituinte de 1988, o concurso para o quadro de profissionais do serviço público que já estavam atuando foi uma novidade que veio carregada de incertezas. Para professores e professoras era uma prova escrita contendo questões de Português, Matemática, Legislação e conhecimentos gerais e, além disso, a prova de títulos que avaliava e pontuava conforme formação inicial e continuada, valorizando por carga horária dos cursos certificados. Aquelas professoras que já estavam trabalhando e reprovaram na prova escrita foram demitidas. Algumas delas tentaram, por meio jurídico, permanecer no ofício, mas

¹⁴³ Palavra que tem um peso ainda maior ao pensarmos nos estudos de Bourdieu (2014) e de Rancière (2020).

¹⁴⁴ As parceiras desta pesquisa pertencem a duas gerações.

¹⁴⁵ Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, o art. 37, II: a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração.

¹⁴⁶ SIMPRO – Sindicato Municipal de Professores de Portão.

não ganharam a causa. Outras novas professoras realizaram a prova e assim foram nomeadas. Não seria mais contrato, e sim nomeação. De lá para cá, muita coisa foi alterada, e, desde 2018, o município de Portão possui, inclusive, seu Sistema Municipal de Educação¹⁴⁷.

Adreane também foi convidada a trabalhar em uma escola pelos mesmos gestores da época de Rosaura. “A Rosina, Diretora de Ensino, apareceu lá em casa, num dia à tardinha. Eu lembro que ela disse, olha, eu tenho uma vaga pra ser professora, 20 horas, no Bom Jardim. Eu preciso que tu me responda amanhã”. Adreane contou que a professora Irene Mattge¹⁴⁸ atuava lá na localidade de Bom Jardim e tinha conseguido a transferência para a zona urbana. “Ela vinha pleiteando há muito tempo a vaga no centro porque naquela época eram poucas escolas, e as escolas maiores tinham uma, duas vagas em um ano”.

Esta escola em Bom Jardim era a Escola Municipal General Osório. Adreane recorda que não havia ônibus para ir à escola e que uma professora conhecida sua, Carmem Martins¹⁴⁹, trabalhava na Escola Municipal Gonçalves Dias e se deslocava de táxi. Ela entrou em contato e havia vaga no táxi e, desse modo, poderia confirmar o convite para trabalhar como professora.

Quando eu fui dar a resposta, a Rosina disse, eu vou te levar lá na escola e aí tu vê se tu vai se ambientar. E eu nunca me esqueço, parecia que não chegava nunca no Bom Jardim. Andava, andava, andava, até que daqui a pouco se via uma escolinha lá em cima. Aí, quando eu cheguei na escola, eu pensei, não vou desistir por este fator, isso eu nunca falei pra ela, mas uma hora eu vou falar pra Irene. Porque a alegria com que a Irene me recebeu pensando que a única maneira dela sair dali era eu assumir. Hoje eu acho graça daquela cena.

Adreane foi também contratada e depois fez o concurso no município. Ela também fez concurso para trabalhar como professora em escola pública estadual, lecionando na Escola Estadual Portão Velho e no Instituto Educacional Paulo Freire. Mais tarde, quando teve concurso para supervisão escolar, no regime de 40 horas, no município de Portão, ela fez o concurso e teve de se demitir da rede estadual. “Todas as escolas que eu passei como aluna, eu retornei como professora” – ela relembra com satisfação.

Eoní se recorda que, no quadro de carreira ela era nível dois¹⁵⁰ na escola estadual. Depois passou a existir uma lei que retirava a necessidade de concurso para quem já tinha mais de dez anos de trabalho. “Aqui no município também não fez concurso quem tinha mais de dez

¹⁴⁷ Ver mais em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/portao/lei-ordinaria/2018/272/2714/lei-ordinaria-n-2714-2018-cria-o-sistema-municipal-de-educacao-de-portao>>

¹⁴⁸ Professora das redes pública municipal e estadual, atualmente aposentada.

¹⁴⁹ Professora das redes pública municipal e estadual, atualmente aposentada.

¹⁵⁰ Nível 2 no Plano de Carreira, nos anos de 1960, era para professor que tinha formação de magistério.

anos de trabalho. Foi considerado cargo em extinção, e ficaram trabalhando até se aposentar pela CLT¹⁵¹, no INSS¹⁵²”. Leila conta:



Eu tinha um padrinho, José Dely de Freitas¹⁵³, que conseguiu um contrato de trabalho pra mim como professora no município. Ele conversou com o prefeito e resolveu tudo. Aí veio uma legislação específica e deu um impacto na vida da gente. A gente teve que se preparar pra fazer o concurso. Teve um curso e eu estudei muito. Estava nervosa com isso. Nossa, teve gente que rodou. Mas eu fui muito bem na prova. Este concurso foi importante pra eu ter tranquilidade e realizar o concurso da rede pública estadual depois. Com o tempo eu percebi que isso só me trouxe tranquilidade.

Preponderante aqui ressaltar que a parceira de pesquisa utiliza a palavra impacto para reafirmar o que a legislação provocou naquele momento e, ao mesmo tempo, sobre a forma como, mais tarde, produziu certa segurança para o desempenho da profissão. De forma parecida ao percurso inicial de Leila, Mariângela salienta que, assim que se formou no magistério, conseguiu um contrato e que, em seguida, veio o concurso.



Naquela época o Dolivar¹⁵⁴ era vereador, então ele conseguiu um contrato lá na Escola Municipal São Jorge, e eu tive uma segunda série, né? Que bons tempos! Acho que tinha umas 30 professoras aqui no município. Que maravilha! Tenho guardado meu segundo contracheque porque foi muita emoção ter meu próprio dinheiro. Salário não era tão bom, acho que era a metade do que é agora. Mas, como era bom trabalhar naquele período. Pro concurso eu me lembro que eu me preparei. Acho que foi a Marlene¹⁵⁵ do sindicato que proporcionou momentos de estudo para nós. A Maria Eliane¹⁵⁶ deu aula de matemática, isso eu lembro bem. Não era um grupo muito grande de professoras de Portão. Era bem legal, assim, a gente estudava junto, eu me lembro que eu fui lá na casa da Adriane¹⁵⁷. Mas no segundo concurso eu me preparei um pouquinho mais. Daí eu fiquei em segundo, porque eu queria logo ser chamada. Que eu tava desdobrando já há mais tempo.

É importante retomar a presença do sindicato nas falas das professoras. Muitas delas contam fatos de que obtiveram esclarecimentos e apoio desta representatividade da classe do magistério. Segundo elas, o Sindicato Municipal de Professores de Portão teve importância na elaboração do Plano de Carreira do Magistério, além das conquistas de Plano de Saúde e diálogo

¹⁵¹ A Consolidação das Leis do Trabalho, popularmente chamada de CLT, regulamenta as relações trabalhistas, tanto do trabalho urbano quanto do rural, de relações individuais ou coletivas.

¹⁵² INSS é a sigla para Instituto Nacional do Seguro Social, órgão público responsável pelo pagamento da aposentadoria e outros benefícios aos trabalhadores brasileiros e demais segurados.

¹⁵³ Vereador do município de Portão nas décadas de 1970-1980.

¹⁵⁴ Dolivar Knipoff da Cruz foi professor, diretor da Escola Estadual Portão Velho e vereador do município de Portão nas décadas de 1970-1980.

¹⁵⁵ Marlene Luiza Corrêa era professora municipal e estadual. Foi fundadora do Sindicato dos Professores Municipais de Portão, atualmente aposentada.

¹⁵⁶ Maria Eliane Jung era professora de matemática na rede pública estadual, atualmente aposentada.

¹⁵⁷ Adriane Julles Knipoff da Cruz era professora municipal, hoje fotógrafa renomada, seguindo a tradição da família Cruz.

com executivo sobre reposição salarial, organização das horas de planejamento e outros benefícios.

A maioria das parceiras desta pesquisa teve primeiramente contrato, intermediado por algum agente municipal ligado à educação ou à política. Marisa e Cândida tiveram contrato pelo PRADEM¹⁵⁸ e, na sequência, fizeram o concurso para a rede pública municipal.

“Houve um anúncio, me inscrevi e fui chamada para contrato pelo Pradem. Trabalhei com 3ª série na Escola Estadual Portão Velho” – lembra Marisa. No ano seguinte ela recebeu uma turma de 1ª série e detalha que seu maior desafio foi com a sua própria letra. “Desde o normal, sempre ouvia da Carmen Schmidt¹⁵⁹ que para dar aula pra 1ª série eu teria que cuidar mais meu traçado da letra. Até houve um mal-entendido com a mãe de uma aluna por causa da minha letra. Depois tudo se acertou”. Em 1990 Marisa foi chamada para nomeação do concurso que havia feito em 1988. “Fui trabalhar na Escola João Scherer, escola rural multisseriada. Foi uma linda experiência”.

Cândida também foi contratada pelo Pradem para trabalhar na Escola Estadual Portão Velho e, depois, na Escola Estadual 9 de Outubro. “Naquele tempo o contrato para escola municipal era por indicação, e eu não consegui”. Das sete aposentadas, apenas Eoní e Cândida iniciaram na rede pública municipal diretamente por meio de concurso. Cândida conta:

Quando eu fiz o concurso no município de Portão, eu não fui nomeada no primeiro ano, eu acho que eu fiquei em vigésimo primeiro lugar, mas naquela época eram muito poucas as nomeações, né? Eram poucas pessoas sendo nomeadas, esperei bastante tempo, e eu tinha muito medo de pegar a primeira série, né? Eu fui nomeada e trabalhei dois anos com 3ª série na Mauá¹⁶⁰.

A professora Cândida relembra que ficou animada com a possibilidade de nomeação e fez vários concursos nas cidades próximas, como São Leopoldo e São Sebastião do Caí. Ela foi aprovada em todos, mas não assumiu em função dos horários e deslocamentos que teria de fazer, já que trabalhava em Portão e não tinha carro na época. Ela destaca que o processo seletivo foi um ganho para o magistério. “Enfim, o professor faz o concurso e daí assume o seu espaço”.

¹⁵⁸ O PRADEM é um convênio firmado entre Estado e municípios, em que a prefeitura cede professores e servidores para atuarem nas escolas de ensino fundamental da rede estadual, na impossibilidade de poderem convocar, contratar ou nomear os servidores. Além do prefeito, podem assinar o convênio o vice-prefeito em exercício, com cópia da ata de transmissão de cargo, ou secretário municipal com delegação de competência publicada mediante portaria.

Ver mais em: <<https://educacao.rs.gov.br/secretaria-da-educacao-realiza-assinatura-do-pradem-com-os-municipios>>

¹⁵⁹ Professora renomada do Instituto Educacional Paulo Freire, em São Sebastião do Caí.

¹⁶⁰ Escola Municipal Visconde de Mauá.

Eoní guarda com carinho a Carta de Apresentação (Figura 16), emitida pela Secretaria de Educação e Cultura, que ela apresentou na Escola Municipal Antônio José de Fraga, onde assumiu como professora concursada. “Fiquei feliz com a 29ª colocação, eram muitas vagas e eu consegui”.

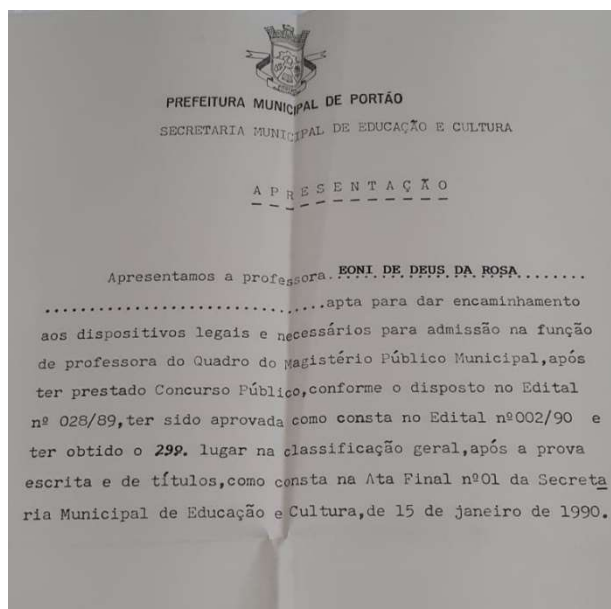


Figura 16: Carta de Apresentação de professora nomeada.
Fonte: acervo de Eoní, 1990.

Pode-se pensar nas dificuldades que as professoras que já estavam lecionando tiveram ao enfrentar o processo seletivo para manter o emprego, mas não se pode negar o fato de a estabilidade no emprego ser algo relevante, que possibilitou maior tranquilidade para realização do trabalho. Este fato foi levantado por todas as aposentadas, parceiras desta investigação, de que o concurso veio para que as profissionais pudessem trabalhar pensando em continuidade, realizando formações e projetando futuras ações.

3.1.2 O que amam lembrar: da sala de aula e sobre ensinar

Os encontros que realizamos ao longo de alguns meses foram interessantes, com risadas ao relembrar de acontecimentos engraçados, alguns suspiros ao recordar os momentos tristes, mas todos guardados com muito carinho por estas professoras. Aqui, as memórias de uma conduzem às falas de outra, juntamente com as lembranças da pesquisadora.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Ao pensar nas turmas com as quais trabalhou, Rosaura recorda que o que mais amava era estar junto daquelas crianças. “Eu me realizava com eles, e em pensar que eu estava ensinando, né? É a responsabilidade da gente de estar ensinando, que eles iam aprender a ler”. Ela foi professora alfabetizadora na maior parte do tempo e, em sua fala, demonstra a preocupação sobre o ensinar e a responsabilidade que tinha diante de cada turma. “Amava eles. Então, dentro do que eu tinha, eu fazia assim, sempre, o meu melhor”.

Ela lembra que gostava de planejar e que se sentia realizada fazendo aquilo. “Eu lembro que eu gostava quando estava ensinando a aquisição fonética, de trabalhar o sonzinho das letras, as sílabas, associar com coisas que a gente ouvia”. Rosaura expressa um brilho no olhar quando recorda estes momentos. Demonstra paixão pela alfabetização. Também fala de atividades que envolvem a leitura, de que gostava de criar formas diferentes de ler, como jogral, em que cada grupo da turma lia uma parte do texto, por exemplo. “Cada vez uma dinâmica diferente. Bate uma palma pro outro ler, faz um gesto, cria um som, ou de forma livre. Era o que eu mais gostava. Saudades”.

Em sala de aula, Eoní gostava muito da interação com os alunos:



Eu amava o bate-papo, de ouvir o que eles contavam, de seus acertos, de seus erros, de seu modo de viver, como era a vida em casa, suas dificuldades e alegrias. Enfim, eu apreciava ouvir os alunos falarem sobre seus sonhos e suas experiências, sobre o que gostariam de fazer no futuro. Essas conversas que eu fazia com os pequenos também eram muito gostosas com o grupo de alunos adultos do EJA¹⁶¹. Era bom porque eu ensinava e aprendia. Me senti realizada como professora em sala de aula e, também, trabalhando na biblioteca. O mundo dos livros e a leitura até hoje me fascinam.

Adreane apreciava o uso de aparelhos de audiovisual e som, como televisão, aparelho de som, gravador. Ela diz que sempre tinha muitos cartazes, por todas as paredes da sala de aula. E então, dá detalhes sobre alguns momentos:

Alfabeto eu tinha vários. Eu acho que o que eu mais gostava de ensinar era o processo de letramento e, também, a roda de história, né? Na roda de história a gente levava o livro e sorteava dois por dia pra ler. Porque daí aquele que sabe que vai ler, ele vai preparar melhor a sua história [...] E o outro, sorteio na hora porque todo mundo se prepara. A gente mudou essa dinâmica por ideia de um aluno. Eu também era sorteada e lia. A seleção pra eles era com livrinhos menores. E a minha história era maior. Então, era um horário muito aguardado. E a outra questão também que eu gostava muito era de Educação Física em dia de chuva. Eu tinha um repertório de atividades que eu fazia, em sala de aula, a gente mexia nas cadeiras, nas mesas. Mas era uma coisa que nunca foi sofrida. Não, hoje tá chovendo, a gente tem educação física, né? Aí tinha dias assim, que tinha sol, eles diziam assim, ‘ai, tá tão quente, quem sabe a gente faz na sala?’ Era uma coisa que raramente tu vai ouvir de uma criança. A gente tem que fazer tudo parecer prazeroso.

¹⁶¹ Educação de Jovens e Adultos.

Ao construir atividades com os alunos, Adreane possibilitava que as crianças descobrissem as formas de aprender a que mais se adequavam. “Cada um aprende de uma forma e a gente precisa oferecer oportunidades para que eles se encontrem no aprendizado” – reforça ela. Esta fala de Adreane nos remete a afirmação de Kohan (2013, p. 87) de que “o professor interessante, o que faz escola, não é o que transmite o seu saber, mas o que gera desejo de saber, o que inspira em outros o desejo de saber”.

Quando Leila trabalhava, gostava muito de olhar aqueles rostinhos ansiosos por aprender, de trocar a disposição dos móveis na sala, dos cartazes, dos livros, dos enfeites que colocava, do ambiente com eles, da troca e da conversa.

Gostava muito de ensinar matemática. Às vezes tinha que me policiar para não dar mais importância a essa disciplina do que às outras. Gostava muito de usar material diferente, de fazer desenhos, tudo referente à matemática e acho que o material concreto era essencial para eles aprenderem, principalmente o material dourado. Gostava também de contar história e de ensinar geografia e história.

Mariângela destaca:

Eu amo lembrar da sala com os dois quadros, um de cada lado, daquele movimento que eu precisava fazer para atender todas as turmas. Também dos jogos de futebol na hora do recreio. Das festas que a gente organizava, juntos. Eu gostava muito de dar aula de educação física, né? E na Cachoeira eu encontrei alunos que se saíam muito bem nisso: correr, saltar, jogar futebol. Para a grande maioria deles isso era uma paixão. Isso foi um dos fatores que fez com que a gente tivesse logo muita empatia.

A professora Marisa apreciava fazer uma roda de alunos sentados no chão e conversar com eles, na chamada hora da novidade. “Sempre fazendo uma reflexão inicial na aula para entender como o aluno estava chegando naquele dia, né?” As memórias de Marisa sobre as atividades realizadas em aula trazem momentos de descontração, de leveza e de arte.



Gostava de fazer brincadeiras com eles. A melhor de todas era aquela que tu se escondia na rua e a gente deixava algo em cada canto da sala pra eles adivinharem ou darem pra alguém, aquilo sempre foi muito engraçado. A minha aula tinha que ser uma aula divertida assim, que fosse uma manhã ou uma tarde boa pras crianças. Eu ainda carrego até hoje comigo como é que eu me sinto no lugar do outro. Isso por causa das coisas que eu te contei lá da minha infância, eu sempre me coloquei e me coloco até hoje no lugar do outro. Às vezes eu peço por isso. Às vezes é bom ter um pouco de autoridade, de disciplina, mas não pra constranger o outro. Eu também gostava muito da hora da leitura, sabe? De uma vez por semana, a gente fazer a leitura, um contando história pro outro, sabe? Ahm, e, também, de ter os cadernos bonitos, né? Apesar da minha letra não ser muito bonita, mas eu incentivava pra que eles escrevessem com cuidado, eu gostava de lançar desafio pra eles. Eu incentivava a aprenderem a elaborar alguns conceitos por conta própria. Na verdade, eu gostava da rotina da escola, da conversa de chegada, da hora da novidade, a hora dos conteúdos, a hora da merenda, dividir a merenda, brincar no recreio. Também gostava muito de conhecer as famílias dos alunos. O que eu mais gostava de lecionar era a questão das artes. Isso sempre teve em mim. Desde pequenininha, eu sempre desenhiei. E daí,

sempre que tinha capacitação nessa área, eu ia fazer. Então, eu sempre estimulei muito a expressão oral. Também visual e todas as formas de expressão, com muita dramatização, exploração de materiais e no final agora, antes do trabalho no meio ambiente¹⁶², com a questão do digital, né? Então, vieram os laboratórios para as escolas e eu me aprofundei ali, no computador, né? Dava pra fazer N coisas: imagens, sons, tudo que era possível, né? Eu sempre aproveitei as oportunidades e as novidades, sabe? Nunca quis parar no tempo de só o quadro, o giz e eu. Muitas atividades no Franke¹⁶³: a gente fazia mural, muita imagem, muito colorido, muita expressão, música, isso que eu mais gosto. Se eu pudesse ainda trabalhar com isso, eu queria trabalhar.

A narrativa sobre disciplina trazida por Marisa se apresenta no sentido da desconstrução da ideia de aprisionamento do corpo (FOUCAULT, 2014), que pensa, fala e se movimenta ao aprender de forma liberta. Que tenta encontrar uma saída para desbravar outras formas de expandir-se, numa tentativa de escapar do regramento, mesmo estando dentro de um sistema de disciplinamento, a escola.

Cândida lembra que gostava de muita coisa na sala de aula, como o momento da leitura, a questão lúdica de ouvir e contar histórias. Ela apreciava ler para as crianças e ver o olhinho delas brilhando. “O lúdico da poesia, a conversa sobre ela, a brincadeira com o som do corpo, os jogos. Então, isso, eu sempre gostei muito. E independente da disciplina, né?” Ela se empolga ao relembrar alguns momentos em sala de aula:



Eu gostava de criar jogos, de jogar com eles, de criar brincadeiras com eles. Do e no jogo, da poesia, de criar versos com eles e incentivar pra criarem. Eu acho que isso era o que eu mais gostava de fazer. Gostei muito também da questão da matemática, porque no magistério eu gostava muito da professora de matemática e acredito que ela trabalhou bem com a gente a construção do número. Sem trabalhar os teóricos, mas trabalhou isso. Então, eu gostava de trabalhar com os alunos, de usar materiais que existiam pra isso, de ter uma sistemática de trabalho pra que essa construção de número se desse. Gostava tanto de matemática que comecei o curso de matemática na Unisinos e, depois, mudei pra pedagogia, né, porque eu vi que era muito pesado, assim, eu trabalhava dois turnos, eu não ia dar conta disso porque eu precisava de mais tempo pra estudar. Então, eu resolvi fazer pedagogia porque, na verdade, eu sempre gostei muito de ser professora de criança pequena, né? Eu já tinha trabalhado com adolescente, me dava bem com adolescente, mas o meu objetivo era trabalhar com os pequenos. E, realmente, foi uma ótima escolha, tem muito mais a ver comigo.

Com estas lembranças das experiências pedagógicas destas mulheres, pode-se pensar no espaço da sala de aula como lugar de trocas e de aprendizado, de conhecimento e de afetividade. Da construção da criança como “ser aluno” e da mulher como “ser professora”. Estas vivências remontam espaços e tempos, são marcos constitutivos tanto das professoras quanto dos alunos e da comunidade, são os triângulos citados por Nóvoa (1999), em movimento – uma sincronia em que a matéria vai criando formas, a arte vai se desvelando,

¹⁶² Como educadora ambiental, na coordenação do Coletivo Educador Ambiental do município.

¹⁶³ Escola Municipal Carlos Oswin Franke.

arqueologicamente, camada por camada. É possível afirmar que a escola se constitui para além do que se vê. Esta relação, lembrando Simmel (2006), Velho (1986) e Goffman (1987), é constituída na reciprocidade. O tempo aponta, delicadamente, alguns elementos que, no ato de lecionar, não se mostram tão claramente. São momentos experienciados que vão se sobrepor e mostrar vestígios que ora podemos mirar, mas nunca aprisionar.

3.1.3 A ocupação de cargos e setores na escola: por outros ângulos

A grande maioria das professoras aposentadas que participa desta pesquisa passou por outros cargos na escola, além do trabalho em docência na sala de aula. O que isso nos mostra? Que a educação tem um campo de possibilidades e que, conforme as oportunidades surgem, ocorrem pontos de virada em suas carreiras. É importante atentar para algumas recusas às oportunidades e seus motivos para que se possa compreender que estas também fazem parte dos arranjos nos espaços escolares, quer sejam pedagógicos ou administrativos.

Eoní conta que, depois que se aposentou na rede pública estadual, fez concurso para trabalhar na rede municipal. Ela foi aprovada e trabalhou com terceira série por alguns anos na Escola Municipal Antônio José de Fraga. Mais tarde ela foi convidada para lecionar na alfabetização de adultos, no noturno. “Trabalhei na EJA até que levaram as turmas para a Escola Franke, mas daí eu não quis ir trabalhar no Parque Neto¹⁶⁴, preferi ficar lá no Fraga, onde fiquei responsável pela biblioteca da escola”. Ela conta que decidiu fazer mais um concurso, para retornar à rede estadual. Assim, em nova nomeação na Escola Estadual Pedro Schuler, trabalhou com as disciplinas de História e Educação Moral e Cívica¹⁶⁵ nas turmas de quinta a oitava série, assumindo as turmas do professor Edgar Strieder¹⁶⁶, pois este teve de fazer uma cirurgia de emergência. “Foi um enorme desafio. Naquela época a DE me autorizou a trabalhar sem a formação específica porque não tinha professor pra vir”. Eoní pondera que trabalhou em apenas três escolas, mas que passou por turmas diferentes e com atividades diversas. Ela se recorda de que havia movimentação entre as professoras a cada final de ano letivo. “Olha, em certa época até os alunos já sabiam quem era da turma A, já ia direto pra professora ‘x’. Aí depois um tempo foi feito um rodízio das professoras”. Ela relembra que havia certa revolta por parte das professoras que não gostavam de trocar de turma. Quando foi nomeado professor específico

¹⁶⁴ Bairro localizado na zona urbana de Portão, próximo ao centro da cidade.

¹⁶⁵ Disciplina que, de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornou-se obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969 (no período da ditadura), sendo extinta do currículo em 1993 por Decreto do então Presidente Itamar Franco.

¹⁶⁶ Professor das redes pública estadual e municipal.

para as disciplinas que Eoní estava trabalhando provisoriamente, ela foi convidada para ser professora na sala de informática, e atender os pais na secretaria também. “Eu tive de me atualizar mais uma vez. Cada novo convite, novo desafio, mas eu gostava de assumir estas responsabilidades”.

Leila trabalhou dois anos como diretora, mas não gostou da experiência e pediu para sair. “Prefiro mesmo a sala de aula”. Sobre as transferências Leila sinaliza que elas foram ocorrendo conforme surgia a oportunidade. “Uma vez eu pedi transferência de escola e não consegui, depois não pedi mais. Só de turma”.

Cândida trabalhou oito anos na orientação escolar na Escola Estadual Portão Velho. Ela fez especialização em gestão, supervisão e orientação na Unisinos. “Uma vantagem que eu tinha era de experimentar isso, né? Foi uma experiência maravilhosa. Só que no estado eu perco muito financeiramente com isso porque perdia o valor da unidocência¹⁶⁷”. Ela salienta que tomou esta decisão, mesmo perdendo em valores financeiros, pois era importante ter um dia livre na semana porque seus pais estavam envelhecendo, e ela precisava ter disponibilidade de tempo para levá-los ao médico e dedicar alguns cuidados a eles. “No município não assumi nenhum cargo deste tipo até porque se exige concurso específico pra orientação e supervisão. E nunca tive vontade também. Eu sempre quis estar em sala de aula”.

Adreane relembra que, desde que iniciou sua carreira no município de Portão, teve cargo de direção. Primeiro na escola rural multisseriada de Bom Jardim. Depois na nova escola da Vila Aparecida, onde dava aula para uma turma de 1ª série, juntamente com o cargo de direção. Quando o número de alunos aumentou ela trabalhou na direção apenas, devido à demanda. Neste período, ela também trabalhava na Escola Estadual Portão Velho, estando 20 horas em cada escola. Também trabalhou na Escola Edmundo Kern e, mais tarde, na Escola Paulo Freire.

Eu saí da Aparecida pra assumir a supervisão da Secretaria de Educação. Lá eu tinha necessidade de que a supervisão fosse de 40 horas, realmente. Então, eu tinha um contrato de cedência do estado. Eu tinha feito um concurso na área 3 do estado. Mais tarde, eu me recordo que o Governador era o Brito¹⁶⁸ e ele lançou o pedido de demissão voluntária do Estado. Então eu saí. Mas voltando, quando eu estava trabalhando como supervisora na SEMEC¹⁶⁹, o Secretário Edmundo¹⁷⁰ foi exonerado, por uma discussão bem política, essa foi a verdade, foi uma desavença partidária que

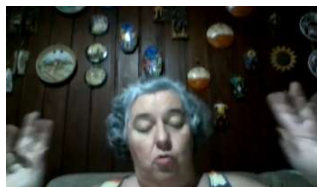
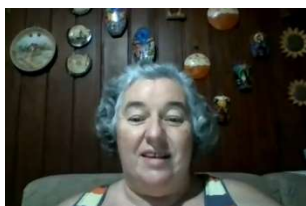
¹⁶⁷ É uma gratificação salarial ao professor que possui regência de classe. Mesmo a Lei Nº 15.451, de 17 de fevereiro de 2020, que altera a Lei nº 6.672, de 22 de abril de 1974, que instituiu o Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul, mantém o abono, conforme Artigo 3, parágrafo IV - a gratificação pelo exercício em regência de classes unidocentes do currículo por atividades de que trata o art. 4.º da Lei n.º 8.747, de 21 de novembro de 1988.

Ver mais em: <<https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos//lei-15451.pdf>>

¹⁶⁸ Governador do estado do Rio Grande do Sul, Antônio Brito.

¹⁶⁹ Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com nova denominação a partir de SMEC.

¹⁷⁰ Edmundo Strieder.



deu. E o seu Edmundo foi exonerado. Nós ficamos na Secretaria de Educação, acho que quase dois meses sem secretário. O nosso contato junto do corpo técnico, da secretaria acho que como supervisores, enquanto diretora de ensino era com o secretário de administração. Mas nem lembro o nome dele, até porque eu me reportava muito pouco a ele. Porque eu estava supervisora e quem se reportava mais, então, era quem tava na direção de ensino ou o pessoal do transporte. E nós tocávamos a secretaria, sem secretário. A gente nem sabia o que tinha que fazer. Daí pra minha surpresa, um dia eu cheguei pra trabalhar e a minha colega, que era a Simone, me deu um recado: “o prefeito quer falar contigo”. Aí eu fui, eu me recordo que eu cheguei no gabinete do Beto¹⁷¹ e ele disse assim, “senta aqui guria”. Eu conhecia ele porque eu trabalhei com a Dalva Solange Brochier¹⁷² na Edmundo Kern e ela era, na época, companheira dele. [...] ele então me perguntou: “como é que tá a secretaria?” Então eu disse que a gente tava sem pai lá – *e dá uma risada*. O nosso trabalho a gente continua fazendo, mas a gente via que tava se aproximando o início do ano letivo, retorno de férias de inverno, não me recordo bem, e eu disse assim ó, tem muitas coisas pra encaminhar e não temos um secretário nosso. E daí ele disse “eu quero que tu assuma a secretaria”. Eu perguntei: até o secretário vir? “Não, eu quero que tu seja a secretária”. Aí eu disse pra ele: Como é que tu chegou no meu nome, por quê? Aí ele disse assim, “não, a secretaria da educação é da minha alçada”, que era do domínio do prefeito indicar, não é o partido, né? Então, não tinha indicação de coligação, ele era coligado com outro partido que tinha outra secretaria. Ele disse assim, “é uma opção minha, tá?” Aí eu falei pra ele, eu nunca fugi de desafio, não é essa a questão. Mas tem uma questão, né, Beto. Não sou partidária. Ele afirmou “eu tenho uma estima por ti”. Então, até hoje eu nunca assinei ficha em partido nenhum. Aí ele comentou “mas por que tu não assina ficha em partido?” Não, partido pra mim tem que ser coisa séria. Eu disse assim, vou te dar um exemplo, essa coligação que vocês têm aqui, uma coligação que ideologicamente não teria nunca uma cor perfeita, né? Até hoje eu não consigo acreditar que o meu país teve um Presidente do PT¹⁷³ e um Vice do PMDB¹⁷⁴. Essa questão ideológica, se for pensar a ideologia de um partido e de outro, [...] daí eles se coligam pra ganhar, um exemplo no poder máximo, mas que acontece nos municípios. Então, pra mim, isso não é sério e isso eu não compartilho enquanto continuar assim. Então ele falou “não, eu nunca vou pedir pra tu assinar com meu partido e as questões políticas não nos interessa, né?” Aí eu disse, nessa condição, tudo bem. Foi assim que eu assumi a secretaria. Quando eu saí do gabinete dele, não pedi tempo pra pensar, assumi no susto, sabe? Até porque também a gente tava numa situação muito frágil. Daí eu cheguei de volta e disse que a gente tinha uma nova secretária. E elas queriam saber quem era, então eu disse ‘prazer sou eu’. Então todo mundo ficou contente porque ninguém queria que viesse alguém de fora e assumisse a secretaria. Eu sempre dizia, né? Puxa vida, porque pegam alguém do Estado pra colocar na secretaria de educação do município, parece que não tem ninguém na rede municipal, tem tanta gente boa. E eu trabalhei ali nos dois anos na gestão do Beto, que depois trocou.

Neste período, Adreane não sabia, mas este movimento rápido entre convite e aceite seria um ponto de virada em sua carreira. Entre idas e vindas, a professora foi Secretária de Educação do município de Portão por 14 anos. Iniciou comandando uma equipe que organizava o trabalho de cerca de 40 professores. Com as transformações ocorridas na cidade, que provocaram crescimento demográfico e, conseqüentemente, demanda por escolas, quando

¹⁷¹ Carlos Roberto Ruthner, conhecido popularmente como Beto, foi prefeito municipal de Portão de 1997 a 2000. Antes disso, foi vice-prefeito de 1983 até 1996, com alianças com diferentes partidos políticos.

¹⁷² Professora estadual e municipal, que neste período estava na direção da Escola Edmundo Kern.

¹⁷³ Partido dos Trabalhadores.

¹⁷⁴ Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

deixou a secretaria municipal (2016), o grupo de professores já estava com mais de 300 profissionais.

Nota-se muito fortemente na narrativa de Adreane a presença das questões partidárias e a forma como esta engrenagem funcionava – que é como funciona até os dias de hoje. As relações de poder (FOUCAULT, 2013) dimensionam e redimensionam os espaços, num jogo de escalas, em que as escolhas de quem está no topo alteram e impactam o trabalho de quem está no “chão de escola”, lecionando diretamente com os alunos. Ela conta que até 1991 os secretários municipais de educação eram professores da rede estadual e que, pela primeira vez, uma professora da rede pública municipal foi designada para comandar a pasta.

Uma questão que Adreane aponta é o fato de ela ser, em 1991, a única mulher a comandar uma secretaria. “Nas reuniões dos secretários com o prefeito, no início, todos me olhavam de um modo estranho. Primeiramente, eu ouvia o que eles tinham a dizer e, depois, eu colocava tudo que precisava, sempre com muitos argumentos. E conseguia aprovação do prefeito”. Ela lembra que foi um caminho delicado e cada conquista era comemorada na secretaria. “Aprendemos juntos, eu e minha equipe”.

O fato de Adreane ser a única secretária do governo municipal é um indicativo da falta de representatividade da mulher nos cargos de primeiro escalão da governança pública, seja em nível federal, estadual ou municipal. Para exemplificar a caminhada dos direitos das mulheres no Brasil, a participação na política através do voto foi alcançada pelo Decreto nº 21.076, de 24.02.1932, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas, ou seja, dentro da história do país, um fato que demorou a ser retificado pela legislação. Atualmente, depois de debates no Legislativo Federal, há leis¹⁷⁵ que indicam cotas de mulheres candidatas para cada partido político, por exemplo. Em relação ao Poder Judiciário temos algumas juízas, especialmente no Supremo Tribunal Federal, mas ainda em número pequeno. Quanto ao Poder Executivo, depende do ‘interesse’ político de cada gestor. Isso sem falar na ocupação das mulheres em cargos de chefia em empresas privadas, que está sempre em desigualdade de espaço e salário em nosso país. Há um longo caminho a ser percorrido para a ocupação e valorização da mulher no trabalho.

¹⁷⁵ Sobre a participação das mulheres na política brasileira, ler mais em:
<<http://www.mpf.mp.br/pr/sala-de-imprensa/docs/participacao-feminina-na-politica-1.pdf>>

É preciso ressaltar que CCs¹⁷⁶ e nomeados que recebiam FG¹⁷⁷, pelo fato de assumirem cargos superiores na administração, não tinham garantia alguma de permanecerem em seus cargos a cada eleição municipal. Assim, muitos projetos elaborados não saíam do papel em função de constantes trocas nos setores.



Quando trocou a administração, aí foi outra coisa muito curiosa, né? Porque daí em final de outubro a gente sabia que não iria continuar, né? Foi logo nos dito, né? O Homero¹⁷⁸ assumiu, né? Foi logo um dos primeiros momentos que o senhor Dary¹⁷⁹ anunciou. Daí o Homero conversou com a gente e disse que a gente não continuaria. E em novembro, antes de terminar o ano letivo, eu tive convite pra ser diretora da APAE. Aí eu pedi um tempo pra pensar. Bah gente aquilo é um outro mundo pra mim. E eu nunca atuei na educação especial, eu nunca atuei na área da clínica. Numa situação assim, mas também muitas as coincidências, né? Eu tava terminando uma pós em psicopedagogia clínica. Já sabia que ia ter que fazer um estágio e tudo mais daí em dezembro, o presidente era o Any¹⁸⁰, e eu disse então, eu vou. E uma das mágoas que eu digo assim, que quando eu fui pra APAE, tinha um projeto, no mínimo, de quatro anos, dentro da APAE. O meu desejo, fiz um diagnóstico, né, nos primeiros quinze, vinte dias, assim, da gente saber o diagnóstico muito bom dentro da APAE. Então, a gente fez um projeto que seria pra quatro anos. Aí, é uma das insatisfações que eu tenho na minha carreira, no final do segundo ano, foram retirados os cedidos de dentro da APAE, todos, né? Eu, que era diretora, Anacleia¹⁸¹, que era psicopedagoga, a Isabel¹⁸² era pedagoga, o Sérgio¹⁸³ era motorista e nós fomos todos retirados, né? Aí ficou pela metade um projeto que eu tinha. Que era implantação da escola, que a gente tinha começado, o projeto chamado Projeto Águia, que era ligado à Federação Nacional das APAEs, que era uma institucionalização e vínculo com o SUS¹⁸⁴ na área clínica, e com o FNDE¹⁸⁵, na área da escola. Isso a gente não conseguiu nem iniciar, íamos iniciar no terceiro ano. Então voltei pra rede e a rede tinha lançado concurso para supervisor.

Processos seletivos para outros cargos em educação foram realizados bem depois do concurso para professor. Assim, em 1994 ocorreu em Portão o concurso para supervisão escolar, com edital próprio e seguindo normas vinculadas aos princípios norteadores da profissão.

¹⁷⁶ Cargos em Comissão: funcionários contratados conforme desejo da administração que assume a prefeitura após ter ganho o pleito eleitoral.

¹⁷⁷ Função Gratificada: todas as esferas, nacional, estadual e municipal, possuem funcionários nomeados por meio de processo seletivo, sendo que estes funcionários podem ser alçados à chefia de um órgão dentro do poder público e, para tal compromisso, recebem um valor a mais como benefício por esta prestação de serviço. Os valores variam conforme cada esfera e estão previstos em Lei.

¹⁷⁸ Homero Severo Pinto, neste período, professor e pastor evangélico luterano, pessoa de confiança do então eleito prefeito Dary Hoff. Seu falecimento, ainda jovem, provocou comoção na cidade, também por conta de ter contraído malária em uma missão da Igreja Evangélica Luterana no interior da África do Sul.

¹⁷⁹ Dary Hoff, prefeito municipal de Portão.

¹⁸⁰ Any Antônio Dresch, neste período presidente da APAE, sendo membro pela comunidade representando a indústria, onde era gerente da MK Indústria Química, com sede em Portão.

¹⁸¹ Anacleia Facchin, professora municipal nomeada e psicopedagoga.

¹⁸² Isabel Moura, professora municipal nomeada.

¹⁸³ Sérgio Luis Costa de Vargas, motorista nomeado pela Prefeitura Municipal de Portão.

¹⁸⁴ Sistema Único de Saúde.

¹⁸⁵ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: autarquia federal criada pela Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968, e alterada pelo Decreto-Lei nº 872, de 15 de setembro de 1969, é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC).

Teve o processo seletivo e eu passei em primeiro lugar no concurso de supervisão, e eu tive que ser nomeada. porque o Tribunal de Contas¹⁸⁶ apontou, e o Homero teria que nomear, primeiro eu, depois a Ivone¹⁸⁷, e a gente foi trabalhar na secretaria – *e fica em silêncio um tempo*. Daí quando eu fui conversar com o seu Dary eu disse, olha, deve ser um destino muito forte que nos liga, né? Porque eu tento me afastar do senhor – *e sorri*. Aí foi a caminhada de início de supervisão, concursada dentro da rede. Nós fomos um dos primeiros municípios a concursar especialistas, eu tenho muito orgulho de dizer isso. Muito cedo nós tivemos especialistas. Acabava tendo essas trocas a cada administração, a questão política era muito mais forte antes disso. Tenho muito orgulho do Homero por ter comprado esta briga de ter especialistas concursados.

Mais tarde, quando Adreane assumiu novamente a secretaria, ela recorda de ter a implantação do FUNDEB¹⁸⁸, de recursos que vieram e do trabalho e cuidado ao destinar as verbas. Ela tem muito orgulho das conquistas em torno de formação para professores, da aquisição de materiais escolares e da implementação de projetos que fizeram a diferença no nível de aprendizado dos alunos e na valorização dos professores e professoras, e da educação como um todo. “O Mente Inovadora¹⁸⁹ veio para colocar Portão no mapa educacional do Brasil e ser destaque mundial¹⁹⁰, por exemplo. Mas, mais importante que isso, foi a forma como a comunidade passou a olhar para as escolas” – relata Adreane com os braços em movimento, fazendo com que se possa perceber seu entusiasmo e vibração. Este ponto será retomado mais adiante nesta tese.

Em seu segundo ano como professora, Mariângela foi transferida para a Escola Municipal Gonçalves Dias, na zona rural, na localidade de Cachoeira. Como todas as outras professoras, ela tinha turma multisseriada, direção, os afazeres da merenda e da limpeza da escola. O tempo passou, e a escola teve um aumento considerável de alunos, o que demandou a necessidade de mais professoras e professores. Mariângela continuava como professora e diretora até que não foi mais possível lecionar e dirigir a escola. Quando foi chamada para

¹⁸⁶ Vinculados ao Poder Legislativo, os tribunais de contas são órgãos que auxiliam na realização do controle externo (independente do controle interno, exercido pela própria administração), consubstanciado na fiscalização contábil, financeira orçamentária, operacional e patrimonial da Administração Pública, incluídas aí as entidades de administração direta ou indireta e as fundações instituídas ou mantidas com recursos públicos, no tocante à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação de subvenções e renúncia de receitas. Atualmente, temos o Tribunal de Contas da União (TCU), os Tribunais de Contas dos Estados (TCE's), os Tribunais de Contas dos Municípios e dois Tribunais de Contas Municipais.

¹⁸⁷ Ivone Winck, professora municipal e, na sequência, supervisora nomeada em Portão.

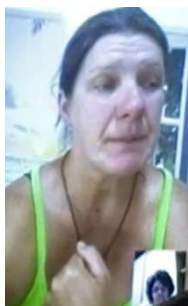
¹⁸⁸ Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) atende toda a educação básica, da educação infantil ao ensino médio e tem como principal objetivo promover a redistribuição dos recursos vinculados à educação. Alterado em 2020, segundo legislação 14113/20. Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L14113.htm>

¹⁸⁹ Mente Inovadora é um programa com foco no desenvolvimento de habilidades. Baseada em teorias de pensadores da educação, como Feurstein e Vigotsky, a metodologia Mind Lab foi criada para formar professores e gestores na missão de preparar seus alunos para a vida, através de jogos de mesa.

Ver mais em: <<https://www.mindlab.com.br/menteinovadora/>>

¹⁹⁰ Portão é tetra campeão brasileiro (2016-2019) e tri campeão mundial (2017-2019) dos jogos Mind Lab, na categoria 1, com alunos da Escola Municipal Visconde de Mauá. A Escola Municipal Antônio José e Fraga foi vice-campeã brasileira, na categoria 2, no ano de 2017.

conversar sobre assumir apenas a direção, pois havia esta necessidade, ela viu isso com naturalidade.



Era a continuidade do trabalho que eu vinha fazendo. A diferença é que aquele tempo que eu estaria em sala de aula dando aula, eu poderia estar cuidando de outras questões da escola, e sempre tinha. E a gente sempre procurava fazer tudo com muita organização. Então, demandava muito tempo, muito cuidado. Por exemplo, a questão do transporte. Eu tinha de chegar na escola muito cedo para receber os alunos que vinham de ônibus de outras localidades e esperar na saída até o último aluno subir no ônibus. Então, ficava o dia inteiro na escola. Havia exigências para todos os profissionais, e eu tinha muito mais. Eu tinha mais responsabilidade. Então, eu não parava nunca, né? Todas as atividades a gente preparava com muita atenção.

Mariângela então conta que teve muitos momentos felizes, que foram anos de intenso trabalho, até que, por motivos que estarão relatados mais adiante, ela recebeu convite para trabalhar na Secretaria de Assistência Social em Portão e aceitou. “Saí de lá com aperto no coração, mas acreditava que era o melhor a fazer”. Depois de quatro anos na Assistência, Mariângela foi convidada para ser Secretária de Assistência Social no município de Lindolfo Collor¹⁹¹, e ela relata que foi uma experiência maravilhosa. Como ela era nomeada em Portão, conseguiu uma permuta¹⁹² e trabalhou neste outro município por quatro anos. “Retornei para a escola em Portão quando encerrou o mandato do prefeito em Lindolfo, atuando na Escola Municipal Rosalino Rodrigues Coelho até me aposentar”.

Marisa foi Diretora de uma Creche Municipal, hoje denominada Escola Municipal de Educação Infantil Bem-me-quer, no bairro Rincão do Cascalho, por três anos. Ela conta que teve sua saída da direção em função de um problema relacionado ao Sindicato dos Professores Municipais, do qual era membro ativo e Presidente no período de 1999-2001. “Tive um desacordo com o prefeito na época e não demorou muito para vir o convite a me retirar da direção da escola”. Ela lembra que foi difícil, mas que só aumentou algumas certezas que tinha em relação à administração. O plano de carreira do município de Portão não prevê eleição para o cargo de direção. Logo, é uma escolha, na maioria das vezes, de teor político partidário, o que acaba promovendo trocas em função disso. Marisa se recuperou desta passagem e trabalhou em escolas diferentes porque sempre que não se sentia à vontade na escola, pedia transferência no final do ano. E conseguia.

¹⁹¹ Município do Rio Grande do Sul, fundado em 6 de março de 1992, possui cerca de 6000 habitantes e está localizado na microrregião de Gramado e Canela.

¹⁹² Contrato firmado entre dois municípios onde um funcionário troca de lugar com outro por motivo de deslocamento e/ou novas funções. Mariângela era nomeada em Portão e trocou de “lugar” com Eliana Mattge que, nomeada em Lindolfo Collor, assumiu turma no município de Portão. Este tipo de contrato pode ser extinto ou renovado a cada final de ano.



Depois do meu problema de saúde nas cordas vocais, do afastamento por este motivo, voltei e fui trabalhar na Escola Fraga e no Franke, 20 horas em cada. Então, eu pedi para ficar 40 horas na Escola Franke e lá eu trabalhei num projeto de meio ambiente. Passou um tempo e fui chamada pelo prefeito que naquele momento era Eloi Besson. Que disse, “vou te indicar pra educação ambiental, a gente precisa ter alguém na educação ambiental”. E daí, fui falar com o Padrinho¹⁹³. Neste período houve concurso para biólogo e engenheiro. As gurias que passaram mobilizavam bastante as escolas. Tinha a Vivi e o Vinicius que trabalhavam no meio ambiente e gostavam muito da educação ambiental. Este pessoal já me conhecia dos encontros no Pró-Sinos¹⁹⁴ né? Já naquela época eu participava do consórcio Pró-Sinos por convite. Lá no Franke ainda. A diretora me liberava porque era tipo uma formação que a gente tinha, seminários e tal. Então, as pessoas sabiam que eu já tinha essa veia, né, ambiental. E daí o Padrinho também. Via lá no Franke, onde ajudei a escola a ganhar uma gincana. Daí o prefeito me convidou e eu pensei, ah, então tá, eu vou – *e fica por instantes em silêncio*. Achei que era possível. Fui designada à Secretaria de Meio Ambiente. Por isso que deu tanta briga. Porque na hora, assim, ninguém vem dizer, “olha tu pode se prejudicar na aposentadoria”. Eu até fui lá, falar com o Marcelo¹⁹⁵, e ele disse “tu continua sendo professora na educação”, daí eu fiquei tranquila. Se falou, tô tranquila. Aí, voltando, começamos a planejar, trabalhar com todo o município. [...] E desde 2009 então a gente já começou a articular o coletivo educador ambiental, que são as representantes das escolas municipais e, também, de todas as instituições interessadas. Como é o incentivo do consórcio Pró-Sinos que trouxe a ideia que veio do Ministério do Meio Ambiente, com a metodologia e tal, as pessoas aprendem participando. Convidamos pessoas da EMATER¹⁹⁶, dos sindicatos, associações, agentes de saúde, das escolas, né? Pra montar esse coletivo que começou em 2009, 2010. Em 2012 a gente conseguiu formalizar o grupo melhor. E aí um representante tinha o objetivo de aprender, participando, e ensinar a sua comunidade de convivência. Dali surgiram muitas coisas, muitos frutos. E foi também uma fase muito maravilhosa no meu trabalho, né? Na profissão. Até me aposentar. Abriam-se muitas oportunidades, muitos grupos, participação em eventos. E isso colocou Portão dentro da Bacia do Sinos, né? Portão sempre foi muito pra Bacia do Caí, onde ele é apenas um tantinho assim – *e movimenta as mãos*. Acho que nove por cento do território de Portão pertence a Bacia do Caí, o restante pertence a Bacia do Vale do Sinos, e Portão sempre participava mais das questões da AMVARC¹⁹⁷, né? Os impostos relacionados ao meio ambiente, tudo era muito mais pelo Caí que pelo Vale do Sinos e a gente conseguiu trazer Portão pro Vale do Sinos, o que gerou mais riqueza e informação. É um mérito, fruto de muito trabalho. Isso é uma coisa que eu acho muito positiva que aconteceu e eu pude participar desse processo.

A professora Marisa aproveitou as oportunidades que surgiram durante o trabalho de coordenação da educação ambiental do município para realizar capacitações e compartilhar com os membros do coletivo, mais um exemplo do empoderamento feminino. “Eu sempre sonhei em estar na UFRGS, estudando”. Marisa é Mestra em Recursos Hídricos, no IPH¹⁹⁸, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua formação foi essencial para a elaboração

¹⁹³ Apelido do então Secretário da Indústria, Comércio e Meio Ambiente, Dêlcio da Silva.

¹⁹⁴ O Consórcio Pró-Sinos é uma associação pública de natureza autárquica, integrante da administração indireta que obedece aos princípios da administração pública dispostos no art. 37 da Constituição Federal do Brasil.

Ver mais em: <<http://www.consorcioprosinos.com.br/consorcio>>

¹⁹⁵ Marcelo Tassinari é advogado do Sindicato dos Municípios de Portão.

¹⁹⁶ Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), criada no dia 14 de março de 1977. Ver mais em: <<http://www.emater.tche.br/site/>>

¹⁹⁷ Associação dos Municípios do Vale do Rio Caí.

¹⁹⁸ Instituto de Pesquisas Hidráulicas que foi criado em 1953 e atualmente é o Instituto das Águas da UFRGS, realizando ensino, pesquisa e extensão em hidráulica, recursos hídricos e meio ambiente. Ver mais em: <<https://www.ufrgs.br/enghidrica/iph/>>

e aprovação da Legislação que fundou e regulamentou o Conselho Municipal de Meio Ambiente do município de Portão, bem como nas ações do Coletivo Educador Ambiental¹⁹⁹ da cidade.

É importante frisar os cuidados que professoras e professores devem ter ao assumir determinadas funções no setor público porque, conforme a legislação e o plano de carreira específico, isto pode gerar problemas no momento do cálculo para a aposentadoria. O tempo de serviço para um professor se aposentar em Portão, antes da reforma trabalhista de 2017²⁰⁰, era de 25 anos em sala de aula e, no mínimo, 50 anos de idade. Cargos como direção, coordenação de setores e funções em biblioteca e laboratórios de informática não contam como trabalho em sala de aula, com regência de classe.

Rosaura lembra que, depois que trabalhou na Visconde de Mauá, sua primeira escola em Portão, foi transferida para a Escola Municipal 9 de Outubro, conforme havia solicitado, em função de ser mais perto de sua casa. “Eu tive 2ª série lá, mas depois ganhei uma 1ª. Como eu tinha colegas com experiência, eu tive de me apegar a elas. Uma delas era a Irene²⁰¹. Ela foi minha formadora, incentivadora e inspiradora”.

A professora Rosaura recorda que, em certo momento, houve uma problemática com a Escola Municipal 9 de Outubro²⁰² e que, em função disso, a escola foi repassada ao governo estadual. Por este motivo, todas as professoras fizeram um ofício em que solicitavam duas escolas nas quais gostariam de trabalhar ao serem transferidas. Nas férias de verão ela ficou sabendo que não iria para a escola para onde algumas de suas colegas da 9 de Outubro seriam transferidas; ela lecionaria na Escola Municipal Vila São Jorge. Assim, teve a iniciativa de se dirigir até a Diretora de Ensino na época, Maria Helena Lauxen²⁰³, e solicitar sua ida para a Escola Municipal Antônio José de Fraga: “Esta sim era a escola aonde algumas amigas minhas tinham ido e era bem perto da minha casa” – relembra com um sorriso largo.

¹⁹⁹ Ver mais em: <<http://ceaportao.eco.br/>>

²⁰⁰ A lei nº 13.467/17 não criou uma legislação do trabalho, mas fez mudanças estruturais fundamentais nas normativas até então vigentes, modernizando as relações de trabalho e causando visões distintas sobre o teor das mudanças. Cada setor precisa observar o cálculo necessário para a aposentadoria e os direitos trabalhistas específicos.

²⁰¹ Irene Mattge, a mesma professora que recebeu a transferência e deu vaga à entrada de Adreane, nossa parceira de pesquisa.

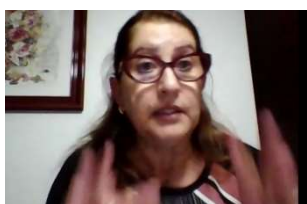
²⁰² Uma questão relacionada ao fato de a escola estar situada muito próxima à Prefeitura Municipal, e a maioria de suas professoras serem ativistas das causas trabalhistas, tendo criado o Sindicato dos Professores Municipais no final da década de 1980. A Direção, mesmo pressionada pela Secretaria de Educação, não deixava de apoiar as lutas das professoras, o que causou desagrado. Como a Escola Municipal 9 de Outubro (de pré até 4ª série) estava situada no mesmo espaço da Escola Estadual 9 de Outubro (de 5ª a 8ª série), a administração achou por bem repassar a área de terras ao governo do estado, encerrando, assim, as atividades da escola municipal. Houve protestos de pais, professoras e alunos, mas não foi possível reverter a situação que já estava assinada e documentada. Desse modo, as professoras foram remanejadas, a maioria para locais distintos.

²⁰³ Maria Helena Lauxen é professora municipal nomeada e foi Diretora de Ensino em três administrações.

Lá a professora Rosaura recebeu uma turma de 1ª série e continuou com seu trabalho na alfabetização, ao lado da colega Sandra Maria Costa dos Passos Colling, professora parceira desde os tempos da Escola 9 de Outubro. Os anos se passaram, ela trabalhou e buscou aperfeiçoamento contínuo. Muitas trocas de vice-direção ocorreram na escola até que, em 2001, Rosaura recebeu o convite do diretor Edgar Strieder²⁰⁴ para ser a nova vice-diretora. Segundo ela, houve uma votação entre professoras e professores da escola e ela ficou entre as mais votadas pelos colegas. Inclusive, no dia em que daria a resposta do convite, foi visitada pelo Secretário de Educação do período, Marcos Sperb²⁰⁵, para ser Diretora da Creche Gente Miúda, na Vila Rica, hoje denominada escola de educação infantil. “Fiquei dividida, mas meu marido e eu conversamos muito e resolvi não deixar o grupo que apostava em mim. Aceitei ser vice-diretora da Escola Fraga. Agradei o convite pra direção, pensando que tinha uma missão dentro da escola em que eu estava”. Ela recorda que Lourdes Weber assumiu a direção da Escola Gente Miúda, enquanto ela foi atuar como vice-diretora da Escola Municipal Antônio José de Fraga, de 2001 até a aposentadoria do diretor Edgar, em 2007.

O diretor sempre me dizia, “eu vou te preparar pra ti pegar a direção na escola”. Eu dizia, não, de forma alguma, essa não é a minha pretensão, né? “Daí eu vou te preparar, porque eu vou me aposentar, um dia eu vou parar, né?” O senhor não vai fazer isso, não vai fazer isso comigo. E aí chegou o dia. Se aposentou.

Assim que ele se aposentou, Rosaura foi chamada pela Secretária de Educação, Adreane Arnecke. Esta queria saber das intenções de Rosaura em relação à direção da escola e pediu para que o desejo da escola fosse formalizado em um ofício. E assim se fez. Mas Rosaura pondera:



Nesse meio tempo, eu senti também que eu tinha que me preparar, não só ali na prática, né? Me faltava teoria, me faltava esse suporte ali, pra mim poder seguir o trabalho. Aí, eu voltei a estudar, fui fazer a faculdade. Na época, eu queria gestão escolar. Aí na Feevale tinha gestão escolar, era com supervisão escolar, né? Então, hoje é a nível de pós. Na época a gente conseguia fazer já a graduação com uma habilitação. E aí era gestão escolar com supervisão. Mas eu queria orientação, eu me via mais na área da orientação do que da supervisão. A questão administrativa, burocrática, não era muito meu chão, era mais aquela coisa do diálogo, né? Da conversa, de entender o aluno, aquela proximidade com o professor. E aquela coisa de tentar trazer o grupo mais próximo. E era esse o trabalho que eu acreditava, no trabalho coletivo. E só que, daí, na faculdade não tinha essa opção. Aí, eu tive que fazer, mas gostei muito da supervisão. Assim, estive diretora no Fraga até me aposentar em 2017.

²⁰⁴ Edgar Strieder, professor das redes estadual e municipal, estando diretor da Escola Municipal Antônio José de Fraga (1997-2007). Curiosidade: era irmão gêmeo do já citado professor Edmundo Strieder, ambos professores e atuantes na política, Edgar pelo PDT e Edmundo pelo MDB.

²⁰⁵ Professor da rede estadual cedido, Secretário de Educação de Portão (2001-2002).

A necessidade de aprofundamento teórico está presente na fala de todas as parceiras de pesquisa. Conforme os desafios aumentavam, maior necessidade de formação elas sentiam. Segundo Rosaura, ela foi indo degrau por degrau em seu percurso profissional: professora, vice-diretora, diretora. Depois de se aposentar, Rosaura foi convidada a assumir o comando da Secretaria de Educação, pelo prefeito José Renato das Chagas. Como ela teve liberdade para montar sua equipe de trabalho, aceitou o convite e trabalhou à frente da pasta (2017-2020), dando continuidade agora, no mandato do prefeito Delmar Hoff (2021-2024).



Bem, eu sempre lembro o que meu diretor falava, “porque quando tu está do outro lado, tem uma outra visão, né, um outro pensamento”. E, às vezes, até uma outra forma de colocar as coisas também. Tanto na cobrança, tu não entende por que isso tu não conseguiu, quando tu faz alguma solicitação pra direção. Tu faz o pré-julgamento sem saber. Depois que tu passa pro outro lado, tu entende muitas coisas. Porque tu age de determinada forma. E ele sempre dizia assim “ó, todo mundo tem que passar por uma experiência de direção de escola, tem que tá aqui do outro lado pra saber como funciona”. E é verdade, é verdade. Tu só vai entender quando tu estiver do outro lado. Por mais que tu queira ser transparente, às vezes é difícil pras pessoas entenderem certos posicionamentos. No caso do diretor, é preciso entender o professor que solicita, quais os seus anseios e tudo mais. E, também, é importante entender a direção. Mas é muito mais fácil compreender quando tu passou por ali. Eu vejo muito isso agora como secretária. Eu entendo muito mais as diretoras. Entendo que, muitas vezes, não é só o burocrático, nem o pedagógico. Eu entendo quando elas trazem suas questões, a gente não fecha tanto e vamos ouvir, vamos discutir o que a gente pode fazer pra mudar, vamos juntos, é isso que a gente traz lá, viu? Trabalhar em equipe. Então, muito mais agora, minha visão é outra. O que a gente faz bem é esse contraponto. Se todos tivessem outras experiências, todos iriam julgar o trabalho do outro de outra forma. Por isso, minha aposta é no diálogo, sempre foi, desde a sala de aula.

O que se pode afirmar com estes percursos é a importância do pedagógico no sentido de que tudo é processo: o modo como as professoras fazem escolhas, tanto de turmas, quanto de metodologias, em respeito às oportunidades que surgem no caminho, a maneira como respondem aos eventos, como reagem a cada dificuldade ou sucesso. Da mesma forma, a reação dos alunos é um constante processo, e a relação entre alunos, direção, comunidade e professores está sempre em devir. Afinal, “a aprendizagem, é sobretudo, invenção de problemas, é experiência de problematização” (KASTRUP, 2001, p. 17). Aprende-se com os acertos e com as adversidades.



Adreane Arnecke, 2021.

Por mais que se esforçassem em instaurar relações específicas que só podem ser analisadas em seu próprio nível, essas relações não exercem seus efeitos apenas no discurso; inscrevem-se também nos elementos por elas articulados uns com os outros (FOUCAULT, 2020, p. 89).

4. MOVIMENTOS NAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS: relações, marcos e impactos

A roda de conversa agora se movimenta em torno de assuntos sobre relacionamentos, desafios, riscos e marcos em educação, bem como no impacto da gestão, tanto administrativa quanto pedagógica, nos espaços por onde as professoras parceiras desta pesquisa circularam. Através das narrativas destas mulheres pode-se perceber como se deram estas relações no ambiente de trabalho e a forma como elas indicaram ou não novos pontos de partida, influenciando ou alterando o “transitar” de cada professora com desvios, atalhos e busca por outras rotas.

4.1 “Na sala dos professores a gente falava de tudo.”: dos relacionamentos profissionais

Para uma professora, certamente, a questão dos relacionamentos no ambiente de trabalho é importante para que o ano letivo possa transcorrer com a possibilidade de apoio necessário para a resolução de potenciais dificuldades. Estes relacionamentos são dos mais diversos: com os colegas, com a direção da escola, com os alunos e a comunidade escolar. Nem sempre é possível manter um bom relacionamento com todos estes grupos. Alguns posicionamentos podem fazer com que o relacionamento com um dos grupos tenha certo distanciamento ou maior aproximação. Mas isto é assunto para estas professoras aposentadas.

Suas narrativas trazem elementos importantes a considerar. Como vimos nos metafóricos triângulos de Nóvoa (1999), alguns vértices possuem maior força, e isso está também presente nas relações de poder na sociedade (FOUCAULT, 2013, 2014). Desse modo, um grupo de profissionais que labora com/para crianças pertencentes a uma comunidade, ao lado de outros profissionais, tendo que atender às solicitações da direção e de órgãos superiores, está em constante movimento entre esses vértices. As tecnologias de governo estão presentes em tempo integral no ambiente escolar (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016): na legislação, na organização dos setores, no espaço físico, nos direitos e deveres de cada profissional, nas questões éticas e nas movimentações de cada membro da comunidade escolar.

Quando se trata de tecnologias de governo é importante pontuar que estas atingem tanto escolas públicas quanto privadas visto que todas fazem parte do Sistema Educacional Brasileiro²⁰⁶ e estão sujeitas a sua Legislação e estrutura geral de funcionamento. Porém, estas esferas são atravessadas de formas distintas, estando as escolas públicas mais vulneráveis às reformas devido a questões como liberações de verbas e projetos, por exemplo, sofrendo de

²⁰⁶ Ver mais em: <<http://seb.inep.gov.br/>>

forma mais direta os impactos nas experiências de gestão conforme mudanças de governo, principalmente em âmbito do poder executivo federal, estadual e/ou municipal.

4.1.1 Com colegas: da sala de professores aos conselhos de classe

A sala dos professores é um espaço que se constrói não apenas pelo espaço físico, mas, principalmente, pelo nível de relações que se engendram nele. Escolas pequenas possuem poucas pessoas, o que não significa um nível alto de aproximação. Enquanto isso, escolas grandes, com muitos profissionais, nem sempre são ricas na construção de elos entre os pares. Porém, podem sugerir possibilidades de encontro com pessoas com personalidades e aspectos profissionais que trazem proximidade, criando-se, muitas vezes, pequenos grupos de colegas que têm afinidade no trabalho ou, até mesmo, que criam laços de amizade.

Rosaura só tem lembranças boas do espaço da sala dos professores, porque era um lugar onde se descontraía, como professora e, mais tarde, como diretora. “Mas eu acho que conseguia isso enquanto diretora por causa do diálogo e da transparência. Também pela liberdade de falar o que eu penso e de ouvir o outro. Ninguém pensa igual”. Ela reforça que o respeito é a base das relações, pois nem sempre é possível fazer um comentário pessoal para alguém; algumas pessoas se melindram, outras são mais soltas.

Eoní recorda que, por um longo tempo, trabalhou praticamente sozinha. Depois veio uma professora para trabalhar com ela na zona rural, em Fazenda das Palmas, e se relacionaram bem até ela ser transferida. “Por muito tempo nos comunicamos por carta. A distância vai afastando, mas se nós nos encontrássemos sei que ia ter muita coisa pra conversar”. Quando Eoní foi trabalhar em escolas maiores, ela recorda que ocorriam discussões acirradas nas reuniões, mas que, quando a reunião acabava, tudo voltava a ser como antes.

Eu ainda mantenho as boas amizades, tanto na Pedro Schuler, como no Fraga. A gente continua bastante amiga, ainda tenho um grupo da Pedro Schuler para passear, trocar livros. As professoras aposentadas do município possuem um grupo no *whatsApp*, mas eu não conheço a maioria delas porque trabalhei o tempo todo no Fraga e tem poucas que se aposentaram de lá ainda.

Leila trabalhou, na maior parte do tempo, em escolas pequenas, ou sozinha ou com uma ou duas colegas. E era o que ela gostava. Sobre quando trabalhou numa escola com mais professores, ela reclama:



Ah, eu achava que tinha muita fofoca, sabe? Não gostava de trabalhar em escola maior. Achava horrível. Não sei se foi uma única experiência que me fez pensar assim ou se eu que prefiro grupo menor mesmo. É que gosto de combinar e seguir o que foi planejado. Num lugar cheio de pessoas, o pessoal fala, mas na hora ficava o trabalho para algumas, eu não conseguia relaxar e isso me fazia mal. Já com grupo pequeno, a gente conversava de tudo, combinava, cumpria, e as coisas davam certo. O grupo ficava firme e forte. Eu preferia assim.

Marisa pondera que “gostava de fazer parcerias nos projetos. Mas daí tinha que ter ajuda mútua, né?” Ela conta que teve colegas que se tornaram amigas para a vida, pessoas em quem podia confiar, obter ajuda, conselhos e que compreendiam o modo de ela trabalhar. “Não recorro muita coisa da sala dos professores porque gostava de ficar no pátio no recreio. Nas reuniões ficava focada no que era a pauta, e os conselhos de classe sempre foram tranquilos em relação aos colegas”. A professora afirma que, sempre que era transferida para uma nova escola, primeiro observava o grupo. Conforme a situação, se recolhia mais ou menos. Assim, “eu me sentia diferente em cada lugar, e isso me fazia aprender muito”.

Adreane lembra de seus laços com colegas desde o início da profissão, mesmo quando estava trabalhando sozinha na zona rural, das colegas que dividiam o táxi para conseguir chegar ao trabalho. Mais tarde, ela relata que suas colegas na nova escola na Vila Aparecida eram mais do que colegas, eram amigas que trabalhavam juntas, pelo melhor para todos. Na sequência, quando foi atuar como supervisora, ela remonta algumas questões:



Quando estava na supervisão, foi uma caminhada muito diferente na questão de relação. Porque parando pra pensar no serviço de supervisão, como é que a gente se relacionava com os professores? A gente tinha escolas do interior, por exemplo. Qualquer novidade que eu tinha eu ia levar pra essa professora, e ela tentava aplicar aquilo, do jeito dela, da maneira dela, mas ela tentava porque aquilo era uma novidade que chegava pra ela. A gente presenteava com atividades, presenteava com xerox, que era uma coisa que elas não tinham acesso. Então, quando a gente conseguia levar materiais, aquilo era muito bem-vindo. E era um facilitador de aprendizagem. Falando isso parece uma coisa ridícula, né? Hoje em dia isso é ridículo, mas naquele período era o que se fazia necessário. E nessas relações eu noto que o professor não tem que ser mágico, mas ele tem que ter o comprometimento de qualquer outro profissional. Então, eu tinha professores que, às vezes, iam trabalhar com febre, doentes, porque aqueles alunos não tinham como ser avisados. Hoje, né, hoje não faça. Tá? Não que tenha que fazer, mas entre não ter mais que fazer pra um extremo de eu ter um atestado sem ter absolutamente nada, existe uma baita distância: a consciência. E isso existe muito hoje. Então, eu sempre pensava muito naquelas professoras que estavam lá no interior, sozinhas, assim como eu estava um dia. Ir lá e demonstrar preocupação com elas era um ato de desejo profundo de um relacionamento afetivo, além do profissional. Mas com o tempo as relações também foram mudadas. Uma relação profissional de cumplicidade, com aquele profissional que tem gentileza com o próximo, ele embarca contigo. Então, tem uma coisa estabelecendo quase que uma relação afetiva, e que é produtiva e saudável também. O nível de exigência de formação dos nossos professores tem problema sim; as nossas avaliações de estágio probatório²⁰⁷ têm problema sim – *afirma fortemente e silencia um tempo*. Então, acho

²⁰⁷ Estágio probatório é uma avaliação que acontece nos primeiros anos de docência do professor aprovado no concurso e nomeado, sobre seu trabalho na escola. A avaliação é realizada pela equipe diretiva da escola e

que isso tudo contextualiza as relações profissionais. Porque exige respeito pelo outro. Como diretora tive a felicidade de trabalhar na creche antes de me aposentar. E eu sempre penso: até que ponto as pessoas que fazem parte do teu grupo vestem a camiseta da tua escola? Eu fui feliz, mas assim ó, a nível administrativo as coisas foram ficando cada vez mais difíceis de lidar. Então, no meu período de secretária eu não sinto que as relações tenham melhorado, tá? Porque a gente fazia algumas reuniões das equipes diretivas, com supervisores e os problemas que eles traziam, muitas vezes, eram de relacionamento e dessa falta de identificação com os colegas. Eu também me questionava por que algumas escolas têm tantos pedidos de transferência? E estudar essas relações, assim, acabou faltando tempo pra gente, porque a gente apagava incêndios o tempo todo, né? Com desdobramento pra tapar o furo daquela pessoa que tava faltando 40 horas, e daqui a pouco uma postagem no *facebook* da pessoa viajando lá no nordeste. Então, aí sim, fica difícil. Eu dou um enorme valor para as relações afetivas, mas acima delas estão as profissionais. Eu não posso como um supervisor ser extremamente amiga tua quando tu é uma profissional que relaxa e deixa de cumprir com as tuas mínimas obrigações. Então, pode e deve ficar melhor. Assim, acho que todas as relações são pautadas pelo respeito. Não é possível sobrecarregar um colega e querer ser amiga do pessoal. As relações humanas são importantíssimas, ainda mais em educação, mas primeiro o respeito porque nós estamos no nosso lugar de trabalho.

Adreane faz uma mea-culpa no sentido de não ter tido o tempo necessário para investigar e criar estratégias para promover a melhoria na questão dos relacionamentos entre os profissionais de educação. O tempo está sempre presente nas narrativas, das mais diferentes formas. Como será a relação entre o tempo e a escola? O tempo escapa, no entanto, tudo guarda.

Quando Mariângela lecionava na Escola Municipal Vila São Jorge, uma escola pequena nos anos 1990, os colegas se relacionavam bem. Segundo ela, as professoras eram todas colegas de magistério, então a maioria se conhecia e havia um clima de amizade. Por motivo de formação, as professoras tinham unicidade no trabalho e na visão sobre o profissionalismo, a responsabilidade, o comprometimento com a escola. “E querendo ou não, o magistério faz uma diferença na formação da pessoa, não sei como é que estão os cursos agora, mas na nossa época, o grau de exigência era muito grande. Então, as relações tinham este facilitador”. A professora recorda que, quando trabalhou na Escola 9 de Outubro, o grupo era grande, bem mais difícil de buscar relações de trabalho e de amizade. “Tinha um grupinho que ficava tomando chimarrão no prézinho²⁰⁸, outros ficavam na sala de professores, e eu, como não queria ficar mal, um dia eu tomava chimarrão na sala de professores, outro dia eu tomava lá no pré. Eu me dava com todo mundo, né?” – e sorri.

encaminhada para a Secretaria de Educação, que toma as providências necessárias, aprovando ou reprovando o estágio do professor. Em caso de reprovação ocorre um processo jurídico interno que pode ser finalizado com a demissão do professor. O período de avaliação e os itens a serem avaliados dependem da legislação específica do curso prestado e do Plano de Carreira.

²⁰⁸ Turma chamada de pré-escola, hoje educação infantil.

Mais tarde, quando foi transferida para a Escola Municipal Gonçalves Dias, por muito tempo estive sozinha. E depois, com aumento do número de alunos, a escola expandiu o prédio, as turmas e vieram outras professoras.



Veio a Dete²⁰⁹, veio a Marisa²¹⁰, a minha irmã²¹¹, então o nosso relacionamento era ótimo, era fácil de trabalhar e na hora do recreio, como é que era a nossa hora do recreio lá na Cachoeira? Eu jogava bola com as crianças. Esse era o meu recreio. Então, todos os dias até quando a escola começou a crescer – porque daí eu não dava mais aula, porque a direção exigia muito de mim – eu jogava bola com eles no recreio. E as professoras ficavam lá tomando chimarrão juntas e participando do que a gente estava brincando. A escola foi crescendo e começaram as dificuldades. Daí as pessoas começam a não se entender mais. Pensam muito diferente e tal. Quando começou a área, de 5ª série em diante, aí já começou as maiores dificuldades, por quê? A maioria dos professores não tinha feito magistério, eles só tinham feito a faculdade naquela época. Então, era um trabalho bem diferente do que nós estávamos acostumadas, as professoras das séries iniciais. E tu sabe, aquelas professoras que tiveram o magistério no Caí²¹². Então, era um pouco difícil, mas tudo é possível quando tu se dedica, faz reunião, conversa. Nós ficamos muito tempo com supervisão da SEMEC, então a supervisora Ângela²¹³ vinha para os Conselhos de Classe ou trazer algum material. Nesta época, no início, da Adreane²¹⁴ e da Maria Helena²¹⁵, os Conselhos de Classe eram entre escolas da zona rural, não era apenas a nossa escola, pra ti ter uma ideia. Cada vez era numa escola do interior. A Adreane perguntava sobre cada aluno e assim transcorria o Conselho. Não tinha esta questão de estar só os professores da escola e discutir sobre os problemas específicos dali. Só mais tarde.

A parceira de pesquisa Cândida conta que, com relação a colegas, sempre gostou de realizar trocas. “Não apenas de materiais, mas sobre as questões dos alunos. Eu gosto, mas eu percebia que nem todo mundo gostava. Então eu sempre fazia essa leitura: com quem eu posso?” Ela recorda que na Escola Municipal Vila São Jorge teve parcerias maravilhosas. “Quando alguém me sugere uma coisa, eu não sinto que tá me invadindo. As pessoas dão sugestão, né? E eu vou acatar se eu quiser e o que eu não quiser, tudo bem”. Cândida conta que foram poucas as vezes em que ela se sentiu desrespeitada por algum colega, porque “na escola é uma relação profissional, não vejo espaço para outro tipo de relação”.

Como podemos ler nas narrativas das professoras parceiras desta pesquisa, lidar com pessoas é sempre algo muito delicado. Quando tratamos das relações entre profissionais da educação, é preciso compreender que são, em sua maioria, pessoas que possuem formação acadêmica, têm noção de espaço, de alteridade, de socialidade e dos limites que as relações requerem.

²⁰⁹ Maria Odete Rigon, professora nomeada. Também foi vereadora por muitas gestões e a primeira (e única, por enquanto) prefeita do município.

²¹⁰ Marisa Braga, professora nomeada, uma de nossas parceiras de pesquisa.

²¹¹ Márcia Werlang, professora nomeada, também aposentada.

²¹² Na Escola Normal de São Sebastião do Caí, hoje Escola Paulo Freire.

²¹³ Ângela Muller, supervisora nomeada, ainda na ativa na Secretaria de Educação de Portão.

²¹⁴ Adreane Arnecke, nossa parceira de pesquisa.

²¹⁵ Maria Helena Lauxen, já citada como Diretora de Ensino, mas também professora e supervisora.

É possível que uma professora seja ou atue de modo diferente em duas escolas? Sim, observamos isso em algumas narrativas: os espaços nos produzem e, também, nós construímos os espaços por onde circulamos. E não há relação com uma melhor ou pior escola. São grupos formados por pessoas que sentem, que possuem suas dificuldades, seu universo particular, suas cicatrizes, enfim, seres humanos em constante mudança. Também há a questão do contexto da comunidade onde a escola está inserida e de como o gestor vê o grupo. A isso vamos atentar nas próximas linhas.

4.1.2 Com a equipe diretiva: dos documentos aos comprometimentos

A relação entre as professoras e a equipe diretiva pode ser observada em diferentes aspectos. Algumas professoras falam que o primeiro encontro, no primeiro dia em que entram na escola, é primordial para esta relação. A forma como a professora é acolhida neste momento é importante para a continuidade do trabalho.

Até os primeiros anos da década de 1990, a maioria das escolas tinha apenas a figura do diretor ou diretora no comando da escola. Com o crescimento populacional do município, o número de alunos subiu e, conseqüentemente, para atender a esta demanda, o número de professores também. Assim, foi necessário, em muitas escolas, que se montasse uma equipe diretiva, com diretor(a) e vice-diretor(a) e, mais tarde, com a ampliação do serviço pedagógico, com supervisão e orientação escolar. Este setor pedagógico era atendido diretamente com uma equipe que prestava serviço na Secretaria de Educação e só vinha à escola nos períodos de conselho de classe ou em alguma emergência. Em Portão, as escolas maiores contam com secretária desde o início dos anos 2000.

Algumas escolas menores ainda possuem apenas a diretora no trabalho de gestão. Mas recebem apoio pedagógico com mais frequência do que naqueles anos de 1980 e 1990.

De qualquer forma, é à equipe diretiva que o professor deve prestar contas de seu trabalho, entregar documentos, planos, projetos, fazer solicitação de cópias de materiais e solicitar materiais. Poder, organograma, disciplinamento: tecnologias de governo (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016) em vários aspectos do funcionamento escolar. Também, é a equipe diretiva que, juntamente com o setor pedagógico, avalia o estágio probatório dos professores. Quando há algum problema com o aluno, seja de aprendizagem ou de outra ordem, os pais normalmente recorrem à direção, que chama e conversa com o professor na busca de soluções para cada caso.

Dessa forma, o gestor em educação é alguém muito importante para a vida funcional do professor. Por isto, é relevante pensar numa boa relação com a equipe e da equipe com o professor. As professoras parceiras desta pesquisa contam algumas passagens.

Rosaura lembra: “sempre tive respeito pelos gestores da escola, eles foram a base para que eu pudesse estar onde estou agora. Aprendi muito com eles. Desde a Mari Tibolla²¹⁶, passando pela Maria de Lourdes²¹⁷, até chegar na Márcia²¹⁸ e no seu Edgar Strieder”.

A parceira de pesquisa Eoní relembra as direções que passaram em sua trajetória. No começo ela era a diretora na escola da zona rural. Depois ela afirma que sempre procurou apoiar a direção em suas tomadas de decisão. “Eu já bati pé com diretor, mas dentro das coisas de escola, né? Uma vez queriam tirar o diretor da Pedro Schuler por causa de fofocas, então o grupo de professores foi na casa dele falar com ele e depois na CRE, mas não adiantou”. Eoní reforça que defeito todo mundo tem, e dificuldades também. “A gente tem que aceitar que os outros não são perfeitos, nós também não somos. E tudo é aprendido”.

Leila afirma que sempre buscou se relacionar bem com a direção. “Passei por ali e não gostei, então sempre busquei respeitar quem estava no cargo”. Ela foi diretora, por dois anos, da Escola Municipal Vila Souza, além das escolas multisseriadas Machado de Assis e Getúlio Vargas. Pela experiência que teve, procurou ter um bom relacionamento com as direções de escolas onde trabalhava e entregar todas as solicitações em dia para não ter nenhum tipo de problema.

Adreane esteve na direção na escola General Osório e, depois, na Vila Aparecida. Ela relata que, na primeira, trabalhava sozinha e que, na segunda, o grupo de profissionais era uma verdadeira família. “Essa relação se construiu de uma maneira aberta, coesa, onde faziam as combinações e trabalhavam em equipe. Quando eu saí, a Elza²¹⁹ assumiu a direção e o trabalho só prosperou”. Ela credita isto ao fato de os professores compreenderem que a direção, os setores de orientação e de supervisão estão ali para somar. Então, o vínculo se estabelece, e as relações se tornam saudáveis. “No momento que tu não consegue isso, fica muito difícil”.

²¹⁶ Marimilia Tibolla, professora e supervisora escolar, sendo diretora na Escola Municipal Visconde de Mauá e na Escola de educação Infantil Chapeuzinho Vermelho. Atualmente aposentada.

²¹⁷ Maria de Lourdes Riva Cozer, professora das redes estadual e municipal, tendo sido diretora na Escola Municipal 9 de Outubro. Atualmente aposentada.

²¹⁸ Márcia Hadres Bueno, professora, foi diretora da Escola Municipal Antônio José de Fraga. Atualmente é Diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Portão.

²¹⁹ Elza Aparecida da Silva Pereira, professora, diretora da Escola Municipal Vila Aparecida e, mais tarde, Diretora de Cultura de Portão.

Mariângela teve diretores em algumas escolas que lecionou antes de trabalhar na Gonçalves Dias. “Eu lembro do trabalho da Clair²²⁰ na São Jorge. Maravilhoso!” Depois, quando assumiu a direção de uma escola da zona rural que foi crescendo, expandindo, aumentando número de professores, alunos e funcionários, ela percebeu que o compromisso só aumentava. “A escola era minha vida, eu passava maior parte da semana ali e até nos finais de semana. Tudo era muito bom no início, depois as coisas mudaram e, aos poucos, fui repensando algumas questões”.



Eu sempre prezei pelo relacionamento dentro do grupo, no início do ano eu trazia uma psicóloga, eu trazia alguma atividade de entrosamento, de valorização e autoestima, promovia almoços, jantas, escrevia mensagens, às vezes à mão para cada um. Organizava gincanas onde todos se divertiam. Depois que a Deise²²¹ foi dar aula ali, como ela é muito criativa e organizada, a gente criava um evento no dia do professor. Estava tudo bem, todo mundo se dava bem, tudo certo, a escola já tinha ensino fundamental completo, tínhamos uma supervisora, a Helena²²². Mas daí eu tive uma certa dificuldade com um professor. Não sei se foi coincidência, porque a gente tinha um FG de direção e em 2007 ele aumentou cinco vezes. A partir daí comecei a ter meu trabalho questionado, principalmente por um professor. E, como não bastasse as discussões comigo, porque eu ficava firme, ele começou a tratar mal as crianças, foi o jeito que ele achou de me ferir. Então nos organizamos com a comunidade e sugerimos a transferência dele e assim foi feito. Mas um outro professor, que aparentemente era meu amigo, não era de confiança e outros conflitos se deram. Busquei ajuda para encontrar soluções e enfrentei o desafio. Mas não foi fácil. Havia ambição em jogo. A gente tem que lutar pelas coisas, mas nunca passar por cima de ninguém. E isto acontece não só em escola, em empresas é pior ainda, a gente fica sabendo. Então, eu recebi convite para trabalhar na Assistência Social e, se estas coisas não estivessem acontecendo lá dentro, eu não teria aceitado. Mas enfim, fui, experimentei coisas novas, aprendi e é isso.

Marisa relembra que “onde não sou bem recebida, não fico muito tempo. Então, se não tem como eu desenvolver meu trabalho e se os alunos não são vistos como seres humanos pela direção, não tem como permanecer lá. Por isto me movimenteie tanto nas escolas”. Em outros momentos Marisa narrou que a quantidade de escolas municipais onde trabalhou demonstra estes movimentos. Ela trabalhou em quase todas as escolas municipais. Isso, mais adiante, de certa forma, contribuiu para que ela transitasse pelas escolas com certa facilidade para realização dos projetos relacionados ao meio ambiente.

A professora Cândida diz que teve poucas dificuldades com relação à direção de escolas onde trabalhou. “No início de minha carreira, eu sempre fui muito de reclamar, de argumentar. Mas eu fui amadurecendo ao longo do tempo e tem coisas que é melhor a gente não discutir. A pessoa não tá aberta praquilo, enfim, deixa ela do jeito que tá, né?”

²²⁰ Clair Maria Rosa Marques, professora nomeada, foi diretora da Escola Municipal Vila São Jorge, hoje aposentada.

²²¹ Deise Hoff Britz, professora municipal, atual diretora da Escola Municipal General Osório.

²²² Marta Helena Selbach, supervisora nomeada, também aposentada.

Com relação a todas as colocações sobre os relacionamentos com as direções das escolas, algumas pontuam situações de quando eram professoras, outras trazem o ponto de vista da direção. Mas o mais relevante é pensar no modo como as professoras olham para esta questão: a direção como num outro patamar. Isso faz com que as pessoas se olhem e, também, vejam as demais que possuem função diferente, por outras perspectivas. Uma das aposentadas comentou que, quando era professora, tinha acesso a todas as conversas dos colegas na sala dos professores. Mas que, num dado momento, sendo diretora de um órgão municipal, não conseguiu mais abertura nas conversas do cotidiano dos colegas, mesmo que tentasse e não havendo nada de atrito entre as partes.

Mesmo tendo conhecimento sobre a necessidade de estarem abertas para as mudanças, principalmente aquelas que envolviam as direções de escola, em função das eleições municipais, algo travava as relações. Isso produzia efeitos que se acumulavam, dia após dia, provocando ainda mais distanciamento, dificultando, muitas vezes, o acesso à resolução de problemas envolvendo os alunos, a aprendizagem, ou seja, um nó que provoca outros e assim sucessivamente. E como desatar estes nós? Os relacionamentos, de toda forma, não são de todo modo compreensíveis e abertos. Principalmente quando há um campo de batalha, onde o poder de um cargo, de uma recompensa via nota de jornal ou rápida ascensão profissional, espreita a mente daquele que só tem foco na subida: são os arranjos de poder no ambiente de trabalho, numa sociedade complexa.

4.1.3 Com alunos e comunidade escolar: para além da sala de aula, corredores e pátio

Os alunos são a matéria de uma obra de arte, são a argila que ora cria formas próprias, se lhes deixa escapar, foge do controle, do domínio que a própria escola em sua essência desejou vigiar (FOUCAULT, 2014). Pode-se perceber esta relação entre alunos e as professoras parceiras desta pesquisa.

Os momentos vividos pelas professoras com seus alunos em diferentes espaços da escola e da cidade construíram esta relação. Era muito comum ouvir na sala de professores ou nos conselhos de classe, depois de um passeio com os alunos: “Nossa, que criança interessante, eu não imaginava que ela soubesse tanto de...” Na complementação desta frase poderia ser: arte, comida, horta, curtume, trânsito, doenças, animais. Esta frase não tem autoria única, pois era frequentemente ouvida por todas estas professoras.

Assim, fica clara a importância de se criarem momentos para além da sala de aula, não necessariamente sendo um passeio, mas na própria escola, ao ouvir os alunos nos corredores da

escola, no pátio na hora do recreio ou em dias de festividade em que os alunos apresentam seus talentos, a família, o seu lado mais descontraído.



A comunidade requer diálogo, confiança e respeito. Os pais sabiam que eles podiam contar com a gente, que aqui era o espaço deles também – *e fica pensativa por certo tempo*. Eu precisava de toda a família para realizar um bom trabalho. Precisava dos professores, dos alunos, de toda a equipe, porque a escola não é sozinha, ela é o coletivo. Eu entendo que a comunidade precisa ter a ideia de pertencimento àquele espaço, para que seja apoio, suporte, colaboração e compartilhamento de ideias. E eu pensava assim como professora e mais ainda como diretora – *relata Rosaura*.

Leila conta que seus alunos sempre foram bons, só que a comunidade da última escola onde trabalhou não era participativa. “Eu senti muita diferença ao sair do interior. Na zona urbana a gente tem que puxar a escola. A gente tem que batalhar para o bem da comunidade. Mas a maioria tinha uma visão distorcida da escola. Fizemos de tudo, mas a situação não mudou”. Rosaura recorda de uma passagem da escola a que Leila se refere: “estava organizando um evento a nível municipal e esta foi a única escola que não permitiu que tirássemos fotos dos alunos”. Os pais não autorizam, sob hipótese alguma. A escola não possui página na *internet* e nenhum registro *on-line*. Seria preciso dialogar com esta comunidade para compreender os seus motivos.

A professora Eoní diz que sempre procurou se relacionar bem com os alunos, conversar, atender aos pais quando lhe procuravam ou mandavam bilhete, dando retorno e buscando compreender a comunidade escolar do aluno. “A vida do aluno me interessa, porque ele vai se sentir acolhido percebendo que me importo com ele”.

Adreane recorda dos alunos e comunidades por onde passou ao longo dos anos. Sobre as questões dos laços de relacionamento, ela cita a comunidade da Rua São Pedro, nos trilhos de baixo²²³, ao acolher de uma maneira invejável a Escola Municipal Visconde de Mauá. A questão das aproximações com os alunos e com a comunidade escolar de uma forma geral, em termos de valorização do que é a escola. Ela afirma que este é um exemplo perfeito para se pensar nos percursos e guinadas de escolas de periferia.

É importante pensar em algumas alternativas para estes movimentos: trabalho de pertencimento primeiramente da direção e dos professores à escola e, posteriormente, dos alunos e comunidade; percepção das potencialidades dos alunos; observação do contexto

²²³ A Rua São Pedro se estende de forma paralela aos antigos trilhos da antiga estação férrea de Portão, e as habitações que nela existem estão localizadas no que é popularmente chamado de “trilhos de cima” e “trilhos de baixo”. A estação de Portão foi aberta em 1909. A linha entre Rio dos Sinos e Montenegro foi desativada por causa da abertura da linha General Luz-Passo Fundo por volta de 1963, tendo sido os trens de passageiros e cargueiros desviados por essa linha, para chegarem as cidades de Montenegro e Caxias.

socioeconômico do espaço ocupado pela comunidade; valorização dos pais dos alunos; busca de apoio das mais variadas formas de especialidades e recursos; diálogo na busca da resolução dos conflitos, compreendendo que são parte do aprendizado; criação de perspectivas para esta população, dando abertura para a participação de toda a comunidade. Entende-se o fato de que, nem sempre, com uso de todas estas dinâmicas, o bom relacionamento e a parceria entre a comunidade e a escola se efetivam. Mas é necessário partir do princípio de que a recusa já se tem. Então, é preciso tentar uma resposta diferente. Foi esta a percepção obtida através da narrativa de Adreane. Quem conhece a realidade educacional do município de Portão há algum tempo vai concordar que este movimento foi impressionante e que todos os profissionais que passaram pela Escola Municipal Visconde de Mauá merecem reconhecimento pelo trabalho realizado.

Mariângela tinha contato direto com os alunos e a comunidade. “Estava presente na comunidade assim como eles estavam na escola. Eu visitava os alunos, participava de festas particulares deles, de festas religiosas onde a comunidade professava, vivia meu tempo para a comunidade da Cachoeira²²⁴”. A professora afirma que esta relação não era algo que fosse obrigatório. São laços que até hoje ela possui, são vínculos afetivos e recíprocos.



Eu acho que posso resumir essa relação em uma palavra: família. A escola foi pra mim a minha segunda família durante anos. A escola não era o meu trabalho. A escola era a minha família. E o relacionamento que a gente tinha, qualquer dificuldade, era tudo compartilhado. Era fácil de trabalhar lá. A escola foi aumentando, os professores foram chegando e se encontrando, cada um do seu jeito. Eu trabalhava 40 horas lá, por muitos anos. Eu conhecia todos os moradores da comunidade, eram meus amigos. Nem final de semana eu parava em casa porque tinha batizado, comunhão, aniversário, casamento. Então, eram 150 alunos e eu envolvida na vida deles e eles na minha.

A professora se entregou à comunidade escolar e isto lhe custou certos problemas com alguns professores. Como tratado anteriormente, quando alguns vértices de um triângulo se aproximam de forma desigual, a forma se transforma (NÓVOA, 1999), e necessita de novos arranjos para se reequilibrar. Na prática, quando a aposentada afirma que “a escola era minha família”, além da questão da alteridade, é perceptível a tensão na aproximação demasiada entre o público e o privado.

Marisa lembra do tempo em que trabalhava na Escola Municipal João Scherer, na localidade de Boa Vista, e tinha dificuldade para se deslocar até a escola. Primeiramente ela tentou ir de bicicleta, mas nem sempre o tempo colaborava com ela. Então, o táxi era chamado,

²²⁴ Localidade onde a Escola Municipal Gonçalves Dias está situada.

mas ficava muito caro em relação ao seu salário. Então ela se informou e começou a pegar carona.



Eu caminhava da Avenida Perimetral, no centro, até a Estação Portão para pegar o táxi. Eu passava na frente do Curtume AP Müller²²⁵ e eu via todo dia um caminhão passar pra chácara com a peonada dentro. Daí eu tive a ideia de pedir carona pra eles. Os trabalhadores eram muito respeitosos. Em quatro anos eu nunca pedi transferência de lá. Eu me apeguei na comunidade, sabe? Aí a gente fazia aula uma vez por semana na casa de um, depois na casa de outro. A gente fazia um lanche pras crianças, ia colher o arroz, que tinha lá ao redor, nas plantações e assim eu fazia uma aula diferente, era muito legal. A gente foi em todas as casas. Depois, em uma reunião de CPM²²⁶, os pais resolveram que iam fazer um compromisso comigo. O cronograma é que cada dia um pai ia vir me buscar na Estação Portão. Aí eu vinha de ônibus até a Estação. Depois, fui transferida e me despedi deles com todo amor. Eu sou muito grata àquela comunidade. Desempenhei meu trabalho com muito carinho e até hoje nos encontramos cheios de saudade e afetos. Em 1991 eu juntei 13^o²²⁷ e comprei um carrinho. Trabalhei um tempo em duas escolas, sendo uma delas a Escola Municipal Gonçalves Dias, na Cachoeira. A professora Mariângela²²⁸ era a diretora e, também, professora. Ela ficou com duas turmas e a direção e eu com as outras duas turmas. Também foi um período maravilhoso com a comunidade, assim como no Franke, mais tarde.

“Com relação à comunidade escolar, ah, eu fui muito feliz nisso, né? Olha, não posso lembrar se tive problemas com pais ou alunos” – relata Cândida. Ela lembra que sempre dispensou muito carinho aos alunos e teve muito cuidado com o relacionamento, de ser firme, mas ter muito respeito e diálogo. “Em todas as escolas que eu passei eu tive este pensamento. Claro, com o tempo eu fui aperfeiçoando”.

A comunidade escolar é a base desta relação entre alunos e professores: muitas vezes os alunos já vêm de casa com uma ideia pronta sobre o professor, seu papel, seu valor. Mas também é uma construção que se faz, é um processo que nunca acaba. Talvez, esta relação possa ser vista com maior clareza justamente quando o professor se aposenta. É o que percebemos em muitas falas das professoras aposentadas.

4.2 “Uma vez um aluno apedrejou toda escola.”: percursos (in)alterados

“Nem tudo são flores no ambiente de trabalho”, pontuou Adreane. Isto é assim em todas as profissões, mas é mais comum quando se trata de um trabalho com pessoas. Muitas vezes,

²²⁵ Um dos inúmeros Curtumes que havia no município e que hoje está desativado.

²²⁶ Círculo de Pais e Mestres: grupo de pais e mães da comunidade com os professores que, neste caso, era somente a professora Marisa Braga, que elaboravam atividades, festejos, eventos para angariar fundos e para divertimento e confraternização.

²²⁷ O décimo terceiro salário é uma gratificação natalina ou subsídio de Natal, é um pagamento ao empregado ou funcionário instituído em alguns países. O seu valor, embora variável, é geralmente aproximado ao de um salário mensal, podendo ser paga em uma ou mais prestações, de acordo com a legislação laboral de cada país.

²²⁸ Nossa parceira de pesquisa, Mariângela Werlang.

com tantas conquistas e a falta de um reconhecimento, o professor desanima com apenas um ato, palavra ou gesto de alguém que faz parte do ambiente escolar. Isto é muito comum e pode gerar problemas de saúde, inclusive, e até mesmo a solicitação de transferência de uma escola, por exemplo.

Em outras passagens conversamos sobre escolas onde os alunos apresentam problemas de indisciplina acentuados pelas dificuldades socioeconômicas da comunidade escolar onde a escola está inserida. Ouvi muitas vezes, das professoras aposentadas, que a escola deveria colorir a comunidade e não a comunidade colocar a escola na escuridão. Mas o que não se pode esconder é o fato de que problemas acontecem e de que é preciso estar atento, para que o grupo profissional sente e procure alternativas para os conflitos. Simmel (2006) aponta que os conflitos são parte importante do processo de sociabilidade. Mas compreender isto quando professoras precisam ficar trancadas em suas salas de aula com os alunos porque há algum tipo de ameaça, não é uma tarefa muito fácil.

Alguns percursos se alteram por fatos como este. Outros são apenas motivos para se buscar mais formação e enfrentar os desafios que se apresentam. Da mesma forma como cada professora observa o que é risco ou não, cada sujeito encara o novo, o imprevisível, a sua maneira. Disso dependerá a forma de agir e, principalmente, como receber as reações após suas ações. “O interesse e o desafio” estão na “instalação progressiva, de uma solidariedade orgânica, feita de atrações e de repulsões, de identificações afetuais ou de emoções partilhadas, em todos os domínios” (MAFFESOLI, 2005, p. 211). A sociedade e aqui, especificamente, o ambiente de trabalho fornecem elementos para estas observações.

4.2.1. Desafios, riscos e marcos da carreira em educação

Muitos são os momentos desafiadores na carreira em educação. O trabalho com crianças, a alfabetização, a parte burocrática que também é uma atribuição do professor, a necessidade de um retorno constante dos processos às famílias e à equipe diretiva da escola, por si só, já são grandes desafios. É preciso organização e competência.

Rosaura lembra que sua maior dificuldade na Escola Mauá era que as crianças eram muito vulneráveis, não tinham acesso à informação, a outros materiais de leitura, somente ao que era oferecido pela escola. Ela recorda que muitos eram revoltados e que não havia psicóloga, psicopedagoga, profissionais que pudessem dar apoio ao trabalho do professor. “Uma vez um aluno apedrejou toda escola, então nós ficamos dentro da escola, presos em uma sala de aula fechada, até o menino ir embora. E a gente não tinha quem chamar, nem celular,

nada”. A professora narra sobre a dificuldade de tratar as questões que envolviam a rebeldia, a indisciplina e a falta de perspectiva de alguns alunos. Ela garante que tudo isso prejudicava a aprendizagem das crianças. “Este momento me marcou e me fez ver que o mundo não era cor de rosa”. Rosaura compreendeu a realidade em que as crianças estavam inseridas e, dessa forma, buscou meios para contribuir com a formação dos alunos, de modo mais amplo.

A professora Eoní reflete sobre a palavra risco, no sentido de que ele varia de pessoa para pessoa. “O que pra mim é um risco pra ti pode não ser, né?” – reforça ela. Lembrando de seus percursos, Eoní trata de suas dificuldades em poder trabalhar: primeiro pelo fato de não poder morar no centro da cidade porque tinha que trabalhar numa escola da zona rural muito distante. Isso ocasionou o fato de não ter privacidade logo que se casou, pois teve de morar com os pais, no interior, por um bom tempo até ser transferida para uma escola de zona urbana. Outro fator foi em relação às preocupações com os filhos. Seu marido era caminhoneiro e, muitas vezes, ela não tinha com quem deixar os filhos para trabalhar, principalmente quando estavam doentes. “Dependia, muitas vezes, da boa vontade de vizinhos”. Depois foram seus pais já idosos, de quem ela teve que cuidar enquanto lecionava. Percebe-se claramente a forma como o trabalho afetava a vida pessoal da professora, do impacto do público sobre o privado.

Sobre as dificuldades na realização do trabalho em sala de aula, Eoní diz que “fazia o máximo que podia”. Ela lembra que trabalhou em boas escolas e que, tirando o tempo em que estava sozinha no interior, teve suporte profissional quando necessitou. “Eu só não fiz uma faculdade, que eu queria muito fazer, porque sempre tinha esses problemas, era filho pequeno, depois tinha que ajudar meus pais e só consegui fazer mais tarde um curso de extensão universitária em teologia”. Ela trata desta formação com muita alegria porque foi um momento de realização estar estudando. “Foi um desafio porque chegava correndo da escola, já tinha que pegar o ônibus, quinze pras seis. Era corrido, mas valeu. Se a gente quer a gente enfrenta, né?”

O Plano de Carreira do Magistério de Portão, assim como toda legislação, parte integrante das tecnologias de governo, não previa a possibilidade de a professora se afastar para cuidar dos filhos, cônjuge e pais doentes. Em meados da década de 1990 este ponto foi um acréscimo na legislação: o professor poderia se afastar até 30 dias por ano para cuidados com estes parentes acima listados, e de, no máximo, 90 dias em cinco anos. Caso este total de dias fosse ultrapassado, o profissional não teria direito a receber férias e 13º salário, sendo calculado proporcionalmente. Outro fator a considerar era que, para contagem de tempo de trabalho para a aposentadoria, estes dias não são contabilizados. Quando o profissional é quem adoece, tem o direito de 15 dias de afastamento com atestado médico. Se este prazo se estender, deve ser feita uma perícia médica que vai atestar, então, a necessidade de afastamento por maior tempo,

podendo chegar a até 90 dias, sem prejuízo no recebimento de proventos e futuros cálculos para aposentadoria²²⁹.

Adreane se recorda das primeiras dificuldades na escola multisseriada, como o deslocamento e a questão da obrigatoriedade de fazer a merenda dos alunos. “Eu dependia muito das pessoas. Por exemplo, eu precisava dos pais quando faltava o gás na escola. Foi um aprendizado”. Porém, ela diz que, com o tempo e as mudanças de função dentro do magistério público municipal, as dificuldades e os desafios só foram aumentando. “Na Vila Aparecida eu tinha uma comunidade e um grupo de professores que se apoiava e enfrentava os desafios para que a escola fosse cada vez melhor”.

Quando eu assumi na Secretaria, a gente teve muitos desafios em função dos problemas de mudança de legislação, principalmente. Eu assumi a Secretaria no ano que veio a Lei de Responsabilidade Fiscal²³⁰. Este foi um ano de grande virada. Até que tu faça as pessoas entenderem o que podia antes e não pode mais, o que se escolhia pela qualidade, e se tornou uma questão de valores, não gosto nem de lembrar. Então, aquele ano a gente teve que aprender tudo sobre isso. É, e foi um ano de tolerância do Tribunal de Contas, sendo que no primeiro de janeiro do outro ano começava a cobrança de uma lei com muitas sanções. Então, eu tenho resquícios muito trágicos, assim, de aprender a lidar muito rápido com a Lei de Responsabilidade Fiscal. Eu acho que isso me favoreceu quando eu retornei a atuar.

Leila fala do desafio em ter um aluno com dificuldade de aprendizagem por ser portador de uma necessidade especial. Lembra também do estágio e da primeira turma em Macaco Branco. “Os problemas foram enfrentados com coragem. Era a única opção que eu tinha”.

Quando Mariângela estava trabalhando no primeiro contrato, na Escola Municipal Vila São Jorge, sua família trocou de residência, e ela precisou solicitar transferência para uma escola um pouco mais próxima de sua casa. Então, ela foi trabalhar na localidade de Cachoeira, com turma multisseriada. Ao mesmo tempo, entusiasmada pelo trabalho, decidiu aceitar trabalho em outros dois lugares, em diferentes turnos. “Eu dava aula no 9 de Outubro de manhã, de educação física, de tarde na Cachoeira e de noite no Portão Velho, na EJA. Fiz isso durante um ano e depois fiquei somente com a Escola Gonçalves. Era muito corrido, não tinha tempo pra mais nada”. No início da carreira, com todo vigor da juventude e entusiasmo pela profissão,

²²⁹ Ver mais em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/4424>>
<<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/2758>>
<<https://leismunicipais.com.br/estatuto-do-servidor-funcionario-publico-portao-rs-2005-07-18-versao-consolidada>>

<<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/2756>>

²³⁰ Lei Complementar nº 101, de 04/05/2000: Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências.

Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm>

muitos convites são aceitos e os ajustes para colocá-los em prática dependem de muita organização.

Para a professora Marisa também era importante superar os desafios. Ela lembra que, quando trabalhava de dia na Escola Municipal Edmundo Kern, lecionava à noite na EJA da Escola Municipal Carlos Oswin Franke.

Em 2004 e 2005, trabalhando com projetos na Edmundo Kern, a gente acabou recebendo uma leva de alunos do Loteamento Liberdade (Figura 17)²³¹ quando eles vieram se instalar ali com o movimento de moradia dos sem-teto, debaixo de lona preta. E ninguém achava que esse contingente de alunos viria pra nossa escola, pois está na divisa com o município de Estância Velha. Mas eram nossos. Até houve um atrito entre os alunos locais da comunidade com esses novos alunos. Então, tivemos que trabalhar com isso e foi muito legal. E que que a gente fez? A gente começou a visitar o assentamento com os alunos, a ouvir as histórias de cada um e ver que eles não tinham banheiro, eles não tinham chuveiro, eles dormiam na barraca, no chão, tinha uma cozinha comunitária que eles faziam comida juntos. Então, isso pareceu um crescimento, né? Pena que isso não se manteve no decorrer dos anos pra haver continuidade no acolhimento e essa socialização entre eles mesmo, porque depois de uma certa época que eles já montaram suas casinhas, ainda tem, até hoje, preconceito com esse movimento popular. [...] Outro desafio que enfrentei durante meu percurso profissional foi que fiquei totalmente sem voz. Isso foi em 2007, quando estava só no Franke. Eu planejava as minhas aulas de projeto em expressão corporal, artes e tal, chegava na hora, não conseguia dizer o que era pros alunos fazerem, daí esse ano sempre tinha alguma professora que ia comigo pra sala de aula e me ajudava. Foi horrível. Chegou um dia que não deu mais porque começava a rasgar, uma dor muito forte. Daí eu tive o afastamento de sala de aula. Me cuidei e depois voltei.



Figura 17: Loteamento Liberdade – estudos de regulamentação.
Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Portão, 2020.

²³¹ Loteamento formado por integrantes do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) numa área de propriedade do estado, contendo cerca de 500 famílias, que está em fase de regularização. Atualmente possuem um representante na Câmara de Vereadores, Cleo Silva. Sobre a regularização da área, ver mais em: <<https://obras.rs.gov.br/estado-apresenta-projeto-para-regularizar-area-ocupada-em-portao>>

Marisa se recorda do acolhimento realizado para as crianças e acredita que a forma como cada família se organizou, mesmo com todas as dificuldades, fez com que a parceria com a escola fosse iniciada. “Embora houvesse estranhamentos, no começo, por parte de alguns pais e professoras, o diálogo promoveu conhecimento e aproximação. Era tudo que as crianças precisavam. Nunca esqueço das visitas que fizemos lá” – lembra Marisa. O Loteamento Liberdade é, atualmente, um espaço organizado e com lideranças que promoveram debates junto à escola para a elaboração de projeto no contraturno escolar, com ampliação da escola, verba municipal para a refeição do almoço e contratação de mais profissionais.

Nossa parceira Cândida lembra que seu maior desafio foi a primeira turma de alfabetização. “Isso também foi um marco, mostrou que eu podia fazer, que eu podia alfabetizar”. Ela pontua que sempre buscava formas diferentes para que os alunos fossem alfabetizados, com música, expressões artísticas, canto. E algo que ela não esquece é que, um dia, um aluno lhe perguntou: “Professora, quando é que tu vai começar a nos ensinar a ler?” Ela sorri ao trazer esta história do início de seu trabalho em educação, reafirmando o desafio de alfabetizar como aquele que a fez pesquisar, realizar cursos, se atualizar. “Essa primeira turma foi marco, risco e desafio, tudo ao mesmo tempo. Inesquecível”.

Ao ouvir estas mulheres, escrever, ler e reler suas narrativas encontro alguns marcos que as aproximam, outros em que se distanciam. Como uma delas afirmou, o que é risco para um pode não ser para o outro, assim como “aquilo que chamamos de verdade é apenas a hipótese que se pensou ser mais eficaz” (DOUGLAS, 1991, p. 22). Mas, o que se pode afirmar é a constante busca pela resolução dos problemas que surgiam durante a carreira, sendo uns de ordem mais prática e outros que fugiam da dimensão da sala de aula e acabavam fazendo com que as professoras aprendessem a conviver e a contornar com estratégias em seu cotidiano na escola.

A escola é formada por pessoas de uma sociedade que cresce no entorno dela, assim como suas problemáticas. Os movimentos do público ao privado são constantes, não há como separá-los. Um aluno adentra a sala de aula com um problema individual, familiar, muitas vezes fica em silêncio, outras vezes expande de forma indisciplinada, provoca atritos, agride aos outros. O silencioso também agride, a si mesmo, no caso. Da mesma forma o “ser” professor possui suas particularidades, mas procura afastamento do que se passa fora da sala de aula. De qualquer modo, mesmo com todo equilíbrio, isto afeta o trabalho de um dia, dois ou mais. Como já dito, a escola é formada por seres humanos. Assim, podem-se ouvir inúmeras histórias de muitas professoras, mas sempre teremos o diferencial.

4.2.2 Impacto da gestão administrativa e pedagógica no trabalho em educação

Como em todo ambiente profissional, a gestão influencia o modo como as pessoas realizam seu trabalho. Na educação, tanto a gestão administrativa quanto a gestão pedagógica têm papel importante para o docente. Se as obrigatoriedades impostas pelo sistema, através da legislação em qualquer esfera, de programas e projetos criados pela Secretaria de Educação ou na própria escola, são repassadas ao grupo de professores de forma a serem construídas alternativas e organização com distribuição de atribuições, isto irá favorecer o trabalho. Quando estas são impostas diretamente ao professor são recebidas de outra forma, como algumas parceiras narram.

O que se pode afirmar é que há diferenças de posicionamentos em gestões administrativas e pedagógicas que podem corroborar para o sucesso da implementação de projetos e programas, bem como de qualquer atividade a ser realizada na escola. Quando se fala em impacto, este pode ser tanto positivo quanto negativo. E é possível observar isso nas lembranças das professoras aposentadas.

Rosaura lembra que na Escola Municipal Antônio José de Fraga ela viveu uma história linda. O envolvimento e relacionamento com tantas pessoas foi essencial para seu crescimento profissional. “Trabalhar como professora, depois vice-diretora até ser diretora da maior escola da rede municipal foi um percurso de aperfeiçoamento, na prática”. Como em outros momentos, ela pondera que a formação acadêmica foi extremamente importante para suporte na carreira, mas que a forma como experienciou a gestão administrativa e pedagógica antes de assumir outros cargos na escola foi primordial para sua atuação como gestora depois.

Eoní recorda:

Nem sempre existiram todos esses setores dentro da escola. E ainda hoje tem uma enorme diferença entre o estado e o município²³². Lá em Fazenda das Palmas, quando era estadual, eu era professora, diretora, tudo, né? Vinha supervisão da DE, que na época visitava a escola para recolher papeis, mas isso era uma vez por semana devido à distância. Então, a gente praticamente era senhora de si. Quando eu vim pra zona urbana, a nossa diretora era bem difícil. Minhas colegas diziam “tu não bate de frente que ela pode não gostar”. Pensei que não precisava dar ouvido pra tudo que ela dizia, botava na balança pra ver o que achava e ficava na minha. Mas eu me lembro que uma vez eu fiquei muito magoada, bem no início. Eu estava acostumada a dar um bombonzinho de Páscoa pros meus alunos lá em Fazenda das Palmas, comprar até assim um ninhozinho porque lá no interior era normal. Então, quando eu levei os chocolates, a diretora chegou e me disse “tu não pode dar nada de Páscoa”. Meu Deus, pra mim aquilo foi um choque. Levei tudo pra casa, afinal, ela era minha superior. Pior que ela não apresentou nenhum argumento, só chegou se impondo, sabe? Eu não tava acostumada com isso. Pra mim, aquilo assim, marcou muito. E, assim, tinha muita coisa de fofoca no início, então eu nunca fui um membro ativo nos grupos.

²³² Eoní se refere ao fato de a escola pública estadual não ter todos os setores como as municipais, como por exemplo a supervisão e a orientação escolar.



Melhor trabalhar e deixar o resto pra lá, né? Depois, quando a gente tinha discussões nas reuniões de sábado, pedagógicas, eu defendia a minha posição, mas sempre me mantive fora das chamadas panelinhas. Às vezes vinha uma com muita novidade, daí trocava supervisora, trocava tudo: a maneira de um plano de aula, maneira de fazer uma unidade de trabalho. Eu tinha anotações de planos e sobre alunos do meu jeito, mas tinha que alterar de tempo em tempo. Os objetivos conceituais, os comportamentais, a gente passava o tempo todo só elaborando. No lugar disso poderíamos estar pensando em cada aluno. Sei lá, eu pensava que aquelas reformulações tinham objetivo apenas de supervisionar e nada mais. E se cobrava, riscava por cima, tinha que mudar, fazer o novo, nossa, achava que era muita burocracia, mas tinha que fazer, né? Se perdia uma manhã fazendo três, quatro objetivos. Em relação a questão administrativa, a legislação e tal, o Estado em si se envolvia pouco com a instituição. Eles mandavam as regras, e a diretora que passava. E praticamente cada escola fazia as suas regras. Mas a gente via certa diferença quando trocava de governo, mudava muita coisinha. Uma coisa que eu nunca me esqueço quando eu comecei a trabalhar, é que mulher não usava calça comprida, não podia dar aula de calça comprida, era frio forte, não interessava, era saia ou vestido²³³. Aí teve uma época, não me lembro qual o governador, que o inverno foi muito rigoroso, sei que eu guardei um tempo, depois botei fora, veio ofício, como eu era diretora, que podia permitir que as professoras usassem calça comprida, bem discreta, de junho a agosto. Aí foi durante uns três anos vindo aquele ofício, autorizando as mulheres a usar calça, mas aí depois que abriram, não conseguiram mais segurar o pessoal e se começou a usar calça normalmente. No município sempre teve mais intervenção, né? Acho que pela proximidade também. Mais visita, até do Prefeito e da Diretora de Ensino. Também havia aquele tal leva e traz. Qualquer coisinha iam ali na Prefeitura. Então, a gente mantinha uma preocupação em tudo que fazia e falava. Em época de eleição, então, minha nossa, nada de falar sobre política.

A burocracia, citada diretamente por Eoní, e que aparece indiretamente nas narrativas da maioria das parceiras de pesquisa, é parte das tecnologias de governo, e é importante que se possa observar seus movimentos e os efeitos que produzem no trabalho em educação buscando compreender “a constituição e funcionamento do poder” dentro do ambiente escolar (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016, p. 11).

A questão da proibição do uso de calça comprida por parte das professoras representa um dos fatores que mostra a diferença de tratamento entre homens e mulheres em relação a seus direitos. “Por que não havia recomendação para uso de roupas dos professores?” – questiona Eoní. É mais uma pergunta para reflexão. Em outras narrativas as professoras citaram o fato de não terem representatividade nos cargos de chefia no poder público, bem como no privado, mesmo sendo maioria da população em números apresentados pelo IBGE. Também foi comentado sobre a valorização dos salários.

Voltando a falar sobre as regras da vestimenta das professoras, segundo levantamentos realizados nesta pesquisa, o estado do Rio Grande do Sul enviou às escolas públicas na década de 1960 uma listagem com as obrigatoriedades da professora primária, entre elas, a proibição

²³³ Havia uma Lei Estadual que proibia professoras de trabalhar usando calça comprida. Nos arquivos da Assembleia Legislativa estadual esta lei não foi digitalizada. Pesquisei em muitos arquivos *on-line*. Encontrei leis estaduais sobre a mesma temática nos arquivos estaduais de São Paulo e Pernambuco. Mas esta lei existiu no Rio Grande do Sul, sendo extinta no início da década de 1970, segundo a professora Eoní.

do uso de calça comprida, conforme relatos de Eoní. Realizei intensa pesquisa na Legislação do estado do Rio Grande do Sul, tanto no executivo quanto judiciário e legislativo²³⁴, em Repositórios Digitais diversos e entrevistei a Dra. Francine Ávila, especialista no assunto. Nada foi encontrado sobre a vestimenta das professoras primárias no estado do Rio Grande do Sul.

Nos repositórios da Legislação dos estados de São Paulo e Pernambuco é possível encontrar decretos sobre o assunto. Ainda hoje a vestimenta, principalmente de professoras e alunas é discutida, principalmente nas escolas militares. Porém, fica mais uma questão: por que este documento sobre normas de vestimenta das professoras primárias – Decreto ou Lei – não está disponível e acessível para a população do Rio Grande do Sul? Esta questão fica a cargo da reflexão de cada leitor.

Leila diz que em escola grande se percebe mais a questão pedagógica e administrativa. “Em uma escola pequena sempre tive liberdade para trabalhar. Depois, nunca tive problema com as minhas diretoras. No setor pedagógico tive algumas pessoas maravilhosas, como a Adriana²³⁵, sempre pronta pra te ajudar. A Andreia²³⁶ também.” Ela se recorda de que teve uma supervisora mais preocupada com a documentação do que com a aprendizagem de fato. Uma outra deixava fazer tudo à vontade, e algumas orientadoras também. “Teve uma época que juntaram várias escolas para cada supervisora e orientadora e daí elas ficavam circulando entre escolas pequenas e não tinha mais assistência, né?” Ela pondera que o impacto das equipes pedagógicas existia sempre. “Às vezes pra mais, às vezes pra menos. Dependia da competência de cada uma”.

Mesmo que Leila não tivesse o setor pedagógico diretamente no dia a dia da escola, o trabalho realizado deveria atender às solicitações deste setor. De qualquer forma, ela entendia possuir liberdade para atuar da forma que desejasse. A professora Mariângela aponta:

A gestão pedagógica e administrativa impacta no trabalho do professor e vice-versa. Então, eu vejo pelos dois lados. Tanto como professora, quanto como diretora. Se não houver diálogo, sentar e pensar no melhor para a escola, as coisas ficam complicadas. Especialmente em escolas maiores. Funciona como uma engrenagem, sabe? Então, é preciso que todas as dúvidas sejam esclarecidas, que o trabalho seja compartilhado, porque se alguma coisa errada acontece em um dos lados, o todo fica comprometido. Eu vejo assim.

²³⁴ Além dos sites do governo pesquisei no Repositório Digital Tatu, da Unipampa – Universidade Federal do Pampa. Neste repositório encontram-se todas as edições da Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul, contendo a história da educação do estado, desde a década de 1960. Também entrevistei de forma *on-line* a Dra. Francine Ávila, professora de Direito que estuda sobre os direitos das mulheres, Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale.

²³⁵ Adriana Siqueira, supervisora nomeada, atualmente aposentada.

²³⁶ Andréia Oliveira, supervisora nomeada, ainda na ativa na Secretaria de Educação.

A parceira de pesquisa Adreane afirma que a gestão deve produzir impacto na melhoria da qualidade do trabalho. “Como gestora, a pedagoga que há em mim é latente. Ela passa por cima de tudo, nas minhas relações pessoais, familiares, ela sempre está presente, imagina no trabalho”. Adreane entende que todas as escolhas e decisões tomadas na escola são pedagógicas, mesmo as da gestão, porque a escola tem que ser pensada em seu maior propósito, que é o de ser um espaço de educação. Também pensa que as decisões tomadas pelas equipes diretivas e pedagógicas provocam movimentos que afetam professores, alunos e a comunidade como um todo.

Marisa se recorda de alguns momentos em que era mais visível a presença do gestor. Tanto da forma que ela percebia como positiva, quanto negativa. “Olha, quando a Lisiane²³⁷ era diretora na Edmundo Kern, tudo funcionava, tínhamos apoio para os projetos e uma ótima relação com a comunidade. Mas depois, quando ela saiu, tudo mudou”. Ela pontua a importância de a direção da escola atentar também para o pedagógico.

Pra mim, depois foi o caos. Porque além de não ter as coisas que a gente precisava pra dar aula, tinham problemas de estrutura que deveriam ser atendidos pela diretora. Chovia na lâmpada em cima dos alunos, o perigo de dar um curto-circuito nos alunos e não se fazia nada, sabe? Foi o caos. A gente pedia e nada acontecia. Eu não gostava de passar por cima de ninguém, mas eu cansei. Fiz um ofício pro secretário porque aquilo era falta de direitos humanos naquela escola. A maioria das crianças já tinha muita necessidade em casa, e daí vem pra escola e acontece isso? E a gente morrendo de medo de pegar fogo naquela parte velha da escola. Pensei que isso era uma coisa mais política, certo? Fui direto pra Deus, o Lírio²³⁸, no caso. Dali em diante a vida foi um atrito só, né? A gente ficou um tempão sem conversar, sabe? Uma crise assim, com um estresse e daí eu pedi pra ir 40 horas pro Franke. E não foi só eu que saiu de lá, foram várias professoras. Foi uma pena. A gente fazia oficinas, saída de campo, usava aquele espaço lá, que é o horto hoje. Fazia parceria com a Vera²³⁹ e outras professoras, das plantas, dos chás sabe? Ah, fazia muita coisa legal. O bom gerenciamento na escola é imprescindível pra nossa aula dar certo, pra nossa prática pedagógica.

Quando Marisa toma a atitude de buscar um superior para verificar os fatos desagradáveis que ocorrem no ambiente de trabalho, pode-se lembrar de estudos que narram “práticas de resistência dos trabalhadores para tornar o dia de trabalho mais suportável” (LIMA; HOLZMANN, 2015, p. 60). Não somente pelo movimento para resolução de um problema pontual, mas também pela forma como realizava sua prática cotidiana, com muita arte e atividades diferenciadas, não-comuns ao ambiente escolar no período, como as saídas de campo com os alunos a um acampamento do MTST, por exemplo.

²³⁷ Lisiane de Oliveira, professora nomeada, tendo sido diretora da Escola Municipal Edmundo Kern. Ela demitiu-se ao casar-se e mudar de residência para uma cidade do Vale do Paranhana.

²³⁸ Lírio Casagrande, professor da rede estadual cedido, Secretário de Educação do município (1988-1991).

²³⁹ Vera Freitas, professora nomeada, atualmente aposentada.

A professora Cândida afirma que, com certeza, seu trabalho em escola sofreu impacto da gestão pedagógica e administrativa. “O Brasil é imenso, né? E então, era lógico que se precisava adaptar na escola o que vinha de cima”. E ela continua.

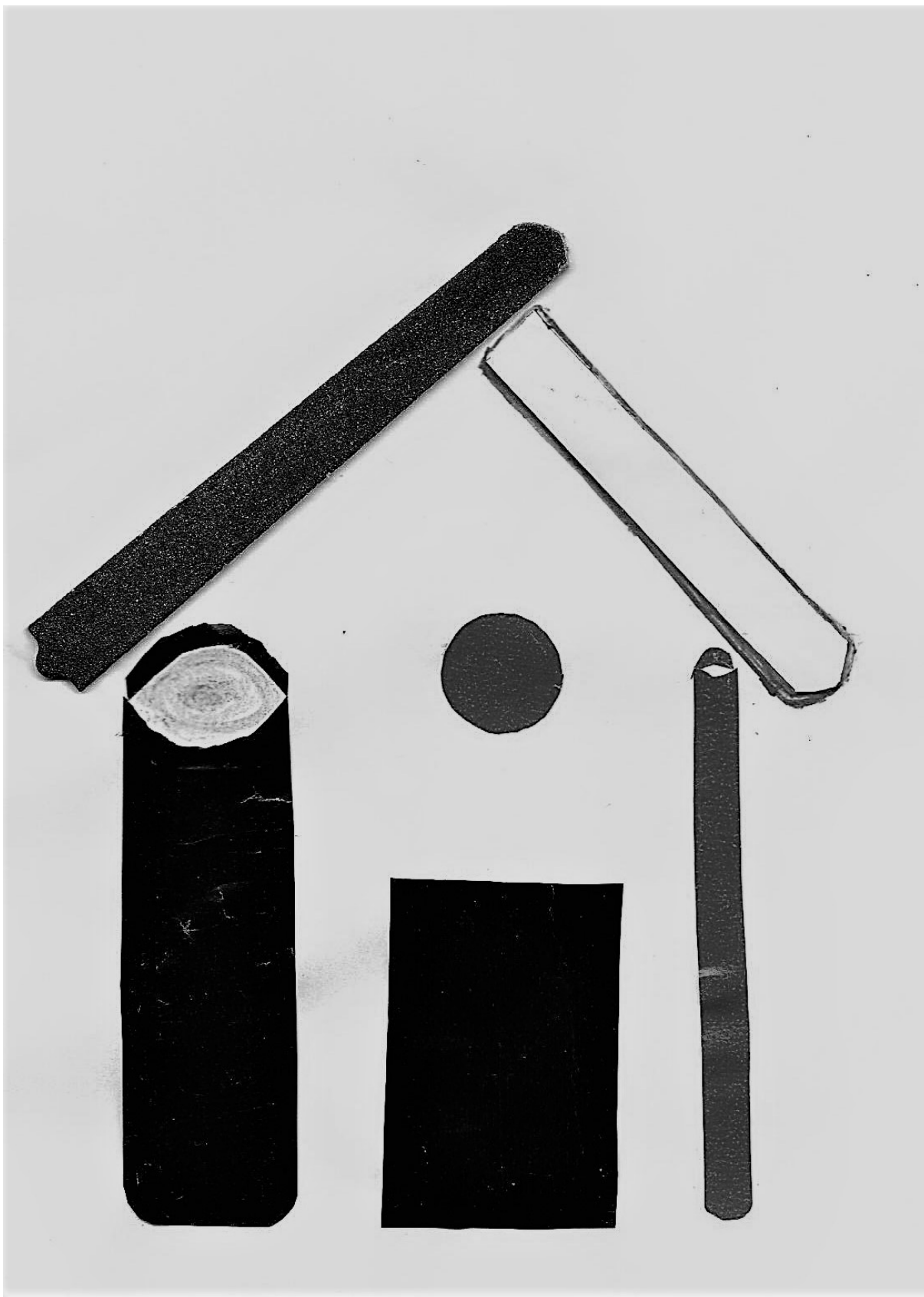


Complicado, uma hora era foco no conteúdo, outra hora, era na habilidade, depois nas competências. E como desse pra separar uma coisa da outra, pelo amor de Deus, né? Pra mim estão relacionadas. Mas, enfim, impacta, sim, porque tu muda o teu jeito de escrever, estuda, se dedica. Eu não gosto de fazer coisas mais ou menos. Eu fiz muitas coisas só porque o documento tava me exigindo, né? Porque eu não acreditava que fosse necessário, importante. Eu acredito que todas as mudanças nos afetam. E o modo como são transmitidas a nós, professores. Então, “n” coisas são feitas, são construídas e, de repente, são esquecidas e eu ouvia “nossa, que inusitado”. E quando se vê já acabou. Mas meu Deus, é dinheiro posto fora. Trabalhos bons que ficam esquecidos. Coisas que realmente podiam contribuir pra questão da construção de uma educação mais produtiva – *e fica pensativa*. Mas com certeza influenciam, sim. Tanto pedagógico, quanto administrativo. Eu penso que é necessário estudar, e sim é necessário aprimorar, mas é muita mudança em pouco tempo. E me parece que muita coisa não tem a cara da escola, do professor, da comunidade. Às vezes passa uma ideia de que o sujeito já tá pronto e vamos colocar aquela máscara nele. Não tem como. Então, eu sempre procurei cuidar, mesmo sabendo que eu estava sendo transformada, tocada.

Os alunos, as professoras, as equipes diretivas e pedagógicas, a comunidade, todos “desempenham o papel de agentes na transformação e mudança da cultura e da sociedade e não são meros joguetes de forças impessoais” (VELHO; VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 8). Apesar de todas as alterações no modo como estruturar os planejamentos, as avaliações, o currículo, percebe-se, por meio de algumas destas narrativas, que “o fato de que as pessoas nascem dentro de um sistema sociocultural já dado não quer dizer que este sistema não esteja sempre se fazendo através das biografias individuais” (idem). Estas transformações são parte de um jogo de forças que se retroalimenta o tempo todo, sendo uma constante reinvenção (SIMMEL, 1981) (CERTEAU, 1994, 1996).

As vivências pedagógicas destas mulheres, numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre que cresce, em todos os sentidos, não rememoram apenas especificidades de sete professoras aposentadas da rede pública: as reminiscências aqui narradas apresentam momentos entre o conteúdo e o construtivismo, o tradicional e o contemporâneo, o singular e o plural no espaço de aprendizado. É possível pensar nos impactos de leis e projetos, mas, também, vislumbrar fatos que demonstram o uso de metodologias diferenciadas, o que facilitava o trabalho das professoras mais comprometidas. Estes percursos profissionais em educação contribuem, entre outros pontos, para reflexão sobre “o caráter produtivo das tecnologias que, entre seus diversos efeitos, criam novas normatividades e modos de atuação política” (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016, p.28).

Na sequência, convido o leitor a conhecer as escolas públicas municipais de Portão que são apresentadas pelas parceiras desta pesquisa. Teremos uma maior visão sobre a estrutura física e pedagógica destes espaços de aprendizagem.



Eoní de Deus da Rosa, 2020.

Para simplificar, uma “representação” da sociedade é algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social. Essa definição abarca um grande território (BECKER, 2009, p. 13, grifo do autor).

5. A ESTRUTURA DA ESCOLA: conhecendo estes espaços

Os espaços da escola são dos mais variados, sendo ordenados por uma lógica: há uma estrutura que, ao longo do tempo, foi organizada para acolher os alunos, os professores e os demais funcionários em seus afazeres, como direção e merendeiras, por exemplo. Nas escolas menores o espaço é pequeno, mas também traz elementos desta lógica: sala de aula, pátio, banheiro, cozinha. Na sala de aula há objetos que são próprios de uso dos alunos e, outros, específicos para o professor.

No município de Portão, ainda na década de 1980, havia salas onde a mesa do professor estava localizada em uma espécie de púlpito²⁴⁰, resquício de uma época em que o professor deveria se colocar acima dos alunos, de forma visível e concreta, sem deixar margens para dúvidas de quem era a autoridade. Atualmente, neste município, não há mais este espaço físico assim constituído, porém há outros modos de apresentar as distintas funções dos ocupantes do espaço escolar.

Foucault (2014) nos faz pensar sobre a escola como uma instituição que, através de sua estrutura física, manifesta a forma como deve ocorrer sua organização. O modo como as escolas são desenhadas, arquitetadas, pensadas, denota aspectos da pedagogia a ser utilizada. Lembramos aqui a importância do poder público sobre o social: as políticas de estado articulam-se de modo a movimentar as peças do “jogo” (NÓVOA, 1999) em educação.

As professoras aposentadas, parceiras desta pesquisa, apresentam estes espaços e, através de suas narrativas, pode-se conhecer um pouco mais deste engendramento. Também é possível perceber como se constituem os programas, os eventos e os projetos, bem como a forma com que a estrutura física e organizacional ordena este espaço em direção aos objetivos de quem coordena e legisla sobre a escola pública. De forma resumida, tudo é pedagógico, mas é também, principalmente, tecnologia de governo.

Esta experiência arte-etnográfica, antes de realizar críticas a respeito das tecnologias de governo, pretende criar condições de pensar em outras formas de perceber como elas impactam a vida humana em seu cotidiano (LATOUR, 2012). Os movimentos que ocorrem por parte do poder público não são os únicos. Pelo contrário, há forças de resiliência, muito mais do que resistência. Estas são parte de processos culturais que se deslocam o tempo todo. Estas forças, evidentemente com pesos que se alternam, não deixam de existir, mas se mostram como parte necessária neste processo. Lembramos aqui sobre a necessidade dos conflitos (SIMMEL, 1936)

²⁴⁰ Local com piso mais elevado na sala de aula, como uma plataforma ou palco.

para o desenvolvimento da sociedade. Da mesma forma, tomadas as devidas proporções, agentes do poder público e integrantes do triângulo escolar (NÓVOA, 1999) são partes de um engendramento que se dá não apenas por dobras, mas em constante devir (DELEUZE; GUATTARI, 1992a, 1992b), com cruzamentos de subjetividades, com pontos de fuga, territorialização e desterritorialização, enriquecendo e alterando a rotina escolar e, por conseguinte, movimentando a educação de determinado espaço e tempo.

5.1 “Meu maior desafio foi fazer a merenda.”: estrutura da escola pública municipal

Até aqui conhecemos a formação inicial, os primeiros percursos em escolas, movimentos entre escolas e setores, as formas como os contratos e concursos ocorreram na trajetória das parceiras desta pesquisa. Agora, elas nos trazem elementos importantes sobre a estrutura da escola pública.

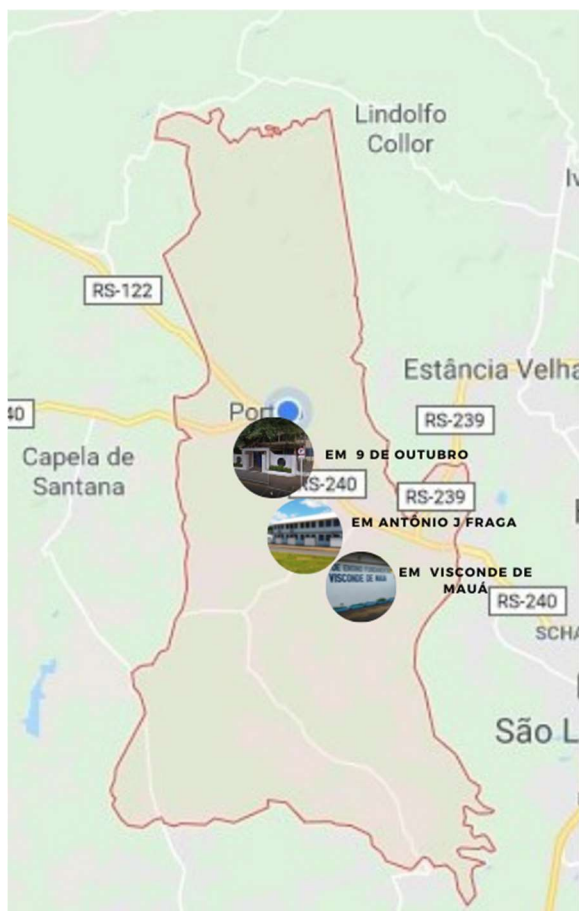
As mudanças que ocorreram nestes espaços escolares, de certa forma, dizem respeito muito mais ao crescimento do município em termos populacionais do que, de fato, sobre alterações em sua forma pedagógica. De qualquer modo, ainda assim, alguns relatos abordam a importância de acréscimo de espaços não previstos anteriormente e, inclusive, sobre a autonomia das escolas públicas municipais. Assim, com as professoras aposentadas, vamos “passar” por estes espaços, em diferentes tempos.

5.1.1 As professoras apresentam as escolas públicas municipais de Portão: trânsitos

As imagens que agora serão exibidas mostram o mapa geográfico de Portão contendo fotografias²⁴¹ das escolas onde cada uma das professoras trabalhou, reforçando que “a imagem fotográfica deve a maior parte do seu poder descritivo à sua capacidade de dispor elementos no espaço” (GODOLPHIM, 1995, p. 175). Juntamente a estas, trazemos as narrativas dos trânsitos das professoras por inúmeras escolas públicas em Portão, as lembranças, os desafios e as transformações ocorridas durante estes percursos.

Começamos então pela apresentação das escolas onde Rosaura trabalhou. Ela assim nos conta:

²⁴¹ As fotografias de todas as escolas foram realizadas pela pesquisadora nos anos de 2020 e 2021, sendo utilizado Canva (*app*) para organizar as imagens em cada mapa.



Trabalhei primeiramente na Escola Municipal Visconde de Mauá²⁴². Tenho muito orgulho de ter começado minha trajetória em Portão aqui. A Mauá era uma escola que ficava a uma certa distância de minha residência, então eu ia de bicicleta para o trabalho. Naquele período não havia transporte coletivo que passasse perto da escola. A estrada era de chão batido e tinha muito pedregulho. Hoje há uma grande diferença no acesso à escola e na própria estrutura e tamanho da escola. Ao pedir para ser transferida para uma escola mais próxima de minha casa, trabalhei na extinta Escola Municipal 9 de Outubro²⁴³. O “9” era uma escola maravilhosa, aprendi muito com a diretora Maria de Lourdes e com as colegas, que eram dinâmicas e criativas. Quando da extinção desta escola, fui trabalhar na Escola Municipal Antônio José de Fraga²⁴⁴. Foram anos de dedicação a esta comunidade escolar a qual tenho respeito e admiração. No começo, a escola era pequena, mas com tudo novinho e muito organizado. Aos poucos a escola teve de ser ampliada porque aumentou muito a população no entorno dela. Trabalhei no Fraga como alfabetizadora até ser convidada a ser vice-diretora e, mais tarde, diretora (ROSAURA, 2021).

Figura 18: Escolas onde Rosaura trabalhou.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

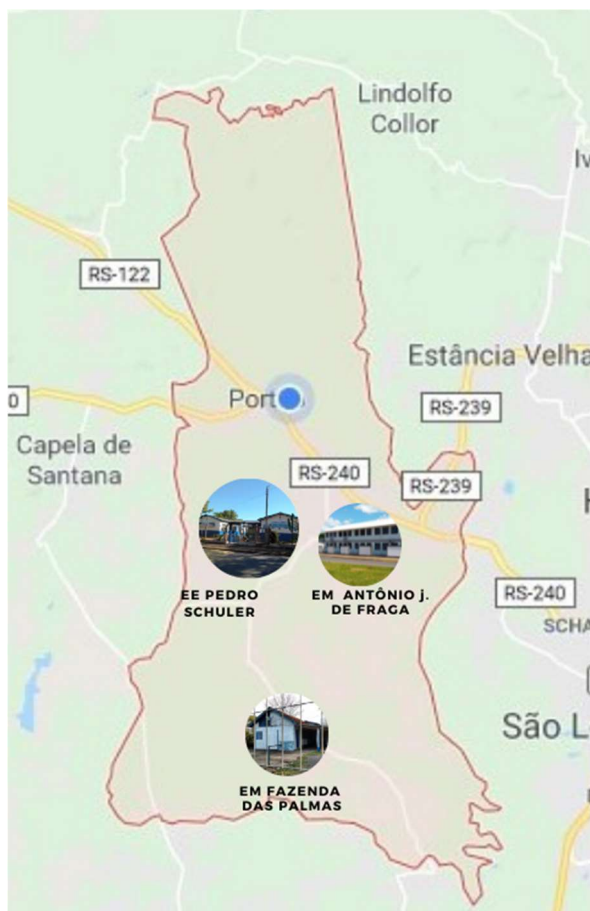
A partir do mapa podemos observar os lugares onde ela transitou, exercendo sua profissão, na área urbana da cidade, local em que se concentra a maioria da população portonense. Neste sentido é possível verificar as comunidades onde ela desempenhou sua função como professora, sendo no centro administrativo e no entorno da área povoada pelos antigos trilhos de trem que cortavam o município até a década de 1930, local com grande concentração de habitantes.

²⁴² A Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Mauá situa-se na Rua São Pedro, nº 1789 – Bairro Portão Velho – Portão/RS. Foi fundada em 16 de abril de 1987, tendo como primeira professora e diretora, Marimília Tibola, e atendia de Educação Infantil a 2ª série, com 117 alunos. Após, as outras séries foram sendo implantadas. A direção atual tem Daiane Aparecida Flores Fritzen como Diretora e Alini Franzen Beneton como Vice-diretora. Atualmente a escola atende da Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental e conta com 34 professores, 4 profissionais na equipe diretiva, 6 serviços, 1 secretária e 2 monitoras de inclusão, com 654 alunos.

²⁴³ A Escola Municipal 9 de Outubro situava-se na Rua Ivoti, nº 185 – Centro – Portão/RS. Foi fundada na década de 1960, tendo como professores Miguel de Vargas, Inácio Bueno, Suzana Pinto e Marlene Corrêa. Atendia alunos de 1ª a 4ª série. Foi extinta em 1991 e a área de terras onde estava localizada, cedida ao estado, sendo este espaço ocupado atualmente pela Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Outubro.

²⁴⁴ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio José de Fraga está situada na Rua São Pedro, nº 280 – Bairro Estação Portão – Portão/RS. Sua fundação trata da data de 21 de março de 1991, tendo como primeira diretora e professora, Márcia Hadres Bueno e atendia de Educação Infantil a 4ª série. Recebeu o nome do segundo prefeito municipal de Portão. A direção atual tem Cristiane Griebler como Diretora e Andrea Calloni como Vice-diretora. Hoje a escola atende da Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental e EJA no noturno, tendo 53 professores, 4 profissionais na equipe diretiva, 7 funcionários, 2 secretárias escolares e 5 estagiárias, atendendo 876 alunos.

Seguimos com a professora Eoní.



Comecei a exercer minha profissão na Escola Fazenda das Palmas²⁴⁵. Escola rural, pertinho da minha casa, construída num projeto de Leonel de Moura Brizola, eram as chamadas “brizoletas”. Eu era solteira, morava na casa dos meus pais, no interior do município. Fiquei morando lá um tempo depois de casada. Isso facilitava muito meu acesso ao trabalho. Mas não facilitava quando eu tinha reuniões em São Sebastião do Caí ou São Leopoldo, porque era distante e eu dependia de carona até um trecho e o restante, de ônibus. Naquele tempo a Escola Fazenda das Palmas pertencia ao estado. Quando ela passou a pertencer ao município eu não estava mais trabalhando lá. Mais tarde fui transferida para a Estação Portão, para trabalhar na Escola Pedro Schuler²⁴⁶. Era uma escola grande e finalmente eu tinha colegas para dividir os questionamentos e afazeres escolares. Trabalhei ali, pelo estado, até me aposentar. No município, fiz concurso e trabalhei na Escola Fraga²⁴⁷, uma escola próxima da Pedro Schuler e de minha casa. Lecionei no noturno e diurno desta escola. No noturno trabalhei com EJA. Ali sempre tinha bastante aluno no noturno. A Escola Fraga foi crescendo muito com o tempo. No município foi minha única escola (EONÍ, 2020).

Figura 19: Escolas onde Eoní trabalhou.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

Eoní traz lembranças do início da carreira numa escola da zona rural e, com o passar dos anos, deslocou-se para a zona urbana, o que, segundo ela, facilitou sua organização pessoal. Embora estejamos abordando as escolas públicas municipais de Portão, temos professoras aposentadas que trabalharam em escolas estaduais, assim como Eoní e Leila, neste município, e estas escolas também serão identificadas no mapa.

²⁴⁵ A escola foi criada pelo Estado do Rio Grande do Sul, em 05/02/1962, Decreto de Criação 13.144/62. Chamava-se Escola Rural Fazenda das Palmas. Esse nome foi colocado porque o terreno onde está construída fazia parte de uma enorme fazenda com 700 hectares, pertencente a Leonel Paz de Oliveira, onde havia muitas palmas nativas. Leonel doou o terreno para a construção da escola. Naquela época, a localidade pertencia a Canoas, depois passou a pertencer a São Sebastião do Caí e, atualmente, pertence ao município de Portão. Em 1980 foi designada como Escola Estadual de 1º grau incompleto Fazenda das Palmas. Em 1989 passou a ser municipalizada e em 2000 foi designada Escola Municipal de Ensino Fundamental Fazenda das Palmas, Lei Municipal de Designação 1.105/2000. Sua primeira professora foi Eromy Leopoldina de Deus. A diretora e professora atual é Cybele Peters da Silva, e atualmente atende do 1º ao 4º ano de forma multisseriada, com 10 alunos. Localiza-se na Estrada Fazenda das Palmas, nº 4900, Fazenda das Palmas – Portão/RS.

²⁴⁶ Escola Estadual Ensino Fundamental Pedro Schuler se localiza na Rua 20 de Setembro, 123 – 1 Estação Portão, Portão/RS. Foi criada em 7 de janeiro de 1939 com o nome Grupo Escolar de Portão. Em 1957, ao reunir todas as escolas irregulares do Distrito, passou a chamar-se Escolas Reunidas de Portão. Depois de várias alterações, em 1979 passou a ser denominada de Escola Estadual Pedro Schuler em homenagem ao doador das terras onde se localiza atualmente. Em 1984 passou a oferecer o ensino fundamental completo. É a escola mais antiga em atividade em Portão. Tem, atualmente, 22 professores, 2 funcionários e cerca de 160 alunos.

²⁴⁷ Escola já mencionada em mapa anterior.



Iniciei meu trabalho na zona rural, na Escola Machado de Assis²⁴⁸. Ficava distante, mas era acolhedora e eu lembro da sala e dos olhares das crianças até hoje. O acesso não era fácil porque não havia transporte coletivo. A gente, que trabalhava em escola da zona rural, na direção norte do município, se organizou e dividíamos táxi todos os dias. A estrada era muito ruim, com muita poeira. Ainda é, até nossos dias. Mas foi uma grande experiência trabalhar com turma multisseriada, numa “brizoleta”, com alunos de uma diversidade muito rica. Depois, fui transferida para a Getúlio Vargas²⁴⁹. Ia a pé porque morava no Rincão e a escola era praticamente à beira da Rodovia na divisa com Capela. Junto a isso fiz concurso pelo estado e lecionei na Krumenauer²⁵⁰: a escola era muito grande quando comecei, muitas salas, muitos alunos. Quando me aposentei no estado já tinha bem menos alunos e turmas. No município, estive um mês no 9 de Outubro e fui transferida para a Vila Souza²⁵¹ até me aposentar. Esta era a escola que sempre quis, tranquila, alunos eram filhos de conhecidos meus e tive ótimas colegas. A escola fica no final da rua, numa subida. De lá dá pra ver o movimento da faixa e do bairro. Com o tempo também teve diminuição de alunos (LEILA, 2021).

Figura 20: Escolas onde Leila trabalhou.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

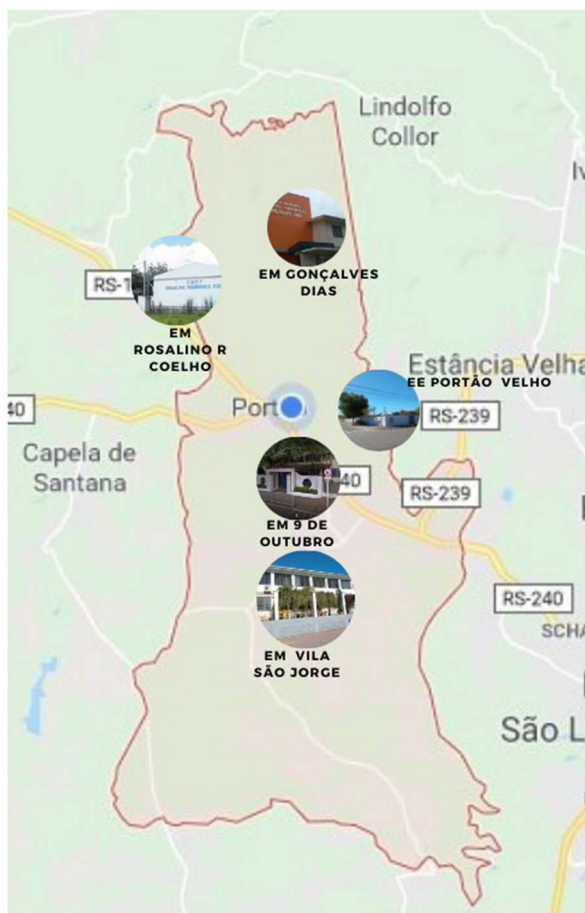
Agora, passamos a observar os itinerários percorridos por Mariângela.

²⁴⁸ A Escola Municipal Machado de Assis está desativada. Localizava-se na Estrada Macaco Branco, nº 2314 – Localidade de Macaco Branco – Portão/RS. Atendia alunos dos anos iniciais do ensino fundamental desde a década de 1970 até 2016, de forma multisseriada.

²⁴⁹ A Escola Municipal Getúlio Vargas foi construída nas terras de Rosalino Caetano de Souza em 1872 com outra denominação e, na década de 1960 foi fundada com o nome citado, sendo desativada em 1998. Atendia alunos dos anos iniciais, de forma multisseriada. Localizava-se na Estrada do Garcês, Portão/RS.

²⁵⁰ A Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Gustavo Krumenauer foi criada com a denominação de Grupo Escolar de Rincão do Cascalho na década de 1940. Localiza-se na Rua Guarani, nº 223 – Bairro Rincão do Cascalho. Atendia alunos de ensino fundamental e EJA. Atualmente atende alunos do ensino fundamental, sendo que há turmas dos anos iniciais organizadas de forma multisseriada devido ao baixo número de alunos matriculados, embora esteja situada na zona urbana. O Diretor atual é Jorge Rodrigues.

²⁵¹ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Souza está situada na Rua Viamão, nº 313, na Vila Souza, no Rincão do Cascalho, distante 05 (cinco) km da sede do município de Portão, fazendo parte da zona urbana da cidade. A Escola foi construída numa área de terra doada pelo Sr. Valdomiro Souza, cuja vila leva o seu sobrenome. Sua construção iniciou em 1985, sendo inaugurada em 30 de março de 1986, com o então prefeito o Sr. Euclides Xavier de Almeida. Havia quatro professoras atuando de 1ª a 4ª série e uma funcionária responsável também pela preparação da merenda. Foram professoras: Gessi M. M. Machado, Leila Nabinger de Freitas, Maria Dorli de Freitas e Maria da Graça T. Passos. A diretora era Gessi M. M. Machado. Estavam matriculados 33 alunos. Atualmente a escola atende 31 alunos da Classe de Educação Infantil ao 4º ano, sendo do 1º ao 4º uma turma multisseriada. A escola conta com uma servicial e duas professoras. São professoras: Andiarra dos Santos e Dalva Adamatti Ribas. A professora Dalva Adamatti Ribas também acumula a função da direção da escola.



Minha primeira escola foi a São Jorge²⁵². Embora fosse pequena naquele período, havia muita área de terras ao redor e todos falavam que seriam loteados. Assim, era previsto o crescimento de número de alunos na escola. E é verdade, hoje é um dos maiores bairros da cidade. Com a mudança de residência da minha família, de Portão para Capela de Santana, pedi transferência e fui trabalhar na Gonçalves²⁵³: escolinha da zona rural, com dificuldades de acesso e muito desafio com as turmas multisseriadas, mas com uma comunidade acolhedora. Este lugar, aos poucos, se tornou minha casa. Conjuntamente, no início, com outros contratos, lecionei na Portão Velho²⁵⁴, escola grande onde eu estudei todo 1º grau e onde minha mãe foi professora e diretora. E no “9²⁵⁵”, onde tive muitos aprendizados e circulação com comunidade e professoras muito ativas. Mas eu resolvi trabalhar os dois turnos na Gonçalves, fiz novo concurso e acabei ficando muitos anos lá. Depois, fui convidada a trabalhar na Secretaria de Ação Social de Portão e, mais tarde, em Lindolfo Collor. Em meu retorno a Portão, depois do fim da permuta, finalizei meu percurso na Rosalino²⁵⁶, uma escola pequena, entre o rural e o urbano, na divisa com São Sebastião do Caí (MARIÂNGELA, 2021).

Figura 21: Escolas onde Mariângela trabalhou.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

²⁵² A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila São Jorge, localiza-se no Bairro São Jorge, à Rua Batinga, nº 138. Teve data de criação em 15 de abril de 1985, com três séries iniciais. A primeira diretora foi a professora Elisabete Bock. A Direção atual é formada pela Diretora Vera Rodrigues de Oliveira e Vice-diretora Angela Müller. Conta com o trabalho de 37 professores que atendem 28 turmas, com 730 alunos matriculados. A escola também possui uma sala de recursos para atendimento aos alunos especiais.

²⁵³ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias está localizada na Estrada Cachoeira, nº 1103, localidade de Cachoeira – Portão/RS. Foi constituída na década de 1960. Recebeu este nome em virtude do poeta brasileiro, apaixonado pela natureza, pelo índio e pelo negro (muito presente na comunidade de Cachoeira). Neste período iniciou com 44 alunos, sendo as primeiras professoras, Marieta de Oliveira (tia-avó da pesquisadora, filha de Paulo Paulino de Oliveira) e Marta Bonini. Na época pertencia a São Sebastião do Caí e passou ao município de Portão assim que este se emancipou, em 1963, embora seu Decreto de Criação conste de 06/12/1975. Hoje conta com 3 integrantes na equipe diretiva, 13 professores, 1 secretária e 3 serviçais, atendendo 180 alunos de 3º a 9º ano do ensino fundamental. A direção está a cargo do professor Valdir Fenner Stallbaum.

²⁵⁴ A Escola Estadual de Ensino Fundamental Portão Velho está situada na Rua Júlio de Castilhos, nº 3742 - Bairro Portão Velho – Portão/RS. Oferece educação especial, ensino fundamental, ensino fundamental - anos finais 6º ao 9º e ensino fundamental - anos iniciais 1º ao 5º. Possui alimentação fornecida, biblioteca, laboratório de informática e quadras de esportes. Foi fundada na década de 1960. Nas décadas de 1970 a 1990 teve número expressivo de alunos e professores. Atualmente tem em torno de 150 alunos.

²⁵⁵ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁵⁶ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Rosalino Rodrigues Coelho foi fundada em 14/04/1988. Está situada na Rua da Floricultura, nº 168, Rincão do Cascalho – Portão/RS. A primeira professora foi Cláudia Silviane da Silva e atendia 1ª e 2ª séries. A primeira diretora foi Rosângela Engel dos Santos Linck, que atendia também 3ª e 4ª séries. Atualmente a diretora é Roberta Mardelise de Souza, que atua 40h somente com direção da escola. A escola possui 125 alunos desde a Educação infantil A e B até o 5º ano do ensino fundamental, com 2 membros na equipe diretiva, 12 professoras e 1 serviçal.

Mariângela transitou em poucas escolas, e sua experiência com a diversidade e preocupação com o social levou-a a caminhos diferentes, mas não menos desafiadores. Ela também teve uma passagem na política, sendo vereadora do município de Portão no ano de 2020. Hoje não atua mais diretamente na política partidária, porém sua trajetória é muito relacionada a questões ambientais, da diversidade cultural e da valorização das relações étnico-raciais. A escola onde trabalhou por mais tempo, Gonçalves Dias, recebe alunos do Quilombo da localidade de Macaco Branco, sendo que a instituição escolar proporcionou e proporciona atividades e projetos como do Grupo de Danças “Nossas Raízes”²⁵⁷.

Diante dos trânsitos entre as escolas, aqui apresentados pelas professoras aposentadas, pode-se perceber que as visões de mundo (GEERTZ, 1978) destas mulheres continham o desejo de trabalhar em um ambiente que favorecesse o desenvolvimento profissional e que fosse um espaço de trocas e compartilhamento de ideias. Também era importante, como visto até aqui, que a professora se sentisse confortável na turma que lecionava: isto favorecia o engajamento e pertencimento ao espaço escolar, mesmo que houvesse dificuldades na estrutura física ou pedagógica.

Cândida nos fala das escolas por onde passou, lembrando com carinho os momentos vividos. Através de seus relatos é possível observar que, por diversas vezes, algumas paradas foram necessárias. Em função de problemas de saúde, dela ou de seus familiares próximos, algumas mudanças entre escolas foram realizadas. Com licença saúde, ao retornar para o ambiente de trabalho, alterações tinham ocorrido na organização de turmas e professores, e estas, por vezes, faziam com que Cândida optasse por solicitar transferência de turno ou de escola. Estas solicitações ocorrem somente no mês de novembro de cada ano, a fim de que a Secretaria de Educação possa organizar o ano letivo seguinte.

Diante do exposto, Cândida se deslocou entre escolas que ficavam mais próximas de sua residência, que está localizada no centro da cidade. No mapa podemos observar a localização das escolas onde transitou, estando estas no centro e a leste do município de Portão. Cândida conta:

²⁵⁷ Grupo de danças afro, organizado e proporcionado por projeto da Escola Municipal Gonçalves Dias no ano de 1999, tendo a funcionária Margarete Pereira como coreógrafa e líder do grupo. “Nossas Raízes” realiza apresentações no município e em outras cidades do estado e sua líder palestra em cursos e lives sobre a importância e a trajetória do grupo para a comunidade quilombola situada na zona rural, ao norte da cidade de Portão. Este é um projeto anterior à Lei 10639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e à Lei 11645/08 que inclui as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo.

Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> sobre a Lei 10639/03 e da Lei 11645/08 em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>



Tive um contrato para trabalhar na Escola 9 de Outubro²⁵⁸. Esta foi a primeira vez que trabalhei como professora. Uma escola enorme, com muitos alunos e colegas professores, bem no centro da cidade. Depois, quando fiz concurso para trabalhar em Portão, pelo município, fui nomeada para a Escola Visconde de Mauá²⁵⁹. Todos conheciam, popularmente, esta região como “trilhos”, por causa do local onde era localizada a passagem de trens no século XX. Assim, fui trabalhar na escola dos trilhos. Mais tarde pedi transferência para a Escola São Jorge²⁶⁰. Também era uma escola grande, numa localidade com vários condomínios populares. Assim como a população, a escola cresceu também. Trabalhei depois na Escola Franke²⁶¹ e no Fraga²⁶². Estas escolas mais perto do centro da cidade, o Fraga enorme e o Franke menor, atendendo somente as séries iniciais. Entre estes trânsitos, trabalhei na Escola Afonso²⁶³, uma escola pequena, com um “ar” de aconchego. Tinha um excelente espaço para trabalhar com arte. Também tive a experiência de trabalho na Escola Olavo Bilac²⁶⁴, com turma multisseriada, na zona rural. Nos últimos anos, no estado, trabalhei na Escola Portão Velho²⁶⁵, como orientadora. Foram muitos espaços, cada um do seu jeito e eu aprendi muito em todos eles (CÂNDIDA, 2021).

Figura 22: Escolas onde Cândida trabalhou.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

Adreane revisita os espaços percorridos profissionalmente, lembrando que retornou como professora em todas as escolas nas quais estudou quando criança e adolescente. O brilho no olhar demonstra a satisfação de ter tido a oportunidade de retribuir o empenho dos profissionais das escolas públicas em sua formação.

²⁵⁸ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁵⁹ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁶⁰ Escola já mencionada em mapa anterior.

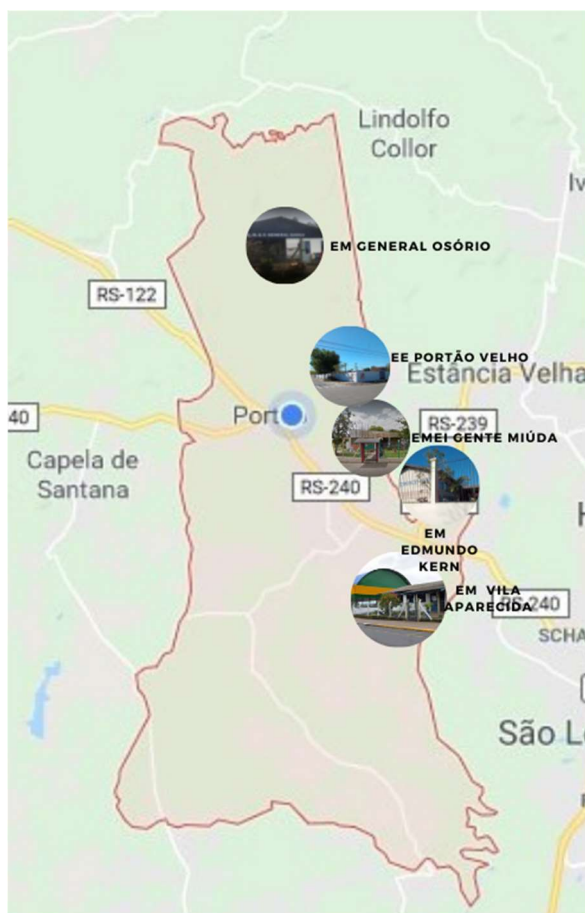
²⁶¹ A Escola Municipal Carlos Oswin Franke está situada na Rua Soledade, nº 355, Parque Neto – Centro – Portão/RS. Foi fundada em 15/04/1988 e atendia em torno de 80 alunos, da pré-escola à 4ª série, com 5 professoras e uma merendeira. A diretora era Delci Chiot. A diretora atual é Silvane de Oliveira Flores. A escola atende 380 alunos, em 15 turmas da Educação Infantil ao 5º ano, tendo no quadro funcional 23 professores e 4 funcionários.

²⁶² Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁶³ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Gomes de Carvalho teve o trabalho iniciado em março de 1966. No início, atendia de 1ª a 3ª séries, sob a direção de Noeli Fish Rigon. Mas teve lei de criação em 08/12/1975, com o nome de Escola Municipal 15 de Novembro. Vários professores, direções e alunos passaram por esta escola, que se situa na Rua Duque de Caxias, nº 718 – Portão Velho – Portão/RS. Sua nova designação foi recebida em 14/02/2000 em homenagem ao doador das terras onde a escola está localizada. Atualmente, sob direção de Daiana Paim da Silva, atende 255 alunos da Educação Infantil ao 5º ano, em 12 turmas, com 17 professores, um secretário, uma estagiária e três serviçais.

²⁶⁴ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac está desativada. Localizava-se na Rua Vereador Antônio Rodrigues da Rosa, nº 2948 – localidade de Morretinhos – Portão/RS. Atendia a turmas de 1º a 5º ano de forma multisseriada. A escola foi fundada na década de 1960 e teve suas atividades finalizadas em 2018.

²⁶⁵ Escola já mencionada em mapa anterior.



Minha primeira escola foi a General Osório²⁶⁶. Lembro da escola no alto de uma estrada, bem no entroncamento entre três estradas. Uma escola multisseriada, da zona rural, com falta de alguns elementos estruturais, mas que despertou em mim toda a criatividade e o desejo de atender aquelas crianças com o máximo de possibilidades. Foi um ano intenso e rico, com uma comunidade muito parceira. Depois fui convidada a assumir turma e direção da nova escola construída, a Vila Aparecida²⁶⁷. Aqui tudo foi construído em conjunto com a comunidade. Esta escola é da comunidade e eles fizeram e fazem tudo por ela. Uma escola pequena e que foi crescendo com a comunidade, é isso. Pelo estado, trabalhei um tempo na Edmundo Kern²⁶⁸. Nesta escola eu aprendi a ler e tinha muito orgulho do espaço que havia nela para as questões e projetos sobre meio ambiente: no pátio dela está localizado o Horto Florestal da cidade. Também trabalhei na Portão Velho²⁶⁹, lugar onde estudei na adolescência. Depois de um tempo fui convidada a assumir o comando da Secretaria Municipal de Educação de Portão, onde atuava como supervisora escolar. Anos mais tarde, encerrei meu trabalho na Escola Gente Miúda²⁷⁰ (ADREANE, 2021).

Figura 23: Escolas onde Adreane trabalhou.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

²⁶⁶ A Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório, situada na Estrada Bom Jardim, nº 520, localidade de Bom Jardim – Portão/RS, foi inaugurada em 07 de janeiro de 1973. No entanto, em 1969, já constam registros da professora Marlene Luiza Corrêa, que atendia alunos de 1ª a 5ª série, em uma única turma, multisseriada. Atualmente, tem como diretora Deise Hoff Britz, que, juntamente com uma equipe de 5 professoras, atendem as turmas da Classe de Educação Infantil A (faixa etária 4 anos), Classe de Educação Infantil B (faixa etária 5 anos), 1º ano e 2º ano, num total de 68 alunos.

²⁶⁷ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Aparecida foi fundada em 26/12/1985 e começou a funcionar no início do ano letivo de 1986, tendo como diretora Adreane Arnecke, que também atendia a 1ª série; na 2ª série, professora Carmen Regina Martins; com a 3ª série, professora Gerlene Ciceri e na 4ª série, professora Ivone Winck. Hoje, na direção, professora Alini Franzen. A escola atende 7 turmas, das Classes de educação Infantil a 5º ano. Conta com 9 professoras, 2 funcionárias, 1 supervisora, 2 estagiárias e direção, atendendo 147 alunos. Está situada na Travessa Fátima, nº 80, Vila Aparecida – Portão/RS.

²⁶⁸ A Escola Edmundo Kern foi fundada em 23 de março de 1950, nas terras da família Kern, sob a coordenação do estado. Em 1980 passou a ser de domínio do município, pois a área de terra foi doada para Portão. Fica localizada na Rua Estância Velha, nº 542, bairro Portão Velho. A primeira professora de quem se tem notícias era Dona Maria, algum tempo depois a professora Haydê. Neste período o diretor da Escola foi o professor Antônio José de Fraga. Quanto à estrutura física, era ofertada a casa para o professor morar e dar aula, então a Escola era a casa do professor. Atualmente, a Escola atende 204 alunos, distribuídos em 12 turmas. São 19 professores, 1 diretora: Denise Mendes Ribas, 1 supervisora escolar, 1 secretária e 4 serviçais.

²⁶⁹ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷⁰ A Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda localiza-se na Rua das Cerejeiras, nº 124 - Vila Rica, Portão. Fundada em 05/10/1989, teve como primeira diretora, Adriana Ely de Mello Stumpf e atendia crianças de 2 a 6 anos. Atualmente a direção está a cargo de Jaqueline de Almeida Melo e conta com 4 professoras, 2 serviçais, uma diretora, 3 estagiárias. Atende a 32 crianças neste ano letivo de 2021.

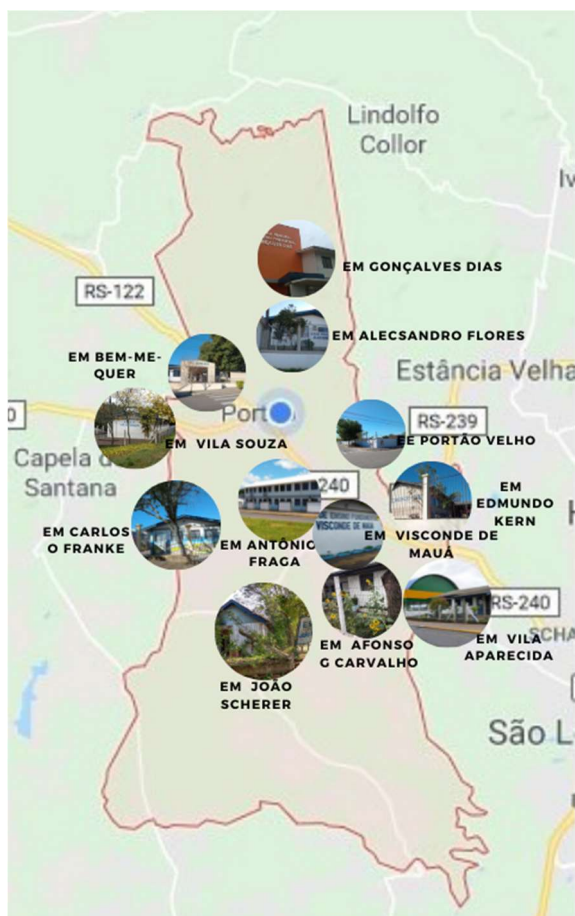


Figura 24: Escolas onde Marisa trabalhou.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

Comecei a trabalhar no Portão Velho²⁷¹, escola estadual, com contrato. Fiz concurso no município e fui lecionar na João Scherer²⁷². Escola multisseriada, da zona rural, uma “brizoleta” com muita área verde ao redor. Mais tarde fui transferida para a Gonçalves²⁷³, também rural, ao norte da cidade. Era uma escola pequena também, mas a população no entorno era maior que na João Scherer. Depois fui pra Vila Souza²⁷⁴: escola um pouco maior, de alvenaria, com mais alunos e professores, no alto do Rincão. Também trabalhei na Afonso²⁷⁵, no Cantão, escola de médio porte, e que cresceu porque foi construído um condomínio popular ao lado dela. Anos depois, fui convidada a ser diretora na Creche Bem-me-quer²⁷⁶, também na localidade de Rincão do Cascalho. Lecionei no Fraga²⁷⁷, uma escola enorme já naquele tempo, com alunos vindos de vários lugares, não só da Estação Portão ou dos “trilhos”, e que, por ter os três turnos facilitava acesso à população. Passei também pela Alecsandro Flores²⁷⁸. Escola situada numa área de periferia: muitas pequenas casas, muitos moradores. Mais tarde trabalhei na Escola Franke²⁷⁹: escola de anos iniciais, situada no alto do Parque Netto, atendendo alunos de vários locais de Portão. Trabalhei, em dois momentos, na Edmundo Kern²⁸⁰, escola na divisa com Estância Velha, com área verde e muitos alunos do acampamento do MTST. Ao mesmo tempo lecionava na Vila Aparecida²⁸¹, escola de uma limpeza e organização impecável, no alto da Vila. Depois, assumi o Departamento de Meio Ambiente. Ao final, a Mauá²⁸² foi meu espaço de trabalho, atendendo a todas as escolas na educação ambiental (MARISA, 2021).

²⁷¹ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷² A Escola Municipal de Ensino Fundamental João Scherer está desativada. Localizava-se na Estrada da Boa Vista, na localidade de Boa Vista – Portão/RS. A escola foi fundada na década de 1950 e atendia alunos das séries iniciais, em turma multisseriada. Suas atividades foram encerradas no final do ano de 2009.

²⁷³ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷⁴ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷⁵ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷⁶ A Escola Municipal de Educação Infantil Bem-Me-Quer foi fundada em 03 de junho de 1987 na administração do Prefeito Municipal Sr. Euclides Xavier de Almeida, na época ligada à Secretaria Municipal da Saúde e denominada “Creche Municipal Bem-Me-Quer”. Havia seis funcionárias contratadas para trabalhar com as crianças, com carga horária de 12 horas diárias. A escola contou com professoras estagiárias até o ano de 2006, quando o quadro docente foi constituído através de concurso público municipal. A primeira diretora da escola chamava-se Carmen Diullius. A escola localiza-se na Rua Belo Rodrigues de Freitas, nº 233, Rincão do Cascalho – Portão/RS. Atualmente, conta com 5 professoras concursadas e 32 crianças matriculadas (de 2 a 3 anos). A diretora atual é Francine Lunkes.

²⁷⁷ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁷⁸ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Alecsandro Flores está situada na Rua Rodolfo Engel, nº 335 – Saibreira – Rincão do Cascalho – Portão/RS e foi fundada no ano 2000. A primeira diretora foi Maria Mathilde Müller, que lecionava juntamente com Marisa Braga, nossa parceira de pesquisa, dividindo as turmas de 1ª a 4ª série. A atual diretora é Sonilda T. da Rosa. A escola atende 43 alunos, nos dois turnos, divididos em classes multisseriadas de 1º a 5º ano. A equipe é formada por 3 professoras e uma funcionária.

²⁷⁹ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁸⁰ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁸¹ Escola já mencionada em mapa anterior.

²⁸² Escola já mencionada em mapa anterior.

Marisa trabalhou em inúmeras escolas. Em outra oportunidade ela afirmou que sempre acreditou que deveria estar feliz onde trabalhasse. Segundo ela, este é o motivo de tantas transferências. De certo modo, o fato de ter circulado por tantos espaços educacionais em Portão contribuiu para que ela tivesse fácil acesso às escolas quando assumiu o Departamento de Meio Ambiente do município, onde desenvolveu trabalho direto com os professores através do Coletivo Educador Ambiental.

Os processos que ocorreram com as professoras aposentadas, parceiras desta pesquisa, nas idas e vindas pelas escolas em Portão, foram importantes para a formação profissional e pessoal de cada uma delas. Ao revisitar estes percursos, estas mulheres recordam passagens importantes de suas vidas e alguns dos motivos pelos quais fizeram este ou aquele caminho. As escolhas foram se dando aos poucos, sendo atribuídas a questões familiares, financeiras, de ordem das relações dentro do ambiente de trabalho, com colegas, direções e/ou comunidade escolar, dificuldade de acesso ou de estabelecer vínculos, por exemplo. De qualquer modo, por meio destas narrativas pode-se observar a mobilidade entre cargos e espaços escolares e o quanto da esfera pública está presente no privado e vice-versa.

Nestes processos, sem dúvida, culturais, observam-se as identidades narrativas e as memórias sobre o mundo do trabalho, inter-relacionadas com a sociabilidade, contendo as relações de afeto e os conflitos, a subjetivação e os arranjos que ocorrem com as transformações na escola, numa sociedade complexa e contemporânea. As escolas aqui apresentadas por elas permitem perceber estas reverberações.

5.1.2 Visitando e revisitando a estrutura física da escola pública

No período em que ocorreu a pesquisa, durante uma pandemia e tudo que a cerca, a etnografia realizada com estas professoras aposentadas permitiu que se pudesse pensar nas escolas, visitar e revisitar estes espaços através das memórias de cada uma destas mulheres, mesmo sem sair de dentro do espaço da casa. Estas escolas públicas do município de Portão são uma pequena amostra das escolas públicas do Brasil, se atentarmos para suas estruturas pedagógicas e físicas, lembrando que, mesmo aqui separadas para uma melhor visualização, a parte da estrutura física também é, de algum modo, pedagógica. De forma geral, as tecnologias de governo próprias do ensino público seguem determinados parâmetros e, na narrativa das parceiras desta pesquisa, se estendem do âmbito federal ao estadual e municipal. Importante atentar para o que as professoras aposentadas nos trazem de cada lugar percorrido em suas carreiras em educação, agora relembando sua estrutura física.

Marisa recorda que a estrutura das escolas quando começou a trabalhar, em meados dos anos de 1980, eram básicas:

Era quadro, giz e classes. Banheiro, nem tinha. Merenda, não me lembro bem. No município, naquela época, nem todas as escolas tinham luz, água e banheiro. Lá pelos anos 1990 e 2000 começaram a investir nas ampliações das escolas e na melhoria dos espaços. Assim, eu tenho uma boa lembrança de que todos os governos tinham a preocupação de melhorar as condições de conforto, dos alunos e dos professores. Teve um tempo que começaram a colocar as antenas parabólicas pra que a gente tivesse sinal de satélite, daí veio verba do governo pra que a gente pudesse ter acesso aos DVDs educativos, CDs. Então, acho que era um convênio que a Prefeitura fazia pra que a gente tivesse isso. Depois vieram os laboratórios de informática. Então, primeiro veio uma estranheza de todo mundo porque como que ia fazer, né? Pra atrair as crianças pra trabalhar no laboratório. E depois mais, aquelas mesas pedagógicas também, né? Mas aí, dessa parte dessas mesas digitais eu já tava afastada de sala de aula, por conta da minha voz. Essa questão de estrutura de prédio, a prefeitura investiu, sempre tinha sala de aula sendo ampliada, aumentando o espaço pra acolher a demanda, embora nem todos aproveitassem o espaço que recebiam, ou os materiais que recebiam. Em escolas que eu participei, com a educação ambiental, havia computadores lá, empoeirando. E as crianças copiando do quadro, podendo estar trabalhando uma forma mais lúdica nos computadores, né?

Rosaura lembra que sua primeira escola era pequena. E compara com o que se vê hoje.



A dimensão que ela é hoje, nem se compara. Eram poucas salas, ela era um só prédio. Não tinha saguão, tinha pátio sim, mas não tinha muito verde. Depois, no 9 era uma estrutura grande, era uma escola com bastante terreno e no alto. Tinha uma parte plana embaixo e a parte alta com um prédio grande. Uma ótima estrutura ali. Já o Fraga era uma estrutura média, mas ao contrário das demais, tinha bastante área verde. A gente ficava meio amontoadinho lá na sala de professores, era uma salinha pequena, e claro, com a escola crescendo, ela foi aumentando suas instalações também. Eu passei por duas obras, dois aumentos, lá na escola. E o último que foi a parte nova. Eu atribuo esse crescimento de alunos na Escola Fraga ao crescimento da população. Muitos moradores vieram pra cá pra buscar trabalho. Sobre os materiais assim, das escolas, no geral, tinha bastante materiais. O que a gente tinha ali, pra nós, era o suficiente, né? Não era nada comparado com hoje, acho que não era nada de grandes coisas que nós tínhamos. Tínhamos acesso ao mimeógrafo e folhas. Eu lembro que eu usava muita coisa minha, eu comprava muita coleção de livros. Mas isso foi melhorando ao longo do tempo, tanto na quantidade como na qualidade também.

Para Mariângela, no início era precária a estrutura. Ela se detém em narrar mais sobre a escola onde trabalhou por mais tempo, a Gonçalves Dias.

Muita coisa a gente conseguiu avançar, mas a gente corria atrás. Talvez, se não tivesse todo apoio da comunidade, estivesse um pouco mais renegada, tanto que quando eu fui pra lá não tinha nada na escola. Não conseguia nem enxergar a cor do prédio, por ainda ser a original, em verde e amarelo, só desgastada. Então, a gente teve que movimentar ali, até que foi fácil o apoio da comunidade. Quando a gente queria alguma coisa, assim, que nós achávamos que não estava dentro do planejamento, a gente corria atrás, fazia um evento e comprava. O exemplo foi os aparelhos de ar-condicionado. Foi a primeira escola que colocou ar-condicionado nas salas de aula. Foi em 2006. Quando eu fui trabalhar no setor de assistência, tinha recurso. Claro que é um programa do Conselho Federal, recurso dentro do cadastro único pra investir em estruturas físicas. Mas a gente deveria planejar as coisas já tendo o recurso. E eu acho que é uma falha na questão do país, deveria ter mais investimento. Mas a gente, enquanto professora, aprende a cuidar e a controlar os materiais. Isto começa com coisas mínimas, um pouquinho que tu bota fora ali, faz falta depois. Então, a

professora acaba aprendendo isso por obrigação, né? Aquela coisa de aproveitar a folha, guardar tudo. Fazer um jeitinho de dar certo com o que tem.

Eoní começa a lembrar da estrutura física da Escola Fazenda das Palmas:



Era uma escola bem simples, uma escola de madeira, de tábuas. Constava no prédio, uma sala de aula, uma areazinha aberta na frente e um quartinho tipo dispensa, mas sempre foi usado para depósito. Era isso a escola. Não tinha nem cozinha pra fazer a merenda. Tinha que ser preparada no fundo da sala de aula e era servida depois, ali mesmo em sala. Então, em se falando de estrutura, era bastante precária, mesmo pra época. Banheiro não tinha, tinha aquela casinha lá nos fundos do pátio. A água era um poço cavado, puxada a balde ainda. Agora, nos últimos anos eles fizeram poço artesiano nas escolas do interior. Todos os anos que eu trabalhei lá era essa a estrutura. E assim, como não tinha nada que auxiliasse a professora no desenvolvimento da aula, não tinha nem um mimeógrafo no meu tempo e as provas do fim do ano vinham prontas pra escola, depois eu tinha que fazer a correção. Já os testeziños mensais era à mão que eu fazia, eu conseguia fazer duas de cada vez usando o papel carbono. Imagina. E com papel carbono eu também tirava os mapas pra quarta, quinta série trabalhar. Era assim, material só o que a professora podia organizar. Ai quando eu vim pra Pedro Schuler eu fui conhecer um mimeógrafo, como rodar as folhas e depois melhorou bastante com a chegada das máquinas de xerox, né? Isso melhorou bastante o trabalho do professor. [...] E depois trabalhei no Fraga. Cada escola ia melhorando um pouquinho mais, era a escola nova, salas novas, tudo. Bom, os prefeitos investiram bastante na escola, sempre tinha coisas novas, melhorias. No último ano que eu estava lá, estavam começando a construir a quadra coberta lá, o ginásio poliesportivo. E já tinha as salas dos prédios novos com segundo piso e bastante coisa nova de material.

Cândida conta que, em geral, a arquitetura da sala não favorece a mobilidade para o trabalho. Ela se recorda que sempre ocorre transtorno para organizar o espaço para o trabalho com crianças menores.



A gente que arruma, depois coloca novamente no lugar. Às vezes o círculo não dá, porque é muita criança, mas assim, em geral, a questão de estrutura, de conservação é muito boa. A questão da limpeza também. Hoje, a maioria das escolas tem uma quadra esportiva. Quando eu comecei a trabalhar, era só areia, sei lá, esse espaço é muito importante pro movimento, né? Eu acho que ainda é pequeno nas escolas, em geral. Tem umas privilegiadas com a questão do espaço, mas a maioria, assim, eu acho que tem essa questão de espaço de pátio pra melhorar. Outra coisa que eu sempre acho que falta muito nas escolas, que não foram privilegiadas, ao menos nas escolas por onde eu passei, a questão das bibliotecas. Numa escola uma professora colocava os livros em uma mesa para os alunos escolherem, e só. Houve uma época que os livros eram muito ruins, aqueles livrinhos de sacolinhas, a escola comprava porque era mais em conta, enfim, e na realidade tu vai esgotando as possibilidades de leitura. Eu tinha o hábito de fazer uma sacola, por vários anos, mais de dez, com certeza, que eu fazia sacolas com livros, da minha casa, de pessoas que eu pedia, enfim. Daí, aquilo ia circulando pros alunos e aumentando o volume. Pra ser de mais qualidade. A questão também de um espaço pra experimentar. Seja de arte, que na Afonso tinha um espaço muito bom, que depois foi convertido em sala de aula. Tive espaço que ajudava assim, pra fazer o projeto, dava pra usar pra arte, né? Importante também a questão da informática. Eu acho que não é um problema exatamente do município, eu sinto isso. Ou não tem professor pra trabalhar ou se passa meio ano sem usar. O resto do tempo não se faz uso daquele espaço. Ou aquele recurso que eu penso que é muito importante pra ensinar, um aplicativo, sei lá. Certa vez utilizei a informática para fazer os alunos olharem como é que é uma visão de satélite, olhar as ruas e caminhar pelas ruas, né? Então, acho que isso falta também. Depois que esse advento da informática foi realmente implementado nas escolas, eu acho que nunca foi bem usado. Outra coisa,

um espaço pra experimentar ciências, que pudesse ter um microscópio, uma bancada, essas coisas pras crianças experimentarem, porque todos os experimentos que eu fazia era na sala. [...] E isso podia ser feito num espaço mais adequado, né? Experimentar. Arte, leitura, ciência, movimento corporal. Sabe, eu ia na Biblioteca Pública e a bibliotecária, a Suzana Fritsch, estava sempre pronta, disposta. Cara, não precisa ser uma bibliotecária, mas alguém que queira aprender isso. Eu acho que dá pra gente pensar melhor os espaços da escola.

Leila lembra que nas escolas por onde passou não tinha quadra esportiva. A escola onde trabalhou até se aposentar tinha cozinha, refeitório e secretaria, mas tudo era bem pequeno, segundo ela. “O banheiro a gente usava o mesmo da secretaria, que era utilizado pela comunidade escolar quando estava lá e precisava usar”. Ela se recorda das salas de aula de tamanho médio, que geravam muita confusão quando se realizavam atividades em grupo e dinâmicas variadas.

Ao pensar na estrutura da escola, Adreane vai comentando sobre sua primeira escola e aproximando com os dias atuais, refazendo todo o percurso que fez ao longo do tempo. Seu olhar, de diversos ângulos, aponta vários aspectos.



Minha primeira escola, realmente, naquela época, do ponto de vista das demais, ela era extremamente carente. E, principalmente, pela função de não ter água nem luz, porque a falta da água era uma coisa assim, pô, carregar água de balde e bombona, né? Seja pra fazer alimento pra criança, seja pra limpar. Então, foi assim de maio até dezembro de 1984, período que eu fiquei na escola e era muito trabalhoso. E a mesma coisa com os recursos, nessa infraestrutura, recurso nenhum. Nenhum ventilador, nenhum material, nada. Então quando tu para pra pensar [...], as escolas onde eu estudei tinham uma boa estrutura²⁸³ [...]. Depois, quando eu fui pra uma escola nova que nem a Aparecida, né? Então era outro mundo. Embora tivesse somente duas salas e uma cozinha pequena, tudo foi se organizando, eram poucas crianças. Como não tinha refeitório, a merenda era servida na sala de aula. Com o tempo eu vi este crescimento nas escolas por onde passei. Mas também, na secretaria, depois, eu brincava com os meus arquitetos e engenheiros. Eu dizia que eu nunca vi um planejamento de instituições de ensino, por exemplo, que eles vão sair formados pra planejar uma instituição de ensino. Que engraçado, tem especialização pra construir hospital, mas não sai ninguém formado pra construir escola. E não tem uma consultoria pra dar suporte pra que a gente pense um espaço físico escolar, assim ó, aqui chega o ônibus escolar, né? O que a gente precisa prever? E eu digo assim, tu tem que pensar, sonhar assim, a gente evoluiu muito quando reservou meio hectare pra construir uma escola. Está garantido em lei no município de Portão²⁸⁴. Daqui a pouco tu tem dois terrenos e tava botando uma escola lá dentro. Quando ela tiver que crescer, como fica? Então, eu acho que essas questões de infraestrutura, elas são muito complicadas. E toda e qualquer alteração que tu tem que fazer depois, ela é praticamente impossível. Porque daí já calçou a rua, já não tem mais a calçada, já não tem espaço. Então, eu teria que pensar, como chega o ônibus escolar, tem que ter lugar pra parar, tem que ter um pátio diferenciado, né? Hoje, tem assim, a questão de segurança e é uma questão também de objetivos e necessidades diferenciadas. Não pode ter uma escola grande que tu tem o mesmo pátio pra educação infantil que o aluno adolescente. Que tu tem que oportunizar pra esse aluno de quinto a nono ano? É outro interesse, que a educação infantil não vai ter. Então, acho que pensar essa

²⁸³ Ela se refere à estrutura física construída e aos materiais de que se recorda ao estudar, nos anos de 1970.

²⁸⁴ Lei Ordinária 341 de 18/09/1980. Ver mais em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/portao/lei-ordinaria/1980/34/341/lei-ordinaria-n-341-1980-institui-o-codigo-de-obras-e-da-outras-providencias>>

infraestrutura ainda é um desafio muito grande – *e silencia um tempo*. E, por incrível que pareça, assim, quando eu retornei à Escola de Magistério onde estudei, pra dar aula, eu retornei pro mesmo prédio, né? Eu digo assim, gente, eu saí daqui no ensino médio, eu fiz uma graduação e eu volto e eles não tinham conseguido encaminhar, ainda, a construção do prédio novo? É um pecado, porque falta tanta coisa nessa escola que tá formando professores, que aí tu tem aqueles embates, né? Parece que fica pra segundo plano, se sobrar vai pra educação. Se sobrar a educação pode ter. Como um sonho de consumo, hoje cada professor do município tem o seu *notebook*. Não é uma questão somente de infraestrutura, é uma questão de necessidade, é ter um instrumento de trabalho. E tu tem que tá fazendo um convencimento político disso, né? E sempre vou dizer, eu acho que a gente como profissional da educação, a gente sempre se contentou com muito pouco. Isso vai desde o uso da sucata, ah, mas se tu não tem outro material, tu usa a sucata. Não, eu quero ter que usar sucata por opção, é diferente. Ou não usar por outra razão, porque ela já tá na discussão ambiental, mas eu não quero porque eu não tenho outro material. Mas isso é uma caminhada longa ainda, acho que a educação ainda não conseguiu conquistar esse espaço, assim, de ter as coisas pensadas pra ela, infraestrutura, né? E continuo dizendo, quem tá planejando a escola nunca aprendeu a construir uma escola.

Diante das narrativas das professoras aposentadas é importante pensar nas dinâmicas que ocorreram ao longo do tempo, na legislação que foi citada, na elaboração do espaço escolar da rede pública como um todo. Compreende-se que parte das escolas por onde estas mulheres transitaram teve avanços na qualidade da estrutura física, com construções, ampliações, compra de materiais, mas, também, se percebeu que nem sempre esta materialidade era impeditiva do trabalho. Porém, é importante refletir que o espaço físico da escola faz parte da pedagogia que pode ser desenvolvida.

Leem-se também algumas críticas a respeito do uso do material disponível como biblioteca e sala de informática: livros, computadores e aplicativos que estão presentes nas escolas e não têm uma utilização adequada. As professoras aposentadas foram claras ao afirmarem a necessidade de acesso dos alunos a estes materiais e, principalmente, do uso dos recursos pedagógicos na aprendizagem.

O ambiente, por exemplo, com local específico para atividade física, de pesquisa, de arte, para leitura, colabora efetivamente para o desenvolvimento de atividades e estimula a sensação de prazer que o educar deve proporcionar, tanto para o aluno quanto para o professor. Resumindo, o espaço físico favorece o pedagógico. Na sequência, as professoras trazem a organização profissional neste espaço.

5.1.3 A organização profissional no ambiente escolar

Partindo para a organização profissional da escola, esta se dispõe em um conjunto de interações e concepções (LATOURETTE, 1994) que envolvem e movimentam toda comunidade escolar. O planejamento do trabalho em uma escola pode ser realizado de acordo com os Planos

de Estudo da instituição, conforme a legislação estabelece e diante do que apresenta a comunidade escolar, partindo da própria organização interna da escola, como seus setores, por exemplo. Se lermos o que a Legislação exige em termos de profissionais, em cada época, e a atuação de cada membro integrante da escola, com direitos e deveres, podemos ter uma ideia da forma como a escola está estruturada. As leis orientam, mas a escola tem certa autonomia para esta organização.

As narrativas das professoras aposentadas trazem momentos de incerteza, arranjos que foram sendo realizados, experimentações, e a forma como estas modificações se deram e o impacto que causaram em cada uma delas. Quando se fala em impacto, é importante salientar que este pode ser negativo ou positivo, e que esta pesquisa se propõe a observar os movimentos que estas transformações ocasionaram.

Ao ser questionada a pensar sobre a organização profissional da escola, Marisa lembra que, no começo de seu trabalho, a SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura – condensava os profissionais especialistas para as escolas menores na própria secretaria. Sobre as escolas maiores ela não sabe como funcionavam nos anos 1980.

Agora, nos últimos anos, eu acho que todas as escolas tinham a sua secretária, orientadora, supervisora. Acho que não foi investido muito em bibliotecárias, aquelas que tinham algum problema de saúde e que não podiam dar aula iam lá suprir essa vaga. E merendeiras, aos poucos foram melhorando com esses profissionais. No começo, a gente mesmo fazia a merenda.

De seu início de carreira, Rosaura fala que os setores que havia à disposição do professor, para poder realizar o trabalho, eram centralizados na Secretaria de Educação. No caso, na diretora de ensino, porque não havia supervisão e orientação educacional. As orientações para as escolas vinham todas de lá. “Quando tínhamos os conselhos de classe, a Diretora de Ensino, no caso a Maria Helena Lauxen, participava desses conselhos, né? E nos dava suporte pedagógico”, afirma Rosaura. “Quando nós passamos a ter supervisão nas escolas e orientação, primeiro com professoras especialistas nestas áreas, melhorou a questão pedagógica. Foi um avanço”.

Mariângela pondera que deveria haver mais profissionais nas escolas. “Trabalhando nas escolas menores a gente percebe que estes profissionais fazem muita falta porque os orientadores e supervisores ainda dividem trabalho em mais de uma escola, e isso faz muita falta”. E ela continua,

Por exemplo, quando o aluno precisa de um atendimento, assim, de psicologia. Pô, continua a mesma coisa. Não mudou quase nada. Continua o professor dando conta de muitas coisas, além do trabalho de ensino-aprendizagem. Falta também

profissionais para a escola de turno integral. A gente sabe a diferença que faz para o desenvolvimento da criança, do adolescente: ele permanece mais tempo na escola, estuda, realiza atividades diversas, principalmente em nosso país tão carente. Eu, que dei aula em lugares assim, sei da necessidade, tanto que elas, as próprias crianças, os próprios adolescentes, queriam estar dentro da escola, pelo menos na Gonçalves era assim. Se desse, eles dormiam na escola, né? Então, acho que seria importante esse investimento pra que elas permanecessem mais na escola, ganhando refeição, tendo um reforço escolar, eu acho que tem que ter um tempo pra isso.

Sobre os setores de organização pedagógica, Eoní recorda que não havia no início do trabalho, “só bastante tempo depois”, confirma ela. “Mais tarde tinha orientadoras, coordenadoras, elas faziam as reuniões que orientavam e acompanhavam, ajudavam, mas exigiam, cobravam, né?” Ela conta que nas escolas maiores onde trabalhou, com o tempo, houve organização pedagógica para dar suporte ao professor. Eoní entende que a ampliação das escolas municipais se deu em função de que o número de alunos cresceu muito também pelo fato de as escolas estaduais estarem reduzindo a oferta de vagas. “No município houve avanço no setor pedagógico, e no estado, muito descaso” – finaliza ela.

Leila narra sobre as dificuldades que a falta de profissionais especializados causava. “No começo era mais difícil. Meu maior desafio foi fazer a merenda. A gente também não tinha professor pra ter o tempo de fazer nosso planejamento.” Ela trabalhou em escolas pequenas e, por este motivo, não era contemplada com supervisão e orientação em tempo integral na escola. “Houve um tempo que elas visitavam bastante a escola, mas eram itinerantes. Quando a Adriana Siqueira foi nossa supervisora, foi uma maravilha. Ela é muito competente e isso contribuiu muito com o trabalho das professoras”.

Quando Leila fala sobre tempo para planejamento, está se referindo aos professores que atuam nos projetos escolares, no horário normal de aula. Assim, os professores titulares fazem planejamento neste tempo em que não estão com a turma. Isto fez parte de uma organização a nível municipal que iniciou nos anos 2000 e se instituiu definitivamente quando foi estabelecida em legislação²⁸⁵ a obrigatoriedade de tempo para o planejamento do professor em escola.

Adreane acredita que as escolas municipais de Portão evoluíram muito mais no recurso humano do que na sua estrutura física. Agregar especialistas, como profissionais específicos de supervisão e orientação, e manter os projetos, com professores formados em artes ou educação física, por exemplo, para os anos iniciais, é um ganho de qualidade. “Também é um ganho em quantidade porque possibilita as horas de planejamento dos professores titulares de turma”. Ela

²⁸⁵ De acordo com a Lei 11.738 de 16 de julho de 2008 (Lei do Piso) na composição da jornada de trabalho 2/3 (dois terços) da carga horária são destinados ao desempenho das atividades de interação com os educandos. O restante, 1/3 (um terço) é destinado às atividades extraclasse.
Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm>

também apresenta a forma como isso se deu, dentro da Secretaria de Educação de Portão, quando era secretária:

O que poderia ter acontecido aí, como em vários municípios acontece: entra um segundo professor, nomeado da área 1, igual ao titular. Não entrou profissional da educação física, da educação artística, até por questões financeiras, até porque este profissional já entra lá no nível 3. Os municípios que concursam, tudo isso é dentro de um pensamento político, além de pedagógico. Quando a gente optou no concurso para que o profissional não entrasse mais somente com magistério, não era nenhum rompimento ou desprezo para com o magistério, mas era a garantia de que não viesse uma fala que dizia que financeiramente o profissional de artes, por exemplo, custa mais do que o docente das séries iniciais. Porque quando se estabelece isso no concurso tu consegue financeiramente justificar pro Tribunal de Contas²⁸⁶ ou até mesmo para a Secretaria da Fazenda do município que tanto faz tu nomear um pedagogo, que tem licenciatura, ou um professor de educação física ou de artes. Estrategicamente se pensou nesta questão pedagógica pra melhoria da qualidade. E os orientadores e supervisores, a mesma questão assim, antes nós só tínhamos 2, 3 no órgão público, que tinham que dar conta de atender todas as escolas. Eu vivi essa loucura. A gente era motorista, voava as tranças com o 16 (fusca da Secretaria de Educação) porque tu ia fazer interior, porque o pessoal do centro a gente conseguia deixar elas mais por conta, contando que elas andassem por si só, porque tu sabia que aquela professora do interior era totalmente desassistida. Ela passava até duas, três semanas, sem ninguém lá. Então, acho que os primeiros especialistas quando entraram, a gente se focou muito no interior, mas com uma necessidade maior; mas quando se conseguiu nomear, com exclusividade pras centrais também, percebeu que a construção dos primeiros planos de estudos, por exemplo, foi de um avanço muito grande. A gente teve vários municípios que focaram nos nossos, né? Porque eles foram construídos a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais²⁸⁷, com uma qualidade muito grande, isso é mérito dos especialistas.

Cândida diz que essa questão de setores no município ficou mais organizada nos últimos anos. “Antes nem toda escola tinha especialistas, eram as pessoas da secretaria. O aluno demorava para ser avaliado, pra ser atendido por uma psicóloga, fonoaudióloga, mas nos últimos anos houve a preocupação em se constituir isso, né?” Ela trata de cada profissional como muito relevantes para a realização do trabalho efetivo do professor. Em suas lembranças, o papel da supervisora, da orientadora, da secretária da escola, bibliotecária, merendeiras, são importantes para o bom funcionamento da escola.



Uma coisa que tinha quando eu comecei a trabalhar em escolas maiores era o professor substituto, mas foi tirado, e eu penso que faz falta. Pode acontecer alguma coisa com o professor e daí a turma fica mal atendida. Outra coisa, aqui no município o diretor é indicado, e penso que isso deveria ser revisto. A direção é quem conduz o trabalho, tem que ter perfil pra isso. Eu, nos meus anos como professora, ouvi cada coisa que se eu fosse fazer do jeito que me mandavam, muita coisa eu não teria feito enquanto professora, né? Tem que ter uma formação de gestão, pelo menos. O diretor, muitas vezes, era uma figura decorativa e penso que deva ser um profissional preocupado também com o pedagógico. Teve uma colega que fez um trabalho de forma legal, ninguém enxergou, entende? Ninguém enxerga. Tu enxerga o trabalho da colega, tu elogia o trabalho da colega, mas é entre você e ela. Eu lembro que eu sempre dizia assim, mas será que isso é importante, é pra alguém enxergar? Ou é pra ele aprender

²⁸⁶ Órgão responsável pela fiscalização dos usos das verbas públicas.

²⁸⁷ PCNs, estabelecidos a nível nacional pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96 (LDB).

ou é pra tua realização pessoal, né? [...] Mas todas as pessoas gostam desse carinho, dessa atenção. É como chegar uma visita na tua casa e tu não dar atenção. Ou como tu tem um filho, se não dá atenção, é triste. Eu tive muita sorte com supervisoras, sempre preocupadas em auxiliar, apoiar. Mas eu penso que nem todas são assim, têm umas que estão lá preocupadas com o documento, com o uso da caneta preta. A gente queria mais que isso.

Cândida se diz preocupada com a questão da formação porque presenciou um profissional da orientação educacional dialogando com as crianças de forma inadequada, o que pode prejudicar o desempenho dos alunos, inclusive. Ela também se refere ao fato de que, situações deste tipo, podem ser fatos isolados e estarem relacionados a questões pessoais do profissional e não ser um indicativo de formação. Mas, também, que as atribuições de cada profissional deveriam estar em constante revisão para dar conta do trabalho efetivo, além das observações em estágio probatório. “Gosto muito de lembrar de uma pessoa da limpeza da São Jorge, porque ela era minha parceira em todas as experiências que eu criava com os alunos. Há pessoas que realmente se dedicam, que estão naquele lugar, dispostos a fazer o melhor.”

A necessidade de um espaço acolhedor e que possibilitasse a ascensão profissional é observada em cada narrativa. Assim como os mineiros, apaixonados pela profissão e pela riqueza de relações no ambiente de trabalho (ECKERT, 2012), as professoras parceiras desta pesquisa viam na escola o lugar de encontro com diversos aspectos importantes: o sucesso no trabalho, pessoas para suas relações profissionais e pessoais, as descobertas do mundo do trabalho e o reconhecimento pelo empenho.

5.2 “Eu trabalhava, mas não gostava da festa junina.”: programas e eventos

Os programas²⁸⁸, projetos e eventos realizados nas escolas municipais de Portão estão relacionados à legislação federal, estadual e municipal, além daqueles elaborados pelas próprias escolas, que têm autonomia para ofertar e gerenciar estes. As parceiras desta pesquisa trazem seus olhares sobre estes aspectos, rememorando movimentos, ora provocando encontros, ora criando desconfortos.

Como são práticas, em sua maioria, arrançadas pelas tecnologias de governo, presentes na legislação e na organização da escola, por exemplo, produzem efeitos sobre os indivíduos e seus corpos (FOUCAULT, 2014). Assim, rememorar “sobre cooperação e solidariedade significa escrever, ao mesmo tempo, sobre rejeição e desconfiança” (DOUGLAS, 1998, p. 15).

²⁸⁸ Veja aqui a listagem de Programas relacionados à educação, subsidiados pelo FNDE: <<https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/bolsas-e-auxilios/eixos-de-atuacao/lista-de-programas>>

5.2.1 Engajamento nos programas educacionais: forças e atritos

Como afirmou Maffesoli (2005, p. 15), “não se pode silenciar sobre o que provoca incômodo e incompreensão”, as conversas sobre momentos de distribuição de tarefas, compartilhamento de ideias e suporte aos colegas diante de novos programas, causam, por vezes, desconforto e inquietações. Obviamente, quando se trata de aprender algo novo, a união de forças se faz presente no ambiente escolar. As interlocutoras conversam agora sobre os programas, de nível nacional a municipal, narrando fatos do cotidiano em educação diante destas implementações.

Marisa lembra que, para ela, o mais polêmico de todos os programas foi o da inclusão escolar. Ela se recorda de que uma supervisora escolar dizia que era preciso colocar na Lei Orgânica Municipal²⁸⁹ essa necessidade da inclusão para garantir profissionais para trabalhar com os alunos de inclusão. “Esta discussão da inclusão escolar até hoje não está bem definida, né. Já o Programa Mais Educação²⁹⁰ foi uma tentativa de manter o aluno na escola mais tempo, longe da vulnerabilidade social”. Marisa acredita que este programa foi importante em muitos casos. Pensa que deveria ter sido realizada uma triagem melhor dos profissionais que foram contratados. “Muitas vezes foi um faz de conta que ensino e o aluno faz de conta que aprende. Esse é um ponto de vista dos lugares onde observei este programa. Mas acho que é uma iniciativa bem importante. Tinha que ter maior acompanhamento pra funcionar melhor”. Atualmente este Programa sofreu alterações que podem ser observadas em Lei²⁹¹ e prevê estudos focados em Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental.

Em relação aos programas, Rosaura percebe de forma positiva. Ela entende que os programas auxiliam bastante os alunos de famílias carentes, principalmente, porque se consegue fazer com que o aluno participe, que ele não desista de estudar, a própria família se torna mais atuante na escola. “Eu me recordo que quando o aluno faltava a gente comunicava

²⁸⁹ Resumidamente, as leis orgânicas dos municípios são normas que regulam a vida política na cidade, sempre respeitando a Constituição Federal e a Constituição do Estado em que o município está inserido, sendo um importante instrumento para forçar o poder público a assumir obrigações de interesse local em favor da população.

²⁹⁰ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino.

Ver mais em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2446-port-17-120110&category_slug=janeiro-2010-pdf&Itemid=30192> <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm>

²⁹¹ O Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017, é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental.

Ver mais em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=49131-port-1144mais-educ-pdf&category_slug=outubro-2016-pdf&Itemid=30192>

a Secretaria de Educação, que enviava os dados para o sistema deste programa”. Ela conta que todos os meses ocorria a pesagem dos alunos, e as observações eram encaminhadas à Secretaria em função do Bolsa Família²⁹².



Sobre o Mais Educação, a escola recebia a verba, tinha o responsável que organizava as oficinas, a gente só tinha dificuldade de conseguir o profissional qualificado para cada oficina, de arte, música. Mas a gente ia atrás. Depois, no andamento do trabalho, as famílias diziam que aquilo era muito bom, que a criança ficava dentro da escola e aperfeiçoava seu aprendizado. Além das questões sociais, tinha o lado afetivo, cognitivo, alimentar... Pagávamos o salário dosicineiros com o dinheiro do programa e tudo era apontado para prestação de contas. A gente usava o valor de fevereiro, que não tinha profissional para pagar, na aquisição de material também. Nós podíamos usar também pra reforma da escola, inclusive. O Círculo de Pais e Mestres acompanhava tudo que era feito. No começo, até o pessoal entender, nós tínhamos que fazer uma capacitação com todos os professores, pra eles poderem entender a importância, o que significava esse projeto, porque outras pessoas ocupariam este espaço. Então, eles precisariam conhecer, até pra valorizar também, né? Eram movimentos diferentes, e às vezes, incomodava um pouco, a gente recebia algumas queixas dos professores titulares de turma. Em função disso, houve dificuldade lá no espaço, principalmente nas aulas de música, né? Nem sempre havia engajamento dos professores nos programas, era preciso muita motivação.

Mariângela lembra que os colegas sempre participaram. “Claro, tem aquela minoria, mas tem participação da maioria dos professores. Sempre vai ter em toda escola, uns mais engajados, outros, menos”. Ela lembra que os alunos sempre gostavam e participavam bastante. Há programas em todos os níveis, mas os mais lembrados são os de nível federal.



Teve um programa sobre a gestão escolar em 2011, e a gente teve uma visibilidade nacional e foi importante pra escola, marcou a comunidade da Gonçalves, que se sentiu valorizada. A Escola Municipal Santo Antônio também recebeu este destaque, com a Celanira²⁹³. Os programas que recorde marcaram minha trajetória e dos integrantes da comunidade da Cachoeira. É muito importante mencionar a diferença que fez o programa social, - que iniciou como Bolsa Escola e depois se transformou no Bolsa Família - pra toda aquela comunidade, não só na comunidade quilombola, mas toda a comunidade no seu entorno. Esse Programa começou em 2001, no governo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso²⁹⁴, e as primeiras inscrições foram feitas nas escolas pelas diretoras. Me recordo bem do movimento que se gerou em torno disso. Fui visitar algumas famílias. Eu me lembro que eu ia atrás, elas não vinham até a escola, eu ia atrás, pra ver se elas se enquadravam dentro dos critérios, porque sabe que a pobreza, às vezes, não está só na falta de recurso, mas na falta de uma perspectiva de mudança que é a causa, o problema maior. Então as famílias, às vezes, não têm aquela iniciativa de buscar melhorar a sua vida. Eu pegava meu carro, ia atrás e tentava resolver, solucionar. Então, esse programa social fez uma diferença enorme na vida daquelas pessoas. Na escola a gente percebia que as mães agora tinham um dinheirinho pra comprar um calçado pras crianças, um tenisinho porque muitos iam só de chinelo no inverno. Então, fez uma diferença muito grande na vida daquelas pessoas. Foi muito importante esse programa social praquela comunidade.

²⁹² Bolsa Família - Lei nº 10836/04. Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.836.htm>

²⁹³ Celanira da Graça Dias, professora dos anos iniciais do ensino fundamental, diretora da EM Santo Antônio.

²⁹⁴ Filiado ao Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 e 2003.

É importante marcar a relevância de políticas públicas, como o Bolsa Família, por exemplo, fortemente trazido por Mariângela, mostrando justamente o quanto é importante o braço do Estado, mesmo que a política seja questionável. Este programa tem um caráter de urgência em uma sociedade como a do Brasil. Podemos trazer à superfície alguns questionamentos, como qual papel do Estado diante da realidade apresentada por algumas das parceiras desta pesquisa? Até onde vai o alcance destes programas e de que modo eles se acomodam no cotidiano das pessoas que vivem sob necessidades socioeconômicas? Estas questões rendem outras escritas, mas é importante esta pausa para refletir a partir do que as professoras trazem em suas narrativas.

Segundo Eoní, normalmente, quando ocorria mudança, havia impacto no trabalho dos professores. A cada novo programa ouviam-se professoras reclamando, especialmente as de séries iniciais. As alterações ocorridas com a instituição de programas causavam cobranças, inclusive, entre os colegas. Ela se recorda de momentos tensos em reuniões pedagógicas e administrativas. “As mudanças ocorrem e os professores têm que se adequar. Ocorrem mudanças desde que eu comecei a trabalhar, na década de 1960, em 1964²⁹⁵, né?” – e prossegue:

Houve toda aquela reforma, e todos os professores tiveram que passar por reciclagem que nem eles diziam. Em 1971²⁹⁶ teve mais uma nova lei, e métodos de ensino que queriam impor, o grupo às vezes se levantava e não queria aqueles métodos de alfabetização, método abelhinha, método das cores, entre outros, até que teve um dia que o pessoal disse não, nós não estamos vendo o resultado positivo, aí surgiu o famoso método “ecclético”. Podia pegar um pouco daqui, um pouco dali, e formar aquele que tu te adaptasse melhor. Quando veio a nova LDB, que vieram aqueles livros coloridinhos das disciplinas e que então as professoras tiveram que montar os seus quadros, com seus planos de ensino, aí foi uma grande mudança. Nem sempre os professores se engajavam aos programas e alterações que vinham impostas.

Na verdade, há professores que não vão mudar, conforme os apontamentos de Cândida. “Muitas vezes, a pedagogia engessa um jeito de trabalhar. O professor trabalha do modo que lhe ofereça mais segurança. Então, os programas, às vezes, movem as certezas e isso gera insegurança”. E continua:

Lembro do Programa A União Faz a Vida²⁹⁷. Não sei como era nas outras escolas, mas onde eu trabalhava, todos os professores tinham que ter um projeto com base nele. Eu não tinha escolha, né? [...] Gosto de criar. Na questão dos programas

²⁹⁵ Criado o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), baseado no método Paulo Freire (Decreto nº 53.465 de 21 de janeiro de 1964). Ver mais em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53465-21-janeiro-1964-393508-publicacaooriginal-1-pe.html>>

²⁹⁶ Fixadas as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, a chamada Nova LDB (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971). Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692impressao.htm>

²⁹⁷ O Programa A União Faz a Vida é o principal programa de educação do Banco Sicredi e objetiva construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania. Ver mais em: <<https://auniaofazvida.com.br/>>

governamentais, eu particularmente achei muito importante o Pró-letramento²⁹⁸ de matemática e de linguagem. Então, eu acho que os professores participavam dessas coisas oficiais, desses programas porque não tinha muita escolha também, né? [...] Mas antigamente não tinha essa preocupação, especialmente para os professores dos anos iniciais. Então, eu acho que é importante pensar que se preocupam com nossa formação. Sobre os programas de turno integral, eu acho que precisam ser bem estruturados, bem pensados, com as atividades diferentes, né? Sendo opcional, não obrigatórios.

Para Adreane os programas federais são complicados porque tiram muito a autonomia da rede. “Tem que implantar. Então, num primeiro momento é impactante. Sempre quando vem algo do governo federal, é algo que tá mais distante de nós e, por isso também nos causa todo esse deslocamento”. Ela transparece em sua fala toda a preocupação que tinha ao receber este novo, distante da realidade, pela forma como a informação era repassada e como tinha que se preparar para dar conta de se qualificar e trabalhar adequadamente.

Leila aponta algumas dificuldades no início: lembra de preencher fichas e anotar as faltas dos alunos, que eram então repassadas à Secretaria de Educação para controle. Todavia também disse que havia muitos ganhos com relação ao aprendizado dos alunos envolvidos nos programas e, principalmente, ao oferecer ensino para aquelas crianças que nunca tinham ido à escola, no caso do Escola Para Todos²⁹⁹.

Vale lembrar que

as tecnologias e as práticas de governo evidenciam seus aspectos multidirecionais, os quais modificam não só os aparatos e instituições estatais, mas também a percepção no uso e aceitação de ditas práticas entre os sujeitos, o que significa pensar como as tecnologias de governo são propostas e implementadas, sem desconsiderarmos a dimensão das subjetividades sociais e individuais, os processos de subjetivação e sujeição, os quais passam a ser incorporados entre as práticas dos usuários dos serviços, agentes e demais envolvidos na constituição das políticas públicas, e produzem novos sentidos sobre suas práticas (BUJES, 2014, p. 17).

O que se observa nas falas destas professoras aposentadas é a necessidade da adequação aos programas e da possibilidade de maior participação dos professores na elaboração destes. O que se apresenta com obrigatoriedade nem sempre é acolhido e utilizado da melhor forma, e muitas vezes não atende às prioridades da comunidade escolar.

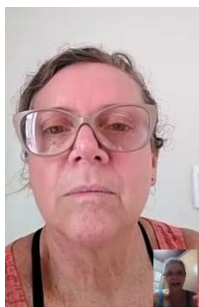
²⁹⁸ O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores e professoras para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental. Programa do Ministério da Educação, inativo desde 2014.

²⁹⁹ Uma proposta onde a escola se torna inclusiva. Segundo o próprio Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), havia a necessidade de se criar, nos anos 1990, instrumentos de observação e análise a respeito da inclusão de todas as crianças aos bancos escolares.

5.2.2 Projetos: afinal, para que servem?

Os projetos³⁰⁰ eram, em sua maioria, elaborados pelos professores da rede municipal a partir de programas e conforme os Planos de Estudo e o Projeto Político-Pedagógico das escolas. É interessante pensar, com base nas experiências destas professoras, o quanto já se tem resposta para a questão que norteia esta tese. As tecnologias de governo fazem parte do cotidiano escolar de uma forma muito evidente.

Agora, estas professoras tratam sobre os projetos, e é possível continuar refletindo sobre a relevância deste aspecto. Ao pensar sobre projetos, Marisa afirma que isso é uma longa história. Segundo ela, parece que quem idealiza o projeto na escola tem a responsabilidade de realizá-lo sozinho e nem sempre recebe a parceria dos demais colegas.



Deveria haver entendimento de que projeto não é uma coisa estanque, ele tem que ser entrelaçado com todas as áreas, com todas as questões da escola, né? O projeto não pode ser uma coisa de uma pessoa. Tem que ter uma parceria. Eu vejo que pra ter êxito precisa ser trabalhado em conjunto. Eu acho que é isso. Às vezes tem êxito por força do professor, mas não tem continuidade, porque não há o engajamento³⁰¹. Eu sou uma, eu sou uma prova disso. A gente tinha um projeto, eu e a Simone Dias, sobre as dificuldades nos conteúdos, e trabalhávamos com arte e meio ambiente, mas no final das contas avaliaram que estava bom por ali e terminaram o projeto. Falta o engajamento dos professores. Mas isso dá trabalho, né? E na época a gente não tinha também planejamento, a carga horária de planejamento. Se bem que hoje tem e... também não é isso que impede o engajamento. Pode ser o trabalho mesmo, né?

Para Eoní os projetos sempre vinham para complementar e enriquecer o trabalho. “Eu sempre gostei de participar de todos os projetos que podia. Sempre adorei novidade. E os alunos gostavam de criar, se envolver nestas atividades diferentes”.

Leila lembra que cada curso que realizava exigia depois um projeto. “Eu fiz o curso de trânsito, daí eu tive que montar um projeto”. Ela conta com entusiasmo que os projetos com profissionais especializados para suas turmas vieram para contribuir com o trabalho dela. “A Marta³⁰² que deu educação artística, e daí ela trabalhava com obras de arte, principalmente as

³⁰⁰ Os projetos escolares são organizados pelas escolas de acordo com o interesse da comunidade escolar: alguns são realizados no contraturno, dispondo de verba federal para sua manutenção. Outros projetos são desenvolvidos dentro da carga horária dos alunos, possibilitando que o professor titular da turma tenha seu horário de planejamento conforme a Legislação atual prevê.

³⁰¹ Um dos problemas discutidos por vários autores em educação é a questão da coletividade. Pode-se pensar a partir do legado de Anísio Teixeira, um dos mais importantes defensores do direito à escola no Brasil, senão o maior. Com discussão em torno da formação ampla dos estudantes, a necessidade de trabalho coletivo dos professores e professoras é uma premissa.

Ver mais em: <<https://www.infoescola.com/biografias/anisio-teixeira/>>

<<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira>>

³⁰² Marta Inês Câmara, professora graduada em Artes Visuais.

brasileiras. A Márcia³⁰³ também trabalhava com obras de arte, bem como a Rosi Lemmertz³⁰⁴. Era muito bom. Acrescentava muito aos alunos”.

Rosaura recorda que as escolas tinham liberdade para escolher os projetos que queriam aplicar e, quando houve a implementação da legislação sobre a hora de planejamento dos professores titulares, isso só se ampliou. “Projetos como letramento, artes, educação física e meio ambiente para os anos iniciais foram essenciais para a cobertura da carga horária a fim de que as turmas pudessem ser atendidas com qualidade na hora do planejamento do professor”.

As professoras aposentadas foram unânimes ao afirmar sobre a importância dos projetos em âmbito municipal, sendo que cada escola foi se organizando conforme suas necessidades. Além disso, narraram sobre a relevância dos projetos para o desenvolvimento e protagonismo dos alunos. Segundo Rosaura, “já era importante no começo e, depois, com a legislação, foi se ajustando. Aos poucos se sentiu a dimensão da importância que cada projeto faria e isso evoluiu”.



Para atender à legislação, havia a necessidade de criar modos de atender às turmas, e os projetos se mostraram eficazes para esta demanda e, ainda mais, para agregar aos Planos de Estudo de cada professor. Tem aluno que não cabia dentro da sala, ele extrapolava, ele não se enquadrava nestes moldes. E quando tinha um projeto que dava uma liberdade e esse protagonismo, esse aluno tinha um espaço, um momento pra ele estar se sentindo útil, pertencendo àquilo ali. Então, o aluno crescia e muitas vezes isso incomodava um pouco, porque o aluno aflorava naquele momento. Ele se tornava mais crítico e observador. Com a entrada dos projetos muitos alunos passaram a fazer a diferença e o professor tem que ter esse olhar também, acolher e aproveitar. O projeto da Banda Marcial foi muito assim. Muitas vezes o aluno não correspondia em aula, mas na Banda era excepcional, disciplina sem igual. Com o Mente Inovadora, da mesma forma. Alunos com problemas de disciplina e até de rendimento se mostraram com raciocínio lógico impressionante e com trabalho em equipe jamais visto. Representaram a escola, o município, o estado do Rio Grande do Sul e, na Escola Mauá, representaram o Brasil e foram bicampeões mundiais. E isso mudou a percepção e a relação com a escola. Então, os projetos são uma potência na escola. É preciso que os professores aproveitem todas as experiências dos alunos para fazer trocas sobre diversos assuntos – *afirma Rosaura*.

Mariângela conta que sempre teve o desejo de criar projetos, dentro da escola, que valorizassem a cultura. Nesse sentido, em 1999, foi criado o Grupo de Dança Afro Nossas Raízes. “Nossa merendeira é afrodescendente e gosta dessas manifestações culturais. Conversamos, pesquisamos sobre música e vestimenta e resolvemos agir. Naquela época a escola era ainda de 1ª a 4ª série e tínhamos apenas 5 alunas que dançavam”. E continua a lembrar:

³⁰³ Márcia Werlang, professora graduada em Artes Visuais, irmã da parceira desta pesquisa, Mariângela.

³⁰⁴ Rosemary Lemmertz, professora graduada em Artes Visuais.



No começo os meninos não dançavam, foram se juntando aos poucos. Tínhamos encontros no contraturno para aprender e ensaiar. Nossa primeira apresentação foi numa reunião dos secretários municipais de educação, ali na antiga biblioteca. A gente se sentiu muito valorizados, né? Por termos sido convidados pra apresentar. E ali começou. Depois desse dia, então, a gente continuou esse projeto na escola e aos poucos ele foi se desenvolvendo, né? Aumentou a escola, aumentou o grupo, e assim a gente foi convidado pra apresentar fora do município, a gente se apresentou na Expointer³⁰⁵, e em vários lugares em Porto Alegre, como no Colégio Rosário³⁰⁶, com aquele auditório lotado. Fomos aplaudidos de pé, foi bem emocionante, foi muito lindo ver o entusiasmo das pessoas. Era difícil de encontrar grupos de dança afro na época, agora já é mais comum, mas naquela época era difícil. Então, as pessoas gostavam muito.

As experiências de Cândida em relação aos projetos foram muito satisfatórias. “Esses projetos de artes, educação física, literatura, eu gosto muito. É legal ver o aluno experimentando outras coisas, com outro professor, de outro jeito. Eu tive boas experiências, mas não tão boas também, né?” Ela se refere ao fato de, muitas vezes, não haver diálogo entre os professores de projeto e os professores titulares das turmas. Então, ocorriam atravessamentos, atividades repetidas, outras sem adequação à turma e, também, desorganização. E isso aparecia no desenvolvimento dos alunos.

Para Adreane a organização e aplicação de projetos foram extremamente exitosas. “Na Vila Aparecida o projeto de meio ambiente rende frutos até hoje e foi um trabalho realizado no início dos anos 1990. A gente é exemplo na questão da educação ambiental, bem como na educação para o trânsito”. Quando ela diz “a gente” está se referindo ao município de Portão. E ela prossegue:

A coleta seletiva no município de Portão só deu certo por causa do trabalho nas escolas. Só o trabalho da Secretaria do Meio Ambiente não é suficiente. As crianças têm um papel extremamente importante nisso. Minha filha Arielle ensinou muito em minha casa depois das aulas com a Vera Freitas. Este é só um exemplo. E funciona por causa do apoio das escolas. E assim na educação para o trânsito também. A gente tem um município cortado por uma rodovia. Essa semana aconteceu mais um acidente trágico. E os nossos alunos, se não tivesse a cultura do uso do cinto de segurança, de respeito ao outro, de cuidado, quantas situações mais poderiam acontecer? O conceito de aprendizagem significativa de tráfego a gente tinha de passar. Só que quando ela ocorre, ocorrem esses processos. Dentro da sala de aula, muitas vezes ela não ocorre, né? Então, a gente sabe fazer. Enquanto profissional, tenho certeza de que a gente sabe fazer isso. Tem que ter o exemplo. Um caso era a Leonor³⁰⁷ na Santo Antônio, um rico trabalho. O profissional precisa se disponibilizar e se abrir pra esse desafio, do diferente. Claro que é diferente. Tu sai do teu comodismo entre aspas, de sala de aula, né? A mesma coisa, quem faz por opção, é o Mente Inovadora. Recebemos verbas na Secretaria e havia uma pressão da Empresa Positivo³⁰⁸ para comprarmos o

³⁰⁵ A *Expointer* é uma feira agropecuária de destaque nacional e internacional, realizada no Parque Estadual de Exposições Assis Brasil, na cidade de Esteio, Rio Grande do Sul, Brasil.

³⁰⁶ O Colégio Marista Rosário é uma tradicional escola particular da cidade de Porto Alegre. Foi o berço da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

³⁰⁷ Leonor Sofia Ciceri, professora aposentada da rede pública municipal de Portão.

³⁰⁸ Sistema de Ensino Positivo. Ver mais em: <<https://www.sistemapositivo.com.br/>>



pacote deles. Em uma reunião conheci o Mente Inovadora e, após muita conversa com as supervisoras, optamos por ele. Foi um sucesso nas mãos dos professores que se disponibilizaram a enfrentar este desafio. Pra nós, na Secretaria, foi uma busca de apoio com deputados, consegui três emendas parlamentares que pagaram a Mind Lab no primeiro ano, e foi dessa maneira que a gente pagou, né? Só com nossa verba não teria dado. Fomos o primeiro município da rede pública do Rio Grande do Sul a participar. Tenho certeza de que não era simplesmente uma disputa, era todo um percurso pedagógico pra chegar naquilo ali. Eu acho que foi um dos melhores projetos, não pela repercussão internacional, mas pela mudança do olhar em relação às escolas, pela comunidade.

É possível lembrar Bakhtin quando pensamos que não temos acesso a todas as coisas da vida, mas àquilo que é dito sobre elas (2011), ao tratarmos destes relatos. A riqueza de detalhes sobre as experiências vividas demonstra as camadas de tempo numa ritmicidade própria (ROCHA; ECKERT, 2009), particular, e trazem entrecruzamentos nos “núcleos de sentido (as constelações)” (ECKERT; ROCHA, 2016, p. 77) que se movem diante da fala de cada interlocutora. Assim, as narrativas elaboram formas de formas (MORAES FILHO, 1983). Estes arranjos evidenciam aspectos da memória individual, presentes na memória coletiva de professoras e professores da escola pública do município de Portão. Deste micro ao macro, a leitura sobre estes percursos pode provocar diferentes sensações, principalmente em quem já trabalhou com/em/na educação.

5.2.3 Organização e participação em eventos

Dos projetos passamos a observar os eventos e as relações com as professoras em suas trajetórias. Diante desse assunto é necessário observar as percepções sobre a organização e a participação nestes momentos vividos pela escola, em que a disponibilidade é fator importante na construção de diferentes encontros nos espaços escolares e fora deles.

Marisa lembra que, no início da carreira, ocorriam as feiras municipais de ciências. Ela afirma que os alunos da zona rural tinham dificuldade de socialização com novas pessoas. Algumas feiras oferecem bolsas de estudo e verba para ajudar na estrutura da escola. Marisa narra:



Pra quem era do interior, era um evento maravilhoso, sair do seu lugar, passar uns dois, três dias lá, interagindo com os outros colegas, conhecendo outras pessoas, explicando, tentando desinibir os alunos. E ainda tinha a possibilidade de os vencedores irem para a Feira Regional, que era em Montenegro. Agora começou com força a Feira Multidisciplinar e a ida dos vencedores para a Mostratéc Jr e em outros municípios. Esses eventos promovem a participação dos professores e alunos. Nem todos os professores gostam, mas os alunos merecem estas experiências. Além disso, todo evento tem valor pedagógico, só é preciso perceber isso.

Para Rosaura, a Feira de Ciências, a Feira do Livro, a Festa Junina, a Semana da Pátria, do Gaúcho e do aniversário do município foram se aperfeiçoando. “A organização dos eventos despertou o desejo de participar. Além das festividades nas escolas, os eventos municipais foram sendo aprimorados e servem como inspiração para o pedagógico em sala de aula”.

Mariângela aponta que um dos eventos mais importantes para a comunidade escolar da Gonçalves Dias era a Semana da Consciência Negra. “Muito motivada pelo Grupo de Danças Nossas Raízes, a semana era organizada pela professora Eliege³⁰⁹, que trouxe uma bagagem histórica muito importante”. E continua:



A Semana da Consciência Negra valorizava a comunidade e todo mundo participava, de todas as etnias, todos gostavam dessa semana. A questão esportiva também era uma característica muito forte nesta escola. Os alunos se destacam no atletismo e eu sempre procurei desenvolver os esportes dentro da escola. Não só porque sou professora de educação física, que logicamente está no sangue, né? E eu jogava bola com eles todos os dias na hora do recreio. Não era um e outro dia. Todos os dias eu já tinha um timezinho formado. E o interessante, assim, um parêntese, né? Interessante que nesse momento, não era só a descontração de jogar futebol ou de ensinar as regras, era tudo que envolvia o respeito ao outro, a não violência. A jogar pelo resultado, mas também pela aceitação do resultado. Então, existia ali um trabalho muito importante, de formação da personalidade daquelas crianças e por isso que era importante esse momento. Então, sempre quando tinha algum evento, algum campeonato, mesmo que a escola fosse pequena e não tivesse, às vezes, um número de atletas, a gente dava um jeito, levava uns pequeninhos, aí ficava lá os pequeninhos competindo com os grandes, não importava, eu levava eles porque eu achava importante que eles se desenvolvessem, que eles participassem, porque era importante pra formação deles, de repente dali podia sair um atleta, né? Se a Prefeitura não disponibilizava transporte nos finais de semana, eu colocava eles dentro do carro, naquela época até podia, colocava cinco, seis dentro do carro e levava eles no torneio aqui no Rincão, na Estância, quer dizer, eu tentava proporcionar pra eles novas vivências nesse sentido do esporte. E eles adoravam. Então, acredito muito na força dos eventos para o aprendizado dos alunos, de forma geral.

Eoní se recorda de que o CPM era muito atuante nas escolas onde trabalhou, organizando eventos, e que a maioria dos professores trabalhava firme para que cada evento ocorresse tranquilamente e alcançasse o objetivo. “Às vezes era um objetivo ligado ao lucro para construir algo para a escola ou obter materiais, mas sempre tinha o lado pedagógico, de ver o aluno fora da sala de outro jeito, e isso era muito bom”. Ela afirma que, com o tempo e a instalação do Colégio Sinodal³¹⁰ no município, algumas escolas tiveram diminuição de alunos e isso afetava os eventos também. “Vamos observar agora pós-pandemia pra ver se o

³⁰⁹ Eliege Moura Alves, professora aposentada da rede municipal de Portão, uma das poucas professoras negras da rede, infelizmente. Esta professora trabalhou nos anos finais do ensino fundamental. Eliege é autora da Dissertação “Presentes e Invisíveis - Escravos em Terras de Alemães - São Leopoldo: 1850-1870”, sendo referência para os trabalhos sobre escravizados em São Leopoldo e região.

³¹⁰ O Colégio Sinodal chegou a Portão em 2008, para atender a região dos vales do Sinos e Caí. Pertencendo à esfera privada de educação, atende aos Ensinos: Infantil, Fundamental, Médio e Técnico, sob a direção de Jadir Rasche.

movimento não será ao contrário, né? Vamos ver o que nos aguarda com a crise que estamos vivendo”.

Nas lembranças de Leila eram poucas as professoras que ajudavam na organização das festividades da escola e algumas também não gostavam de levar os alunos aos eventos municipais. “Eu organizava e trabalhava. Era trabalhoso, mas fazia parte do aprendizado das crianças e eles adoravam todo e qualquer evento”.

Cândida afirma que todos precisavam participar do que estava previsto no Calendário Municipal e Escolar³¹¹. “Eu trabalhava, mas não gostava da Festa Junina. Dava o meu melhor, mesmo que não gostasse, e nunca senti um professor que não fizesse o seu melhor, né?” Ela lembra com muita felicidade a questão das feiras pedagógicas, pois, para ela, são espaços para experimentações e trocas muito valiosas.

Mas sobre homenagem pras mães e pais, era preciso ser repensado. Que famílias nós temos? A questão da Páscoa também eu me questiono. Eu amo fazer chocolate com os alunos, criar imagens, desenhar. Mas pra que eu tô fazendo isso? Que escola que aparece? Com fim religioso? Como se a educação cristã fosse a única, sempre conversei bastante com os alunos desde pequeninhos. Que existiam outras religiões, crenças, [...] acho muito importante este diálogo.

Em sua fala, a professora Cândida questionou sobre as famílias que fazem parte da escola. Esta é uma questão pertinente no sentido de que há uma ideia tradicional do que vem a ser família: pai, mãe e filhos. Porém, não é de agora que as famílias apresentam outras configurações. “Muitas crianças viviam apenas com a mãe e a avó, por exemplo. Outras somente formadas pela criança e o pai. E ainda outras com duas mães.” – ela afirma. E, quanto a isso, há uma necessidade de se perceber a realidade da criança e trabalhar de acordo com as vivências de cada uma delas. “Por que insistir em homenagear os pais com uma turma onde a grande maioria nem tinha o nome do pai no registro de nascimento ou não conhecia essa pessoa? Por isso, quando foi alterado para Dia da Família na Escola eu senti que assim seria melhor.” Outras aposentadas concordaram com esta forma de contemplar a família dos alunos. “Demorou bastante tempo pra isso mudar” – relata Cândida. Sobre a questão da religiosidade ela acredita que isso ainda vai levar mais tempo: “Nosso país, de base religiosa cristã, ainda precisa observar o diferente sem preconceito e com mais amor. Mas ainda estamos longe disso”.

Adreane diz que a rede municipal nunca se furtou de investir e de oportunizar eventos para os profissionais e não somente para os alunos. “Quando comecei a trabalhar eu buscava

³¹¹ Normalmente, no mês de novembro, se organiza a nível escolar e municipal os eventos que irão ocorrer no próximo ano, com a previsão das respectivas datas e locais.

por conta própria. Acreditava ser importante e, quando pude, contribuí para que este tipo de evento estivesse ao alcance de quem quisesse”.

Fazíamos inscrição e recebíamos transporte para Seminários em Campo Bom, na SMED³¹² de Porto Alegre, nas vanguardas pedagógicas, no GEEMPA, na formação continuada na Fundação Evangélica³¹³ de Novo Hamburgo, entre outros lugares. Aprendemos muito, mas também vimos que outros lugares não tinham o que a gente já tinha e sabia, então, tem horas que não dá pra ser extremamente modesto. Assim, começamos a organizar eventos de formação no próprio município. Trouxemos profissionais de referência para ministrar na cidade, mas utilizamos muito os próprios professores da rede para apresentar seu trabalho e pesquisas. E nossos professores passaram a ser referência também. Por exemplo, a Marisa³¹⁴ sobre meio ambiente. Na Secretaria pedíamos recursos para o FNDE e no gabinete do prefeito para os eventos e, às vezes, a gente ouvia, com este valor dá para construir mais de uma sala de aula. Mas este investimento eu acreditava ser mais importante. A mesma coisa vale para Feira de Ciências e a do Livro, por exemplo. São gastos necessários e os alunos precisam disso. Os eventos que a escola ou a Secretaria oportunizam são importantes e é preciso conscientização dos profissionais e uma forma de abordagem com os alunos para que seja, também, motivador de aprendizado. Professores e alunos precisam ser contemplados.

Com as narrativas sobre a participação em eventos escolares e municipais observamos que, ao longo do tempo, houve uma série de estímulos a alunos e profissionais da educação e que, nem sempre, foi possível alcançar a todos. Sem dúvida, os eventos têm uma importância a nível pedagógico e cultural, tanto para discentes quanto para docentes e, se bem aproveitados, contribuem para uma educação de qualidade.

5.3 “O programa social fez toda diferença pra aquela comunidade.”: as implicações de uma escola que se torna ‘para todos’

Quando se criam programas em educação, seja a nível federal, estadual ou municipal, os responsáveis realizam pesquisas e avaliações observando as necessidades da rede de ensino e elaboram as ações mais amplas a serem desenvolvidas. É claro que, independentemente de quem está no comando, a questão ideológica do governo estará fortemente marcada. Porém, conforme as professoras aposentadas, muitas vezes, novos parâmetros e programas são impostos e as escolas devem se organizar para a realização efetiva do que foi encaminhado, sem terem participado ou terem opinado de alguma forma, na elaboração destes.

Se levarmos em conta que a escola está inserida na sociedade e que esta “é um *acontecer* que tem uma função pela qual cada um recebe do outrem ou comunica a outrem um destino e

³¹² Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Ver mais em: <<https://prefeitura.poa.br>> smed>

³¹³ Fundação Institucional de Educação. Ver mais em: <<https://educacaobasica.ienh.com.br>>

³¹⁴ Marisa Braga, parceira desta pesquisa, Mestra em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos pelo ProfÁgua – IPH – UFRGS.

uma forma” (SIMMEL, 2006, p. 18, grifo do autor), novos arranjos vão se criando para dar conta das obrigаторiedades e, assim, novas formas se organizam. Este é um movimento contínuo.

5.3.1 Professor preparado?

Como já observado em outros momentos, a questão de preparação para o novo em educação não atinge a todos os profissionais da mesma maneira. Porém, o que também foi narrado nos leva a afirmar que muito foi oferecido em termos de formação. Para a professora aposentada Marisa, “o professor estava preparado para receber a todos os alunos, sim, mas, muitas vezes, sem um efetivo desejo”.

Rosaura acredita que o profissional tem que estar preparado, ter competência para atuar. Além disso, tem que se sentir como parte da escola. Para ela, o pertencimento à comunidade escolar contribui para a realização do trabalho, mesmo quando vêm muitas novidades, como programas, projetos e nova legislação, quando o professor se sente integrante deste complexo que é a escola, procura se aperfeiçoar, ler e buscar alternativas. “Em Portão, ao longo do tempo, tivemos muitas oportunidades de formação, encontros, e estudos para adequação conforme os programas e parâmetros exigidos pelo Ministério da Educação”.

Mariângela volta no tempo de sua formação inicial para afirmar que “o magistério formava muito bem os professores e eu achava isso fundamental. E agora, pelo menos aqui, não é mais necessário. Apenas o curso de Pedagogia”. A legislação municipal passou a exigir, no concurso público para cargo de professor dos anos iniciais do ensino fundamental, a graduação em Pedagogia, sem obrigatoriedade de ensino médio de Magistério. “A gente via, claramente, que aqueles profissionais que faziam só pedagogia não tinham preparo para estar numa sala de aula, aprendiam na marra, no sofrimento. Tem pessoas que já carregam isso na veia, o dom de ensinar, mas outros, não, e daí sofriam”. Mas o que marcou muito a trajetória dela é o fato de que “o programa social fez toda diferença pra aquela comunidade”. Assim, Mariângela afirma que o esforço dos profissionais em educação foi válido para que as crianças da localidade de Cachoeira estivessem todas na escola e a elas fossem proporcionadas oportunidades de ocupar um melhor espaço na sociedade, através do ensino.

Leila diz que nem sempre o professor estava preparado para os novos programas e projetos que surgiam. Mas ela afirma que sempre havia cursos, especialmente na década de 1980 e 1990.



Tinha também as chamadas “Classes Paralelas”, onde os professores se reuniam por turma em que trabalhavam e daí havia muitas trocas e a gente se sentia mais confiante quanto às dúvidas e desafios. Era bom, depois tiraram porque afirmaram que classe paralela é aquela onde as pessoas não se encontram, e era preciso que os professores cruzassem o caminho uns dos outros. Mas isto explicado, e só. Na verdade, eu sentia que estava ao lado dos outros quando me reunia assim. E, trabalhando em escola pequena eu sentia que precisava desses encontros. Uma pena quando acabou.

Segundo Eoní sempre que havia novas leis e programas, os professores eram chamados a encontros e formações. “Muitas vezes as pessoas já criticavam de antemão. Se fechar ao novo não contribuía em nada, eu penso. Não tínhamos escolha, era tentar fazer o melhor e pronto”.

“Eu sou crítica a estes programas que criavam um mesmo caminho para todas as escolas. Cada escola é uma escola” – aponta Cândida. Ela também se refere ao fato de que nem toda criança se adapta à escola. “Tem gente muito inteligente, mas que nunca se adaptou à escola. Pessoas com ideias muito boas, mas que nesse modelo de escola não se encaixava”. Sua fala é de suma importância para se pensar no formato da escola e no modo como esta se relaciona com a comunidade na qual está inserida.

Eu acho que tem que pensar, sim, uma escola para todos. É importante cobrar que todas as crianças estejam na escola, porque independente de tudo, muitas vezes, é o melhor espaço que a criança pode estar, entende? Não é, às vezes, o melhor lugar do mundo, mas é o melhor que ela pode estar. É onde ela vai receber mais atenção, mas não pode ser o lugar onde ela vai ser humilhada, né? Eu acho que sim, que tem que se universalizar a escola, tem que ser obrigatória até uma certa idade. Para os jovens é preciso dizer que a lei foi criada pra lhe proteger. Poxa, seu pai não quer te mandar pra escola, legalmente ele é obrigado. Então, tem que ficar feliz, tá? E o professor tem que tentar fazer o melhor. Se não conseguir, mesmo com formação, precisa buscar apoio nos setores que existem agora. Porque não é fácil pensar numa escola pra todos, né? É complexo porque precisa ser algo efetivo. Nem sempre a gente se dava conta. Espero que no futuro seja melhor. No nosso tempo foi desgastante. Olho pra trás e penso que contribuí com as escolas onde passei, mas foi bastante esforço.

Adreane se recorda de quando a escola tinha que ser para todos. “A escola tinha que estar preparada pra atender toda essa demanda, todas as crianças que não estavam na escola, deveriam estar na escola. E aí, foi aquela correria, enfim”. Ela lembra de buscar especialização na Universidade, em alfabetização, em letramento, em psicopedagogia, entre cursos e encontros.

Pra se acolher todas aquelas crianças que não estavam ali e dar conta de tudo isso foi um baque, porque muitas crianças não tinham noção nenhuma do que era a escola, e olha que eu acredito que no município de Portão nem foi tanto, mas em outros municípios deve ter sido muito maior, em função de número de alunos, enfim. Além de formação pedagógica, eu penso que vai muito mais na boa vontade. Então, entra a questão da empatia que tu tem na tua função, né? Pra saber que tu vai fazer o melhor por teus alunos. E outra questão também, muito importante para ser de fato uma escola

para todos, é de infraestrutura, e ainda hoje eu vejo que é preciso evoluir e pensar o espaço escolar como um todo.

O que as professoras aposentadas apresentam sobre a preparação dos professores para o trabalho nos programas que são elaborados e encaminhados às escolas, é que as oportunidades de formação foram mais intensas nos últimos anos e que, mesmo com elas, era preciso disposição e determinação para adequar à realidade de cada espaço escolar. No início de suas carreiras, muitas de suas investidas eram, para além da formação no magistério, intuitivas e recorriam aos pais dos alunos em busca de apoio, visto que a grande maioria delas lecionava em escolas pequenas, multisseriadas, da zona rural.

Com o tempo os setores foram implementados e a rede de apoio aumentou, bem como as conquistas em termos de plano de carreira³¹⁵. Estes avanços possibilitaram ao professor uma maior segurança em termos das práticas pedagógicas e suporte. Como Nóvoa (1999) aponta, os triângulos pedagógico, político e do conhecimento são necessários para se observar os movimentos em educação. Além disso, cada professor é único, assim como cada escola. Por isso, as especificidades são tão importantes. Então, só se consegue conhecer a escola fazendo pesquisa. Assim como disse Gadotti (2000, p. 50): “Em cada época parece que as mesmas perguntas voltam, só que voltam com uma roupagem nova”, as questões movimentam e desafiam o percurso de quem vive a escola.

5.3.2 Movimentos na cidade para atender a diferentes programas em educação

Para observar as exigências da legislação em termos de educação, a escola necessita da participação da comunidade escolar na qual está inserida. Esta afirmação foi mencionada diversas vezes pelas parceiras desta investigação, reafirmando a necessidade de que a cidade em si se propusesse a contribuir com as mudanças ocorridas ao longo do tempo em termos de acesso à escola. Em função disso, foi preciso ter “uma atenção redobrada nas técnicas, engenharias, engrenagens, materialidades e mediações diversas em que as relações de poder funcionam e se exercem” (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016, p. 12).

A professora aposentada Marisa lembra que, quando trabalhava no interior do município, a maioria de seus alunos eram filhos de cortadores de mato. “Quando a escola fez o movimento de acolher a todos, estas crianças deixaram de trabalhar junto com os pais e foram para a escola”.

³¹⁵ O primeiro Plano de Carreira do Magistério público de Portão foi estabelecido pela Lei nº 428 de 26/11/1992, e alterado nos anos de 2010 e 2016 para dar conta das modificações ocorridas a nível federal e estadual.

Na escola acabamos conhecendo este tipo de trabalho com mais evidência e pensando nos desafios destas crianças, com as mãos manchadas pela acácia. Naquele tempo, havia muitos curtumes em Portão e a casca das árvores servia para ajudar a curtir o couro, enquanto a lenha era usada nas caldeiras para aquecer a água utilizada no curtume. Bem mais tarde que diminuiu o número de curtumes, mas aí eu já estava trabalhando na zona urbana. Mas, de qualquer jeito, diminuiu este tipo de trabalho e as crianças estavam na escola. Como aumentou bastante a urbanização, houve a melhoria na rodovia aqui e aumentou o comércio, né? O comércio ficava no entorno das escolas do centro e nas escolas mais afastadas também foram montados pequenos comércios, o que fazia a comunidade colocar suas reservas financeiras ali. Tinha que ter o lugar perto da escola pra comprar material escolar, uma merenda diferente. E assim as coisas foram se organizando.

Leila afirma que a cidade cresceu muito, não tanto em seu bairro, Rincão do Cascalho, mas mais no restante da cidade. E com este aumento da população foram construídas muitas escolas; especialmente nos bairros mais populosos, grandes escolas foram erguidas. Daí, o número de professores e funcionários também aumentou. A cidade se movimentou para atender ao trânsito, ao comércio no entorno das escolas e na segurança. “Tudo teve que se movimentar com o aumento da população e com os programas das escolas, como o Mais Educação, em que as crianças ficavam o dia todo na escola. As famílias tiveram que se organizar e isso tudo envolve a cidade”.

Rosaura conta que a população cresceu e a escola precisou crescer junto para dar conta da demanda. “Um movimento reflete no outro. Da mesma forma, a cidade precisou se adequar às necessidades da escola, com transporte, boas vias de acesso, locais de alimentação”. Ela aponta que muitos professores trabalham dois turnos na cidade, entre manhã, tarde e noite, e não são residentes em Portão. “Por isso é importante o comércio com materiais escolares, entre outros”.

Ao falarmos sobre os movimentos da cidade, Mariângela afirma que não sabe até onde a comunidade faz parte dela e ela faz parte da comunidade de Cachoeira, mesmo não trabalhando mais lá. “Temos uma relação muito íntima”. Lembrando que Mariângela foi professora e, mais tarde, diretora na Escola Municipal Gonçalves Dias, na localidade de Cachoeira, lugar a que ela se refere quando trata de comunidade escolar. O motivo da aproximação se deu em função, conforme ela, de pensar a escola e a comunidade como algo extremamente relacionado. Sempre que ocorriam alterações em programas e projetos, ela consultava os pais dos alunos. Quando eram realizados eventos, estes ajudavam a organizar. “Para aquela comunidade, as festas da escola eram as festas deles”. Assim, a escola cresceu e se fortaleceu. Mesmo sendo uma escola da zona rural, seu número de alunos avançou, sua estrutura foi aumentada e as necessidades foram atendidas, com melhoria no transporte e na

acessibilidade. “Quando saí de lá sabia que muita coisa tinha a ser feita, mas muito foi modificado ao longo do tempo porque a comunidade ajudou e eles merecem muito”.

Eoní conta que Portão se desenvolveu muito. “Foi quase uma transformação total aqui de Portão”. Ela trata do crescimento do município e da forma como isso diz respeito às escolas também.



Eu vim morar aqui na Estação em 1975 e de lá pra cá houve assim um crescimento extraordinário da cidade. Na década de 1980 o crescimento de Portão foi muito grande, as fábricas de calçados e, especialmente os curtumes, chamavam grande número de pessoas que vinham da zona rural daqui e de outras cidades pra trabalhar. Às 6 horas, às 1h30min e às 18 horas a gente via aqueles grupos de pessoas passando, indo pra cá e pra lá. Não tinha esse bairro grande como é hoje, não tinha a Avenida Brasil³¹⁶ desta forma, não tinha a maioria dos prédios que tem agora, lojas; não tínhamos nenhum supermercado, eram só mercadinhos, ‘venda’ que a gente chamava. Então houve assim um grande crescimento da cidade e das escolas também. Todo esse chamamento pra população vir trabalhar, isso acarretou um grande número de alunos também pras escolas, né? Por isso que foi construída a Escola Fraga, porque na Estação não tinha escola municipal, só a estadual, que já não dava conta de acolher todos. Depois, ali por 1995 em diante que houve a decadência e a crise nos curtumes, crise nas fábricas de calçados, a crise coureiro calçadista³¹⁷, né? Então, foram fechando as indústrias. E muita gente teve que trocar de profissão à força, se reinventando. Mas aí as crianças já estavam nas escolas. Com muito trânsito, os pais tinham que ter um meio de transporte, além do público para os mais carentes, para levar as crianças para a aula. As escolas receberam mais professores, mais concursos, e tudo isso junto só foi aumentando o movimento. Assim que eu vejo.

Cândida fica em silêncio por um tempo, pensando, e afirma que está se questionando sobre o quanto a escola realmente é valorizada pela oportunidade que oferece. “Tudo que não se cuida fica ruim, né?” Ela credita à comunidade e à cidade a necessidade de cuidar da escola, enquanto espaço de todos.

Precisaria ter uma participação maior, na verdade, dos pais que tem alunos na escola. Porque não entendo por que a escola precisa ter muro, ser gradeada. Quem vai invadir? Se a escola é da comunidade não precisaria disso, de verdade. Eu vejo muito a escola na defensiva, né? Naquilo, de se defender e ter que explicar o porquê de cada situação. Então, acho que esta relação fica muito entre ataque e defesa. Quando eu comecei a trabalhar em escola em Portão eu conhecia muitas pessoas, eu me sentia muito segura em andar pelos espaços da minha cidade, entre as escolas que eu trabalhava. Não tinha nenhum problema, não tinha a questão do tráfico. A cidade, pra mim, cresceu assim, assustadoramente, né? Eu gosto de passear e conhecer tudo, mas assim, a cidade cresceu bastante. Então, observando os espaços, eu penso que faltou certo planejamento na cidade sobre áreas verdes, embora tenhamos praças no centro e na Estação Portão, nos outros bairros não há, não houve esta preocupação anterior e poderia ser pensado mais em relação ao aproveitamento das escolas, pras comunidades viverem a escola, nos finais de dia, no final de semana, coisas do tipo. A questão do trânsito também, né? Em Portão ainda, muita gente anda no meio da rua.

³¹⁶ A Avenida Brasil é a avenida que se estende do centro da cidade à Estação Portão, sendo que em todo seu trajeto há grande número de prédios, lojas e prestadores de serviço, além de igrejas e do maior supermercado do município. Ela era apenas um matagal, depois passou a ser uma estrada de chão batido e no início dos anos 1980 foi asfaltada.

³¹⁷ Ler mais em: SCHEMES; ARAÚJO; MAGALHÃES. A crise coureiro-calçadista no Vale do Sinos: a construção do Jornal NH (2018).

Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/download/37959/19301/>>

Para os jovens não há espaços além do Parcão³¹⁸, nada pensado nos loteamentos novos, nessas ruas, que a cidade ia crescer. O trânsito, pelas cinco e meia da tarde, nossa, é muito chatinho de dirigir ali na avenida. Eu acho que essas questões, enquanto lazer, de espaço cultural, a cidade é bem precária ainda. Claro, teve uma preocupação no entorno das escolas para o trânsito, para o acesso, mas a escola enquanto espaço de todos da comunidade poderia ser uma contribuição nisso que falta. Talvez, uma forma de aproximação que a cidade assumisse e assim seria bom pra todos, sei lá.

Adreane entende que a população tem acesso a muitas coisas, no que trata da infraestrutura do município: ruas asfaltadas, novos empreendimentos, loteamentos, condomínios. “Nossa população cresce talvez até um pouco desordenadamente. Ocorrem certos perigos, situações que antes a gente não tinha com tanta evidência ou com tanta frequência”. Ela pondera que sempre houve problemas de segurança, mas que hoje, em função do crescimento populacional, estes fatos ocorrem em maior escala. “E isto tudo se reflete na escola. É um movimento de mão dupla. Uma depende da outra”. Como a escola precisou se adequar a novas legislações e ao número de alunos, a cidade também precisou se organizar para atender às necessidades das escolas, como trânsito, segurança e comércio, por exemplo.

As narrativas destas professoras sobre a legislação, com suas funções políticas e ideológicas, em forma de documentos que orientam e organizam o espaço público e as interações sociais nestes espaços, permitem que se possa afirmar que “os indivíduos compartilham realmente os pensamentos e harmonizam, até um certo ponto, as suas preferências e não têm outra maneira de tomar as grandes decisões, exceto no âmbito das instituições que constroem” (DOUGLAS, 1998, p. 130). Muito foi realizado por estas mulheres professoras, mas é consenso entre elas que ainda há várias implicações para que, de fato, a escola seja para todos. Estes são processos culturais que se constituem diante das necessidades e transformações da sociedade na contemporaneidade.

As professoras aposentadas, parceiras desta pesquisa, apresentaram a estrutura das escolas públicas municipais por onde transitaram em seus percursos em educação. Os movimentos, não somente nos quilômetros em trânsito entre as escolas e a moradia, mas na forma de resistência à vigilância presente nas estruturas escolares, seja na organização das salas, seja no pátio, na participação em projetos ou na documentação a ser entregue ao poder público, demonstram que as professoras não são passivas. É possível assegurar que o magistério produz uma subjetividade empoderada, e esta reorganiza os espaços. Estes engendramentos também estão latentes entre a cidade e escola, e serão tratados no capítulo seguinte.

³¹⁸ Complexo Desportivo Leonel de Moura Brizola situado no bairro Estação Portão, próximo às escolas ETEP – Escola Técnica Estadual de Portão e Colégio Sinodal, propicia a prática de esportes, lazer e descanso à população.



Rosaura Guimarães Corrêa Gomes, 2021.

Imagens da cidade vivida povoam
nossas memórias (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 122).

6. A ESCOLA E A CIDADE: janelas de lá e de cá

Ao percorrer quilômetros pela cidade de Portão, observando e fotografando escolas, percebo o quanto a cidade está se desenvolvendo nos bairros urbanos; nestas localidades, as escolas parecem estar com os prédios “empilhados”, com pouca área verde. Inchando, estas escolas urbanas têm que acolher alunos oriundos de seu entorno e daqueles lugares interioranos que não possuem mais escolas em funcionamento. Além disso, as casas se aglomeram ao seu redor, onde se observam pequenos mercados, inúmeras igrejas e até mesmo os becos mais apertados estão com as vias asfaltadas.

Estas observações estão presentes nas narrativas das professoras aposentadas quando se referem ao crescimento populacional e tudo o que demanda para o atendimento das necessidades da população. Neste capítulo da tese o foco será a relação entre a escola e a cidade, por ângulos diversos. A construção destas relações ocorre num processo social que se dinamiza conforme a comunidade se vê (MAFFESOLI, 1996).

As imagens sobre a escola, o bairro e a cidade dão corpo às visualidades narradas pelas professoras aposentadas. Como uma instituição é uma convenção (DOUGLAS, 1998), as convenções escolares se dão através do *ethos*³¹⁹ da escola, construído ao longo do tempo, numa constante retroalimentação com a sociedade, tendo sempre em mente os aspectos econômico, político, social, ambiental e cultural. Vale lembrar que, numa sociedade, é preciso “que entre seus membros exista algum pensamento e algum sentimento que se assemelhem” (DOUGLAS, 1998, p. 19), e a escola pode ser este elo; depende da relação com a comunidade que faz parte da sociedade que vive/compõe/narra a cidade.

6.1 “Parece que tem um ruído.”: retratos da conexão entre a cidade e a escola

A escola está situada num espaço da cidade. Normalmente a escola é criada em função da demanda de alunos em uma determinada localidade. Com o tempo, muitas vezes, estas necessidades aumentam ou cessam. Quando o fluxo de alunos diminui, a escola é colocada em

³¹⁹ Para Maingueneau (2008, p. 69) o *ethos* é o processo “da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva”, sendo instituído no momento da enunciação/discurso, enquanto o enunciado se dirige ao seu público e relaciona-se ao tom, tanto escrito quanto falado (MAINGUENEAU, 2008). O *ethos* pode se referir a indivíduo ou instituições; neste caso específico, vislumbra-se o *ethos* da escola. O *ethos* é aquilo que o enunciador constrói de si para influenciar um determinado público; ou seja, uma representação identitária. Tais representações sofrem interferências da memória coletiva.

modo de desativação³²⁰. Há uma legislação específica em cada nível de ensino para que este fato ocorra até o fechamento definitivo da escola. Ao contrário, quando a demanda aumenta, ocorre o estudo para a ampliação da escola em sua estrutura física e no setor pedagógico, com a nomeação de novos profissionais. Este é o primeiro elo observável entre a cidade e a escola.

Além disso, é preciso pensar nas conexões existentes entre estes espaços, na construção de laços que facilitem o processo de ensino aprendizagem dos alunos, levando em consideração as questões que envolvem a sociedade da qual a escola faz parte. Mas, afinal, que espaços são esses? Bachelard afirma que o “espaço, o grande espaço, é amigo do ser” (1993, p. 211): estes espaços – tanto da escola quanto da cidade – são de conhecimento e socialização. Muitas são as cores, os cheiros, os sabores e os sons nestes espaços: o que não é favorável é quando entre eles “parece que tem um ruído” (Cândida, 2021). É preciso observar atentamente o que as narrativas apresentam a seguir.

6.1.1 Pensar a cidade de dentro da escola

No decorrer dos períodos letivos, são organizados encontros, reuniões, projetos e eventos diversos para que a população participe das atividades da escola. As professoras aposentadas apresentam alguns momentos vivenciados nesta relação e o modo como observam estes encontros, aqui especificamente sobre como a escola vê e pensa a cidade.

Rosaura percebe que a escola precisa observar mais a cidade. “A cidade cresce, e com ela vem aquele turbilhão de coisas. A escola tem que acompanhar, mas será que a escola olha mesmo para a cidade?” Para ela isto deveria estar entre as competências da escola.

Mariângela lembra que, em cada lugar onde passou, o olhar da escola para a cidade se diferenciava. “Na João Scherer tudo era em função da comunidade, tão pequena, mas muito unida”. Como ela trabalhou numa grande escola central, a Escola Municipal 9 de Outubro, comenta que “no ‘9’ a ideia de cidade se expandia porque tínhamos alunos de vários lugares da cidade. Eu sentia que a cidade e a escola conversavam”. Mais tarde, quando foi lecionar na localidade de Cachoeira, na Escola Municipal Gonçalves Dias, a experiência foi outra – “Lá, eles têm uma simplicidade, uma sabedoria que outras pessoas não tem, isso não importa o estudo, nem diploma. A escola e a comunidade aprendiam juntas. A escola não funcionava sem olhar pra este espaço da cidade”.

³²⁰ Em concordância com a Lei Federal nº 12.960/2014, sobre fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. Ainda carece de normativa para todas as escolas de educação básica pois em 2016 um projeto específico foi rejeitado pela Câmara Federal e arquivado.

A professora Marisa deseja que tivesse ocorrido uma ligação maior. “A escola precisa ver a cidade, ter esta experiência. Se a gente propõe que as pessoas olhem a cidade por um período, as pessoas se voltam a olhar e se mobilizam. Mas a escola ainda não enxergava a cidade. Talvez agora, né?” – ela questiona. Pensando um pouco mais – Marisa silencia e fica pensativa –, ela se dá conta do quanto fez saídas de campo para observar o meio ambiente e o desenvolvimento da cidade, quando lecionou nas escolas municipais Carlos Oswin Franke, Alecsandro Flores e Edmundo Kern. Mesmo quando estava trabalhando no Departamento de Meio Ambiente, Marisa fez atividades similares nas escolas municipais Santo Antônio e Rosalino Rodrigues Coelho, entre outras. “Estava pensando diferente, mas pensando melhor, eu fazia isso sem ter objetivo específico sobre a cidade, mas era uma forma de ver”.

Leila acredita que este olhar da escola para a cidade parece ser algo simples, mas é complexo. “Mudou muito o relacionamento humano. Às vezes a escola se fecha em si. Via assim, tentava movimentar do jeito que podia. A escola precisa da cidade, não é?” Ela conta sobre os passeios pelo bairro até a rodovia, trabalhando com os alunos sobre o que estava bom e o que precisava melhorar no espaço da cidade próximo à escola quando lecionava na Vila Souza. “Os alunos vêm deste espaço. Como não olhar? Mas nem sempre isso acontece.”

A professora Eoní recorda que, nos primeiros anos que lecionou em escolas da zona urbana da cidade, onde há maior número de professores, a grande maioria deles eram nascidos e residentes em Portão. “Então, eu acho que a vida da cidade estava dentro de cada um. [...], tudo que acontecia na cidade era comentado na escola”.

As eleições municipais levavam debates pra sala de aula, e era conversado, a gente fazia a simulação de eleição. Às vezes se pedia pra, ao contar algo sobre pessoas da cidade, não falar quem era, mas isso não adiantava. Criança pequena fala sempre. Ali no Fraga, quando o sino batia devagarinho, os alunos contavam as badaladas para saber a idade de quem havia falecido e ficavam preocupadas para saber quem era. As festas que ocorriam eram mencionadas, na Sociedade Boa Vista ou nas Igrejas da Estação, evangélica ou católica. Os campeonatos de futebol, tudo era assunto. Assim, a gente aproveitava e trabalhava sobre estas questões. Depois foi aumentando muito as turmas, as escolas, e tinha muito professor de fora, de outras cidades. Então, isso tira um pouco da proximidade, as questões ficam mais em cima dos alunos e dos problemas da escola.

Com a fala de Eoní sobre a questão de pertencimento dos profissionais em educação à cidade onde a escola está inserida, pode-se pensar se, de fato, a moradia na própria cidade faz realmente diferença no olhar da professora em direção ao espaço habitado pelos alunos e tudo que envolve sua cultura, crenças, questões socioeconômicas, políticas. Se faz diferença, como se dá a relação da valorização do contexto do aluno na sua formação e no trabalho pedagógico a ser realizado pela escola? Este olhar da escola para a cidade não faz parte do processo de

alfabetização e de desenvolvimento de competências e habilidades, constantes nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e na Legislação Municipal, Estadual e Federal em educação? Aqui não se trata de apresentar respostas para estas questões, pois são profundas e caberiam em outras pesquisas, mas de não deixar passar esta observação de Eoní, pensando muito mais em suspender questionamentos sobre a forma como a escola vê a cidade e que estes possam reverberar em estudos futuros.

Neste sentido, Cândida diz que a escola é um espaço coletivo menor que precisa ver o espaço coletivo maior que é a cidade. “Observar como a cidade cresce, o trânsito, os loteamentos, as ruas, as pessoas como vivem, onde trabalham. Sempre busquei esta visão em sala com os alunos”. Ela aponta que é necessário refletir sobre os espaços da cidade para buscar melhorias, no aspecto cultural, onde a cidade é bem precária ainda, por exemplo. “A escola é um espaço de oportunidades para melhorar a cidade. Eu adorava sair com as crianças para observar a cidade, fazia isto na Afonso, na São Jorge, na Mauá”. Porém frisa: “Mas nem todo mundo gosta de fazer”.

Quando as professoras recordam o fato de que nem todas as professoras gostavam de observar a cidade, o entorno, perceber o espaço habitado pelos alunos, trazem um elemento importante para questionamentos. O que leva o professor a não utilizar seu tempo de aula para trabalhar os aspectos do bairro e da comunidade onde a escola está situada? As parceiras desta pesquisa afirmam que, normalmente, o professor ou professora está ocupado (a) em realizar as atividades referentes aos conceitos a serem cumpridos no trimestre, focando objetivamente no conteúdo em si sem relacionar ao cotidiano dos alunos. “A gente observa isso nos Conselhos de Classe. Quando uma professora mais atenta à cidade comenta algo sobre um aluno, de sua vivência, outros ficam espantados com a informação. E aí, será que não era importante repensar isso?” – todas comentam, cada uma do seu jeito.

A professora Adreane se recorda da forma como a escola olhava para a cidade e o quanto isto era importante para a escola e para o aprendizado dos alunos.

Eu tive duas experiências muito ricas nesse sentido. Em primeiro lugar, como eu te contei, já no nascimento da Vila Aparecida [...] é um desafio constante manter este olhar porque a característica das famílias vai mudando, as mulheres³²¹ passaram a trabalhar. Então, como é que tu te dispões pra isso, né? E tem que se dispor, muitas vezes, enquanto profissional, fora do horário, no sábado. Porque se tu quer manter isso, tu vai ter que atender as necessidades das famílias. [...] Criar com elas, compartilhar, aprender. Mas tem que se dispor a isto, de criar uma forma de olhar pras famílias, pro espaço, pra cidade e achar um modo de ter a colaboração e a parceria das

³²¹ Com o tempo as mulheres se dirigiram ao trabalho fora de suas residências, por vários motivos, o que acarretou uma maior necessidade de organização de horários por parte das escolas, para atendê-las. Não que os pais não pudessem atender ao chamado na escola, mas agora, ambos estavam no trabalho.

famílias. Quando eu estive trabalhando na APAE, eu caí literalmente dentro de uma instituição que 99% do trabalho dela precisa da comunidade. [...] Lá na APAE a gente mostrou a escola para a cidade. Fomos nas empresas, no comércio, mostramos nosso trabalho. E conhecemos muito a cidade também, vimos coisas que não imaginávamos. Houve então, um avanço muito grande no voluntariado, no apadrinhamento dos alunos, na participação nos eventos. A gente abriu muitas portas. Acho que isso a gente vai ter que avançar, se a gente quer, novamente, assim, que a escola tenha o respeito, ou seja, uma entidade que a comunidade olha, acolhe, a escola primeiro deve ter este olhar. E partilhar ideias para crescer juntos.

A partir destes relatos é possível afirmar que há necessidade de a escola ver e se ver na cidade, do mesmo modo que a cidade precisa ver e se ver na escola. Esta relação precisa ser recíproca. Entende-se que, em alguns casos e em tempos distintos, conforme as narrativas destas professoras, ocorreu e ocorre uma relação de proximidade, mas que precisa ser continuamente “alimentada” pelo diálogo, pelo chamamento a ver e se dar a ver. A conversação sobre estas percepções são baseadas nas experiências vividas por estas mulheres em tempos e espaços diversos, pensando no desenvolvimento tanto da escola quanto da cidade.

A comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, famílias), cria um comum de sentido (BOURDIEU, 1983), numa relação permanente e dinâmica, independente de parar para se observar ou não, num “campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2020, p. 121), em que as diferenças e tensões estimulam o envolvimento e o crescimento de todos. O que pode favorecer o desenvolvimento do trabalho na escola que olha para a cidade é o fato de perceber como esta engrenagem se dá a ver. E, a partir disso, mover-se.

6.1.2 Olhares da cidade para a escola

As conversas agora se dirigem ao olhar da cidade para a escola, observando pelo lado de fora desta. Estas visões mostram pequenos fatos, mas não menos relevantes, que contribuem para a reflexão a partir deste ângulo.

Eoní faz apontamentos interessantes para pensar sobre os movimentos entre a escola pública municipal e estadual, bem como a escola da rede privada, compondo a sociedade que habita a cidade. Além disso, a questão de diminuição do número de crianças no espaço central do bairro Estação Portão, com o envelhecimento da população que habita a área central de cada bairro, leva a crer que os alunos que lotam as escolas públicas municipais do bairro provêm das duas pontas periféricas deste: a região habitada nos antigos trilhos dos trens, conhecidas popularmente como Trilhos de Cima e Trilhos de Baixo (Figura 25).

se pensar se esse tipo de trabalho teria relação com a comunidade que habita o entorno destas escolas ou se é uma opção das gestões com os profissionais destes espaços. Não se pode afirmar nenhuma resposta para esta questão, mas a escolha por um trabalho mais tradicional em alguns ambientes escolares é fato, sem dúvida, pois esta constatação também aparece nas narrativas de Eoní, Mariângela e Marisa. Seria preciso um estudo socioeconômico e pedagógico para iluminar a questão. Isso demanda uma investigação específica, que pode ser realizada mais adiante.

Para Cândida, a cidade, por meio de seus habitantes, carece de valores, de diálogo, de afetividade. “E isto não é obrigação da escola, apesar de muitos pensarem que sim”. Ela defende que a cidade precisa ver este espaço como lugar de aprendizado e de formação de cidadãos capazes de interpretar as questões do mundo e da vida. “Acho que hoje em dia não há um olhar da cidade para a escola. Acho que tem muita cobrança”.

Adreane comenta sobre atividades que eram realizadas nas escolas onde trabalhou. As famílias eram convidadas a participar e eram organizadas conforme as possibilidades e habilidades dos integrantes das famílias dos alunos. “Na Vila Aparecida eram feitos mutirões aos sábados onde a gente fez todo o trabalho de ajardinamento, de revitalização da cozinha, de instalação de paletes com jogos interativos numa parede que tinha desocupada. A gente conseguiu muitas coisas”. Este chamado à comunidade para que adentre a escola pode ser um primeiro passo para que a cidade se perceba na escola e observe a escola de outro modo.

De forma geral, as professoras afirmaram que a proximidade traz um outro olhar da cidade para a escola. Em relação ao desenvolvimento pedagógico, muitas delas questionaram o fato de a escola chamar os pais somente nos momentos de dificuldade com a criança, o que coloca um certo receio na comunidade e provoca distanciamento. De certo modo, as relações se estabelecem com mais facilidade e reciprocidade quando ocorrem movimentos de aproximação em momentos de compartilhamento de ideias, de descontração e abertura de espaços para ouvir e perceber a comunidade na qual a escola está inserida. As narrativas trazem isto pontuando que estes são movimentos que devem ocorrer por iniciativa da instituição escolar e, com uma construção coletiva, posteriormente, partindo dos grupos de apoio que se estabelecem nos chamados Conselhos Escolares³²³, por exemplo.

Tinha professores que vinham de outras cidades, mas não que isso fosse um impedimento para aproximação. Porque, se agora todo mundo vier de fora todos irão se distanciar? Não. Todos precisam ter envolvimento com a escola, com a cidade. Mas eu vi professores que trabalharam quatro, cinco anos numa escola e nunca foram na

³²³ Os Conselhos Escolares foram implantados com a Constituição Federal de 1988 e implementados na LDB de 1996 (Artigo 3º, Inciso VIII) com a gestão democrática do ensino público.

rua da escola. Então, se a escola quer este olhar da cidade pra ela, precisa construir este caminho. Quem trabalha no Fraga, por exemplo, eu posso perguntar, tu já foi lá ver o que é a rua São Pedro? Tu já foi lá ver e o que achou da rua João Luís de Moraes? (ADREANE, 2021).

Entre tantas questões apresentadas por Adreane, há o contraponto para o que Eoní trouxe sobre a professora que não reside no município ter dificuldade de olhar e pertencer ao local de trabalho e seu entorno. Adreane pondera que este fator não é preponderante na medida em que observou professoras de outras cidades realizando um trabalho de extrema conexão com a cidade onde a escola está situada. São questões, segundo ela, mais relacionadas à formação e ao profissionalismo do que sobre habitar o espaço físico em uma residência. Há muitas formas de habitar a escola (BREMM, 2017); e isso pode corresponder às formas de habitar a cidade também, afinal

A cidade presta testemunho de si mesma nas imagens pelas quais se oferece aos seus habitantes, e sua complexidade configura-se nas ações, nos pensamentos, nas mentes e nos corações da condição dos cidadãos em suas trajetórias e memórias (ROCHA; ECKERT, 2006, p. 457).

Outro fator apontado pelas professoras sobre o olhar da cidade para a escola é a participação e envolvimento da sociedade nas atividades que a escola realiza e convida a população a participar. Entre os exemplos citados estão Feiras Pedagógicas, Feira do Livro e Festas Juninas. Segundo as professoras, a escola tem uma importância social na comunidade e “a hora que isso está institucionalizado, e que é consenso e todos acreditam nisso, a valorização vem por consequência” – reafirma Adreane. As aposentadas foram unânimes em tratar deste olhar da cidade para a escola como um espaço que deve ser construído conjuntamente.

6.1.3 A cidade e a escola em constante transformação

As narrativas aqui tratam de pensar nesta relação entre a cidade e a escola, neste caso específico, pública. É presente o fato da construção de um espaço coletivo, de duas vias. As falas apresentam isso de forma simples e, muitas vezes, acompanhadas de críticas tanto em relação à escola quanto à cidade. É importante ressaltar que aparece de forma clara, num primeiro momento, certo estranhamento ao perceber/ver/notar agora, após a aposentadoria, o outro lado da janela da escola. E uma pergunta pulsa no silêncio de cada parceira de pesquisa quando este assunto é tratado: será preciso sair da escola para percebê-la de fora? Muitos autores já trataram da questão sobre sair da ilha para ver a ilha.

Pesquisar na cidade onde moro trata-se de um exercício de constante estranhamento (VELHO, 1980) e um desafio delicado e sensível. Da mesma forma que o afastamento produziu

novos questionamentos às parceiras de pesquisa, eu, enquanto pesquisadora sigo neste movimento para produzir outras possibilidades de pensar a escola e a cidade diante das narrativas das professoras aposentadas.

“Em muitos momentos a escola parece ter passado por certa calmaria”, diz Eoní. No entanto, a palavra “calmaria” na escola seria apenas um contraponto aos grandes episódios de crise: reformas estruturais no ensino, mudanças de governo pré e pós ditadura³²⁴, e agora, diante de todas as alterações sofridas pela escola por motivo da pandemia de Covid19, por exemplo. De qualquer forma, tratar a relação da escola e da cidade em períodos de calmaria pode ter um teor fantasioso para qualquer leitor que tenha trabalhado em “chão de escola”: não é fato presente no cotidiano de grandes escolas públicas. Porém, diante de pressões externas muito intensas como as que envolvem a Covid19, calmaria pode ser um termo razoável para separar momentos distintos vividos em educação. “A escola hoje vive novos dilemas: como a educação vai ficar diante de tudo que surgiu na pandemia? E o *homeschooling*³²⁵ que tanto falam?” – lembra Mariângela. Mas é importante ressaltar, conforme as narrativas das parceiras desta pesquisa, que sempre houve momentos de tensão e este olhar de cobrança e avaliação da cidade para com a escola é constante.

Mariângela se recorda de que “a família complementava o que a escola propunha, tanto é que todas as regras que a gente criou na escola, elas foram construídas junto com as famílias”. Ela traz a experiência da Escola Gonçalves Dias quando afirma a parceria entre a comunidade e a escola e a forma como se deu a criação de projetos que tornaram a localidade de Cachoeira visível na cidade e no estado. “As decisões que a gente tomava na escola, eles assinavam embaixo”. Porém, ela diz que a escola, através das professoras e da diretora, tinha um olhar atento para os alunos mesmo fora do horário de trabalho. “Quando eles estavam indo pra casa de ônibus e acontecesse alguma coisa, os pais falavam com a gente e a gente resolvia na escola. Era um cuidado extra com eles, não só naquelas quatro horas. E um compromisso enorme”. Este é realmente um compromisso que está para além das obrigatoriedades dos professores da escola, mas as combinações de cada comunidade são singulares e precisam ser revisitadas de tempos em tempos.

Rosaura afirma que, sempre que ocorriam problemas que envolviam a população de forma mais geral, a escola foi espaço de acolhimento. Tanto como lugar de vacinação, de

³²⁴ Ver mais em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/>>

³²⁵ Ensino domiciliar, onde os pais ou responsáveis ficam encarregados pelo ensino da criança. Matéria aprovada pela Câmara dos Deputados em maio de 2022, e que deve passar pela avaliação do Senado Federal em breve (RIBEIRO, 2022). Ver mais em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/05/21/homeschooling-no-brasil-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-as-desvantagens-no-projeto-aprovado-na-camara.ghtml>>

eleições, de reuniões das pessoas da comunidade ou associações, recebimento e entrega de agasalhos, acolhimento de grupos distintos por motivos diversos. “A escola é um espaço público e deve ser vista como prolongamento do lar”. Ela também pensa que algumas famílias veem a escola como “lugar onde deixar meu filho pra eu poder trabalhar”, mas no geral ela lembra que no decorrer de seu tempo de trabalho percebeu valorização das pessoas da cidade para com a escola.

Este fato apareceu em diversas narrativas e pode-se constatar a forma como as crianças vivem e convivem em seus lares, as necessidades e particularidades de cada lugar e o modo como a escola pode perceber estes diagnósticos. Importa pensar como a escola age a partir destas constatações.

Ao mesmo tempo, com todas as necessidades da população, da sobrecarga de trabalho ou procura por emprego, de alguns espaços de vulnerabilidade e de outras problemáticas do cotidiano, o chamamento da escola para a comunidade era acolhido. “No coletivo educador, com o tempo, os representantes das escolas e as pessoas da cidade se conversaram e ajudaram em muitas questões. A coleta seletiva de lixo na cidade é uma destas conquistas” – relembra Marisa.

Marisa não se arrisca a pensar como está esta situação entre a escola e a cidade, agora, durante a pandemia. “É um tal de abre e fecha. É família reclamando das atividades virtuais, na *internet*”. Leila fica pensativa e diz que sente certo alívio por estar aposentada neste momento. “Tive muitos momentos de tensão no trabalho e não gostaria de passar por isso na escola agora”.

Eoní afirma que cada tempo tem suas necessidades.



Observei muito o descaso de determinadas autoridades com a escola ao longo do tempo. Quando mudava o governo, lá ia a gente ver o que acontecia, vinha projeto novo, outros modos de planejar, outras burocracias a serem cumpridas. Depois, quando surgiram as redes sociais, ficou ainda mais difícil. Qualquer palavra dita parava na *internet*. Imagem então, corria solta. Agora que eu uso a *internet*. Antes, não. Mas eu ouvia muitas histórias. A professora não podia virar de costas e o celular já pulava, as fotografias eram silenciosas e se espalhavam. Pra citar outra dificuldade, uma vez aconteceu o fato da gente não receber o salário e, depois, veio muito atrasado. Daí as pessoas se organizavam para dar um rancho pra algumas professoras. Já viu isso? Então, eu penso que dificuldade sempre houve, uma diferente da outra, mas sempre. Às vezes a cidade olhava pra escola e ajudava e outras, criticava apenas. E penso que assim vai continuar.

A professora Adreane acredita que tudo depende da interação direta entre a escola e a comunidade. “Se a comunidade cresce, a escola precisa se organizar pra acolher. Se a comunidade se engaja, a escola consegue melhores resultados. Com melhores resultados, o

conceito da escola aumenta e a comunidade fica orgulhosa. É fato comprovado”. Ela então relembra:

Eu sinto que a escola foi perdendo a noção de ver o entorno, foi se fechando talvez. Eu não tenho uma leitura, nem antropológica, nem social do que aconteceu, mas eu tenho bem visível que isso aconteceu. Têm escolas com uma grande participação social, com uma visibilidade na comunidade. Conquistaram esse espaço porque olharam pra cidade. Se a escola abriga a comunidade, a comunidade é receptiva e vai estar sempre disposta a conhecer e valorizar a escola. E eu acho que a escola precisa reaprender esse processo. A escola teria que ter dados sobre a família, as preferências culturais, entre outras informações. [...] Se isso fosse atualizado a cada ano, com a facilidade que a gente tem da tecnologia, o professor deveria ter condições de entrar na frente do *note* e pegar todo o planilhamento da turma. Pô, se de vinte e oito alunos, vinte e dois moram na João Luís de Moraes, o que eu sei sobre a necessidade deles? Se os meus alunos, todos têm mais do que um irmão, ou metade da minha turma não tem irmãos, eu começo a compreender meu campo de trabalho. Olhando no censo³²⁶ se percebe que aqui se pulou de seis, sete filhos, pra um, dois, no máximo três, né? [...] Então, acho que essas questões todas são sociais e que a gente não evoluiu muito nos últimos anos ao atentar para isso. Acho que isso é uma aprendizagem que a escola vai precisar fazer. [...] Se há algum distanciamento, de certa maneira também foi semeado muito isso. Essa valorização ninguém vai nos dar. Nós precisamos conquistar.

Por outro lado, Adreane afirma que, ao longo dos anos, a escola teve muitos avanços. Ela tem certeza de que a tecnologia terá um novo espaço na escola a partir da pandemia, sendo um desafio e uma necessidade. “Assim como foram as mesas pedagógicas digitais, o uso de *tablets*³²⁷ e computadores nos anos 2000. Se a população utiliza estes recursos, a escola precisa acompanhar e isto já se percebe que vem ocorrendo. Devagar, mas avançando”.

As professoras aposentadas também se referiram às questões ambientais: a preocupação por uma melhor qualidade de vida vem num crescente e os estudos sobre os recursos naturais como água e solo estiveram em pauta na escola nos últimos anos de trabalho de cada uma delas. “Eu percebo que nos últimos tempos a gente estava falando muito mais sobre isso, e o Coletivo Educador Ambiental³²⁸ de Portão foi muito importante pra este olhar” – afirma Marisa.

Este coletivo educador teve seus trabalhos iniciados no início dos anos 2000 e era formado por professoras e pessoas da comunidade em geral, interessadas em discutir as questões relacionadas ao meio ambiente na cidade. “Era muito bom ouvir pessoas de um círculo

³²⁶ O censo escolar é o instrumento de coleta de informações do ensino básico no Brasil e está disponível em: <<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/>>

³²⁷ Programa do Governo Federal UCA – Um Computador por Aluno – em Portão foi realizado na Escola Municipal Vila São Jorge. A importância do uso de *tablets* ou *laptops* no processo de ensino aprendizagem está presente no trabalho de Especialização em Mídias para a Educação (UFRGS) da professora Vera Rodrigues de Oliveira, docente da escola onde o projeto foi implantado.

Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141378/000990646.pdf?sequence=1>>

³²⁸ Organizado e coordenado pela professora Marisa Braga, parceira desta pesquisa, como já comentado anteriormente. Atualmente está sob a coordenação de Vanessa Salete Maria.

profissional diferente do nosso, como engenheiros, por exemplo, e voltar à escola levando um conhecimento a mais, alertando para outras situações” – recorda Marisa.

O aumento da população trouxe a urgência de ampliação e construção de novas escolas na zona urbana do município. Com a população também cresceu a necessidade de geração de empregos e o consequente aumento de problemáticas socioeconômicas, favorecendo o avanço da criminalidade.

Eu via o entorno da escola crescendo. E as histórias que os alunos traziam eram impressionantes. Procurava ouvir os alunos, mas às vezes era preciso desviar o assunto para não ficar pesado para todas as crianças. Depois, conversava com a equipe diretiva sobre o caso para ver o que podíamos fazer. Lamento muito que nem todas as colegas tiravam tempo para isso. E tenho certeza de que isso refletia no aprendizado (CÂNDIDA, 2021).

As conversas sobre as transformações que ocorrem na cidade e na escola deram-se em torno do crescimento populacional e do avanço do uso das tecnologias pela população e, por consequência, na escola. Problemas de ordem socioeconômica, política e cultural, vieram na sequência e foram abordados sempre com a preocupação de “como a escola vai dar conta de tudo”. Como são, conforme diz a palavra, transformações, é preciso compreender que o ritmo em que se dão afeta tanto cidade quanto escola pois uma depende da outra. Fato é que estas narrativas trazem memórias ambientais, com lugares impregnados do tempo de cada uma (ECKERT; ROCHA, 2010). Nestas reminiscências temos encontros de estudo e trabalho entre as professoras, em tempos diversos (Figura 26), como neste registro que mostra Marisa e Mariângela com um grupo de alunos da Escola Municipal Gonçalves Dias, em 1991.



Figura 26: Mariângela e Marisa com um grupo de alunos na E. M. Gonçalves Dias.
Fonte: acervo das parceiras de pesquisa, 1991.



Na Figura 26 pode-se observar uma parte da escola, de apenas uma sala de aula, conforme as parceiras descreveram anteriormente, uma antiga “brizoleta”, de madeira. As duas professoras dividiam as turmas de forma multisseriada, atendendo todas as crianças da comunidade local. Atualmente (Figura 27), a população da localidade de Cachoeira é muito maior, assim como a escola. Por estar localizada em área da zona rural de grande extensão ao norte da cidade, acolhe crianças e adolescentes deste espaço.

Figura 27: E. M. E. F. Gonçalves Dias.

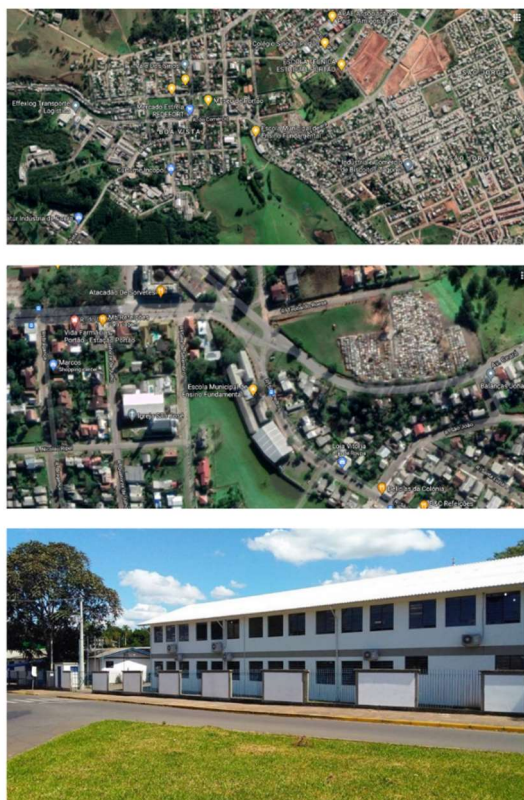
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Marisa trabalhou com Rosaura na E. M. Antônio José de Fraga no final da década de 1990. Nesta imagem (Figura 28) elas aparecem no pátio da escola, onde hoje fica a quadra esportiva. Estas mulheres na fotografia são o grupo de professoras que atendiam aos alunos dos anos iniciais naquele período. Eoní também trabalhava nesta escola nesta época, mas lecionava à noite para a EJA.



Figura 28: Marisa e Rosaura junto a outras professoras da E. M. Antônio José de Fraga.

Fonte: acervo das parceiras de pesquisa, 1999.



Hoje a Escola Municipal Antônio José de Fraga conta com uma grande equipe de profissionais, com amplo refeitório, quadra esportiva, salas de aula, salas de jogos, biblioteca, pátio coberto, entre outras estruturas, atendendo a uma população que cresce no entorno da escola que é a maior em número de alunos no município. Este crescimento traz uma série de necessidades e a escola precisa se organizar para atender sua comunidade.

Figura 29: E. M. E. F. Antônio José de Fraga.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Os muros colocados entre a escola e a cidade despertam certa inquietude. As professoras contam a forma como foram construídos alguns destes muros e, também, como não foram construídos outros muros. “A Escola Mauá (Figura 30) optou por não fechar totalmente com muro a escola como forma de acolher a comunidade, dela se sentir parte da escola. Na Vila Aparecida (Figura 31) temos a visão completa da escola e isso remete a integração com a cidade” – afirma Adreane. É possível visualizar, nas palavras de Adreane, os estudos de Teresa Caldeira quando ela discute “as dificuldades em se organizar a vida social dentro de muros e como uma estética da segurança tornou-se dominante na cidade [...]” (2000, p. 13). A alternativa de telas e grades amenizou a situação em alguns casos narrados.

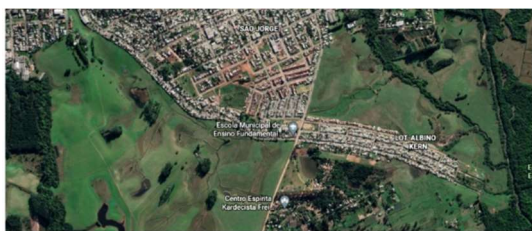


Figura 30: E. M. E. F. Visconde de Mauá.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 31: E. M. E. F. Vila Aparecida.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Os locais de periferia são os mais utilizados para a moradia em Portão, conforme pode-se observar no *Google Maps*: um dos fatores, sem dúvida, é o preço dos imóveis e de seus impostos. Eoní também relatou anteriormente este fato. Isso não é uma exclusividade do município. Assim, os serviços públicos como educação, saúde e segurança precisariam ser foco de atenção dos governos. “Não sei como será no futuro, mas as mudanças que ocorreram enquanto eu estava lecionando, fizeram toda diferença no que eu tinha que trabalhar em sala” – remonta Cândida. Ela lecionou nas Escolas Vila São Jorge (Figura 32) e Afonso Gomes de Carvalho (Figura 33), onde, depois da construção de condomínios populares, houve um acréscimo significativo de alunos nas escolas. Segundo Cândida, as necessidades de salas de aula e de profissionais para o trabalho foram apenas algumas das alterações: “houve a necessidade de diagnosticar os aspectos educacionais, sociais e econômicos dos novos alunos para entender quem eram as crianças que estavam chegando e suas famílias”.

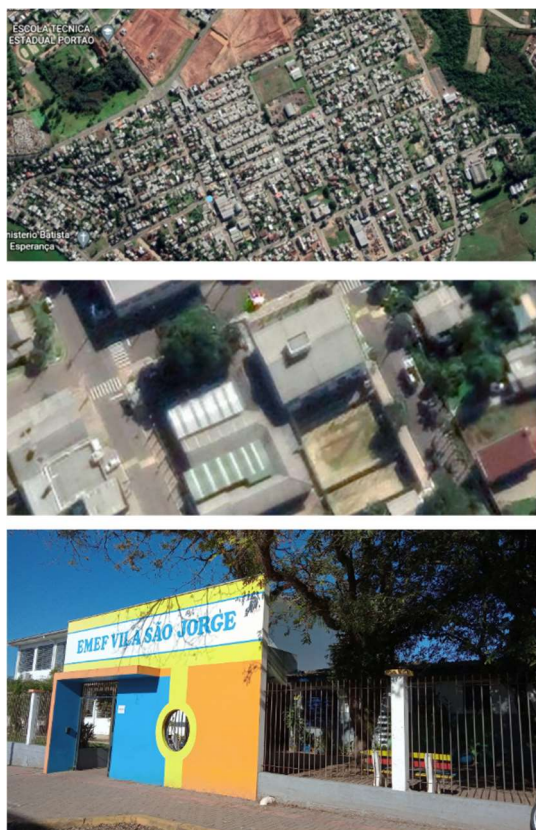


Figura 32: E. M. E. F. Vila São Jorge.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

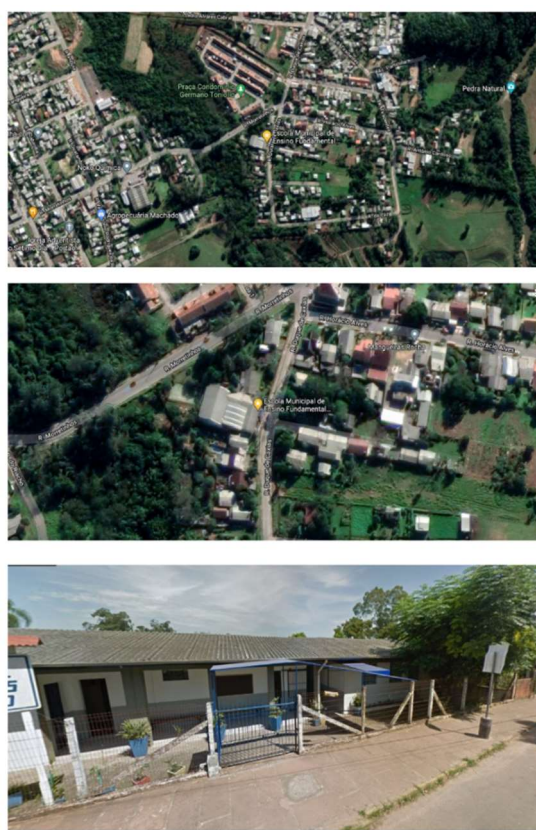


Figura 33: E. M. E. F. Afonso G. de Carvalho.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



Leila trabalhou por mais tempo na Escola Municipal Vila Souza (Figura 34). Com o passar dos anos, esta escola teve diminuição do corpo discente. Como ela relata, “a escola teve cada vez menos alunos. A população foi ficando, em grande parte, adulta e idosa”. Hoje a escola atende turmas multisseriadas numa escola que fica próxima à movimentada Praça de Pedágio de Portão. A professora acredita que a população do bairro de Rincão do Cascalho não procura esta escola por causa das rodovias que fazem um tipo de “corte” no espaço geográfico, o que dificulta o trânsito das crianças.

Figura 34: E. M. E. F. Vila Souza.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A escola mais próxima da Vila Souza é a Escola Rosalino Rodrigues Coelho (Figura 35). Ela está localizada mais ao norte do bairro Rincão do Cascalho, praticamente na divisa com São Sebastião do Caí. Mariângela conta que a escola começou com poucas turmas e alunos, mas “com o tempo ela foi inchando e precisou de aumento de salas e de pessoal”. Esta é uma escola que fica entre a zona rural e a zona urbana, mas de fácil acesso por estar localizada no lado mais habitado da rodovia RS122. “É um dos fatores que aumenta a procura por esta escola”, afirma Mariângela.



Figura 35: E. M. E. F. Rosalino Rodrigues Coelho.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



Também no bairro Rincão do Cascalho, no lado oposto da Rodovia RS 122, em relação à Escola Rosalino, está localizada a Escola Alecsandro Flores (Figura 36), na chamada Saibreira³²⁹. Este foi um dos lugares onde Marisa trabalhou. Muitas crianças desta localidade vivem em situação de vulnerabilidade. Os espaços públicos foram habitados de forma desordenada, assim como nos antigos trilhos de trem onde estão localizadas outras escolas.

Figura 36: E. M. E. F. Alecsandro Flores.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

³²⁹ É um local que contém saibro e está próximo aos antigos e abandonados prédios da Brasília Guaíba Obras Públicas, hoje desativada. Esta empresa extraía e produzia o material de onde foram asfaltadas muitas rodovias, entre elas, as que cortam o município de Portão, as RS 122 e RS 240.



Eoní nos trouxe a Escola Fazenda das Palmas como sua primeira escola. A localidade que fica ao sul de Portão, na divisa com Nova Santa Rita, teve um aumento populacional. Eoní reforça que “a comunidade de Fazenda das Palmas sempre foi muito participativa” e como fica distante da sede da cidade, sempre teve necessidade de investimento no espaço escolar. Assim, em 2022 ocorreu a ampliação da escola. Na imagem (Figura 37) temos a escola como era até 2022 e o início das obras.

Figura 37: E. M. E. F. Fazenda das Palmas.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Outra escola da zona rural que prossegue seus trabalhos é a escola onde Adreane iniciou sua carreira, a Escola General Osório (Figura 38). Pela imagem é possível perceber uma estrutura não muito grande. “A escola foi ampliada, mas não perdeu sua característica inicial, de uma brizoleta acolhedora”, narra Adreane. Esta escola atende alunos da zona rural ao norte do município, nas divisas com São José do Hortênsio e Lindolfo Collor. “As crianças estudam aqui os primeiros anos e depois se deslocam pra Escola Gonçalves Dias, com transporte gratuito”, lembra ela.



Figura 38: E. M. E. F. General Osório.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Uma das transformações importantes que ocorreram ao longo dos anos na cidade foi em relação ao transporte. Nesta pesquisa já foi possível ler que as professoras dividiam táxi para trabalhar, andavam muito a pé, de carona ou de bicicleta, e que os alunos vinham de modos

diversos para a escola, como bicicleta, carroça, carreta de boi, a pé, porque não havia outro meio de transporte. O transporte coletivo ainda é uma dificuldade para os moradores, tanto da zona rural do norte quanto do sul de Portão, pelo motivo de ter poucos horários disponíveis à população. As estradas também não oferecem as melhores condições, principalmente em época de chuvas mais intensas. O possível vem sendo feito pela administração pública nos últimos anos em função das cobranças da população que, atualmente, se utiliza das redes sociais da *internet* para cobrar seus direitos. O importante é ressaltar que o transporte escolar recebeu do governo federal, por meio de projetos, ônibus escolares que atendem aos alunos conforme dados fornecidos pelas escolas.

Dando prosseguimento às narrativas, a Escola Municipal Santo Antônio teve uma alteração em sua localização. O primeiro espaço da escola (Figura 39) hoje é ocupado pela Assistência Social de Portão, para o serviço de acolhimento de mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade.



Figura 39: Antigo prédio da E. M. E. F. Santo Antônio – agora Casa Abrigo.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A organização dos prédios públicos para atendimento de outras necessidades que surgiram ao longo do tempo na cidade é parte de um conjunto de políticas públicas que deve permear o trabalho do poder público. É preciso olhar para a população e notar as carências para que ações possam ser efetivadas e as carências, supridas. Assim, alterar a utilização de um espaço escolar para um local de assistência social e, conseqüentemente, de saúde, é uma forma prática de perceber/ver/pensar a cidade.



A alteração de endereço da Escola Santo Antônio (Figura 40) surgiu da necessidade de ampliação da escola e a antiga área já não continha espaço suficiente para tal. Também, os alunos que estudavam nesta escola vinham, em sua maioria, de um loteamento no entorno do Arroio Cascalho e grande parte dos deslocamentos com transporte seriam desnecessários se a escola se aproximasse desta população, mais ao centro da cidade. Atualmente, a escola já teve nova ampliação pois esta área teve um acréscimo de indústrias e comércio, o que atraiu mais moradores.

Figura 40: E. M. E. F. Santo Antônio.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Num espaço próximo ao centro da cidade está localizada a Escola Carlos Oswin Franke (Figura 41). Muitos projetos desta escola têm destaque a nível municipal e regional e é uma escola que se utiliza muito das redes sociais da *internet* para divulgação de seus trabalhos. “A escola foi ampliada por duas vezes, que me lembro. O salão da escola é uma das relíquias deste lugar”, lembra Marisa. “A comunidade ali pega junto com a escola”, reafirma Cândida, que diz que ali “famílias de várias partes da cidade buscam a escola”.



Figura 41: E. M. E. F. Carlos Oswin Franke.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



A Escola Municipal Edmundo Kern (Figura 42) teve um percurso interessante, que foi narrado por Adreane e Marisa, sendo primeiramente uma pequena escola estadual que foi cedida ao município (década de 1980) por estar numa área municipal, passando a conter também o Horto Florestal³³⁰ do município. Os alunos da escola são oriundos do bairro Portão Velho e do Loteamento Liberdade³³¹. Com a ajuda da comunidade e de suas lideranças, a SEME de Portão ampliou a escola, que, agora, conta com projetos no contraturno.

Figura 42: E. M. E. F. Edmundo Kern.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Com as necessidades das mais distintas é necessário frisar que há diferentes extratos sociais que compõem cada comunidade escolar e, com isso, fazem cada escola ser um espaço único. Além disso, percebe-se nas narrativas e nas imagens, a forma como a cidade foi sendo ocupada e as peculiaridades de cada espaço, fazendo com que a escola pudesse acolher os alunos e as premências de cada comunidade. Ou, ao menos, que fosse o lugar do encontro para pensar nas potencialidades e adversidades, para possíveis ações.

Conforme as narrativas se apresentaram, pôde-se pensar nestas conexões. Elas também são importantes para suspender conceitos e inúmeros questionamentos: afinal, que espaços são estes, da escola e da cidade? Há limites entre estes espaços? Os corpos que habitam os espaços da escola não são os mesmos que habitam a cidade? Algumas questões parecem ter respostas lógicas, mas nesta construção não são passíveis de um modelo. Habitar a cidade (KOHAN, 2013) é um movimento que o corpo³³² escola precisa encontrar. Assim como a cidade precisa encontrar-se na escola, perceber-se nela e com ela.

³³⁰ O Horto Florestal de Portão é um espaço cuidado e coordenado pela Secretaria de Meio Ambiente do município, mas como está no espaço da escola é utilizado pela instituição como lugar de atividade e aprendizado.

³³¹ Próximo à escola, em área pública, se instalou um grupo de moradores sem teto, coordenados por grupos sindicais e políticos. Este grupo fixou-se e deu origem à localidade chamada atualmente de Loteamento Liberdade, ao qual já especificamos o andamento dos trâmites que ocorrem para a legalidade da área de terras para seus habitantes. Atualmente o loteamento possui representante na Câmara de Vereadores do município, o vereador Cléo do Liberdade.

³³² Pensando em um corpo escola a partir da estética e dos estudos foucaultianos.

A escola narrada é uma escola vivida, assim como a cidade (ECKERT; ROCHA, 2010). Numa vida como exercício³³³ de liberdade (FOUCAULT, 2014), o ensinar e o aprender deveriam ser atemporais e, portanto, ocorreriam em qualquer espaço: tanto escola quanto cidade. Nesta pesquisa importou pensar sobre certo dinamismo em que o “poder pode e deve se ocupar da gestão da vida, a potência por sua vez é responsável pela sobrevivência” (MAFFESOLI, 1987, p. 84). O que Maffesoli aponta pode alavancar possibilidades de arranjos nos espaços vividos entre a escola e a cidade, se for considerada a “polifonia” do discurso social. Esta forma de escutar estes espaços está para além dos sons da escola e da cidade, mas no que estes sons reverberam entre elas.

Imagens e escritas aqui apresentadas são parte do “entrelaçamento de memórias plurais das quais nasce a cidade como parte integrante de uma comunidade semântica em suas múltiplas interpretações” (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 131). Essas memórias trazem a vida que pulsou e pulsa por entre a escola e a cidade.

Escola essa que é uma instituição criada pela sociedade e o engajamento ou distanciamento da comunidade escolar se apresentam como uma resposta da cidade diante do que a escola movimenta na/para/com a cidade. Dito assim, parece ponto pacífico e, inclusive, aumenta a responsabilidade da escola como um todo. Porém, esta é uma relação complexa que vai se construindo, modelando, formando, desenhando aos poucos, com idas e vindas proporcionadas por minúcias, sutilezas, repetições, desvios, todos movimentos possíveis. Afinal, são elaborações que ocorrem numa sociedade contemporânea e, consequentemente, na escola pública que se molda: ou enrijece ou se transforma, experimenta, tenta e se reinventa.

6.2 “A escola é um bem de todos.”: patrimônio cultural escolar

A escola e a cidade são lugares da construção da diferença, da sociabilidade e de aprendizado, como visto anteriormente. O que as falas das parceiras desta pesquisa dizem da/sobre/com a escola abre a possibilidade de pensar estes percursos narrados como parte do patrimônio³³⁴ cultural escolar da cidade.

³³³ Como estratégia nos jogos de poder. Aqui, pensada na/sobre/com/para a educação na relação entre cidade e escola.

³³⁴ Palavra que tem origem no latim, *pater*, significando basicamente o(s) bem(ns) deixado(s) de pai para filho. Palavra patriarcal – assim como nossa sociedade – que resume a ação de compartilhamento de bens (surgida na Revolução Francesa), mas que tem uma complexa relação com a sociedade, se observada através de estudos em história, sociologia, comunicação e antropologia.

Existe uma série de estudos³³⁵ em relação ao que seria o patrimônio cultural³³⁶, tanto material quanto imaterial³³⁷. Nas pesquisas antropológicas se discute sobre os usos e modos de observar estes processos e, até mesmo, sobre o próprio conceito de cultura. Ao longo do tempo, pesquisadores se dedicaram a propor novas formas de analisar e reinterpretar os processos culturais de determinados grupos. Nesta tese interessa pensar a cultura a partir dos estudos de Boas³³⁸ (2004, 2010) e Geertz³³⁹ (1978).

O patrimônio cultural escolar, apresentado nesta pesquisa como o patrimônio didático e pedagógico da escola, reflete o modo como a sociedade percebe a própria sociedade (ABREU; CHAGAS, 2009). Neste caso, o modo como as professoras aposentadas relembram e reconhecem seus percursos em educação e a forma como isso reverberou na sociedade.

Todas as práticas e vivências resultam de negociações, tensionando realidades em níveis diversos. Importante ressaltar a “[...] construção de sentidos de lugar no espaço público [...]” (ARANTES, 2006, p. 430) das escolas onde professoras aposentadas trabalharam, de modo que seja possível refletir sobre patrimônio e a escola pública, visto que por ela perpassam questões como ética, apropriação pelos habitantes da cidade, em razão de sua utilidade, e o valor atribuído pela comunidade. É um desafio e um enorme compromisso trazer este olhar para as narrativas destas professoras aposentadas.

³³⁵ Como se trata de um trabalho interdisciplinar, sugiro, entre tantos, a leitura de textos sobre patrimônio e educação dos seguintes pesquisadores em suas respectivas áreas:

- Educação: Celso João Carminati, Cibele Dalina Piva Ferrari, Rosa Fátima de Souza, Luciani Sgarbi Santos Grazziotin, Eduardo Cristiano Hass da Silva
- História: Tania Gayer Ehlke, Sandra de Cássia Araújo Pellegrini, Magna Lima Magalhães, Claudia Schemes
- Antropologia: Manuel Ferreira Lima Filho, João Leal, Antônio Arantes, Cornélia Eckert, Ana Luíza Carvalho da Rocha, Regina Abreu
- Sociologia: Maria Cecília Londres Fonseca
- Arquitetura – Urbanismo – Museologia: Márcia Genesis de Sant’Anna, Jennifer Alves Cuty, Mario Chagas

³³⁶ Segundo o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. Ler mais em: <<https://www.gov.br/iphane/pt-br>>

³³⁷ Os artigos 215 e 216 da Constituição Federal citam como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Ler sobre patrimônio de natureza material e imaterial no site do IPHAN, mencionado na nota anterior. Importante destacar, aqui de modo simplificado, que os bens são instituídos pelo Estado e representantes da sociedade e que cabe ao Estado, através de políticas públicas, preservar estes bens.

³³⁸ Pensando no conceito de “culturas” como um processo e na necessidade de estudar as singularidades e os costumes como manifestações culturais; e na relação com a educação, de modo a discutir sobre igualdade de oportunidades, o preconceito racial e a padronização. Entre tantos escritos, Boas deixou importante legado sobre a finalidade e utilidade dos museus para a educação; a ideia de integração da Universidade com a comunidade; a metodologia de pesquisa etnográfica – em campo e com diversos registros; a importância da contextualização para a aprendizagem; o relativismo cultural.

³³⁹ Descreve a cultura como um sistema simbólico composto pelo indivíduo e pelo coletivo, numa interação contínua. Com uma definição mais semiótica, coloca que o homem está atado a significados que ele mesmo criou e que a cultura é parte de um processo que se dá na mediação das relações entre os indivíduos e na produção de sentidos que ocorre a partir destas relações, o que também contribui para compreensão e importância do estudo de cada contexto.

6.2.1 Patrimônio material e imaterial

O patrimônio cultural escolar é apresentado, nesta tese, pelo patrimônio material e pelo patrimônio imaterial, ambos resultantes das experiências pedagógicas e das tecnologias de governo que se processaram e manifestaram ao longo do tempo. O patrimônio material é composto pela estrutura física das escolas, como prédios e objetos. O patrimônio imaterial se apresenta na ambiência de aprendizagem; na estrutura da condição do “ser” professor; na organização institucional; nos recursos didáticos utilizados; nas relações entre professor, aluno, comunidade e equipe diretiva; nas ações da comunidade escolar e na implementação de políticas públicas para atender as necessidades desta instituição. Ao observar estes elementos e a forma como são apresentados nas narrativas das parceiras desta investigação pôde-se perceber como este patrimônio se configurou com o passar dos anos e compreender o legado da escola pública para a comunidade.

Além disso, durante os encontros surgiram “objetos” que representam este grupo investigado, o tempo e o lugar vivido. Estes objetos podem se constituir como patrimônio pessoal ou familiar das parceiras de pesquisa “com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória” (GONÇALVES, 2005, p. 19), mas também retratam as reminiscências da educação no município de Portão.

A experiência promove a relação entre a ressonância, a materialidade e a subjetividade, e “Se concebemos os patrimônios do ponto de vista etnográfico [...] podemos encontrar formas de patrimônio cultural no mundo contemporâneo que estejam fortemente ligadas à experiência” (GONÇALVES, 2005, p. 32). Assim, cultura e patrimônio estariam livres de enquadramentos para que possam ser fruídos, percebidos, sentidos, transformados. Desse modo, é inevitável a relação entre a construção das identidades narrativas destas mulheres, professoras aposentadas e o patrimônio cultural escolar de Portão.

Adreane afirma que Portão evoluiu muito em relação ao patrimônio escolar, nas ampliações dos prédios, construções de escolas, e na compra de materiais. “A gente foi do mimeógrafo à máquina de xerox”. Ela pondera que não foi apenas este tipo de avanço:

Crescemos muito na forma em como se apropriar das tecnologias para o uso em educação. Porque não se trata apenas do equipamento, né? Tem a questão da disponibilidade, da experiência e da responsabilidade. É importante preservar objetos e ações também. Por exemplo, a dimensão do que eu, como professora, consigo fazer na escola tendo mimeógrafo e máquina de xerox que possa trazer benefício pras atividades que desenvolvo com meus alunos. [...] Sabe, eu tinha um sonho de consumo, a questão do museu escolar, por exemplo. Queria construir lá na Escola



João Scherer, mas daí veio o impedimento da justiça³⁴⁰. Mas eu queria ter um espaço que tu pudesse levar o teu aluno e dizer ao longo dos anos como era, a gente tinha esse caminho, essa construção. Ah, a máquina de escrever, daqui a dois, três anos, vai ter gente que nunca viu uma, né? Iam dizer ‘que legal, é uma impressora que imprime na hora’. Ou então, assim, ó, o quadrinho de giz. A minha mãe sempre contava que ela era uma aluna muito caprichosa, mas tinha muita dificuldade de memorizar. Então, quando ia na escola tinha um quadrinho de pedra, uma lousa, pra escrever e era muito rápido, logo tinha que apagar. Então, no terceiro ano, quando veio o caderno, ‘gente do céu, poder olhar o que eu fiz na aula, no outro dia e no outro’, - *e ela se emociona lembrando estas passagens de sua mãe*. É uma construção cultural que tem aí, né? E é uma construção humana também. Eu penso que o maior patrimônio que a escola brasileira construiu ao longo desses últimos anos foi o acesso universal, né? Ah, e o que seria a resposta pra este grande desafio? O sucesso universal. [...] Olha, nos meus últimos quatro anos de trabalho, eu tinha o desafio da implantação e implementação da Base (BNCC). Então, e tem um porquê disso. Eu me preocupava muito com isso, sabe? Eu sou defensora da Base. Eu acho que a nossa Base é muito boa, ela é bastante teórica, mas acho que agora o desafio é transformar isso no pedagógico e na prática da sala de aula. Eu sinto que eu fechei um ciclo e que nossa equipe deixou questões em andamento que dificilmente o município vai retroceder [...] Foi uma linda caminhada pública, pensando bem. E, tanto o patrimônio material quanto imaterial das escolas de Portão precisa ser preservado. Olha, sendo bem sincera, o município tem pouco mais de cinquenta anos e eu trabalhei como professora por mais de trinta e, como secretária de educação por quatorze anos, e acho que tenho um espaço dentro da história de Portão.

Assim, sobre o patrimônio cultural escolar, na fala de Adreane existe uma diversidade de bens tangíveis e intangíveis, que apresentam distintas camadas de tempo (ROCHA; ECKERT, 2013b). Seria interessante, como muitos estudos apontam, que cada comunidade organizasse seus espaços de preservação, pois

As memórias e referências do passado fundamentam, por um lado, a coesão entre os indivíduos que compartilham afetos, sensibilidades, tradições e histórias. E, por outro, evidenciam diferenças culturais que podem favorecer a aceitação da diversidade como valor essencial para o indivíduo em sociedade (PELLEGRINI, 2009, p. 23).

Há lugares, no Brasil e no mundo, que possuem o Museu da Escola³⁴¹. Alguns, inclusive, são virtuais. Para Cândida, “a escola é um bem de todos. E até por isso, às vezes, ela não é cuidada por todos”, e reitera:

A escola é um espaço que tem uma história, e, portanto, é patrimônio. Ou, pelo menos, deveria ser patrimônio da cidade. A questão do prédio, mas também das vivências na

³⁴⁰ A família do doador (falecido) da área de terra onde foi construída a escola, entrou na justiça para reaver a área. O processo está em trâmites judiciais.

³⁴¹ Listo alguns *links* onde é possível verificar o Museu da Escola de distintos lugares:

<<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=47>> Paraná

<<https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/belo-horizonte/museu-da-escola-de-minas-gerais>>

<<https://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/index.php/2-uncategorised/14-museu-da-escola-index>> Minas Gerais

<<https://www.instagram.com/museudaescola/>> Santa Catarina

<<http://www.museuescolar.pt/>> Portugal

<www.cndp.fr/musee> França

<www.museo.educazione.unipd.it> Itália

<www.museopedagogicodearagon.com/> Espanha



escola. [...] Quando passo em frente às escolas onde trabalhei eu fico relembrando. Isso faz parte da minha história, da minha trajetória de trabalho. Acredito que as pessoas pensem nisso: de como a sua primeira escola era, dos colegas, professoras, das coisas que aconteceram neste espaço da escola. O patrimônio didático, além da questão mais legal, poderia ser registrado de uma forma que, com o tempo, as pessoas pudessem acessar. As professoras têm, individualmente, os seus registros. Das mudanças na questão da organização da escola, enquanto a questão curricular. Têm os planos político pedagógicos, mas registros de como isso era trabalhado na prática, deveria ter um registro digital³⁴². Organizado por ano, por assunto, mas não tem. E eu penso que a trajetória do professor, de tudo que viu, ouviu e promoveu na escola é um patrimônio que deveria ser publicado, observado, pensado – *e sorri pensativa*. Porque, quando eu escuto a narrativa do outro, o olhar dele sobre as coisas, eu vou colocar o meu olhar e talvez aquilo seja uma referência, ‘oh, não vou fazer igual algo, mas eu vou poder ter, pensar, e se eu fizer desse jeito, se eu fizer dessa forma, se eu olhar pra este caminho’ e nós buscamos tão longe, né? Em outros países, estados, cidades, e tem gente muito boa no município, e que viveu este lugar. Eu conheci muitos colegas fabulosos com quem podia trocar, com quem podia pensar sobre o que estava fazendo no trabalho. Seria de uma riqueza enorme ter acesso a imagens e narrativas sobre o patrimônio cultural da escola. Do material e do imaterial.

A preocupação de Cândida faz todo sentido para quem pesquisa sobre o assunto e tem um olhar especial pela educação. Ao realizar buscas sobre a digitalização de materiais que tratam da escola e do patrimônio, encontram-se estudos de pesquisadores de diversas áreas – como os citados na nota de rodapé 334 – que vêm se preocupando com a organização e a preservação dos acervos escolares. Até porque “uma multiplicidade de práticas de conservação, inventário e estudo da cultura material” (SOUZA, 2013, p. 204) é uma necessidade para aprimorar o resgate e a valorização da cultura escolar como um todo.

A parceira de pesquisa Marisa pensa que a escola é um patrimônio e que este lugar deveria ser pensado por quem entende o que é a escola. “Tem arquiteto que pensa que escola é uma caixa, que colocam pessoas lá, pra se encaixarem em algum sistema”. E ela complementa:

Não estou falando em ideologia, filosofia, mas sobre a estrutura mesmo, o patrimônio material: o prédio, os móveis, os corredores, a entrada, a saída, o fluxo da escola. Eu gostaria que os professores fossem chamados a pensar sobre o patrimônio arquitetônico, para adequar com as necessidades de cada público, de cada faixa etária. Ahm, algumas coisas que aconteciam na escola, de acidentes com as crianças, é uma coisa que não foi pensado: as quinas das mesas pontiagudas, os degraus muito curtos, falta de acessibilidade. Também penso que precisa ter instrumento de pesquisa disponível para todos os alunos. Nosso patrimônio didático ainda carece de mais tecnologia e acesso. Pelo menos eu via assim quando me aposentei, né? Mas eu sou bem crítica, tivemos muitas coisas boas e o trabalho que desenvolvi nos últimos anos são, humildemente, um patrimônio pra cidade. Das escolas para a cidade. Tenho recebido, agora morando em outro estado, mensagens de carinho lembrando de algumas contribuições. Isso é o que importa: o que fica. E espero que as ações continuem e que o passado seja lembrado como uma construção cultural da escola com a comunidade.

³⁴² Ela está se referindo a um Repositório Digital das práticas pedagógicas das escolas.

As observações de Marisa corroboram com a forma como Adreane apresentou a estrutura física das escolas, ao contar que os engenheiros não eram preparados para elaborar projetos de construção de escolas. Ao falar a palavra “sistema”, Marisa logo trata de ponderar que não estava falando em ideologia. Vale reiterar que há uma complexa relação entre arquitetura e o sistema educacional (FOUCAULT, 2014), pois a forma como a estrutura material é construída denota a intenção didático-pedagógica a ser instituída na escola. Em outro momento desta pesquisa a roda de conversa esteve em torno deste assunto e, de uma forma ou de outra, o panóptico³⁴³ que Foucault apresentou em seus estudos está presente.

Rosaura compreende que o patrimônio material, a estrutura física da escola é da comunidade escolar. E “todo cuidado é preciso para preservá-lo”. E ela continua falando sobre o patrimônio da escola:



O patrimônio imaterial, eu penso que é aquele relacionado à questão pedagógica, são as experiências, as formas de construir possibilidades de ensino. O sistema em si é muito regrado, mas a construção do ensino e da socialização na escola vai além disso. E faz parte da nossa memória. Eu percebo que quando se está lá, na escola, quando tu assume estar, tem uma finalidade, tu traz, além da tua experiência, o aprendizado que tu tira de tudo que foi vivido. [...] Então, eu espero ter colaborado em alguma coisa com cada comunidade escolar onde eu passei. Eu queria ser lembrada assim, quem não quer, né? Eu quero ser lembrada pelo trabalho realizado em equipe, não é aquela coisa centralizadora. Quando a gente tem o desejo de aprender em conjunto, a gente aprende nas menores coisas. A escola tem que ser afetiva, acolhedora. Queria que eu fosse lembrada por isso.

As professoras aposentadas não haviam pensado ainda sobre a relação de suas trajetórias em educação com o patrimônio cultural escolar da cidade. Mas, ao serem questionadas sobre o assunto, foram percebendo detalhes e relembando histórias que fizeram perceber o quanto seus percursos têm vínculo com as pessoas e os lugares por onde passaram e a forma como estas memórias trazem fatos importantes na construção destes espaços. Mariângela faz seus comentários sobre o patrimônio da escola:

Pra mim, o patrimônio arquitetônico da escola, o material, é a estrutura física que está à disposição dos alunos durante as atividades, mas eu acredito que a escola não tem só esse papel. Eu acho que a escola tem que usar este patrimônio e se desenvolver no sentido de trazer a comunidade pra dentro da escola pra usufruir ela como um espaço de lazer, um espaço cultural, não somente pras atividades laborais e educacionais. A minha opinião é essa, lá na escola – Gonçalves – tem aquela quadra e aí todos os dias as crianças iam lá, nós deixávamos a chave com a vizinha, e eles iam jogar bola lá, inclusive eu, na sexta-feira, de tardezinha. No início, tinha a questão das missas que, como não tinha igreja (católica) na comunidade, as missas aconteciam na escola, assim como as festas da igreja. As atividades da comunidade acabavam acontecendo na escola, de saúde, atividade cultural, e aí tinha sempre alguém pra gerenciar, pra cuidar, pra organizar. Eu acho que esse é um papel da escola também. Além disso, eu

³⁴³ Tratado, especialmente, na obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault, o panóptico remete à ideia de visualização constante dos indivíduos.

acho que todos estão ali pra educar, né? Não são só os professores, porque no momento que tu trabalha em conjunto na escola, todo mundo que tá dentro da escola ajuda a educar. E fazem parte desta história e seu trabalho é patrimônio de todos nós. Seria bom ter registros e um lugar que servisse pra gente ver e pensar em tudo que significa o patrimônio da escola, as vivências das turmas e profissionais. Quanta coisa, né? Quantos exemplos, quantas mudanças a gente viveu e promoveu, também, na vida dessas pessoas, das suas famílias, quanta gente conseguiu formar, isso é parte do patrimônio, com certeza.

Quando Mariângela fala em espaço cultural está se referindo a atividades artísticas como as que envolvem dança, música e teatro, por exemplo. A escola em si já é um espaço cultural porque, conforme a legislação – em qualquer dos níveis –, é previsto que a escola acolha a diversidade cultural da comunidade escolar.

Eoní assegura que o lugar onde tem uma escola, ali está o patrimônio daquela comunidade. “Especialmente as do interior, porque a escola acaba sendo o centro das atividades sociais daquela comunidade”. Ela se recorda de que, em Fazenda das Palmas, depois de aposentada, foi chamada umas três vezes pela Pastoral da Criança³⁴⁴. “A gente fazia primeiro visita nas famílias. E depois marcamos reuniões ali na escola, naquela parte anexa. As mães iam, a gente conversava. Qualquer atividade ali sempre é feita na escola”. E continua:

E isso é o patrimônio cultural da comunidade, além das aulas, as principais atividades sempre se desenrolavam na escola. O patrimônio material é a arquitetura, o prédio, o espaço de pátio, às vezes tem área de festa, salão de jogos, tudo faz parte desse patrimônio. Até alguns anos atrás, a Fazenda das Palmas era aberta aos finais de semana para o uso da comunidade. Os pais e os jovens usavam os recursos de informática, usavam as dependências da escola pra atividades diversas. E o patrimônio de todo espaço da escola servia à comunidade. E mesmo ali no Fraga tinha ensaio de banda aos finais de semana. Jogo de capoeira, ensaios de pequenos teatros, de fora ou da escola em si, utilizando esse patrimônio arquitetônico. O patrimônio didático seria, a meu ver, o utilizado por professores em relação aos alunos, a forma de gestão, o uso da sala de aula e do ambiente de recreio, toda forma de ser utilizado o local de educação, mesmo fora do horário escolar. Eu dou risada quando o pessoal diz que eu sou patrimônio da Estação. Já tem esse costume de dizer que metade da Estação foi meu aluno. Eu nasci, cresci e trabalhei em Portão, tenho muitas memórias das coisas que aconteceram na cidade e, principalmente, nas comunidades escolares onde lecionei. Eu entendo quando me falam assim. Olha, pra mim é gratificante o carinho com que me tratam. Sou bem recebida em qualquer lugar aqui na Estação. Até caminhando na rua escuto ‘oi professora’, com muito afeto. Então, eu sinto que nunca deixarei de ser professora.

Prosseguindo a conversa, Leila se posiciona afirmando que o patrimônio arquitetônico da escola é o material: o prédio e os objetos. E o patrimônio didático é o imaterial: “pra mim,

³⁴⁴ Entidade social criada pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, onde voluntários realizam trabalho ecumênico visando acompanhar as crianças de 0 a 6 anos, principalmente, realizando ações de ordem social.

seria o uso dos livros, a forma que foram utilizados os jogos, as atividades e experiências vividas, as lembranças”.



1977



1989

Leila é apreciadora de imagens antigas e participa de grupos sobre a temática, no *facebook*. “Tem duas fotografias que eu adoro: eu, aluna, com minha turma de 4ª série no Grupo Escolar de Rincão do Cascalho e, a outra, eu com um grupo de professoras, como professora na mesma escola” (Figura 43). Ela lembra que “muita coisa se passou entre uma imagem e outra. E tudo isso faz parte do patrimônio da cultura escolar deste lugar”.

Figura 43: Leila como estudante e, depois, como professora na mesma escola.

Fonte: acervo da parceira de pesquisa, 2022³⁴⁵.

O campo do patrimônio cultural é complexo e dinâmico. Como educação e cultura são indissociáveis (BOAS, 2004), o patrimônio cultural escolar é um bem que retrata a cultura de um espaço de aprendizagem de uma comunidade. Tratando dos percursos em educação, relembrando espaços, objetos e experiências, as lembranças das professoras aposentadas são parte do patrimônio de cada espaço por onde passaram.

³⁴⁵ Na fotografia de 1977, Leila está ao centro, bem em frente ao braço direito da professora. Na imagem de 1989, Leila é a primeira da direita para a esquerda, na primeira fila. Escola: Grupo Escolar de Rincão do Cascalho que passou a se denominar Escola Estadual Adolfo Gustavo Krumenauer.

6.2.2 As escolas desativadas



Figura 44: Escolas municipais desativadas – Portão/RS.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

As escolas desativadas do município de Portão (Figura 44³⁴⁶) estão presentes na memória de nossas parceiras principalmente pelo fato de terem sido, em grande parte, espaço das primeiras vivências em educação como docentes. As professoras comentam o modo como percebem estes espaços na atualidade.

³⁴⁶ As escolas desativadas estão organizadas segundo a numeração:

1. Escola Municipal Deni Paulo da Silva Moutinho (Antiga Dr Alberto Barbosa)
2. Escola Municipal Getúlio Vargas
3. Escola Municipal Dr. Alberto Pasqualini
4. Escola Municipal Machado de Assis
5. Escola Municipal João Scherer
6. Escola Municipal João Albino Cassel
7. Escola Municipal Liberato Salzano Vieira da Cunha
8. Escola Municipal Olavo Bilac

A professora Leila diz que tem um carinho enorme por estas escolas que hoje estão desativadas. “Penso tudo que aconteceu comigo quando estive na Machado de Assis e na Getúlio Vargas. Dá saudade e, também, tristeza de ver elas abandonadas”. Mariângela afirma que foi muito enfática em seu posicionamento, ainda quando estava trabalhando, sobre o fechamento da Escola Machado de Assis: “fiz um esforço pra que isso não acontecesse. A gente recebia alunos de lá e sabia o quanto era importante aquela escola pra comunidade”.

O pessoal não tem nenhum lugar de diversão, nem igreja, agora nem escola. E ainda tem a dificuldade de transporte. A escola é o lugar onde as pessoas se encontram, onde elas têm acesso a culturas diferentes, elas podem se organizar em comunidade. Tá, mas aí tem a outra questão das despesas. É uma despesa muito alta só pra aqueles poucos alunos. E aí aquela história de investimento em educação. Eu acho um certo descaso com a população que formou a sua história ali e as crianças, assim, em questão de aprendizado, não perdem pra outras. E por outro lado, vão estudar desde cedo numa escola grande, pegar ônibus, se arriscando. Eu não acho uma boa ideia. Eu acho que não deveria ter sido feito. Pelo menos, que aquele espaço continuasse sendo usado ali prum programa que fosse efetivo, com a participação da comunidade, mas a promessa era essa, mas não está sendo pelo que eu vejo. [...] A gente perde, no momento que tu fecha uma escola do interior, como aconteceu, o patrimônio material, mas, o principal, também perde o ser humano neste espaço: alunos, professores, funcionários.

Cândida lembra que houve certa resistência de algumas comunidades, sobre a questão de fechamento de escolas e ela também acredita que estes espaços deveriam ser aproveitados. Porém, ela afirma que é inviável economicamente manter uma escola com cinco alunos.

É uma situação complicada. Porque toda a história daquele vínculo, daquela comunidade com aquela escola, permaneceria vivo se esse espaço pudesse ter uma mini biblioteca, uma associação de moradores, algum evento cultural lá, uma vez por mês, que tivesse um grupo de mulheres, que fosse da comunidade. Há um certo carinho pela escola. Dos pais que ali estudaram e provavelmente sonhavam que o filho fosse estudar ali, né?

A professora Adreane comenta que não percebe “nenhum tipo de simbiose da comunidade em relação a essas escolas fechadas”. Ela afirma que não havia aluno suficiente nos espaços que hoje têm escolas desativadas. Também conta que houve combinações com moradores das localidades de Sertão Capivara e do Socorro para utilizarem os prédios. “Tem um distanciamento muito grande entre tu buscar um vínculo com esse prédio enquanto escola e tu buscar um vínculo somente de uso predial”. A aposentada conta que a Secretaria de Educação, há anos, se inscreveu num projeto do Governo Federal e que “tinha tudo pra ser contemplado, mas aí eu não sei como é que ficou esse processo nos últimos anos, né? Porque viriam bibliotecas para duas escolas desativadas nesse processo”.

Rosaura aponta a questão financeira como primordial. Como outras professoras já haviam comentado. “Sempre é importante ouvir a comunidade, porque cada lugar tem sua realidade. Na Machado teve projeto de informática, mas o pessoal não quis mais. Na Fazenda

foi ao contrário, o pessoal se moveu pra manter e daí houve até reconstrução e contraturno”. A professora aposentada, hoje Secretária de Educação de Portão, conta que o uso social de cada espaço está sendo pensado com a comunidade. Como pesquisadora comentei das minhas incursões pela cidade e de perceber a degradação das escolas desativadas, no que ela ouviu e comentou que “toda ação depende de uma série de projetos e mapeamentos. Na Fazenda funcionou porque a população queria muito. Muitos pais disseram que não queriam seus filhos pequenos vindo de ônibus tão longe pra ter aula”.

Marisa foi enfática ao dizer que “essas escolas fechadas deveriam ser um patrimônio local de cada comunidade porque elas estão lá empoeirando, se deteriorando sozinhas e poderiam ser utilizadas pra alguma coisa da comunidade”. Ela disse que passou em frente à Escola João Scherer e viu que “as árvores que eu plantei tomaram conta da escola”.



Não sei do fluxo de moradores daquela localidade, porque ali já virou uma área industrial, mas há escolas como em Sertão Capivara e Macaco Branco que poderiam ser um local de encontros, de memórias, um museu, espaço de visitação, com roteiro, pensar alguma coisa, assim, nesse sentido, pra que isso não desapareça com o tempo. Eu acho importante manter a história. Não como escola, não há agora, necessidade, eu acho que a gente tá num outro tempo histórico, assim, que as crianças podem ser transportadas, tem luz elétrica, tem água encanada, tem um monte de coisa que não tinha naquela época. E as crianças podem ser levadas pra escola com mais condições estruturais, assim, mas que essa escola não seja abandonada, né?

Eoní acredita ser importante o uso das escolas para “uma reunião social, uma palestra, eu acho que tinha que ser um centro de atividade da comunidade. No Socorro, tirando a escola só tem a igreja. Na Sanga Funda, na Escola Liberato, da mesma forma”. Durante a pandemia, acompanhando as redes sociais das parceiras de pesquisa, observei que Eoní e seu esposo fizeram passeios pelo interior do município, fotografando lugares, entre eles, as escolas. “Nossa, a gente vê escolas depredadas, com quase todos os vidros quebrados, dá uma tristeza. Eu acho que essas escolas deveriam ser cuidadas, mantidas de pé, com o intuito de ser um centro social daquela comunidade”.

Habitantes do espaço rural se deslocaram para o urbano para estudar e, outros, para trabalhar. Estes movimentos demonstram as complexificações de uma cidade e sua metropolização, as necessidades de trabalho, transporte, moradia e todos os efeitos que a urbanização transborda para o meio rural. A antropologia urbana nos mostra estes movimentos que ora pode-se perceber no esvaziamento de espaços de conhecimento na zona rural. A população interiorana passou por fluxos obrigatórios em direção à área urbana. Assim, parece pertinente pensar também na possibilidade de vislumbrar o

estudo das formas específicas dos arranjos da vida social na cidade, segundo a complexidade dos gestos acumulados de seus habitantes, seja para a compreensão do processo de territorialização/desterritorialização de identidades sociais no mundo contemporâneo, seja para o entendimento da descontinuidade/continuidade sistêmica de valores acionados por esses habitantes, ou, ainda, para a compreensão de redes/espços sociais em que se situam tais habitantes segundo suas trajetórias, suas posições e seus papéis, suas adesões e dissidências a certos lugares do contexto citadino (ROCHA; ECKERT, 2006, p. 459).

Também pode-se pensar em Simmel (1983) ao lembrar da capacidade de construção de um espaço social como produtor de interações que resultam em relações sociais das mais diversas. É possível vislumbrar os diversos tipos de conflito que ocorreram durante o fechamento de escolas, e o quanto estes movimentos contribuíram para o aprendizado dos envolvidos. Fica certa sugestão, por parte das parceiras desta pesquisa, de pensar o espaço da escola desativada como lugar de encontro da comunidade que habita seu entorno.

6.2.3 Marcas permanentes

Ao relembarmos as vivências das professoras, os “referenciais identitários, memórias e histórias” (PELLEGRINI, 2009, p. 23) trazem fatos marcantes destas trajetórias em educação. Para Mariângela a questão da inclusão na escola foi um dos fatos mais importantes. Ela se recorda dos efeitos das políticas públicas para manter os alunos na escola e o quanto isso beneficiou a comunidade da escola onde trabalhou por mais tempo. “Com o Bolsa Escola as crianças pararam de trabalhar, como cortadores, as crianças saíam muito cedo da escola pra ajudar os pais no mato”. Mariângela lembra da vulnerabilidade dos alunos, sem calçado adequado para o frio e, com pouca roupa, não se concentravam em aula. “Não sei como está a situação agora. Com aquele dinheirinho eles tinham que comprar uniforme e material escolar, daí a gente passou a usar o uniforme como obrigatório”. Ela afirma que, em uma formação de gestão, foram apresentados dados com a diminuição da extrema pobreza, da mortalidade infantil e da melhoria da aprendizagem dos alunos. “Porque tem a condicionalidade de que eles só podem ganhar o dinheiro se estiverem estudando. E isso foi muito marcante pra mim”.

Para Adreane a valorização dos recursos humanos foi uma das coisas que destacou em seu trabalho. “A segunda coisa marcante foi a relação da sociedade com a escola. A Secretaria de Educação promoveu esta conquista, no meu entendimento”.

Marisa lembra que sua ida de uma escola da zona rural, multisseriada, para uma escola na zona urbana, para atender uma única turma, foi o momento mais inesquecível em sua carreira. “Outra coisa marcante foi a questão de ir pra faculdade, né? Tu começa a ter outro olhar, mais global e que eu poderia resumir em ‘Marisa, a pesquisadora’, que cutuca, que não

quer o aluno parado, sem questionar”. Ela reafirma que, por meio da formação acadêmica, aprendeu a desejar que o conhecimento fosse expandido, e “não fosse só uma caixinha, ali dentro daquelas quatro paredes”, que esse conhecimento ofereça, como retorno, “um aluno que seja cidadão do mundo, cidadão planetário, não bairrista. Porque, pra mim, foi isso que aconteceu”.

Leila conta uma pequena historieta sobre um momento provocador:



Uma coisa que me aconteceu lá na Machado de Assis foi um dia que eu tava tirando água do poço, em frente à escola, e daí veio um senhor me pedir água; ele tava carregando lenha lá embaixo, sabe? – *e gesticula apontando a direção*. Não o conhecia, eu fiquei com medo. Entreguei a caneca de água no portão e fiquei esperando. Então, da sala saiu correndo o Tiago, um aluno, e disse: ‘oi, pai’. Aquilo provocou muitas sensações em mim e o choque principal foi o fato de pensar que não conhecia os pais dos meus alunos, num lugar tão pequeno. Mudei, no susto.

A professora Cândida lembra do quanto foi marcante ter uma aluna cega em sala de aula. “Foi desafiador, aprendi demais com ela, foi ali que fui estudar LIBRAS³⁴⁷. Às vezes ia até meia noite fazendo material, porque nem sempre havia tempo pra dar o material para uma professora especialista passar pro *braille*³⁴⁸”. Cândida conta que houve muitas crises, nem sempre era uma situação tranquila, mas que foi tão especial que a escola a convidou para dar aula nas séries seguintes de cada ano, da 2ª até a 4ª, para acompanhar a aluna.

Na 2ª e 3ª série foi tranquilo com os alunos, eles respeitavam muito, conheciam ela e ajudavam. Na 4ª, como tinham duas 3ª, tinha alunos que não eram meus. Eu lembro que um menino disse assim um dia, ‘ah, eu também não vou escrever. A Deise não escreve’. Eu sei que tive de fazer várias dinâmicas para o aluno compreender o quanto a aluna sabia e que a diferença deveria ser respeitada e que cada um aprende do seu jeito. Não foi fácil, mas foi gratificante.

Eoní relembra com um sorriso de um fato que era bastante comum nas décadas de 1960, 1970. E narra:

Quando eu trabalhava lá em Fazenda das Palmas a gente sempre vinha nas Paradas de 7 de Setembro, eram grandes horas cívicas. E sempre era convocada pra desfilar aqui no centro. E o incrível, naquela época, a Prefeitura não tinha ônibus. Por dois anos eles foram lá em Fazenda das Palmas, buscar a mim e aos alunos de tombadeira³⁴⁹. Imagina, eu tinha muita dificuldade pra embarcar. Então, depois da segunda vez, eu disse que traria apenas uma representação da escola no nosso carro. Daí eu passei a vir só com quatro alunos no carro. Era muito difícil estas coisas, no começo. Lembro de um passeio ao zoológico: tivemos que ir na carroceria de um caminhão, do pai da professora Jeane, agora aposentada também. Tinha melancia, mandioca, ração de porco, tudo junto. Descemos pra passar na balsa. Era perigoso, mas as crianças

³⁴⁷ Reconhecida como meio legal de comunicação e expressão para pessoas com deficiência auditiva pela Lei 10.436/2002.

³⁴⁸ Sistema de leitura e de escrita para deficientes visuais, em que as letras, os algarismos e os sinais gráficos são representados por uma combinação de seis pontos em relevo, que são lidos da esquerda para a direita, com uma ou ambas as mãos.

³⁴⁹ Caçamba carregada por um caminhão.

achavam aquilo maravilhoso. A gente se arriscava muito. Lembro também de não ter luz elétrica na escola, e eu ficava lá muitas vezes, depois da aula, preparando aula, corrigia tarefas, os cadernos todos, usando um lampião a querosene ou mais tarde um liquinho³⁵⁰.

Rosaura diz que a marca que ficou para sempre foi o fato de aprender a lidar com o outro, entender as possibilidades de cada um e “não ver o aluno somente como aquele aprendiz, e eu sou um ensinante, não. Ele também me ensinava muito e eu sempre deixava claro isso. Eu vejo assim, a importância que eu dava pro papel social da escola”.

Desde os ensinamentos de Claude Lévi-Strauss (2008) até os dias atuais, pesquisadores procuram analisar as diferentes expressões narrativas em campo, pensando nas variantes que envolvem este trabalho e as parcerias de pesquisa, neste caso, mulheres que trabalharam em/com/na educação. Estas expressões também se deram em forma de traços com materiais diversos e, no próximo capítulo, serão tratadas.

Lembrando que as narrativas das professoras aposentadas da rede pública do município de Portão são “tão tangíveis quanto os demais objetos” que elas apresentaram, oriundos de seus percursos em educação (GONÇALVES, 2005, p. 21). Para este autor, a noção de patrimônio “rematerializa a noção de cultura” que havia sido desmaterializada no século passado e, sendo uma mediação, congrega o individual e o coletivo, o que é adquirido e o que é herdado, materiais e imateriais, questões objetivas e subjetivas.

6.3 “É possível transformar pela educação.”: reflexões sobre a escola pública na contemporaneidade

É chegado o momento de refletir sobre a escola pública na contemporaneidade. Rosaura assegura que “é possível transformar pela educação”. Assim, podemos pensar na força da palavra ao tratarmos sobre o saber fazer em educação.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p. 44)

Enfim, o modo como estas professoras circularam nestes espaços da cidade, por entre as escolas onde trabalharam, confirma que os “[...] arranjos sociais nos configuram um sentido de ser e estar na cidade” (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 122). A relação da escola pública com a cidade, as trocas de aprendizado, as transformações ao longo do tempo, seja de estrutura física,

³⁵⁰ Pequeno bujão de gás.

seja do trabalho pedagógico, são engrenagens que se apresentam em particularidades e que representam encaixes, desencaixes (DELEUZE, 1992b) e novas possibilidades.

6.3.1 De qual escola você se despediu ao se aposentar?

Quando observamos mais de perto a construção do passado, verificamos que o processo tem muito pouco a ver com o passado e tudo a ver com o presente. As instituições criam lugares sombreados onde nada pode ser visto e nenhuma pergunta pode ser feita. Elas fazem com que outras áreas exibam detalhes muito bem discriminados, minuciosamente examinados e ordenados. A história surge sob uma forma não-intencional, como resultado de práticas direcionadas a fins imediatos, práticos. Observar essas práticas estabelecerem princípios seletivos que iluminam certos tipos de acontecimentos e obscurecem outros significa inspecionar a ordem social agindo sobre as mentes individuais (DOUGLAS, 1998, p. 82).

Partindo desta citação de Mary Douglas, a ideia de reflexão sobre de qual escola cada aposentada se despediu ao encerrar a carreira, propõe tencionar sobre passado e presente, num exercício de rememoração em torno deste processo cultural tão complexo que é o trabalho na instituição escola. Adreane lembra de que, no último dia de trabalho, ao sair, olhou pelo retrovisor do carro e viu a escola se afastando aos poucos. “Claro, tanta coisa ficando para trás, mas a certeza de que tinha feito o melhor que pude”. Ela acredita que se despediu de uma escola muito mais organizada em termos profissionais e que, de modo geral, a escola caminha para uma reestruturação por causa da BNCC e das exigências diante das necessidades impostas pelos eventos de saúde e climáticos, por exemplo. E prossegue:

Logo que me aposentei pensava em cada escola pública municipal e tinha muita satisfação ao concluir sobre o que ficou para trás: escola com qualidade, pintada, conservada, biblioteca boa, com livros de literatura disponíveis para todos, salas adequadas, pátio organizado, professores com formação e qualificação, com plano de carreira novo. Isso é responsabilidade. Depois que me aposentei, acho que teve um processo de continuidade aí que foi extremamente fácil, porque a gente não deixou nada sucateado, dali pra frente é andar e ampliar. Não vou ser modesta nesse ponto, a gente sempre teve um nível de exigência de qualidade. Então, eu gostaria de ser lembrada como alguém que quis uma escola pública de qualidade.

Marisa pensa que deixou para trás uma escola pública com vários projetos em andamento, em que cada comunidade escolar tem certa autonomia, faz suas escolhas, de projetos, eventos, publicização das formas de ensinar, mas que há muita coisa para ser feita.

Eu acho que me aposentei num momento de tensão na escola sobre seu papel, da sociedade, ‘do que é certo’ e, pra mim, o certo deve ser feito porque é o melhor pra todos, em comum acordo e não porque tem alguém cobrando, porque tem uma regra, porque tem que ter um decreto, sabe? Eu acho que é o momento de refletir sobre isso, o que eu posso fazer? Outra coisa é em relação ao sindicato dos professores. Quando me aposentei a gente estava numa fase de pouca mobilização, de repensar esse

processo de nos defender e nos representar de verdade. Isso era mais vibrante antes. Esmoreceu.

A professora Mariângela viu, nos últimos anos, um certo desânimo dos alunos em querer estudar e comentou que percebeu a falta de engajamento dos pais. “Tinha criança com dificuldade, precisando de certo tratamento e os pais não aceitavam. Velhos problemas perduram. E, a cada ano, a questão disciplinar piorava”. Ela afirmou que também existiam mais casos de falta de respeito com o professor. “Se perdeu a ideia do que pode ou não pode fazer”.



Acredito que as faltas, as carências das crianças são outras. A gente não tá conseguindo entender ainda. Acho que alguns se perderam com a falta de diálogo. [...] Tem outras coisas que tem valor pra eles que a gente não tá compreendendo ainda o que é. A gente como adulto não tá entendendo. É mais uma reflexão do adulto do que da criança no meu entendimento. Teremos que pensar muito sobre isso ainda, não é uma resposta muito fácil, né? Em função da tecnologia mesmo, muitos avanços e coisas levaram à falta de diálogo na relação de adultos e crianças. Eu acho que pros adultos foi confortável durante muito tempo ter as crianças envolvidas nisso. E agora é a colheita desse tempo aí. E o que a gente vê são ações individualizadas assim de professores meio heróis, né? Pelo menos é o que eu percebia assim, dando a sua vida, mas com todas as dificuldades que a gente já mencionou, falta de recurso, falta de estrutura, falta de limites dos alunos, né? Ah, as famílias não querem mais colaborar na educação então a gente vê assim ações quase que isoladas dentro da escola pública.

Rosaura diz que se despediu de uma escola pública valorosa. “A escola pública tem o seu valor, mas ela tem muito o que melhorar ainda. E começando de cima, porque se eu não tenho o exemplo maior, é complicado. É preciso inspirar”.

Evoluímos muito, mas precisamos de mais políticas públicas em âmbito educacional. Também é preciso mais coletividade. [...] A escola é uma instituição que tem o objetivo de educar, de educar pra cidadania, mas, ao mesmo tempo, ela precisa ser essa escola acolhedora. Também sinto que tem preconceito dentro da escola, né? Eu acho que ainda é preciso investir nesse sentido mais amplo. E o professor tem que ser um educador que inspira outras pessoas, nessa relação social dentro da escola.

“Eu me despedi de uma escola pública inclusiva” – aponta Cândida. A professora conta que, na infância, o pai dela teve muitos problemas por ter Parkinson Infantil.

Um dia alguns colegas começaram a chamar ele de ‘treme treme’ e ele brigou com um deles. A professora chamou o pai dele, que disse ‘se tu não sabe se comportar na escola, tu não vai mais’. Era assim que se resolvia [...] Então, este olhar pro outro foi melhorando ao longo do tempo. Meu ex-companheiro apanhou de palmatória na escola porque não sabia tabuada. Tive primas que ficaram de joelhos em tampinhas porque não sabiam certo conteúdo. Pensa, castigo físico por não conseguir aprender. Só o fato de não conseguir aprender já é triste. É importante que as pessoas hoje saibam como era antes. Pra que isso nunca mais aconteça. [...] me despedi de uma escola que tem o entendimento de que nem todos aprendem do mesmo jeito, as pessoas não são iguais. E que é preciso olhar e acolher o diferente, que está ali e vai aprender o que ele puder aprender.

Eoní recorda alguns momentos quando se aposentou e pensa que a escola de hoje tem outras dificuldades; porém, muitos avanços, “não só em tecnologia, mas no modo de trabalhar a questão pedagógica. E as professoras têm abertura para dar opinião e modificar planos, projetos”.

Leila assegura que ocorreram muitos avanços e que, quando saiu da escola, “o diálogo era maior, se discutia a questão do racismo. Eu não admito não dar a mão pro colega porque era negro, como acontecia no começo”. Quanto ao preconceito que se apresenta nas escolas sobre LGBTQia+³⁵¹ ela afirma: “estou aprendendo, não consigo articular sobre o assunto ainda, é um aprendizado. Fui educada com muitas regras e ainda estou processando. Mas a escola está muito mais aberta”.

Os apontamentos das professoras aposentadas sobre de qual escola se despediram ao encerrar a carreira trazem, no geral, as melhorias que ocorreram na escola pública ao longo do tempo, com destaque para o diálogo, a inclusão, e o investimento em estrutura e formação. Também trouxeram algumas constatações sobre a forma como a escola é dinâmica porque aponta para as discussões contemporâneas da sociedade, ao mesmo tempo que mostra certas fragilidades do espaço público, com lugar para retrocessos em algumas práticas.

Acertos ou erros, abertura de caminhos ou processos em andamento, tudo está presente ao se reviver o passado. “Vivendo juntos, assumimos uma responsabilidade individual que se estende a todos os membros da comunidade”. Neste exercício, “Assumimos a responsabilidade pelos nossos atos e ainda mais voluntariamente pelos nossos pensamentos” (DOUGLAS, 1998, p. 108). Estas rememorações permitem olhar para a escola pública e refletir.

6.3.2 Pensando a escola pública hoje: o que podemos aprender com seu legado?

Falar em legado é, de certa forma, discutir o assunto de patrimônio que abordamos anteriormente, mas marcando o ápice da resenha. Este desafio propõe uma “reflexão sobre o significado da escola como instituição ao longo do tempo” (SOUZA, 2013, p. 213).

Cândida aponta que, em seu entendimento, “o maior legado é a possibilidade das pessoas contarem histórias relacionadas à escola pública, porque foi uma conquista; a escola era para poucos, pra quem tinha mais poder aquisitivo, e que podia estar numa escola”. Ela também fala sobre a forma como a escola trouxe a pesquisa para os alunos dos anos iniciais.

³⁵¹ A sigla é composta por: LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink). Ver mais em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>>

A gente aprendeu como funcionam as múltiplas inteligências. Quando me formei não sabia nada disso, isso é muito contemporâneo, essas questões. Conhecia Piaget, e era isso. Hoje se tem uma gama de conhecimento muito maior e isso foi migrando pra escola, principalmente com o acesso à informação. E se eu não gosto de ler, como professora eu ouço uma palestra, um *podcast*³⁵². Tem tantas formas de aprender. É muito complexo ser professor, sim. Diante de tudo, né? Tudo que a gente tem que conhecer, saber, estudar, do que já foi no passado. Mas é a profissão que eu escolhi, vivi e hoje estou aqui relembrando o legado da escola. Eu acho que o maior papel da escola seja formar pessoas curiosas, pessoas com vontade de fazer as coisas.

“A escola pública tem um legado memorável. Por que, se não fosse a escola pública, como o aluno de baixa renda ia estudar? Eu acho que a escola pública é a base de toda a educação, a formação do aluno brasileiro” – afirma Eoní. Ela compreende que a escola da rede privada é uma escola frequentada pela elite e que, em função disso, “o acolhimento do outro, com a diferença, é sempre maior na escola pública”.

Para Leila o legado da escola pública é o aprendizado. Mas a valorização do professor ainda não demonstra todo o valor desta escola. “Tenho um amigo formado em Educação Física que está trabalhando numa loja, de vendedor, e ele ganha mais de comissão do que ele ganhava como professor. Ele abandonou a escola e só vai voltar se melhorar”.

A aposentada Adreane percebe uma relação estreita entre legado e responsabilidade. Para ela, todos os envolvidos devem se sentir responsabilizados:

Exemplo disso é a família envolvida com o uniforme e o material escolar. Não é paternalismo, mas é preciso que todas as pessoas se sintam responsabilizadas por isso. O transporte escolar é importantíssimo que esteja na mão do poder público. Por questões de segurança, de viabilidade de rota, por questões de logística. Tem a merenda escolar que já está a cargo do poder público e é outra questão importantíssima: tem a carência, mas principalmente tem um lado pedagógico de aprendizagem na questão da merenda. É uma questão política assim, que tu acha que o poder público é um guarda-chuva enorme e que ele tem que cobrir tudo. Esse guarda-chuva enorme, eu tenho que dar conta de prover, porque eu tenho que encher minha boca e dizer que todos vão ganhar uniforme. Pera aí, mas daqui a pouco abrindo mão do uniforme de qualidade que foi conquistado há anos, por cada escola com a comunidade, com perfil diferenciado e agora padronizando tudo por baixo, com a qualidade inferior? E, se algumas famílias quiserem comprar o uniforme de seus filhos? Com o tempo se verá que o guarda-chuva público vai ter goteira porque se ele não abrange tudo isso com qualidade, não se sustenta. Uma das coisas que eu penso é que a escola pública tem que ter a mesma qualidade que tem a escola privada. Não que a escola privada seja melhor que a gente, porque eu acho que a gente é melhor que isso, porque a gente faz tudo com menos.

Marisa trata da relação entre os problemas da sociedade e o papel da escola em criar possibilidades para estas necessidades. “No olhar das crianças se vê uma clareza em pensar sobre meio ambiente, trânsito, problemas de saúde, querendo aprender e dando opiniões com

³⁵² Arquivo digital de áudio transmitido através da *internet*. O conteúdo é variado, normalmente com o propósito de transmitir informações. Qualquer usuário na *internet* pode criar um *podcast*.

muita criatividade. Este é o legado que a escola já deve ter deixado e que, talvez, não tenha sido percebido”.

“A escola pública nos ensina a acolher o próximo, que todos podemos aprender e que não vivemos sozinhos, dependemos uns dos outros. Quando o diálogo está presente, coisas boas se constroem. Isso a gente aprende com a escola pública” – afirma Rosaura.

Para Mariângela, “a escola pública me ensinou o que eu sou. Aprendi com ela a ser professora. Com os alunos e suas famílias, com os desafios que apareciam e eram muitos”. Ela se emociona ao pensar em sua trajetória e no que o legado da escola lhe proporcionou. “Não seria quem sou hoje sem a escola pública”.

O desenho final da resenha sobre legado é composto por traços diversos, alguns cortes e outras costuras. Percebe-se a forma como as disputas de poder influenciaram e influenciam quem vive e pensa a escola pública. O olhar para o percurso, agora, estando do lado de fora da escola, está permeado por estes processos em que “o indivíduo sempre é um ser social e que as influências sociais controlam seletivamente a cognição e a emoção” (DOUGLAS, 1998, p. 102).

6.3.3 A reinvenção da escola pública: o saber fazer

O espaço da escola é, sem dúvida, disseminador de possibilidades da construção de um sentido comum, incorporando a comunidade escolar. Muito foi discutido sobre as formas de habitar a escola e a relação com a cidade. Fato é que, em algumas conversas, surgiram questões que deixaram clara a ideia de muitos avanços, mas também de algumas possíveis frestas para retrocessos. Ora, frestas podem conduzir a aberturas que tanto podem permitir novas perspectivas de ensino a partir das experiências vividas quanto para produzir ruínas. Aqui, questiono as parceiras de pesquisa sobre a necessidade de reinvenção da escola.

Ao narrar a escola, minhas parceiras de pesquisa narram a cidade “[...] segundo seus intervalos de variações espaço-temporais, o que impõe àquele que narra os desafios da afirmação da mesmidade de um caráter e da manutenção/duração de si no mundo.” (ROCHA; ECKERT, 2011, p. 110). Assim, ao falarem da escola, falam de si mesmas.

Adreane afirma, de modo enfático, que a reinvenção da escola é necessária porque o processo de educação é dinâmico. “Ou tu prepara o teu espírito pra ser um educador acreditando que a reinvenção vai ser constante ou repensa a escolha da profissão”. A escola é formada pela sociedade, que está em constante devir.

Agora, se mudou dos PCNs pra Base. Será que agora vai ficar a Base pra sempre? Não, ela não vai ficar pra sempre. Então, acho que a reinvenção é parte do processo. O que se faz necessário estar melhor implantada e solidificada é a questão tecnológica. Tanto com equipamentos novos quanto em formação dos professores. O Estado investe com isso e a comunidade entra com a fiscalização do uso. É um trabalho que envolve o econômico e o social. Outra questão que vejo importante para a reinvenção da escola é a robótica. Mas enquanto a formação de professores não habilitar a trabalhar com robótica, não adianta comprar kit de robótica e colocar dentro da escola. A nossa formação, ela é muito frágil e a gente tem outros degraus a galgar, pensando nos problemas do cotidiano da escola (ADREANE, 2021).

A aposentada Eoní entende que o Estado precisa investir na estrutura das escolas e na qualificação e valorização dos professores, no resgate das memórias da escola e na criação de oportunidades de projetos no contraturno para todos os alunos. “Vejo que as crianças e os jovens precisam de atividades no ambiente da escola”.

Leila acredita que a escola precisa valorizar mais o professor. “A melhor forma de renovar a escola é dando o devido valor ao professor. Não é possível pensar a escola, sempre atendendo a inúmeras demandas, com todo tipo de dificuldade, se o professor não tiver destaque”.

A professora Rosaura compreende que cada integrante da escola deve desempenhar seu papel profissional com responsabilidade e buscar o diálogo e o acolhimento dos demais. “O caminho percorrido por todas aquelas que já se aposentaram foi de busca por melhorias. A escola é vibrante, sempre em movimento. É um desafio ser professor e ter esse compromisso com a educação, mas para se reinventar é preciso olhar todo o contexto”.

Para Mariângela, a reinvenção da escola passa por um desejo de cada comunidade escolar: “é um desafio de cada espaço, de engajamento, de pertencimento e da construção de uma escola onde a participação de todos contribui para o aprendizado das crianças conforme aquele lugar precisa, com sua cultura e seus anseios”.

Marisa fala de reinvenção em relação ao seu tema favorito: o meio ambiente. “Sonho com um dia em que a escola seja um espaço educador sustentável”. Ela justifica a ideia dizendo que

Escolas estão sendo ampliadas, mas não pensaram o quanto aquele espaço poderia ser educador, a estrutura mais adequada e menos impactante pro ambiente, sabe? Se pudesse ter acessibilidade no transporte escolar, mais visibilidade para uso de bicicleta, cisternas e equipamentos pra coleta de água, coleta seletiva dentro da própria escola e até o uso de energia renovável. Além de ensino e preservação, daria uma economia muito grande pros cofres públicos. Trabalhar isso como um todo na escola. A maioria das escolas conseguiu ter o seu ginásio, mas e o aproveitamento disso pra coleta de água? A qualidade das salas de aula não é boa, as das últimas obras. Porque antigamente, o piso da sala de aula tinha o propósito de abafar o som. E hoje em dia tem muito barulho, eco. Eu também penso que deveria ter alguém, nas escolas, responsável por organizar projetos. Muita coisa seria diferente.

Pensando no jeito que a escola foi criada, conforme Cândida, como um espaço de controle, ela percebia uma preocupação da escola, de forma geral, com o mercado de trabalho, de preparar o aluno para ele ter a habilidade necessária pra se adaptar, ir mudando, se desenvolvendo. “Tudo relacionado à competitividade, e que envolve muito a tecnologia nos dias de hoje”. Ela prossegue:

Mas é muito difícil pensar no papel da escola. Porque tinha um papel delimitado pra maioria das famílias – ‘meu filho vai ser alguém na vida’. Isso mudou. Hoje, na escola, não tem mais isso. Eu não tenho certeza com relação a tudo, mas eu penso que algumas coisas se reinventaram. A questão de formações possíveis para cada aluno, de olhar pra si mesmo – tanto alunos quanto profissionais –, do lúdico, da criatividade. Então, alguns professores, individualmente, foram fazendo esse movimento, de mudança. E a escola tem que fazer esse movimento, sim, de mudança. Pra desenvolver uma autoimagem positiva e independente. Hoje se fala muito nisso, né? [...] a escola precisa ser um espaço de prazer pro aluno, que ele possa também experimentar coisas diferentes, que ele possa se comunicar como pessoa e possa olhar pro outro com aceitação. É no espaço coletivo que a gente aprende isso. E todas essas questões, a escola deve se apropriar. Não que não vai trabalhar conteúdo, não vai ensinar a ler, a calcular. Mas a aprender a ler o mundo e as pessoas, sem preconceito. Já ouvi muito sobre ‘ah, isso é papel da família’, mas quem trabalhou em sala de aula sabe que, muitas vezes, a escola é a única abertura para a criança se desenvolver como ela realmente é e, também, lugar de pensar a vida em suas várias formas.

Antes de qualquer julgamento, vale lembrar que a Foucault (1996, p. 18) interessava compreender o “[...] modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”. A discussão aqui se concentrou, assim, nos pontos de vista de cada professora aposentada sobre a necessidade da reinvenção da escola pública.

Neste sentido, ouviu-se muito sobre o papel do Estado na educação pública. Bourdieu (2014, p. 45) nos chama a atenção, ao dizer para ter “cuidado, todas as frases que têm como sujeito o Estado são frases teológicas — o que não quer dizer que sejam falsas, na medida em que o Estado é uma entidade teológica, isto é, uma entidade que existe pela crença”. O Estado como algo a que não temos acesso, intocável, mas que está presente na maioria dos arranjos em sociedade, é algo para repensar as lógicas das instituições e das políticas públicas. A que eu acrescentaria, neste momento, uma afirmação de Foucault: “[...] nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer” (1995, p. 256).

Preconceito, racismo, questões de ódio, entre outros temas que as parceiras desta pesquisa trouxeram como caros para a escola por se tratar de fonte de estudo, conhecimento e desenvolvimento de um cidadão crítico e participativo, vêm sendo discutidos atualmente, no Brasil, como de debate exclusivo da família. Há uma fenda em que a investida pedagógica será

condicionada por seus protagonistas, a quem caberá “[...] interrogar novamente as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas, retomar a avaliação das regras e das instituições” (FOUCAULT, 2004, p. 249). Aqui ouvimos, observamos e pensamos através dos percursos de algumas protagonistas em educação.



Marisa Braga, 2021.

[...] o tempo não passa: ele dura, subsiste e é necessário
senão como poderia a memória retroceder no tempo? (HALBWACHS, 2003, p. 154).

7. CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO “SER” PROFESSOR: passo a passo até a aposentadoria

Nossos encontros vão chegando ao final, mas com assuntos não menos importantes. Inclusive, muitos destes temas já estão presentes em outros momentos desta pesquisa, em forma de cruzamentos com as memórias das aposentadas sobre a carreira em educação, os relacionamentos na escola, as contratações, trânsitos entre turmas, escolas e cargos, além das relações da escola com a cidade. Como registrado no início da tese, os encontros arte-etnográficos apresentam as narrativas e imagens dos percursos profissionais em educação de sete mulheres, reafirmando que

Essa imbricação entre arte e etnografia só é possível através da intersubjetividade na qual a relação social se torna parte da epistemologia da produção artística e, por isso, as inscrições visuais – principalmente em sua forma processual e inacabada – encontram inspiração no percurso do etnógrafo e suas relações em campo com a alteridade (ROCHA; CERVO, 2019, p. 229).

A partir dos vestígios que se apresentam é possível observar a forma como o tempo é acomodado, sua vibração, a ambiência dos lugares vividos no trabalho, os campos de disputas e como estas mulheres se constituíram “professoras”. A arte fez parte de cada encontro, com uma perspectiva de pensar a construção subjetiva do “ser” professor, desvelando ressonâncias e forças imanentes nas minúcias do modo como cada uma se deu a ver neste processo.

7.1 “A profissão de professora foi uma das primeiras permitidas à mulher.”: a presença do feminino na docência

Ouvindo as narrativas destas mulheres, reunindo imagens, leis, dados e estudos teóricos sobre a carreira profissional em educação, notam-se muitos movimentos, centrípetos e centrífugos, linhas paralelas e transversais, formas fixas e mutáveis. Entende-se que

As instituições dirigem sistematicamente a memória individual e canalizam nossas percepções para formas compatíveis com as relações que elas autorizam. Elas fixam processos que são essencialmente dinâmicos, ocultam a influência que eles exercem e suscitam emoções relativas a questões padronizadas e que alcançam um diapasão igualmente padronizado (DOUGLAS, 1998, p.109).

Para Douglas (1998) a esperança de uma autonomia intelectual consiste na resistência, a que eu acrescentaria, numa potência que produz resiliência. Além disso, no decorrer das leituras sobre a História da Educação no Brasil, percebem-se transformações em determinados períodos, iniciadas através da organização de grupos diversos – alguns sindicais – que se planejaram na busca por mudanças nos currículos, na formação de professores, na valorização do salário e na carga horária de trabalho, entre outras.

Para situar, desde o período colonial³⁵³ no Brasil, passando pela Reforma Pombalina³⁵⁴, até a Lei Geral de 1827³⁵⁵, as crianças do sexo feminino não tinham acesso aos colégios. Inclusive, as filhas dos portugueses eram educadas para a vida religiosa e doméstica, em suas residências. Com a Lei Geral, as meninas poderiam frequentar os colégios, mas muitas disciplinas não eram ministradas a elas, como geometria; no lugar dessas disciplinas havia lições de afazeres do lar.

Com a chegada da família real ao Brasil foram criadas as primeiras escolas de ensino superior. O pequeno investimento em educação deixou os menos favorecidos longe da escola, enquanto os filhos da elite tinham acesso. Em 1834 foi criada a primeira escola de formação de professores, a Escola Normal de Niterói, tendo em seus primeiros 50 anos apenas alunos homens. No Ato Adicional foram redistribuídas as escolas para seus órgãos: escolas elementares, secundárias e de formação de professores tornaram-se responsabilidade das províncias, e as escolas de nível superior, compromisso do poder central. Esta divisão provocou alguns cortes e problemas de toda ordem, e alguns destes vivenciamos até os dias de hoje.

Tentativas de melhorias ocorreram no Movimento da Escola Nova³⁵⁶. Mais tarde, com a Constituição de 1934³⁵⁷, num governo ditatorial, a educação recebeu considerável atenção. Em 1942 foram criadas as escolas do SENAI³⁵⁸, com uma preocupação com a formação industrial. Foi sob a presidência de Getúlio Vargas que apareceu, pela primeira vez em uma lei, “a escola é direito de todos”, mas ainda sem o acesso universal. Em 1961 foi promulgada a primeira LDB, modificada em 1971. Mas é a partir de 1996 que temos, até os dias de hoje, a organização do Sistema de Ensino no Brasil, em que os números de alfabetização ainda não atingiram as metas. A valorização do professor vem sendo sempre discutida e repensada.

Todo este resumo percorrido para lembrar que, após organizadas as primeiras formas de aprendizagem orientada de forma coletiva, as mulheres não tiveram acesso à educação no Brasil por mais de 300 anos. "Impedindo às mulheres o acesso aos lugares do saber e não lhes

³⁵³ Onde os jesuítas eram os educadores, com foco na catequização (1549).

³⁵⁴ As reformas propostas por Marquês de Pombal trazem os primeiros passos do ensino público (1772). As chamadas aulas régias eram ministradas na casa dos professores que eram pagos pelo governo.

³⁵⁵ Lei que cria as escolas de primeiras letras em todo território brasileiro. (Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827, Página 71 Vol. 1 pt. I). Ver em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html>

³⁵⁶ Na década de 1920, tendo Anísio Teixeira como um dos líderes, o Movimento fez uma tentativa de tornar a escola pública mais inclusiva, com um modelo mais moderno de ensino.

³⁵⁷ Constituição de 16/07/1934. Dispõe sobre Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Os Artigos 148 até 157 tratam especificamente sobre a Educação e a Cultura.

³⁵⁸ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Ver mais em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/senai/institucional/>>

permitindo uma educação semelhante à sua, preparava-se o caminho da marginalização, inclusive no mundo do trabalho” (FÁVARO, 2002, p. 49). Depois, o acesso teve muitas restrições, e, ainda hoje, as mulheres não têm os mesmos índices de igualdade em se tratando de valorização do trabalho, por exemplo.

Muitos são os estudos sobre a luta da mulher pelos seus direitos. Guacira Louro (1986) nos mostra alguns caminhos percorridos em sua Tese “Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul”, além de outros escritos. Contudo, ela pondera que pensar as mulheres

apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos (LOURO, 2004, p. 479).

Assim, com este olhar, passamos a compreender o que estas professoras têm a nos contar sobre suas percepções em relação ao feminino e à docência. Cada caminho foi realizado passo a passo até a aposentadoria, e é a partir da visão destas aposentadas que tratamos destes aspectos.

7.1.1 Relação entre gênero e magistério

A professora Rosaura conta que percebia que existia a questão de que as meninas, pelo menos as com que ela tinha contato, falavam “ah, eu quero ser professora”. Talvez por se inspirarem na visão que tinham da escola, do que elas viam, de suas professoras. Ela agora percebe que estes discursos diminuiriam.

Tanto é que a gente não ouve tanto falar assim, ‘ah, vamos fazer o magistério, depois se vê o que se consegue fazer a nível superior’. Mas o magistério faz falta, pela didática. Pra mim foi ótimo ter feito magistério, porque falta a didática ao professor dos anos finais, porque tu faz direto aquela tua disciplina, né? Tu te especializa naquela disciplina, mas te falta essa didática em todos os sentidos, desde o trato com o teu aluno, aquele olhar mais sensível, mais perceptivo pra certas coisas. Porque tem aquilo assim ‘vim aqui dar minha aula pra tu aprender, se tu não aprendeu, não tô nem aí, né? Então, eu acho que falta essa didática do magistério.

Pode-se sugerir alguns motivos que levaram à diminuição das falas em torno do desejo de “ser professor”: questões salariais, de reconhecimento dos profissionais, das exigências de formação continuada, do trabalho com pessoas, entre outros. Importante deixar registrado que Rosaura dizia ouvir estas falas de meninas com quem se relacionava. Foco de nossa conversa, percebe-se a relação do feminino com o magistério.

Adreane fica pensativa buscando uma forma de apresentar suas ideias diante do vivido. Seu posicionamento vem acompanhado da professora e da pesquisadora que foi.



Então, mulheres. Eu acho que aí existe uma carga muito forte. A expressão de uma leitura cirúrgica do nosso contexto institucional me surpreendeu em um ponto, e pude perceber a presença da mulher seja na educação infantil ou nas séries iniciais. Elas são de domínio feminino. E isso é cultural, poderia não me surpreender, mas surpreendeu porque não vejo impacto que justifique a perpetuação disso até esse momento. Vamos pensar na minha época, a forma de formação, posso concluir o quê? Que é um curso mais usado pelas famílias como o magistério sendo um curso bom pra mulher. Mas já tinha algumas opções, em poucas áreas das exatas na nossa região, é verdade. Na minha geração a família valorizava o ensino do magistério pras mulheres. E era fundamental. Só que isso persistiu em trinta anos e hoje o magistério continua sendo espaço das mulheres. Mas isso não se justifica mais, né? Se justifica que é uma carreira que talvez, hipoteticamente, mulheres vivam por questão de gosto mesmo. Como identificação com suas professoras e os, meninos, né? Os homens, eles têm se ocupado às carreiras nas licenciaturas, os estudos que a gente vê há alguns anos atrás já mostravam eles na biologia, na área da matemática, na área de letras [...] mas a pedagogia ainda continua com o domínio do feminino. A pedagogia hoje é uma extensão do magistério. Hoje, a maioria dos concursos exige curso superior, e qual é o curso superior das pessoas? É de se pensar. É possível que a presença quase exclusiva da mulher no magistério se estenda ao longo de muitos anos ainda.

A aposentada Cândida afirma que há uma relação direta entre o gênero e o magistério. Ela percebia que, quando aparecia algum professor para trabalhar nos anos iniciais, havia movimentos em torno deste diferencial.

E é incrível como o masculino faz um mexe, quando é um professor nos anos iniciais. Até o respeito das crianças é maior. Acho que isso se construiu ao longo do tempo. Porque a mulher acabou assumindo esse espaço, eu não sei como é em outros países, pra falar a verdade, eu acho que ao menos nos filmes americanos, a gente vê mais professor homem. E com um aluno maior também, agora com o aluno menor, aqui no município, eu lembro do Donato. [...] ao longo do tempo eu acho que isso realmente ficou sendo uma coisa muito do feminino. E daí vem toda a questão do cuidado também, porque além da educação, vem todas as outras coisas, o cuidado com o corpo, com a saúde. Tudo foi pra escola. E a mulher foi assumindo, até porque eu acho que a mulher tem muito disso mesmo, do cuidado, e tem uma questão muito cultural nisso, né? Muito de construção da mulher.

Leila aponta que essa questão é histórica, que existe há muito tempo, quando eram “só mulheres que podiam dar aula para as crianças pequenas, né? Uma, eu acho que elas têm mais dom, sei lá. Por isso é uma questão histórica mesmo”. Para Eoní, a atuação do feminino no magistério é bastante intensa porque “a profissão de professora foi uma das primeiras permitidas à mulher, além de ser dona de casa, esposa, mãe”. E ela prossegue:

Antigamente as mulheres praticamente não tinham direito a trabalhar e a muitas outras coisas. Então, elas começaram como sendo professora, estudando e dando aula, preceptoras, né? Eu penso que a mulher começou a tomar o seu lugar no mundo, a mostrar que também era capaz de ser professora, cursar uma faculdade que também não era permitido a mulher, não só relacionada ao magistério, mas outras disciplinas, né? Eu acho que foi a porta de entrada para a profissionalização da mulher. E hoje, no magistério, nas séries iniciais, a grande maioria é feminina. Ela ali também executa, além do trabalho de mestra, muito de mãe, na docência nos anos iniciais principalmente. A mulher tem aquele instinto maternal, ela acolhe o pequeno, ela está presente em sua necessidade, quando ele tá meio afastado, ela vai ao encontro, ela escuta. Ela é mais carinhosa no sentido de um abraço, um toque, um aconchego. E

assim com os maiores na adolescência, muitas vezes, é a amiga. Comigo foi a professora do quarto ano que explicou sobre menstruação, ela perguntava pra nós meninas se não tinha nenhuma orientação, né? Quem já menstruava ouvia como é que fazia e ela orientava, explicava. O assunto em torno de gravidez, naquela época, era um tabu. Então, acho que a professora fazia esse papel de mãe porque nossas mães também não tinham recebido orientação e às vezes se sentiam sem jeito pra falar com as filhas, sobre esses assuntos tidos como tabu. Voltando ao assunto, não vou dizer que o professor não marcou, que não deu um abraço e tal, mas a mulher parece que tem mais aconchego. Há uma relação entre a educação e o feminino [...] a mulher é muito intuitiva, parece que ela tem mais essa percepção psicológica, do problema, aquela coisa pode tá acontecendo e ela vai ver o que é, né? Mesmo que seja fora da sala de aula, pra falar durante o recreio, pedir pra ficar um pouquinho mais depois do sinal. Nas escolas do interior isso acontecia muito. Depois, em escolas maiores, quando eu dava aula e percebia alguma coisa, procurava chamar pra conversar. [...] mas isso também não quer dizer que um professor homem não faria assim também. Então, não se trata só do feminino, mas se trata de observar a fundo o aluno.

A professora Marisa se recorda de que esse fato sempre chamou sua atenção. “Percebo bastante e isso sempre me preocupou porque a gente cria os filhos, e as professoras criam os estudantes, vamos dizer assim, os alunos, né?” Ela também fala sobre a relação entre a culpa e o universo feminino. “Às vezes até me sinto assim culpada por fazer parte desse universo, porque o retorno na sociedade não é muito profícuo. Acaba sobrecarregando a gente, de modo geral, a mulher”.

É uma coisa pra gente refletir sobre como nós professoras estamos agindo na sala de aula, enquanto mulheres. E porque isso a gente sabe, quem é algo histórico, da Revolução Industrial. Eu lembro que estudei essa questão, da mulher na educação, de quem cuidava dos filhos pras mulheres poderem trabalhar fora, né? Então, acabou sendo uma extensão do lar, num primeiro momento, historicamente, a educação pra essa faixa etária. Então, eu percebo e entendo. Tentei me corrigir de tratar os gêneros com igualdade, nunca ninguém me falou nada sobre isso, mas assim, ó, desde que eu me conheço por gente, eu questionava a questão de gênero na família. Por que que os meus irmãos podiam ir no rio, tomar banho, nadar e aprender? E nós, eu e minha irmã, a mãe ficava gritando em roda. ‘Não vai ali, menina. Vai se afogar’. Hoje eu tenho pavor de água por causa disso. Por que eles podiam jogar futebol, né? E a gente não podia jogar futebol. Porque eles podiam sair sozinhos, e nós não podíamos sair sozinhas. Eu lembro que meus irmãos jogavam futebol lá no potreiro, onde tinha a várzea. E a gente se metia junto, eu era a mais nova a chutar as bolas lá. A gente se metia no meio do jogo pra ver se a gente tinha um espaço. Então, isso me incomodava, me incomoda até hoje. Então, tem muito da questão do feminino no magistério e isso foi se perpetuando. Isso foi uma coisa que a minha mãe me incentivou: a ser professora, porque eu me via ali, recém-casada, com um nenê nos braços e a minha opção de contabilista naquela época, que eu tinha, não tinha espaço pra eu trabalhar e dar conta disso. Então, ela repetia, vai estudar no magistério, tu trabalha meio turno e no outro tu pode ficar com a Camila. Foi um arranjo, assim, no primeiro momento. Pra depois me debruçar e começar a refletir sobre a questão da educação e a começar a gostar muito disso.

Mariângela reafirma que é nítida a presença da mulher trabalhando como professora dos anos iniciais. “Agora até não é tanto, mas há alguns anos, era muito difícil ter um professor homem. Quando eu comecei a trabalhar eram só professoras. Depois, quando teve o terceiro concurso, vieram professores de área”. Estes professores dos quais ela fala vieram trabalhar nos

anos finais do ensino fundamental. “Isso é cultural. Na escola de magistério, no início dos anos 80 tinha dois guris estudando. Mas eu penso que não é o gênero que define um bom profissional. Só que nos anos iniciais, a mulher ocupa espaço central” – aponta ela.

Os depoimentos das parceiras de pesquisa mostram o cenário onde as mulheres são ampla maioria no trabalho em educação, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. A questão levantada por Adreane sobre pensar em outras possibilidades deste fato ocorrer, além do cultural, onde a mulher abriu espaço para a realização profissional através do magistério, estimula o desejo de empreender novas pesquisas que possam atentar diretamente sobre esta realidade.

O que se pode concluir é que “a história das mulheres na sala de aula é constituída e constituinte de *relações sociais de poder*” (LOURO, 2004, p. 478, grifo da autora). Porém como a própria Guacira Louro examina, nem sempre as mulheres e os homens atenderam pacificamente às representações associadas a eles. Neste jogo, ainda hoje muito disputado e com um campo cada vez mais expandido, as identidades narrativas se constroem dia após dia em busca de espaço e representatividade.

7.1.2 Posicionamentos sobre empoderamento feminino e a educação

No subcapítulo anterior, Marisa narra passagens de sua trajetória em que sentia a necessidade de agir da mesma forma como seus irmãos. Isso aponta para algumas das narrativas anteriores de Cândida nas quais ela contou que não tinha direito a praticar determinadas atividades que seus irmãos realizavam. Além disso, é possível lembrar das imposições de seu pai no sentido de pressioná-la a estudar no magistério para que tivesse uma profissão e não ficar desamparada caso não tivesse a proteção de um homem em sua vida. Marisa passou por situações parecidas ao se separar e ter que arcar com as despesas e toda organização da casa, além da educação da filha, tendo sua mãe como suporte quando ia para a escola lecionar. Enfim, mulheres numa rede de apoio a outras mulheres, seja pelo tempo dispendido seja pelo exemplo de coragem, atitude e perseverança.

Rosaura conta que, no trabalho, sempre teve posicionamento forte e decisivo, mas que muitos foram os momentos de tensão.



Eu sempre procurei separar o pessoal do profissional. Claro, se não consegue, tu acaba trazendo coisas de um lugar a outro. O que me fortalecia era a família. Na minha casa, assim, com o meu marido. Tinha momentos, com certas dificuldades no trabalho, que eu buscava minha força na oração, pedindo pra Deus me iluminar em certas questões. E meu marido, que hoje é aposentado também, ele tinha aquela visão de fora da escola, a visão empresarial. E eu tinha aquela visão de serviço público. E de questões assim que, muitas vezes, eu não entendia, não queria entender por que que tinha que ser daquele jeito, né? Mas aí esse contraponto, essa força aqui eu tinha, é onde me agarro até hoje.

A professora Adreane se diz uma pessoa determinada e que, ao longo dos anos, teve momentos bons e ruins, o que fez com que ela se tornasse a pessoa de hoje. Também acredita que, olhando agora para trás, seu percurso fala por si só.

Digamos assim, as crises profissionais eu resolvia no ombro do pai, da mãe, do namorado, né? Aqueles aconselhamentos eu buscava, muito mais, nas minhas relações de afeto. Eu sou da geração dos grupos de jovens na igreja católica, né? Com o tempo tudo foi perdendo sentido pra mim, foi saindo do contexto. Se falava tanto de solidariedade, mas se exercitava muito pouco. Hoje eu não tenho mais vínculo nenhum com a igreja. Eu tenho uma formação filosófica, tenho minha fé, e nunca tive conflitos entre filosofia e religião. Acredito mesmo que minha força veio com o tempo, fui estudando, me profissionalizando e organizando a vida pessoal e profissional de forma que eu pudesse ver meus objetivos de forma clara e ir buscando cada coisa a seu tempo.

Cândida se recorda de uma palestra para pensar sobre a força do feminino na educação. “Vivi muitos momentos especiais para a profissão e estes me fortaleceram e me tornaram a mulher que sou. Os cursos e os encontros sempre me traziam coisas importantes pra estas duas faces”.

Certa vez, ouvi uma palestra de um filósofo da USP, que questionava por que é tão comum o homem abandonar os filhos e a mulher não? Ele dizia que, na verdade, lá na pré-história, quem era a mãe? Era a mulher, mas ninguém sabia como é que a criatura estava dentro da barriga dela, né? Isso era meio que uma mágica. Quem era o pai? Alguém com quem ela esteve, mas não se podia afirmar quem era, né? O que se sabia era que saía dela. E que a ideia de pai veio muito, muito depois. Era delicado como surgiu. Então, eu entendi melhor algumas questões, assim, do feminino e do masculino. Eu sou a única filha mulher, e eu sempre protestei muito contra a ideia que tinha coisas que meus irmãos podiam e eu não. Eu penso que essas coisas agregaram à escola, porque era o feminino que estava ali, disponível, e que, junto com a educação vem o cuidado e daí a mulher acabou assumindo este papel e é essa mulher que aparece na escola. E que se fortalece pra vida.

Leila pondera que o empoderamento da mulher ainda é uma busca, como quem procura um lugar ou lugares para reflexão. “A mulher ainda não chegou a ter sua valorização. Talvez a educação, como espaço predominante de mulheres, não seja levada a sério como deveria, por este motivo”. Mariângela lembra que “sempre fui firme nas minhas decisões e procurei clarear as coisas que não estavam indo bem e penso que isso abriu caminho pra que eu tivesse um

crescimento pessoal e profissional”. Eoní se recorda que, sempre que tinha dificuldades, no trabalho ou de outra ordem, tinha a família e algumas colegas para dar suporte.

Se a coisa era mais séria na escola, então ia parar na orientadora ou supervisora, né? Nos últimos anos, né, porque antes nem tinha este serviço de apoio, tu ficava mais livre, mas ao mesmo tempo, solitária e insegura. É bom ter alguém em quem buscar ajuda pra aquela dúvida, aquele problema, como interagir melhor. E fora do ambiente escolar era com a família, com amigas, na igreja, com algum especialista, algum médico, que são espaços de fortalecimento. Eu tinha que ser mãe para toda obra, porque como o marido viajava muito – era caminhoneiro –, eu tinha que resolver os problemas, de saúde, de escola, as brigas de filho, porque quando ele chegava, não ia deixar pra ele resolver, tinha que ser no momento que acontecia. Tive muita ajuda da mãe, depois da sogra, vizinhas, colegas, e assim foi.

A professora Marisa fala novamente da importância do sindicato como forma de fortalecimento enquanto professora, desde o trabalho “com as classes multisseriadas, no interior, em busca de direitos para quem acumulava tantas funções na escola”. Ela se recorda de ter recebido o convite para ser a presidente do Sindicato dos Professores, que na época era uma Associação, separada do Sindicato dos Servidores.



Comecei a perceber muitas coisas mais. A época que a gente saía de casa por salário chegou. Era tempo de outras questões. Conseguimos alguma melhoria no plano de carreira, como difícil acesso, por exemplo. Escolas como a Mauá, que tinha muitos problemas de violência, os profissionais precisavam de outro olhar e remuneração que, se não pudesse ser por periculosidade, que fosse por difícil acesso. Começamos a participar de encontros e congressos da região do Vale dos Sinos e fora também. Foi muito importante essa capacitação que eu tive na época. Tem a questão da doação de um dia trabalhado, uma vez por ano, pra Federação dos Sindicatos e esta promove o fortalecimento dos sindicatos e, por consequência, dos trabalhadores. Teve um período em que surgiu a ideia de juntar o Sindicato dos Servidores como o dos professores. A gente tinha já passado a ter um fundo de previdência própria, então a gente tinha uma característica de grupo e não tinha por que a gente tá separado. Assim, construímos uma sede própria na Sede Administrativa e o direito de ter um horário por semana para atender as demandas dos servidores, buscar também ajuda em convênios, porque a gente acabou perdendo o direito de ter plano de saúde pela prefeitura com a mudança de legislação e daí o sindicato pesquisou os melhores preços para que a gente pudesse ter um plano de saúde até a prefeitura se organizar. Mas cada governo que entrava prometia que ia resgatar esse direito e até hoje não se conseguiu isso. É irônico pensar que, naquela época, a gente conseguiu construir a nossa Sede Administrativa enquanto estava na transição de Associação dos Professores Municipais de Portão para Sindicato dos Servidores, e eu e o Marcelo Tassinari – advogado –, assinamos contrato para prestação de serviços aos trabalhadores. E o primeiro serviço do Marcelo foi comigo mesma. Eu era diretora de uma creche e, com o Sindicato, entramos com uma ação contra o Prefeito Beto por uma questão de alíquota, foi mexida numa lista base de uma categoria profissional e interferiu nas demais categorias. Então, por conta do processo contra o Prefeito, fui retirada da direção da escola. Antes de ser do Fundeb a verba específica para pagamento dos professores, foi bem difícil, porque o governo do Carlos Roberto Ruthner foi um governo de má administração da cidade, chegando ao ponto que estava ameaçado de não recebermos nossos salários. Teve uma pressão muito grande entre professores e servidores, numa reunião no pátio da Prefeitura Municipal de Portão e ali foi minha renúncia do cargo de Presidente do Sindicato. Trabalhadores relacionavam a direção da escola com minha função no sindicato. Todos foram “fritados” de forma igual. Mas aquilo ali foi uma forma meio drástica de resolver encerrar a minha militância



sindical, até porque eu tinha passado nos últimos anos sendo diretora e Presidente do Sindicato. Era o ano que a minha filha tava entrando na quinta série do Ensino Fundamental e estava tendo muitos problemas na escola, então eu fiquei nessa, da defesa profissional dividida com meu papel de mãe. Eu acho isso muito cruel com as mulheres. A gente tem que absorver todas as funções enquanto mulher, mãe, dona de casa, administradora da vida profissional, e isso me incomoda até hoje, só de pensar. [...] fato que não posso esquecer é da participação num projeto que foi capitaneado pelo Sindicato dos Sapateiros de Novo Hamburgo: quatro noites por semana os alunos tinham aula e uma noite eles tinham oficinas. Nessa noite que eles tinham oficina os professores titulares se reuniram para planejamento pedagógico, que era uma novidade na época ter planejamento pedagógico para elaboração das aulas. Nesse planejamento pedagógico nós desmontamos todo o currículo, todos os conteúdos, os cadernos escolares, as atividades extraclasse: foi a melhor experiência que eu tive na minha vida e foi a partir dessa experiência que eu escrevi o meu trabalho de conclusão da graduação com ênfase na educação de jovens e adultos, porque, além da capacitação de trabalho para ampliar a renda desses trabalhadores foi uma experiência muito rica pois tivemos incursões por locais diversos para pensar sob ponto de vista da sociologia. Inclusive, com capacitação de policiais para que tratassem as pessoas com humanidade, fossem elas trabalhadores, moradores de rua, prostitutas. Então, com essa experiência de trabalhar na educação de jovens e adultos para o estado do Rio Grande do Sul, eu trouxe práticas pedagógicas para pensarmos no grupo de professores no município de Portão. Então, a gente conseguiu uma noite por semana para se reunir para planejar e conduzir reuniões de capacitação, sendo que os alunos tinham folga nesse dia, para estudar. Junto a isso a gente conseguiu trazer equipamentos eletroeletrônicos para dentro da escola, antes de vir os laboratórios de informática e um pai voluntário do CPM da Escola Franke vinha ensinar os alunos a usar o computador, para tirar o medo que eles tinham de ir no caixa eletrônico do banco sacar o seu benefício do INSS, foi uma época de transição, não era uma coisa muito comum. Uma coisa encaixa na outra, sabe, foi muito interessante. O trabalho numa turma multisseriada era muito corrido, de uma mesa para outra, de um quadro para o outro, sempre fazendo o máximo para ajudar cada aluno, para não ter aquele prejuízo. Eu penso agora que nem sempre ajudei as crianças como devia. Nos primeiros anos, além de morar muito longe da escola eu não dava conta de dar todos os conteúdos durante a semana, planejar e limpar a escola, fazer a merenda. Eu ia para a escola no sábado, de bicicleta, para fazer a faxina e já deixar alguma coisa encaminhada para a semana. Depois trabalhei com duas turmas, quando eu saí daquela escola de 4 séries, daí era mais tranquilo. Quando eu peguei uma escola com uma única série não sabia o que fazer com aquele tempo mais lento, era muito estranho uma turma só. Foram muitos os desafios. Olhando agora nem dá pra imaginar como fiz isso daí.

Percebe-se uma preocupação de algumas aposentadas ao relembrar situações difíceis enfrentadas no cotidiano. Além disso, “O lugar que uma mulher ocupa na sociedade vai depender do sentido que adquire aquilo que faz através das interações sociais concretas, que estarão carregadas de sentido perpetuadores de seus papéis de gênero” (STREY, 1997, p. 87). Resgatar as trajetórias destas mulheres permite apresentar como certas conquistas para a coletividade partiram da coragem e do esforço individual de uma mulher. As peças se movimentam, mas é preciso pensar no que cada gesto proporciona a outra peça neste tabuleiro e lembrar do *bridge* trazido por Nóvoa (1999): mesmo aquela peça que está no lugar do morto não fica passiva.

Através destas narrativas é possível considerar o magistério como produtor de uma subjetividade empoderada. A forma como esta mulher, professora dos anos iniciais, se dá a ver, pode ser uma das hipóteses a questões levantadas anteriormente sobre o porquê de a presença do feminino ser tão forte no magistério ainda nos dias de hoje. Além disso, o modo como cada professora reagiu a cada novo desafio demonstra como este “ser” professora se constituiu e, também, o incentivo que cada uma oferecia a outras, por meio de seu exemplo de força e resiliência.

7.1.3 Magistério como missão?

Alguns pesquisadores, principalmente os dedicados aos estudos em educação, têm levantado questões sobre o magistério como missão. Esta representação está fortemente relacionada a questões tratadas pelas igrejas cristãs, lembrando do papel da igreja na educação brasileira, como na catequização jesuítica e, depois, com as escolas particulares criadas, tanto de ordem católica quanto luterana. As parceiras desta pesquisa trouxeram alguns pontos para se considerar sobre estas relações.

Mariângela diz que nunca havia pensado na questão de missão para seu trabalho. “Nos PPP das escolas a gente tinha a missão da escola. Mas individualmente nunca pensei a profissão de professora como uma missão, embora tenha dedicado boa parte da minha vida à escola e penso, agora, no trabalho como missão cumprida. É a força da palavra”. De fato, muitas vezes a professora comentou que a escola – principalmente ao falar sobre a Gonçalves Dias – era sua família. De certa forma, ao se dar conta da importância do percurso profissional em relação ao pessoal, ficam mais perguntas do que respostas e, mais uma vez, percebe-se a influência do público no privado e dos discursos que se empreendem, dentro e fora das instituições.

A professora Rosaura diz que pensa no magistério como uma vocação, não missão. “Se a gente pensar em certas situações, tu tá aí só por estar, pra fazer o trabalho só por fazer [...] tem aquela coisa assim, ‘ah, três meses de férias, tu ganha bem pra trabalhar pouco’, ainda tem muito isso, tá?” Ela reafirma que, apesar disso, há profissionais que se desempenham por vocação, com práticas maravilhosas. E, por esse motivo, não se pode falar sobre o papel e a visão do professor de forma genérica. Já a aposentada Leila aponta que



o magistério é uma missão muito linda. A missão de ensinar, de educar, de preparar o aluno para a vida, para uma vida melhor. Desde que me formei e comecei a trabalhar, passei por muitos momentos difíceis, trabalhando doente, com outros problemas, mas superava cada dia porque pensava na minha missão.

A professora Eoní recorda-se de que “nos tempos de estudante de Escola Normal, sempre nas aulas de didática era colocado que ser professor não era uma profissão, era uma missão. Então eu me formei com essa ideologia”. Ela diz que, havia manuais sobre o papel da professora normalista, e complementa dizendo que “as escolas de minha formação eram católicas, de irmãs, e sempre foi transmitido sobre exercer o magistério como missão. Mas, depois de tantos anos trabalhando em educação, eu vejo o magistério como uma profissão”.

Adreane percebe qualquer profissão como missão, não exclusivamente com o magistério. E prossegue:

Mas que a gente vem deste discurso, de fazer alguma coisa pra melhorar o mundo, sim, tem. Independentemente do que fizer, eu acho que o trabalho tem que ser visto como uma missão, a gente tem que procurar fazer bem feito o que a gente se propõe, da melhor maneira possível. Particularmente, assim, não gosto desse discurso que o professor tem uma missão, porque isso justifica afirmações de que o professor tenha que ter mais paciência, tem que ter mais energia, [...] meu corpo estremece quando alguém comenta assim. Meu sonho é de consumo evolutivo, com o curso de Pedagogia com um nível de exigência bem maior [...] acho que os professores precisam ser altamente profissionais, muito bem informados, com muita estrutura, tem que ter qualificação, formação continuada. Tive muito enfrentamento como secretária. Porque tu está num universo totalmente masculino e teus colegas secretários, todos homens, estão ali te observando. Foi um aprendizado este convívio, ter este contato de igual pra igual diante deles. Mas com muito embasamento pras discussões, sempre bem preparada. Então, acho que a gente precisa se preparar profissionalmente para assumir outros papéis, não por vocação. Porque esse discurso parece quase uma sacralização. Eu acho que a nossa profissão é romantizada. E não vejo que a valorização venha através destes aspectos, é preciso que o professor entenda a importância da profissionalização do trabalho em educação.

A professora Cândida presume que o trabalho do professor é visto como uma missão, e que o professor seja visto como alguém que seja uma espécie de salvador, alguém que vai mudar o mundo, que vai moldar o aluno. Ela trata desta visão com extrema preocupação.

Eu acho que nós deixamos marcas. Assim, eu tomava o cuidado pra deixar as melhores marcas possíveis na comunidade. Nem sempre eu consegui, mas eu tentei porque tenho uma relação com o estudo como muito positiva, de afirmação pessoal, eu sempre falei isso pros meus alunos, né? Da importância, de que não se constrói um país só jogando futebol. E isso é um em um milhão. Então, é pensar se eu vou ser esse ‘um’ ou ter outras possibilidades, né? Não é questão de não poder ser jogador, não, é legal se tu conseguir, mas será que não existe outras possibilidades? Mas, agora, eu assumir esse papel, assim, de oferecer uma formação pessoal, eu acho que é tão forte, porque tem professor que marca a gente ao ponto de tu se espelhar nele, mas é uma relação que não é essa relação, assim, milagrosa. O que parece, às vezes, que é um milagre [...] e eu não vejo dessa forma, como uma missão, eu vejo como uma

profissão, mas uma profissão onde o amor faz toda a diferença. Não só no magistério. Eu acho que todas as profissões que lidam com pessoas. Médico, enfermeiro, terapeuta, essas profissões precisam de uma dose de amor. Agora, eu, como salvadora, não acho, não.

Marisa afirma que, assim como a maioria das parceiras desta pesquisa, também não pensa no magistério como uma missão. A professora lembra que, em muitos encontros em educação, esse assunto estava em pauta.

Eu acho que é um preparo técnico pra tu enfrentar a diversidade que é o público que tá ali pra tu atender. Porque eu nunca tive essa missão, fui caindo de paraquedas que eu ia decidi trabalhar com isso, não pensei ‘vai dar certo, não vai dar certo’. Pensava em me dedicar àquilo. Eu, como ser humano, nada de sensorial ou místico, com problemas pessoais e problemas de várias ordens, coisas da vida. E, na escola, a gente também se envolve com os problemas dos outros, de um grupo. É uma responsabilidade. Então, a gente tem que estar bem, por isso que eu sempre digo que me envolvi no movimento sindical porque o movimento sindical é pra tu ter uma boa qualidade de trabalho, de vida, né? E no outro ponto daí, na outra direção, os problemas profissionais também afetam a vida pessoal [...] eu tive muitas dificuldades com a Camila pequena, fui empurrando com a barriga e levava ela pras reuniões, ia pra cá, ia pra lá, pra casa dos outros pra eu dar conta do meu trabalho profissional e daí a gente atrapalhou muito a nossa vida de mãe e filha. Então, sempre quando eu pego alguma coisa pra fazer, me dedico muito, muitas horas de trabalho e assim a minha vida familiar sempre fica e ficou no segundo plano. Isso desde sempre, desde que me conheço por gente, sabe? Ah, até porque eu tinha, assim, uma má impressão de família, né? Desde criança, sempre tinha uns problemas, assim como todo mundo tem. E daí, o trabalho e o estudo me tomou por inteiro e deixei muitas coisas pra escanteio [...] isso foi a minha vida. Agora eu fiquei pensando, isso foi a minha vida.

A visão do magistério como uma missão possui, além da marca da instituição igreja na instituição escola, uma forte tensão de ordem política, no controle de uma ordem, presente nas tecnologias de governo, apresentando certo direcionamento didático-pedagógico, inclusive. O magistério como missão é algo inerente ao percurso profissional, pelo menos inicial, de cada professora. A forma como cada uma percebe estas relações, após a aposentadoria, permite observar como cada professora foi “tocada” por este dinamismo, pela força da palavra e de sua formação.

7.2 “Eu dizia que queria me aposentar estando bem.”: aposentadoria e as questões sobre envelhecimento

Os percursos em educação apresentam ritos de passagem: mudanças de turmas, alunos, salas, equipes diretivas, transferências de escolas, leis. Além dos sons, ora de sineta ora de campanha eletrônica, documentações e aparelhagens se alteraram. Juntamente a isso, as transformações da sociedade e as próprias modificações nos corpos destas professoras, hoje aposentadas.

As marcas de cada corpo são entendidas como parte dos rituais de vida. E, agora, com a aposentadoria, as questões que envolvem o envelhecimento vêm à tona. Ora, se em algum momento se pensou no envelhecimento como algo distante ou como uma forma de sobrevivência (BOSI, 1994), aqui estas mulheres tratam de relembrar cada história vivida: “ela tem tudo o que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 2003, p. 90) e explorar os desafios que ora se apresentam.

7.2.1 Tempo pré-aposentadoria

Ao se aproximarem da aposentadoria, as professoras recordam que ouviam muitas conversas na sala de professores, principalmente de colegas que estavam iniciando a carreira em educação. As parceiras riram muito ao comentar que estas colegas tinham o desejo de estar no lugar delas, mas que isso não fazia sentido por estarem no início de suas vidas profissionais. “Não lembro de ter desejado isso quando comecei a trabalhar”, afirma Mariângela. Mais uma questão para suspender, entre tantas que surgiram ao longo da pesquisa.

Pouco tempo antes de se aposentar, Rosaura conta que tinha momentos de tristeza misturados a momentos de alegria. “Aquela coisa estranha, assim, vou fechar um ciclo, mas ao mesmo tempo também, o que faço agora?” Ela relembra de ter recebido muitas homenagens na Escola Municipal Antônio José de Fraga, escola onde trabalhou a maior parte do tempo. “Foi um período de muita emoção, muito choro”.

Para Adreane foi um tempo diferente. “Pouco antes de me aposentar, saí do cargo de Secretária de Educação e assumi a direção de uma escola infantil. Foram muitas novidades e um período de certa calma”. A tarefa atribulada que empreendia antes deu lugar ao compromisso por um espaço mais reduzido, mas não menos importante. “Aproveitei ao máximo cada momento na educação infantil, de perceber de perto a vida na escola, as crianças, as colegas. Voltei a ouvir e contar histórias. Foi muito bom”. Cândida fica pensativa e narra:

Olha, na verdade eu tava num momento tão confuso da minha vida que eu não pude pensar muito nisso. Eu sabia que eu ia trabalhar até abril e que daí eu ia ter um turno livre, e isso pra mim era importante. Mas eu não tive a sensação assim de que eu tava cansada, de que eu não aguentava mais, porque eu não queria sumir dali, não. Eu tava bem até o último dia. Me dava prazer o meu trabalho. Eu nunca me esqueço que eu, quando eu comecei no estado, eu comecei na Krumenauer e lá tinha vários professores indo pra aposentadoria. Mas uma professora que me chamava muito a atenção era a Irene Mattge. Quando eu encerrar a carreira, quero ser como essa mulher. Porque eu não via ela contando os dias pra se aposentar e ela estava em processo de aposentaria. Eu dizia que queria me aposentar estando bem. E eu acho que eu consegui. Eu queria muito não chegar no final da minha carreira achando que tudo era horrível, que eu não



aguentava mais ir pra escola, eu achava que isso ia ser muito triste. Em uma das homenagens pela minha aposentadoria, um aluno me deu um bilhete com parabéns e disse ‘que tu tenha uma ótima vida’. Se eu preciso de uma ótima vida, claro, né? Eu pensei: como é que ele me olha como uma outra pessoa que não tá dando aula? Acabada ou inteira pra uma ótima vida? Uma vida que não tá indo pro final de tudo, porque às vezes é essa impressão, a pessoa está indo prum final. E eu acho que não é o caso, até porque a gente é muito jovem quando se aposenta. Pelo menos tivemos esta oportunidade. Outra coisa que pensei, sobre a fala deste aluno: será que, como professora, ele via que eu não tinha uma ótima vida? Sei lá, fiquei viajando naquela frase, mas acredito que era porque estava num momento sensível.

Ao contrário de Cândida, Leila conta que “um tempo antes de me aposentar eu tava já desesperada, não aguentava mais, eu tava saturada. Trinta e dois anos de sala de aula, era demais na minha cabeça”. Ela conta que estava doente, tomando muita medicação e que, parte de sua doença, tinha causa emocional. “Algumas pessoas diziam que era Síndrome de *Burnout*³⁵⁹. Eu penso que era uma séria estafa”.

Dentre alguns aspectos, “a ausência de fatores motivacionais, o acúmulo de trabalho burocrático e o acréscimo de problemas sócio-afetivo-cognitivo dos alunos, entre outros, podem desencadear o estresse neste profissional” (COLLING, 2007, p. 19). Não é possível afirmar ser este o caso da professora Leila, mas como ela mesma cita a Síndrome de *Burnout*, pode-se considerar, no mínimo, um elevado nível de estresse relacionado ao trabalho.

A professora Eoní considera que a chegada da primeira aposentadoria “foi um marco, porque a gente estava num período bastante difícil no estado, eram problemas de greves e muita falta de professores e eu estava bem cansada, psicologicamente, desanimada”. Ela lembra que, dois anos depois fez concurso e voltou a trabalhar, pelo município. “Trabalhei até completar 60 anos, aí pedi aposentadoria por idade. Foi bem tranquilo, mas na segunda vez eu senti muito a falta das escolas”.

Mariângela conta que teve que se organizar porque estava trabalhando em outro setor e precisou voltar para a sala de aula e completar o tempo de trabalho para se aposentar, primeiro, em 20 horas, depois em sua outra nomeação. “Foi um recomeço aquele período pré-aposentadoria. Mas, ao mesmo tempo, parecia tudo igual como antes”. A professora trata do retorno ao espaço da escola, depois de anos trabalhando na Assistência Social, observando este lugar da mesma forma que havia deixado.

A aposentada Marisa recorda que “antes de me aposentar eu tinha que ter meu trabalho cumprido, então encaminhei tudo pra não deixar coisas pela metade no setor de meio ambiente,

³⁵⁹ Segundo Carlotto (2002, p. 23), “a definição mais aceita do burnout é a fundamentada na perspectiva social-psicológica de Maslach e colaboradores, sendo esta constituída de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho”. E, para a autora, este estado, além das causas, traz consequências para os profissionais e para as instituições de ensino.

eu me preocupava com isso”. Ela tinha a visão de que encerraria um ciclo e que, por isso, estava ansiosa. “Primeiro me aposentei numa matrícula e fiquei trabalhando 20 horas semanais. Depois, quando me aposentei pela segunda vez, me senti um tanto frustrada”. Marisa trata da questão da continuidade do trabalho de educação ambiental no município de Portão. “Tenho receio disto não continuar; esta perspectiva de término do projeto me frustrou”.

Diferentes histórias trazidas por estas mulheres sobre este período em suas vidas. Algumas, cansadas, outras preocupadas com os rumos da escola e da educação, com sua saúde e dos familiares, entre outras organizações. Mesmo aquelas que se queixaram de cansaço, demonstraram preocupação e um olhar afetuoso pela escola.

7.2.2 Primeiros passos pós-aposentadoria

Ao tratarmos dos momentos vividos pelas professoras logo após a aposentadoria, uma questão ficou bastante acentuada: a falta do ambiente de trabalho. Já observamos que Eckert (2012) apresentou os olhares dos mineiros para o trabalho na mina, que “era base de toda estética rítmica das relações sociais, pontuando a cadência da dança da vida” (2012, p. 16). “É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória” (HALBWACHS, 2003, p. 90).

Mariângela afirma que os primeiros passos dela como aposentada foram pensando no “cuidado com meus irmãos, um problema ou outro de saúde que posso ajudar. Também me envolvi com o trabalho em casa, gosto de construir, reformar. Fiz um galinheiro, um muro na piscina, organizei melhor o espaço”. Ela se ocupou com atividades distintas, “mas nunca deixei de pensar na escola”. Leila ri muito ao lembrar que, nos primeiros dias, “dormia até meio dia e era muito bom pensar que eu podia, finalmente, fazer isso sem pressa alguma”. Depois, ela empregou seus dias nos afazeres do lar. “Sabe, melhorou muito a minha saúde”.

A aposentada Rosaura diz que não teve tempo de pensar na aposentadoria porque se envolveu com o convite para trabalhar, agora como Secretária de Educação. “Mas meu pensamento como aposentada é sempre em torno do que posso contribuir pela educação em nossa cidade. Minha bagagem serve para clarear algumas coisas, trabalhando com muito diálogo e trabalho em equipe. Esta lição aprendi na escola”.

Adreane recordou que se preparou para a aposentadoria. “Aconteceu um processo muito engraçado comigo. Quando me aposentei, todo mundo achava que eu tinha que continuar trabalhando. Até porque atingi certa visibilidade dentro do Vale do Sinos com meu trabalho”. E continua:

Então, eu trabalhava 40 horas, fui Presidente da Associação dos Secretários de Educação da região, e por conta disso, recebi inúmeros convites para trabalhar. Coloquei na mente que não ia deixar aquele bichinho me morder, sabe? De fazer mais e mais. Na minha cabeça era muito claro. Dizia isso e as pessoas não acreditavam. Mas fui firme e falei pro Jorge – seu esposo –, vamos dar um tempo pra nós agora. E assim eu fiz. Participo de reuniões, como já falei, sobre o livro didático e isso é uma forma de me manter com este olhar. Mas só isso mesmo. Leio muito, pinto meus livros e a gente viaja muito.

A professora Cândida diz que não é uma pessoa de ficar em casa sem fazer nada, mas que não tinha projeto para depois da aposentadoria. Porém,

a saúde do meu pai estava numa situação bem precária, ele tinha Parkinson e estava perdendo os movimentos. Enfim, eu só pensava que eu ia ter mais tempo pra ele e que eu ia poder descansar um pouco, que a vida ia ficar mais leve, nesse sentido. Pra poder fazer as coisas com mais calma. [...] eu acho que foi isso, eu ganhei mais tempo.

Eoní relembra que, com todas as aposentadorias, resolveu cuidar de sua saúde. “Eu tinha muito problema no meu joelho, na minha perna, eu fiz uma romaria por vários traumatologistas. Cada um dizia que era uma coisa, até que eu acertei, e é graças a Deus que eu tô caminhando bem. Esta foi a minha primeira providência”. A professora conta que ela e o esposo tinham vários projetos. Entre eles, viajar. “Viajamos muito. E quando estou em casa gosto de cuidar das plantas, do jardim, da horta. E a gente trabalhando não dá tempo. É muito corrido. Então, deu pra relaxar”.

Marisa lembra de ter sensações boas quando teve sua primeira aposentadoria. “Quando me aposentei das outras 20 horas, a doença da mãe me ocupou bastante. Mas foi muito importante estar disponível pra ela, a gente precisava disso. Mesmo assim, sempre estava de olho no que envolvia meu setor de trabalho”.

Este passo a passo, desde a formação inicial até a aposentadoria destas professoras, traz a ritmicidade de cada uma dentro de um coletivo educacional numa cidade da região metropolitana, que cresce e se transforma. Os compassos se deram, de modos distintos, formando melodias que ora se harmonizavam e, por vezes, destoavam, proporcionando novos arranjos, e é a duração que mantém cada acorde. O lugar da pesquisa “se fez tempo” para se pensar em partituras. De forma representativa, trago as linhas de tempo destas mulheres, com pontos vibrantes que surgiram durante os encontros arte-etnográficos, criando “partituras”. Como uma arranjadora musical, pincei entre fatos narrados, as marcações e tensões, tanto de ordem pessoal quanto profissional. Estas partituras, de forma simplificada, podem ser utilizadas para se pensar na duração de seus acordes, nos “espaços entre” (DELEUZE; GUATTARI, 1992a) e, inclusive, para organizar jogos entre estes pontos e as tecnologias de governo,

presentes na legislação, nas mudanças no Sistema Educacional Brasileiro e nas questões governamentais de cada período.

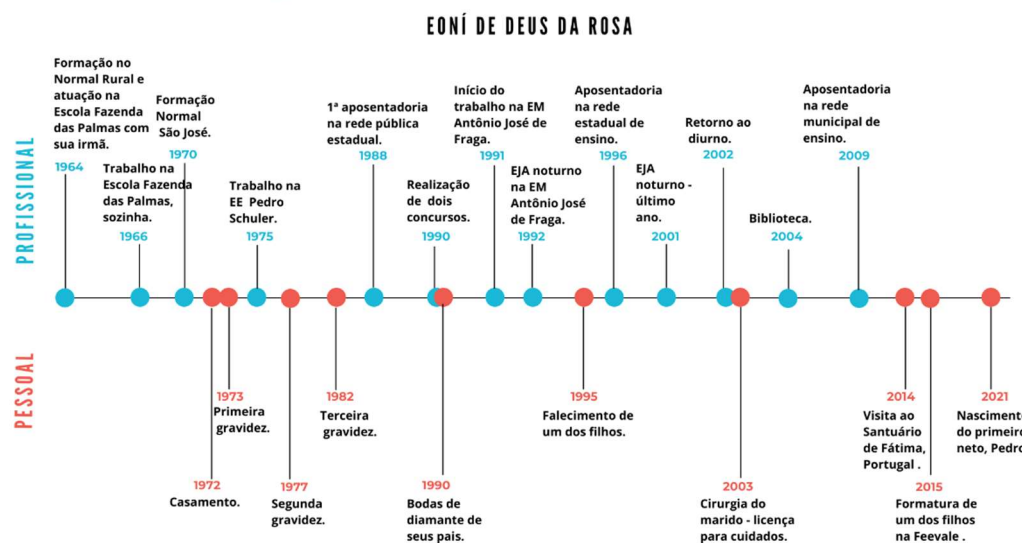


Figura 45: Linha de tempo da parceira de pesquisa Eoní.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

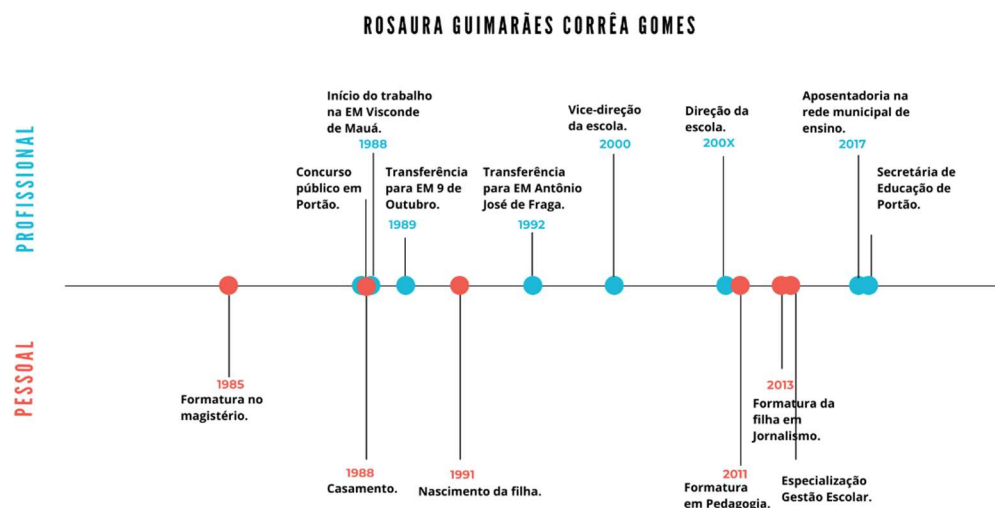


Figura 46: Linha de tempo da parceira de pesquisa Rosaura.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

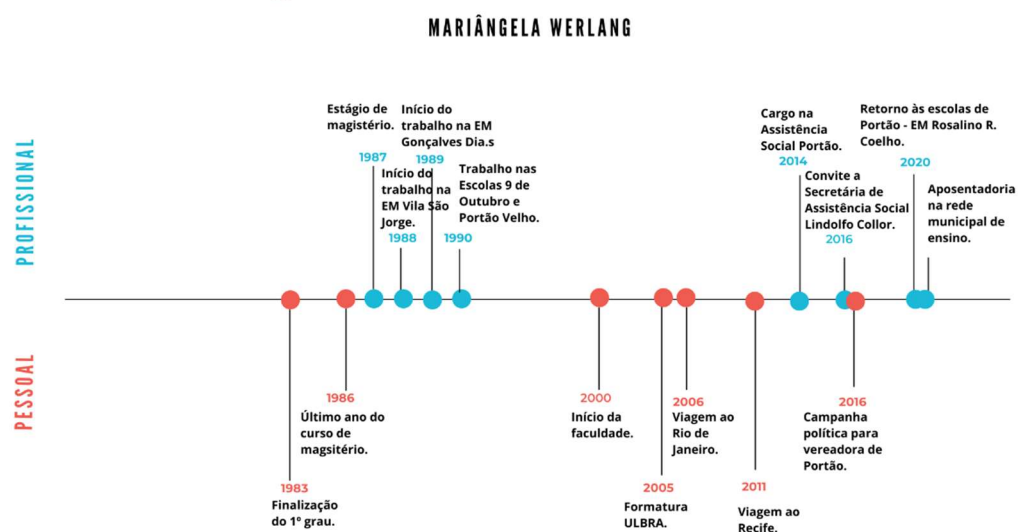


Figura 47: Linha de tempo da parceira de pesquisa Mariângela.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

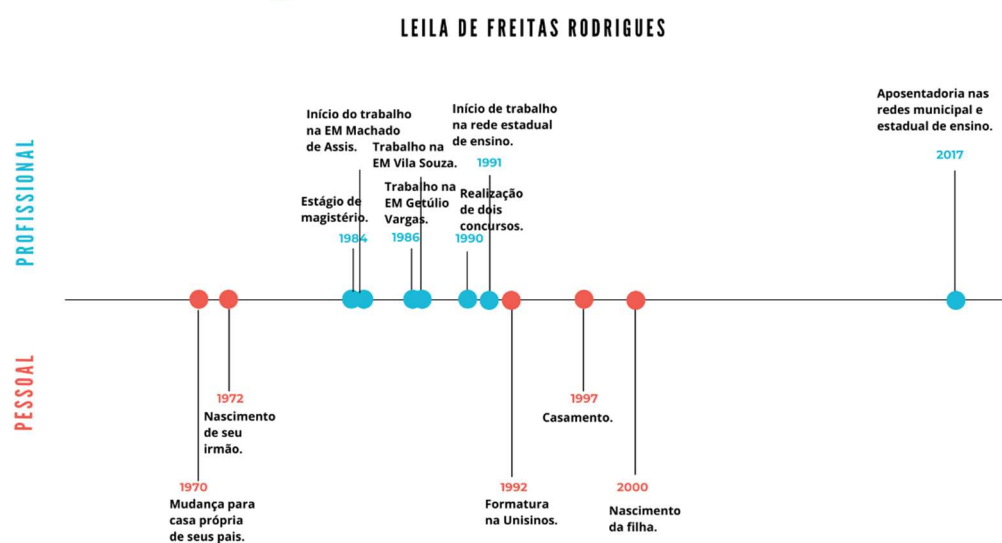


Figura 48: Linha de tempo da parceira de pesquisa Leila.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

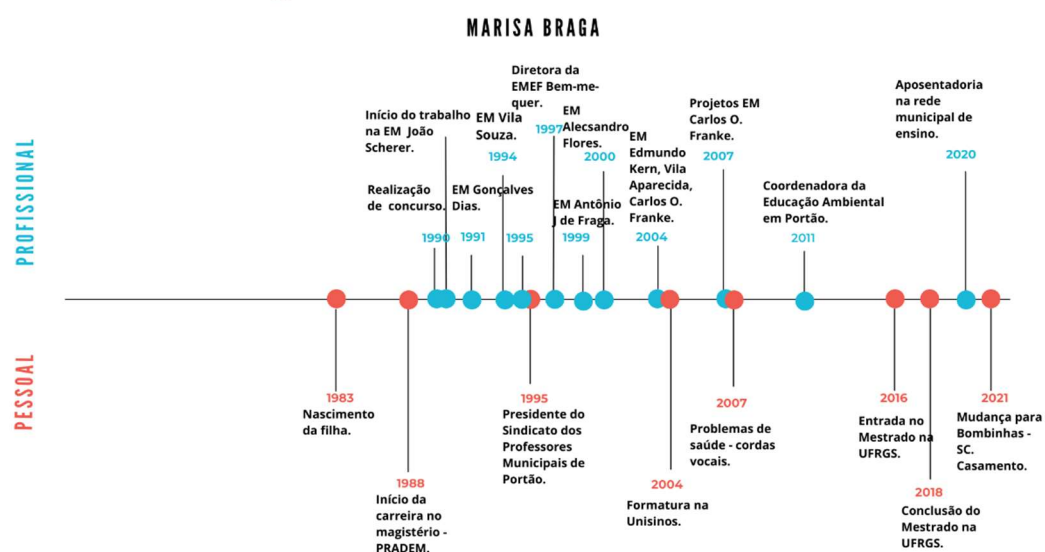


Figura 49: Linha de tempo da parceira de pesquisa Marisa.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

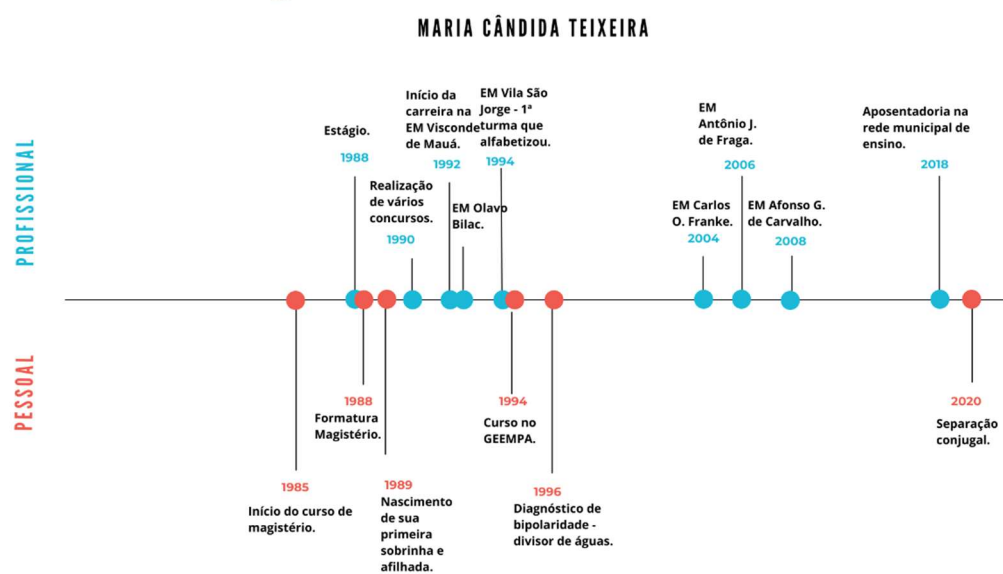


Figura 50: Linha de tempo da parceira de pesquisa Cândida.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

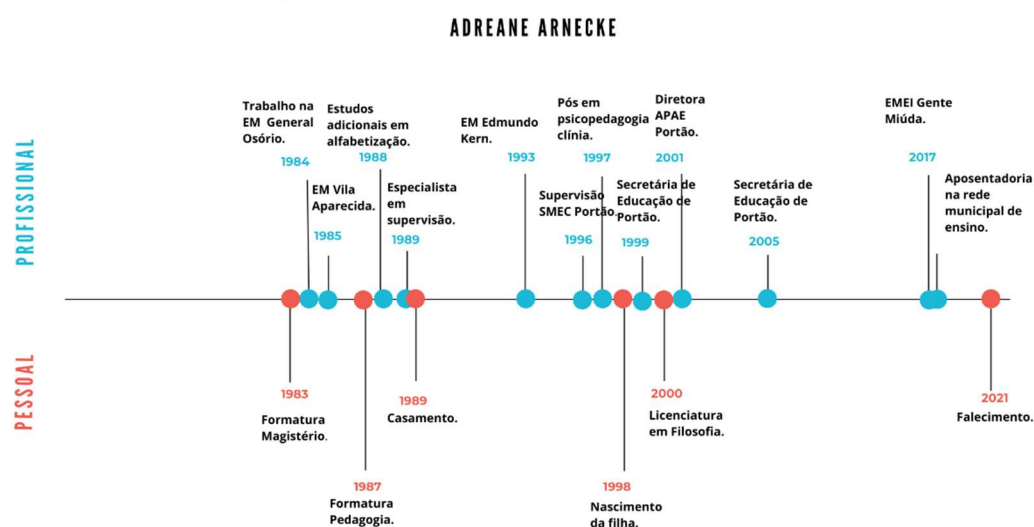


Figura 51: Linha de tempo da parceira de pesquisa Adreane.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

É importante salientar que, para algumas professoras, as formações acadêmicas fazem parte do percurso profissional. Porém, outras aposentadas apontam momentos de estudos em distintos níveis de ensino como uma realização pessoal. Dessa forma, cada partitura tem seu próprio arranjo e os espaços “entre” operam de modo diferenciado, o que estimula a observar as continuidades e descontinuidades em cada uma, lembrando que “os acontecimentos dividem o tempo, mas não o preenchem” (HALBWACHS, 2003, p. 143).

Convido o leitor a imaginar como seria se estas partituras estivessem impressas em folhas transparentes e que pudéssemos sobrepô-las: mesmo em formato de linha de tempo, estas partituras, individualmente, não dão conta de apresentar a memória coletiva deste grupo pois ela possui “limites irregulares e incertos” (HALBWACHS, 2003, p. 104). O que mais importa em cada ponto, afinal, é “o sentido que lhe dão” (idem, *ibidem*, p. 140) e, por isso, a arte-etnografia é o meio e o conteúdo que apresenta este grupo de mulheres. Também registro, na Figura 51, o acontecimento que interrompeu a linha de Adreane, por motivo da Covid19: este ponto receberá atenção ao final deste capítulo.

7.2.3 Como é ser uma professora inativa?

A palavra inativa surgiu nas conversas por motivo de estar presente no comprovante de pagamento mensal do Fundo de Aposentadoria às professoras aposentadas. Com ela podemos dialogar pensando no momento em que cada uma se encontra agora, em suas visões sobre o envelhecimento e as questões que envolvem o cotidiano.

“De certa forma, mesmo trabalhando, tendo minha aposentadoria, sinto certa leveza quando tenho que resolver questões importantes. Acredito que serei sempre professora, independente da aposentadoria e de estar trabalhando ou não”, aponta Rosaura.

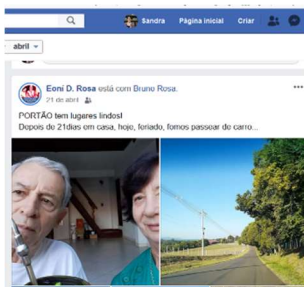
Adreane diz que usa seu tempo como consultora informal do Ministério da Educação, participando de reuniões sobre livro didático. “De vez em quando eu participo de algum fórum de discussão e análise sobre educação porque tenho um vínculo muito grande com a Márcia, que é a atual presidente do Conselho Estadual de Educação”. É uma forma que ela encontrou de estar presente nos assuntos que envolvem a educação.

Eu leio muito, tenho uma lista enorme de filmes, mas também gosto da política do ócio, né? Eu agora tenho um tempo pra família, trabalhei intensamente e meu marido e minha filha não foram privados de muitas situações, e foram muito pacientes porque é desgastante, tem embates, não são só flores, né? [...] então, assim, a gente precisa de tempo, vamos deixar estas coisas pros novos. Eu não conseguia terminar de ler um livro, começava e não terminava. Mas ainda assim, continuo acompanhando muito o que acontece na área.

Cândida diz que não se sente uma professora inativa ainda. “Eu penso em manter meus cuidados com a saúde, me ocupar, me atraquei a fazer artesanato, fiz um casaco pra uma sobrinha neta, essas coisas, né?” E continua:

É que assim, eu tenho duas opções: ou eu fico em casa e enlouqueço ou eu faço alguma coisa pra eu ficar bem, né? Eu sempre tive uma relação muito importante com a caminhada. Quando eu trabalhava e eu tava muito cansada, eu caminhava de tardezinha; a minha mente organizava os meus pensamentos. Também me ocupo com a questão da minha casa, com a alimentação, assisto muitos filmes, leio muito. Olha, as redes sociais eu uso; eu já gostava bastante de usar nos últimos tempos no trabalho, postava atividades que eu fazia com a educação infantil, os pais podiam acompanhar também, mas agora eu enjoiei um pouco, deletei o Face. Hoje eu só uso o Instagram, encontrei pessoas que há muitos anos eu não via. Se eu acho que tem uma certa utilidade daí eu uso; à medida que isso não funciona de um jeito legal, daí desisto.

Leila é taxativa ao afirmar que não se sente chocada ao se ver como professora inativa. Ela atribui isso ao fato de gostar de passear na casa de seus parentes, além de assistir novelas, filmes, seriados e documentários. Também ocupa o tempo no jardim de sua casa e na *internet*. “Nossa, converso com meus primos de longe; conheci o nenezinho de uma prima segunda que nasceu lá em Garopaba, a coisa mais fofa; gosto destas coisas na *internet* e dos grupos de antiguidades”. Já Eoní tinha observado esta palavra no contracheque e percebe que



inativa é sem atividade, mas no caso seria sem atividade escolar. Inclusive quando fui me aposentar no município me perguntaram se eu queria assinar um documento que não queria mais voltar ao magistério, se eu estava aberta a ser convocada se fosse por um determinado período ou não. Disse que não, estava realmente me aposentando e que não queria voltar a dar aula. Tinha meus planos, de cuidar da saúde e, depois, viajar. [...] quando foi declarada a pandemia, no início de março nós ainda fomos pra praia, ficamos em isolamento lá porque o Bruno – seu esposo – tinha um serviço pra fazer na casa e ainda tava tudo aberto por lá, o comércio e os serviços. Confesso que, a gente idoso, dá aquela sensação de pânico, o que nos espera no futuro, o que vai ser agora, né? Ah, mas são só quarenta dias, mas que nada. [...] usamos a *internet* pra nos comunicar com os filhos e amigos. Isso é importante, a gente envelhece, mas tem que aprender a usar a tecnologia a nosso favor. Conversei muito com minhas amigas. Voltamos pra Portão e continuamos isolados, esperando a vacina. Nosso filho Cassiano, que mora aqui do ladinho, ele disse, ‘mãe, pai, vocês fiquem em casa’. A gente mandava pelo celular, a lista de mercado e farmácia, e quando ele saía do trabalho ele deixava aqui na porta. O outro filho que mora em Porto Alegre nós não vemos pessoalmente desde março – estamos em julho. Ele sempre liga e diz: ‘mãe, tu não passa necessidade, aquilo que tu precisar tu me manda pelo *Whats* que eu pego e te entrego aí em Portão’. Então, a gente cuidou muito. Idosos, né? O Bruno tem controle de seis em seis meses, com cardiologista, ele tem conversado com o médico pelo *WhatsApp*, né? Mas a gente tem um espaço bem grande aqui em casa, um pátio grande, mais terreno nos fundos que dá bastante serviço e ocupação. Então, não tem tempo pra ficar abatido. É claro que a gente deixa de bater um papo na casa dos amigos, dos vizinhos, sente falta dos grupos. Eu sinto muita falta do meu grupo da canastra. E, também, da igreja, da missa nos finais de semana, a gente assiste pela tv. E a falta de programar uma viagem, então? Mas a gente está de olho porque viajamos muito. Já fomos em vários países e aqui mesmo no Brasil, em muitos lugares. Isso a aposentadoria nos permite. Enquanto isso, com a pandemia, a gente pega o carro e, sem descer, passeamos por aí.

A professora Eoní e seu esposo passeiam pelo município, registrando imagens e postando nas redes sociais. Ela disse que é uma forma de estar vivendo e compartilhando momentos com os amigos. Percebe-se o modo como cada pessoa se organizou para viver o tempo da pandemia. Para Eoní, o fator do risco para os idosos provocou sensações diversas, mas eles encontraram meios de passar por este período da melhor maneira que puderam. “Quero logo voltar a viajar e encontrar os amigos nos grupos que participo”.

Marisa vê com graça a questão sobre professora inativa. Ela diz:

Eu vi muita professora inativa durante o tempo que estava trabalhando: aquela que planeja a aula de qualquer forma, que coloca a pastinha embaixo do braço, vai lá na escola, enche o quadro, corrige e vai embora. Não faz curso, não troca, não traz novidade, não cria nada. Tive muitas colegas assim no decorrer dos anos, mas, nos últimos anos, não enxergava mais isso. Via isso mais naquelas da minha idade, as que se formaram comigo, algumas delas se acomodaram. Mas, falando da minha pessoa, não me vejo inativa. Estou aposentada, não inativa. Quando vou a algum lugar que tenho que preencher cadastro, eu sempre digo que sou professora, nunca digo que eu sou aposentada. A gente teve a felicidade de ter a aposentadoria ainda jovem, né? Porque, quando se pensa em aposentado imagina-se uma pessoa velha, arrastando os chinelos, né? Eu ainda não me enquadrei aí – *e dá risada*. Claro, temos tempo de vida e, por isso, temos certos cuidados com o corpo. Agora, na pandemia, fiquei apreensiva. Também por ficar enclausurada e não poder isso, não poder fazer aquilo. Aí quando a questão cedeu fiz o movimento de todo mundo tentando me reorganizar, né? E daí eu procurei me reorganizar junto com todo mundo, o que não dava pra fazer presencial eu fazia virtual, mas não deixei de me comunicar com os grupos de meio

ambiente que ainda participo, do Comitesinos³⁶⁰, do SOS Mata Atlântica³⁶¹. Consegui publicar dois artigos e fomos fazendo trocas virtualmente, com pessoas de todo Brasil, o que antes não era possível. É um momento perigoso pra saúde humana e tudo, mas por um lado foi um momento rico para muitas pessoas se desacomodarem e aprenderem o que antes não queriam sobre o mundo virtual. Então, eu acho que pra isso foi muito positivo. Mas, pra mim, que peguei covid e fiquei com a sequela de muito cansaço, tive que ir pra academia me recuperar. E cuidar da rotina e da mãe. O Dedé – *como ela chama o companheiro* – levou a minha mãe pra minha irmã quando eu tava com covid. Agora, ela voltou e estamos aí, nos cuidando muito. Pra este momento foi muito bom poder estar aposentada, mas não inativa – *e dá risada novamente*. Tenho convite para organizar grupos de estudos, reunir os coletivos educadores que as prefeituras abandonaram, num coletivo regional. E o reitor da FACCAT aceitou a parceria para que fôssemos os facilitadores de ações e tal. E, depois, eu tô aguardando abrir o doutorado da minha área, de recursos hídricos, me recolocando no mundo do trabalho dessa forma.

A aposentada Mariângela conta:



Estou aproveitando o tempo com calma, descansando depois de toda a labuta de tantos anos. Eu acho que a palavra inativa surge como uma espécie de troféu, de prêmio com a chegada da aposentadoria. Pedalo, corro, invento reformas, sempre em ação. Mas tem um ponto que não considero bom nesta situação: diminuí muito o nosso contato com as pessoas. Mesmo organizando encontros com o pessoal de escola, não é com a mesma frequência, nem o mesmo sentimento. Algo muda ali. Mas é preciso tocar em frente.

Cada professora cria suas formas de ocupação. A questão do envelhecimento não limita a maioria dessas mulheres. Observam-se alguns pontos sobre problemas de saúde e a forma como a pandemia impactou a rotina de algumas delas, mas é possível perceber que há uma série de planos, uma perspectiva do que virá, embora certo desconforto esteja presente, mesmo que de forma velada. O que estas mulheres foram unânimes em afirmar é o fato de que

podem viver o presente o mais plenamente, e a construção e a sensação de continuidade é possível. Ao mesmo tempo, a plenitude é conquistada pela liberdade de gerar cada um sua vida. Liberdade igualmente eficaz para construir um tempo coletivo solidário: pertencer a um grupo (ECKERT, 2012, p. 118).

Ao grupo de professoras aposentadas. E aqui, nesta pesquisa, tratam da construção subjetiva do “ser” professor enquanto indivíduo participante de uma sociedade complexa, apresentando questões importantes, como a relação do espaço privado com o espaço público do trabalho na instituição escola; os arranjos construídos por mulheres na busca por um lugar de

³⁶⁰ Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Ver mais em: <<http://www.comitesinos.com.br/>>

³⁶¹ A Fundação SOS Mata Atlântica é uma ONG brasileira que atua na promoção de políticas públicas para a conservação da Mata Atlântica por meio do monitoramento do bioma, produção de estudos, projetos demonstrativos, diálogo com setores públicos e privados, aprimoramento da legislação ambiental, comunicação e engajamento da sociedade. Ler mais em: <<https://www.sosma.org.br/sobre/quem-somos/>>

realização profissional e, por consequência, pessoal; e, de algum modo, a parcela de contribuição que cada professora tem no legado da escola pública municipal em Portão.

7.3 “Eu senti cada momento vivido na escola”: a vida como uma obra de arte

Nos encontros realizados, as conversas se deram a partir do roteiro, mas não de modo fechado, afinal a arte-etnografia possibilitou diferentes formas de perceber a identidade narrativa e o percurso docente de cada parceira de pesquisa. Estas rememorações colocam em jogo a potencialidade da arte como um tipo de força capaz de expandir os modos de pensar a docência, a educação e a escola (RANCIÈRE, 2020) (KOHAN, 2013). É relevante frisar que

Ao pressupor que não há como ter acesso a uma suposta verdade do sujeito falante e nem como propor formas de representações literárias – ou artísticas – que, por serem “mais equitativas”, são mais fidedignas, consideramos que o caminho aberto à prática etnográfica através da arte é um meio para dar lugar ativo à alteridade caso ela deseje esse tipo de interação prolongada (ROCHA; CERVO, 2019, p. 229).

Howard Becker (1994) nos incentiva, enquanto pesquisadores, a pensar outras formas de escrita. A “artescrita” é a potência de colocar o pensamento em movimento, reinventando o pensamento sobre si, os outros e o mundo (GÖRGEN, 2012). Aqui, juntamente com imagens de obras de arte contemporânea, pergunto, observo e instigo as parceiras de pesquisa, de modo que elas se sintam confortáveis para escolher formas inventivas de apresentar suas memórias. A partir disso, me utilizo de outras grafias para “discorrer junto e não acima, aproximar-se, arriscar-se, experimentar, não de interpretar” (MEJÍA, 2015, p. 92). Estas grafias estão presentes no Tomo II da tese.

Cada encontro tinha, no início ou na finalização, a observação de alguma obra de arte contemporânea. Na maioria das vezes eram obras de Bruno Novaes, como citado anteriormente, mas, em outras, olhávamos obras de Ai Weiwei, Bruce Munro, Yayoi Kusama, Milena Costa de Souza, entre tantos artistas. Além disso, havia combinações com as mulheres para que pudessem pensar sobre as provocações de cada obra de arte e a forma como estas se relacionavam com suas reminiscências. Assim, “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (HALBWACHS, 2003, p. 55, grifo do autor).

Sem diagnóstico, nem prescrições, cada professora construiu formas, registrou e me encaminhou. Algumas enviaram áudios, outras, vídeos, escritas, traços. Muitas foram as

criações destas mulheres durante nossos encontros, com o pensamento aberto à dúvida, ao desafio, ao novo a partir de seus sentidos, de seus afetos e de suas memórias. É relevante pontuar que, traços da subjetividade de cada uma destas mulheres estão contidos em suas criações. Nestas elaborações, de forma sensível, se apresentam as memórias do mundo do trabalho em escola pública, com elementos das experiências pedagógicas e da estrutura escolar, perpassadas pelas tecnologias de governo.

7.3.1 Dos sentidos

Compreende-se a escola como lugar de encontro, da iniciação à vida pública, onde sujeitos de um mundo particular se reúnem para compor seus próprios encontros com a vida (GÖRGEN, 2012). Desde o início desta pesquisa o leitor foi estimulado a pensar a vida como uma obra de arte, assim como Nietzsche (DIAS, 2011), e aqui suspendem-se outras questões: o que podemos aprender com os artistas? Ou o que a docência pode aprender com a arte? Ou ainda, de que forma a arte contemporânea pode contribuir para fazer submergir sensações, afetações e lembranças de vivências em sala de aula, em professoras aposentadas?

Ora, se a docência pode ser artista (LOPONTE, 2005), com uma ética docente contaminada com uma atitude estética³⁶², por que não pesquisar descortinando uma abertura às possíveis transformações do próprio pensamento (FISCHER, 2021)? Assim, o pensamento “reconduziria à sensação de familiaridade que temos quando um objeto visto ou evocado determina em nosso corpo os mesmos movimentos de reação que tivemos no momento em que anteriormente o percebemos” (HALBWACHS, 2003, p. 55). Afinal, ao ver um quadro verde com barras de giz branco, o que professoras aposentadas podem pensar e movimentar em seus corpos?

Partindo destas questões, num primeiro momento, as professoras foram estimuladas a utilizar os sentidos para pensar nos espaços das escolas: toques, cheiros, visualidades, gostos e sons. Outros modos de perceber o espaço escolar, num exercício de reaprender a ver (IRWIN; DIAS, 2013).

As professoras afirmaram, com palavras distintas, mas de igual significado, que revisitaram uma série de sensações vividas. O processo que experimentaram é mais importante do que o produto que cada uma apresentou. De qualquer forma, foi possível observar as escolhas e o envolvimento de todas estas mulheres nas atividades.

³⁶² Estética como dimensão que amplia nossa sensibilidade moral (HERMANN, 2005).

Rosaura, Adreane e Leila utilizaram-se mais de meios digitais para suas montagens, com fotografias, vídeos e áudios. Cândida, Marisa e Mariângela usaram, de modo geral, recursos naturais, criaram formas a partir de outras existentes na natureza e nos espaços onde circulam em suas casas. Eoní fez colagens e criou uma série de poemas e contos.

Como tratado anteriormente, os processos são mais importantes que os resultados. Aqui, apresento apenas um pequeno recorte das elaborações das professoras aposentadas em torno da relação entre a escola e os sentidos. Outras imagens sobre estes percursos estarão no Tomo II.



Quando me reporto às lembranças dos sabores da escola o primeiro que me ocorre são os diferentes sabores de sopa que permearam minha história desde a infância até a vida profissional nas diferentes escolas por que passei. Meu registro homenageia as mulheres maravilhosas que ao longo deste tempo confeccionaram as diferentes sopas de minha história. Como alfabetizadora lembro que o projeto sopa rendia muitas aprendizagens. [...] a sopa de letrinhas era um capítulo à parte. No interior, como profe/merendeira era o que mais facilmente sabia fazer, pois lá cada um tinha algum ingrediente pra sopa, e a gente adorava a de feijão também (ADREANE, 2021).

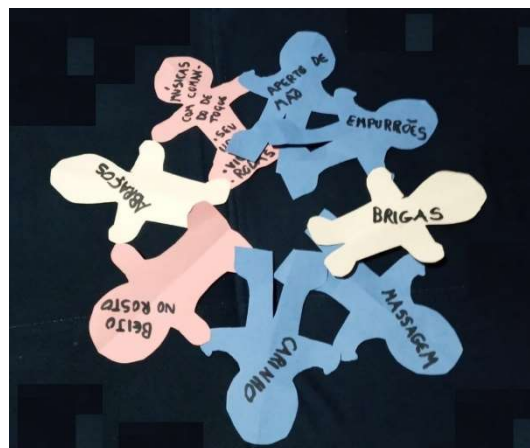
Figura 52: Sabores da escola.

Fonte: Adreane, 2021.

Eu logo pensei no meu primeiro contato com a escola como aluna, junto com meu irmão, cheia de medo de tudo. E, aos poucos, tudo foi parecendo encantador. Muitas brincadeiras eram novidade, especialmente as de roda. Depois, como professora, sempre estimulava as crianças a se tocarem, brincarem juntas, respeitando cada um, com carinho. Mas tato é contato. Então, na escola também acontecem aqueles toques que não são legais, mas que a gente deve conversar pra que as crianças percebam isso. É importante o tato, o contato. Mas sempre com respeito. Sinto falta de abraços, carinho, massagem dos alunos. Era muito bom (CÂNDIDA, 2021).

Figura 53: Tatos e contatos na/da escola.

Fonte: Cândida, 2021.



Pensando na escola e os modos de ver, acredito que agora, depois de aposentada, quando lembro da escola eu penso ainda mais no colorido das crianças. Das diferenças tão bonitas em cada pele, cada cabelo, cada material. A escola é um lugar de muitas cores (LEILA, 2021).

Figura 54: Visualidades na escola.

Fonte: Leila, 2021.

Eu vejo a escola como espaço da luz, das cores, do acolhimento de todas as diferenças. Por isso me coloquei nestas linhas de cores que lembram o arco-íris. Desde que iniciei meu caminho na escola, que eu me recorde, via como um caminho onde a gente buscava sempre coisas boas. E, onde não havia tantas coisas boas assim, eu procurava colocar as crianças neste espírito assim, de procurar coisas bonitas no meio das coisas ruins. Sei lá, isso me acompanha ainda hoje (ROSAURA, 2021).



Figura 55: Visualidades na escola.
Fonte: Rosaura, 2021.



Os sabores que me fazem recordar do período que trabalhei na Cachoeira é o gosto amargo e doce, ao mesmo tempo. Do chimarrão, que tomava o primeiro em casa. Depois, o portacuíca me acompanhava até a escola e seguia sorvendo na escola junto daqueles que iam chegando, num gesto acolhedor. Era o sabor que me dava ânimo para iniciar o dia, sabendo que eu estava no lugar certo, fazendo a coisa certa e os frutos de tudo isso: missão cumprida, união e aconchego com pessoas maravilhosas. A paz que acompanhava o dia e a felicidade sem tamanho (MARIÂNGELA, 2021).

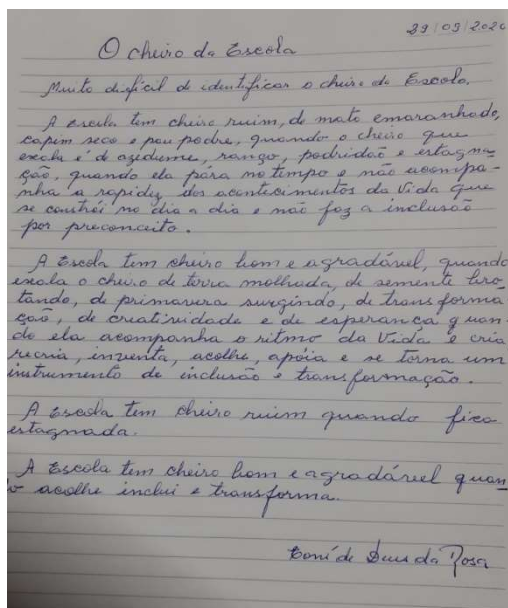
Figura 56: Sabores da escola.
Fonte: Mariângela, 2021.

Sons, coisa boa pensar em sons da escola: são diversos, ora bons de se ouvir, ora difícil até mesmo de lembrar. Eu gostava muito do som das diferentes sinetas, e foram muitas. O som do silêncio, das crianças na sala, das professoras com outras turmas. Os sons das músicas, dos filmes, coisa boa. Ouvir com os alunos, os sons da natureza no entorno da escola e nas trilhas (MARISA, 2021).



Figura 57: Sons da escola.
Fonte: Marisa, 2021.

Não havia necessidade de que as professoras falassem sobre suas produções, mas em alguns momentos elas contavam sobre o que haviam tencionado ao realizar a experiência. É interessante considerar o tempo de fruição, de associação e de escolha de materiais, suportes e meios. E, também, na forma de encantamento com a atividade artística, participando de um processo que “mostra a realidade como passível de ser transformada, dominada e tornada brinquedo” (FISCHER, 1983, p. 252). Este movimento demonstra uma das funções da arte: recriar experiências em que o indivíduo se veja como parte de um todo e perceba sua capacidade de se metamorfosear. Finalizo este subcapítulo com uma das criações de Eoní, tratando sobre o cheiro da escola.



Muito difícil de identificar o cheiro da Escola.

A Escola tem cheiro ruim, de mato emaranhado, capim seco e pau podre, quando o cheiro que exala é de azedume, ranço, podridão e estagnação, quando ela para no tempo e não acompanha a rapidez dos acontecimentos da vida que se constrói no dia a dia e não faz a inclusão por preconceito.

A Escola tem cheiro bom e agradável, quando exala o cheiro de terra molhada, de semente brotando, de primavera surgindo, de transformação, de criatividade e de esperança quando ela acompanha o ritmo da vida e cria, recria, inventa, acolhe, apoia e se torna um instrumento de inclusão e transformação.

A escola tem cheiro ruim quando fica estagnada.

A escola tem cheiro bom e agradável quando acolhe, inclui e transforma (EONÍ, 2020).

Figura 58: Cheiro da escola.

Fonte: Eoní, 2020.

As professoras aposentadas foram capturadas por memórias das mais diversas: o cheiro da merenda cozinhando, os gritos das crianças pulando corda no pátio, o frescor da água tirada no poço cavado que havia na frente do prédio, as cores dos lápis de cor e dos livros na prateleira no fundo da sala, a fricção do primeiro giz branco que seguraram na mão ao tocar o quadro que havia na sala onde observavam seus primeiros alunos.

Como lemos em Simmel (2006) e Velho (1986): interação, conflito, aprendizado e criação de modos de viver. Dessa mesma forma, a carreira em educação destas mulheres se montou, remontou, criou, recriou, inventou e se reinventou. Agora, a realização de experimentos envolvendo a escola e os sentidos possibilitou vislumbrar novos arranjos, afinal

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, tratam-se, nesse novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender: e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 2004, p. 9).

O fazer escola reinventando sentidos ora se altera: os sentidos refazem o caminho inverso para mostrar o modo como a escola reverbera no corpo de professoras aposentadas. Para além dos barulhos da escola com as interferências urbanas e dos barulhos da escola na composição sonora da cidade, são os barulhos da escola pulsando no corpo que se fez docente. Sons, cheiros, cores, sabores, vida: é a escola que ainda habita este “ser” professor.

7.3.2 Das afetações

Com a participação das parceiras nesta pesquisa, neste espaço de co-criação (COLLING, 2021), “estamos em tal harmonia com os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros (HALBWACHS, 2003, p. 64). As cenas escolares pulsam com o movimento dos pensamentos em torno das carreiras destas profissionais em educação.

O fato da aceitação ao desafio, ao permitirem-se realizar experiências artísticas, possibilitou a organização de um novo encontro, agora presencial, em que entreguei a cada professora um pequeno caderno com páginas em branco. Com ele, a proposta de que cada mulher realizasse intervenções em suas páginas, colocando as afetações que sentiram durante a pesquisa.



Figura 59: Entregas dos cadernos em branco.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Neste caderno, como num livro de artista, as aposentadas fizeram uma espécie de bricolage³⁶³, com grafias diversas, apresentando marcas e momentos vividos em educação. Estas escritas colaborativas demonstram a importância da relação entre pesquisadora e parceiras de pesquisa. A leitura das grafias, escrita, releitura e reescrita está contaminada por estas afetações, pois

Nesse jogo, há a permissão ou não à emergência de representações ou a elementos que, não chegando a serem propriamente representações, funcionam como marcas, impressões, afetações que agem inclusive fora do contexto representacional, mas que, nem por isso, estão alheias à memória (MAURANO, 2016, p. 208).

³⁶³ Nas artes, bricolage (francês para “DIY” ou “faça-você-mesmo projetos”) é a construção ou criação de um trabalho de uma gama diversificada de coisas que estão disponíveis, ou um trabalho criado por meios mistos. Ler mais em: <<https://www.hisour.com/pt/bricolage-45353/>>

Em outros domínios das palavras e das imagens foi possível problematizar a experiência de si mesmo. A intenção é provocar o leitor, sendo professor ou não; afinal, cada um de nós, em algum momento da vida, foi aluno. Tendo mestres, inventor ou ignorante, tradicional ou contemporâneo nas formas de ver o mundo, somos capazes de ler este universo com as ferramentas de que dispomos: estas professoras aposentadas se abriram ao jogo da pesquisa e oportunizaram esta escrita, aberta agora a tantas leituras.



Figura 60: “Bricolages” de professoras aposentadas.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

7.3.3 Das memórias

As diferentes formas de escrita, envolvendo pesquisadora e parceiras de pesquisa, demonstram, assim como na fruição da arte, o quanto temos do outro em nós. A imagem como lugar do aprender, tanto no espaço formal quanto não-formal em educação, é texto. Ela é mediação e apresenta componentes culturais.

Associo as imagens narradas e as narrativas imagéticas que as professoras aposentadas nos disponibilizaram a formas de expressão e comunicação, com potencial catártico pois permitem observar além de um repertório de eventos ou objetos visíveis, porque pressupõem uma compreensão de seus processos, os modos como operam e suas implicações. O constructo social, produzido, anunciado e aceito, está presente nestas visualidades.

Andar, ver, ouvir, riscar, traçar, recortar, pintar e escrever é sentir o sujeito ético, aquele mesmo que aparece nos projetos políticos-pedagógicos das escolas, que se constituiu numa pluralidade de experiências, numa abertura ao mundo e ao outro. Diferentes experiências estéticas possibilitam olhares para a diferença, para a tolerância, para a ética. A arte conduziu nossos encontros e estes foram permeados por lembranças que

permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Através das memórias destas professoras aposentadas “é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis” e, com isso, cada percurso em educação pode ser pintado, recortado, desenhado “sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem” (BOSI, 1994, p. 60). As tensões diferem, mas não deixam de estar ali. Leitores que vivem hoje a escola podem se encontrar nestas grafias, pois

Não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam assim na memória. Às vezes lamentamos não haver aproveitado essa ocasião singular que tivemos de entrar em contato com períodos que hoje conheceremos somente de fora, pela história, por meio de quadros e da literatura. Em todo caso, muitas vezes é na medida em que a presença de um parente idoso está de alguma forma impressa em tudo o que este nos revelou sobre um período e uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória - não como uma aparência física um tanto apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e o condensa (HALBWACHS, 2003, p. 85).

A pesquisa que trata de memórias do mundo do trabalho de professoras, hoje aposentadas, da escola pública, traz estas mulheres como centro de uma tela, que não tem a intenção de mostrar a marca da primeira e da última pincelada, apenas as diferentes formas como se construíram, sem bula, nem receita. Cada uma, a seu tempo, com suas pausas e seus avanços, com suas perdas e suas conquistas. Antes de concluir, cada uma se doou por meio de seus processos artísticos e de suas narrativas, tendo exposto o que foi participar deste percurso investigativo.



Participar desta pesquisa foi mexer em lembranças que estão vivas em mim, porque, afinal, eu sempre gostei da escola. Eu acredito, eu tenho fé na escola, enquanto pessoa que estudou, e enquanto pessoa que educou também. Eu me envolvi nas memórias, nas lembranças, pensando por que eu fiz tal caminho, por que eu não fiz aquele outro caminho. Mas eu fui muito feliz enquanto profissional, eu fiz uma excelente escolha. Foi um presente, foi ótimo relembrar, reviver, pensar sobre a escola, numa outra posição, agora aposentada (CÂNDIDA, 2021).

Figura 61: Memórias.

Fonte: Cândida, 2021.



Nossa, foi muito importante esse momento, foi o momento certo de fazer uma reflexão da minha trajetória e eu me sinto muito grata por isso. Eu senti cada momento vivido na escola. Tive a oportunidade de olhar pra trás e enxergar tudo de novo, sabe? Rever as coisas que eu acredito, manter a minha chama acesa, perceber novamente meu lado artista. Foi muito bom, sou infinitamente grata por essa participação. As memórias me fizeram pensar quem eu fui, quem eu sou, o que posso continuar fazendo, vivendo. Resgatei coisas e me fortaleci, me encorajei. Sem medo de riscar uma nova história daqui pra frente, com novos desafios (MARISA, 2021).

Figura 62: Memórias.

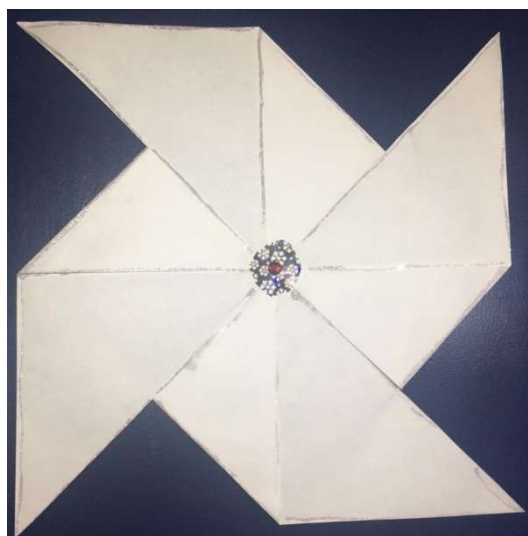
Fonte: Marisa, 2021.

Eu me reportei, me lembrei de quando eu iniciei minha carreira. A vontade de ser professora fez com que meu sonho se tornasse realidade. Os meus melhores aprendizados e conquistas passaram a ter um novo sentido. Pra mim, ser professora foi vivenciar um circuito de interações, de limites e de possibilidades com o outro, pois esse outro não é como eu, ele é diferente de mim. Eu sempre pensei que o professor é uma referência, onde se cruzaram muitas histórias de vida, distintas, mas tão próximas. A escola é um espaço de múltiplas expressões e é assim que eu me vejo nessa trajetória. Eu sempre procurei dialogar, pois dessa maneira percebia melhor os estudantes, e eles tinham mais chance de entender que a educação é importante pro futuro, que é através dela que podemos mudar esse mundo, essa história, ser alguém melhor. Tanto os alunos como os educadores com quem eu trabalhei, fazem parte da história da minha carreira, pois trocamos aprendizados, sem esquecer o respeito e a ética (ROSAURA, 2021).



Figura 63: Memórias.

Fonte: Rosaura, 2021.



Achei muito importante participar dessa pesquisa, pois pude relembrar tempos antigos, coisas que fiz, que deram certo, outras que não deram, relembrar os alunos, os lugares onde trabalhei, as pessoas com os quais convivi, os materiais, os objetivos do nosso trabalho como profissionais de educação. Foi muito importante pra mim. Agradeço por ter me convidado a participar. Tenho boas recordações que ficaram guardadas na memória. Tem dias que sinto falta do meu trabalho (LEILA, 2021).

Figura 64: Memórias.

Fonte: Leila, 2021.

Ter participado dessa pesquisa foi uma ótima oportunidade de conversar sobre educação. Me senti muito honrada por ter sido lembrada. O aspecto mais marcante é que nesse período em que realizamos os encontros tive que voltar no tempo e relembrar momentos maravilhosos da minha trajetória profissional. Me trouxe ótimas lembranças, que emocionaram e despertaram muita saudade. Outro fato marcante foi ter a percepção de que, com certeza, o meu trabalho fez diferença na vida dos meus alunos e de suas famílias. Razão pela qual sinto, agora, uma enorme satisfação e certeza de dever cumprido. Faria tudo de novo (MARIÂNGELA, 2021).

Figura 65: Memórias.
Fonte: Mariângela, 2021.



Foi ótimo resgatar vivências e aprendizados em educação, em diferentes tempos e lugares. Consegui perceber os caminhos e como se deram e sentir o quanto foi bom. Este registro pode servir pras gerações futuras conhecerem um pouco do que a gente viveu e o quanto a gente sente orgulho do que fez e conquistou. Esses registros ficam, sobre um período, sobre as coisas que foram feitas, pras pessoas pensarem e repensarem as suas trajetórias dentro da educação. Eu acho que a gente deixa, enquanto professor, um legado na escola pública; de tudo que nela pode ser feito e da riqueza de nossa escola pública municipal (ADREANE, 2021).

Figura 66: Memórias.
Fonte: Adreane, 2021.

Participar da tua pesquisa me renovou e me fez sentir profe de novo. Porque, com o passar dos anos, a gente vai até esquecendo como é o dia a dia de uma sala de aula, quer ela seja em uma sala multisseriada da zona rural ou de turma única de um grupo escolar. Foi muito bom rememorar fatos que já estavam se escondendo no cantinho do esquecimento. Nesse ano, com os riscos da pandemia, as tardes de quarta-feira foram esperadas com grande expectativa. Em tempos de isolamento social, foi bom conversar e compartilhar ideias. Fazer parte deste trabalho me gratifica (EONÍ, 2020).

Figura 67: Memórias.
Fonte: Eoní, 2020.



Nossos encontros tinham sido finalizados, quando fomos surpreendidas com o falecimento da professora Adreane Arnecke, por motivo da Covid19. A proposta do caderno em branco ela não finalizou, mas seu caderno foi elaborado por inúmeras grafias dum coletivo de professoras aposentadas de Portão, citadas por ela durante os nossos encontros. Esta foi uma forma de trazer e marcar Adreane em nossos pensamentos,

Além do mais, a morte, que põe termo à vida fisiológica, não detém bruscamente a corrente dos pensamentos tais como se desenvolvem no círculo daquele cujo corpo desaparece. Por mais algum tempo ainda nós o representamos como se ele estivesse vivo, permanece misturado à vida cotidiana, imaginamos o que diria e faria em tais ou quais circunstâncias e no dia seguinte à morte que a atenção dos seus se fixa com mais força sobre sua pessoa. Nesse momento sua imagem está menos definida,

transforma-se incessantemente, segundo as diversas partes evocadas de sua vida. Na realidade, a imagem de um desaparecido jamais se imobiliza. À medida que recua no passado, ela muda, porque certos traços se apagam e outros se destacam, conforme o ponto da perspectiva de onde a examinamos, ou seja, segundo as novas condições em que nos encontramos quando nos voltamos para ela (HALBWACHS, 2003, p. 94).

Enfim, as experimentações contribuíram para que os encontros fossem abertos ao diálogo, à parceria e à construção desta pesquisa, numa rede de compartilhamento. As distintas grafias permitem “afirmar que essas mulheres se narraram, se colocaram dentro de uma ordem subjetiva” (COLLING, 2019, p. 170).

Alguns dos resultados dos processos artísticos vivenciados por estas professoras aposentadas, nos encontros arte-etnográficos, estão presentes nas aberturas dos capítulos do Tomo I, neste capítulo específico e, especialmente, no Tomo II desta tese. Estes processos, reunidos em forma de livro de artista etnógrafo, com as “artescritas” da pesquisadora, são parte da tentativa de reunir o pó de giz que resta nas mãos destas mulheres.

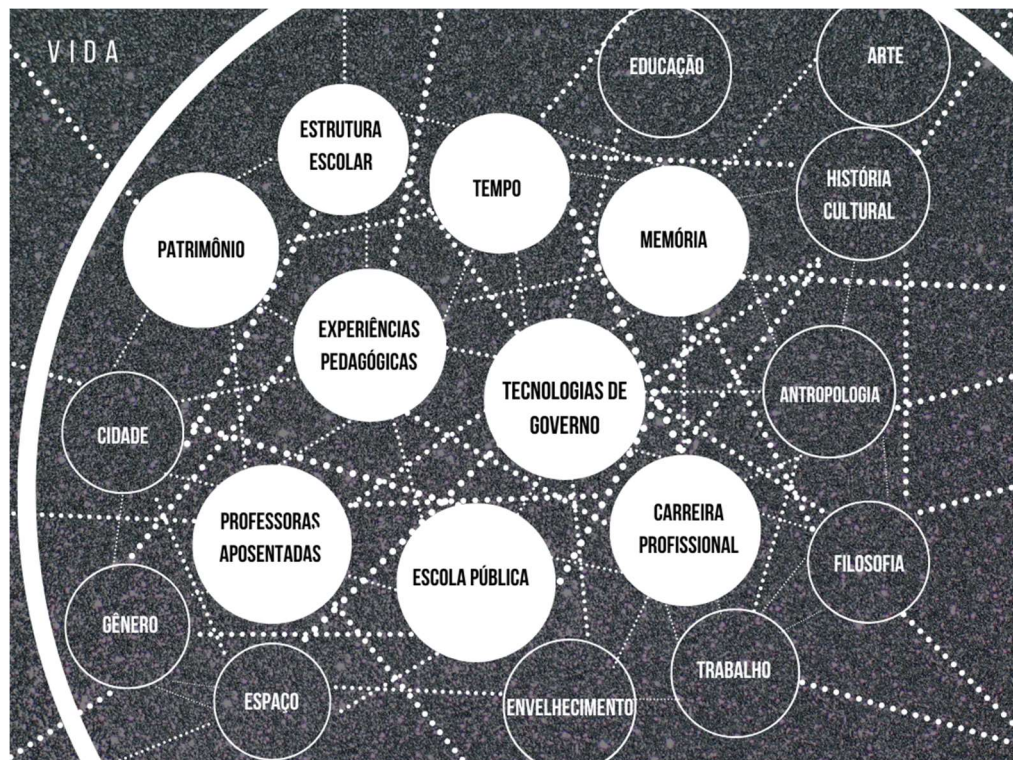


Sandra Maria Costa dos Passos Colling, 2022.

[...] esse entrelaçamento de percursos, muito ao invés de constituir um fechamento, prepara, assim espero, nossos caminhos para se perderem na multidão (CERTEAU, 1994, p. 22).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: o pó de giz que resta nas mãos das professoras aposentadas da escola pública municipal em Portão/RS

Assim como a vida, a carreira profissional produz muitos movimentos. Em todos os espaços encontram-se corpos dos mais distintos e imagens, que se misturam e se confundem, de modo que não há uma posição fixa, superior ou inferior no mapa conceitual de uma investigação que visualiza possibilidades de observação e reflexão sobre a carreira em educação. A constelação inicial do mapa conceitual da tese, aqui lembrado (Figura 2), acompanhou a jornada sendo guia e demonstrou que, de acordo com as imagens e as memórias narradas, por vezes, alguns conceitos se aproximavam e tinham uma maior evidência e, em outros momentos, eram outros arranjos que iluminavam o caminho.



Pensando na constelação de conceitos abordados nesta pesquisa, a forma interdisciplinar que busquei para reunir professoras aposentadas, escola pública e memória, contribuiu para observar o modo como se deu o impacto da estrutura escolar, das experiências pedagógicas e das tecnologias de governo na carreira profissional destas mulheres, compreendendo a relevância destes percursos, considerando-os como parte do patrimônio cultural escolar de Portão/RS.

Nesta construção interdisciplinar reafirmo a importância da arte, da história cultural, da educação, da filosofia e da antropologia, para que estes deslocamentos tivessem um olhar carregado de conteúdo, mas, principalmente, mais humanizado, integral e inclusivo. E, em se tratando de inclusão, temas presentes nesta constelação como espaço, tempo, cidade, trabalho, gênero e envelhecimento foram pensados por mim, como pesquisadora, e por cada uma das parceiras de pesquisa. Estas temáticas estão na tese como estrelas numa noite de lua crescente: nítidas em alguns momentos ou abaixo de camadas em outros; mas sempre ali.

Após longo período de muitas leituras, encontros virtuais devido à pandemia de Covid19, de registros fotográficos, anotações, transcrições, reflexões, aproximações e distanciamentos, pôde-se chegar a observações e conclusões a respeito das questões norteadoras desta tese. As professoras aposentadas da rede pública de ensino em Portão/RS apresentaram suas memórias do mundo do trabalho em educação, onde se evidenciam as implicações das experiências pedagógicas e da estrutura escolar em seus percursos e a relevância das tecnologias de governo nestas dimensões. Exemplo disso é a profissionalização das equipes pedagógicas e diretivas, a organização de sindicatos da categoria do magistério e a criação dos planos de carreira, o que alterou os modos de se pensar a docência, além da oferta de eventos e cursos para formação continuada.

A rede social desta pesquisa foi formada com naturalidade, sendo que cada conversa com uma professora abriu espaço para a próxima. Com distanciamento social, utilizando-me dos recursos tecnológicos, foi possível “caminhar” pela cidade, encontrar e reencontrar as escolas e as professoras, desfolhar as camadas de tempo por meio de seus relatos, voltar para o roteiro e leituras dos teóricos, analisar, rascunhar, desenhar, escrever, ler, reler e reescrever cada percurso. Segundo as professoras, cada encontro virtual foi muito importante para, diante do isolamento social, lembrarem suas biografias profissionais, revisitando momentos de suas trajetórias em educação.

Destaco a importância do roteiro para a efetivação dos encontros, visto que a necessidade do falar neste período pandêmico era evidente e compreensível. Embora o roteiro tenha sido elaborado de forma a atender aos questionamentos da tese, tendo uma vasta abrangência, as conversas sobre cada ponto se aprofundaram de diferentes formas com cada uma das professoras. Assim, os materiais produzidos em campo configuraram centenas de páginas de material transcrito, além de vídeos, fotografias e imagens produzidas por elas, que poderão ser utilizados em trabalhos futuros.

De forma diferenciada, cada professora evidenciou movimentos diversos em suas carreiras, ora em função de certo funcionamento da estrutura escolar, ora por motivo de

determinada legislação e, ainda, outras vezes, por causa de encaixes e desencaixes nas práticas pedagógicas. Convém ressaltar que cada mulher apreendeu estes movimentos de acordo com sua forma peculiar de observar o campo de trabalho e a própria vida. Ainda assim, muitos foram os deslocamentos que encontraram ressonância coletiva.

Em momentos diversos, estas mulheres citaram autoridades do município, professoras e gestores, além de setores da gestão pública, leis e projetos relacionados à educação e à cultura. Notou-se fortemente a presença do poder público no cotidiano das pessoas e o modo como são trazidas as percepções de mundo que denotam alterações na vida privada, diante do que é vivido no público. O movimento contrário também se observou.

Algumas políticas públicas estão presentes nos programas de governo que as professoras citaram durante os encontros, reafirmando a importância de cada uma delas. Estas políticas fazem parte das tecnologias de governo, neste caso específico, em educação, através de um olhar para os estudantes em forma de cuidados como, por exemplo, merenda escolar, materiais e verba especial para alunos que pertencem a famílias de baixa renda, como incentivo para se manterem na escola, com direito ao aprendizado e socialização, ao invés de se tornarem mão-de-obra infantil. Podem ser realizadas pesquisas arte-etnográficas sobre a relação das tecnologias de governo presentes no ensino público e as políticas públicas que são desenvolvidas para a melhoria do rendimento escolar, por exemplo, principalmente depois do momento vivido em função da pandemia e o modo como isso impacta na docência.

Esta pesquisa se concentrou especialmente nas trajetórias profissionais, mas também apresenta informações das famílias de origem de cada uma delas e momentos importantes da vida pessoal. Estes percursos estão relacionados às conquistas e lutas das mulheres ao longo do tempo e, aqui especificamente, sobre o direito ao trabalho em educação, lembrando sempre da potência das redes de apoio que a maioria delas tiveram para que pudessem estudar e trabalhar. Os locais apresentados giraram em torno do município de Portão e das cidades por onde estas famílias circularam, principalmente onde as professoras cursaram o magistério e formações continuadas, ou seja, entre os Vales do Caí e do Sinos, no Rio Grande do Sul.

Outras questões observadas em comum entre essas mulheres: em algum momento, elas passaram por algum tipo de situação que exigiu enfrentamento na questão de gênero, e a maioria delas precisou ter, além de resistência, resiliência para conduzir seu próprio caminho, com persistência e determinação. Sobre o envelhecimento e tudo que ele envolve, estas professoras encontraram alternativas para se sentirem ativas e acreditam ter muito a contribuir com a sociedade e com a educação. O corpo envelhece, e, com suas marcas, traz as experiências de

vida que são tesouros a se vasculhar: sempre há riquezas arqueológicas do indivíduo para a coletividade.

Em se tratando de poder, em outro âmbito do público, mas que apresenta normas e modifica relações e a forma de vida de cada uma, está a forte relação que algumas professoras possuem com a religiosidade, independentemente de credo. Em certas passagens algumas mulheres abordaram a influência que a religião tem em suas práticas cotidianas. Não por acaso, estas relações de poder permeiam o universo das investigadas, pois estamos inseridos em uma sociedade complexa, dinâmica e que possui grupos sociais organizados em que elas participam ativamente, dentro e fora das redes sociais de *internet*, inclusive.

As professoras aposentadas revelaram histórias de vida, suas escolhas iniciais em relação aos estudos, os desafios das primeiras turmas, escolas, contratos e concursos. Trouxeram questões sobre os relacionamentos no ambiente de trabalho, as formas como seus percursos se cruzaram com tantas pessoas, no que se compreende o modo como elas, sendo agentes sociais, são também agentes políticos.

Elas trataram sobre processos de aprendizagem, estruturas, projetos, eventos e programas. Da forma como reviveram estas temáticas, foi possível visualizar uma estreita relação entre uma pedagogia avançada, inclusiva e transformadora com o comprometimento profissional em educação. Porém, em se tratando de burocracia, percebeu-se uma certa ausência da avaliação das políticas de estado, pois alguns pontos frágeis sobre o assunto foram narrados, mas uma crítica mais incisiva não ocorreu, apenas apontamentos pontuais.

Através das narrativas, percebeu-se o magistério como dispositivo que constitui uma subjetividade empoderada e que esta organiza os espaços, tanto público quanto privado. A construção do sujeito ecológico também é ponto marcante nas trajetórias profissionais destas mulheres, atentando para a preocupação do uso dos recursos naturais e para as questões de subsistência. Assim, professoras como protagonistas da educação conceberam engendramentos entre a cidade e a escola, contribuíram para o legado da escola pública e constituem o patrimônio cultural escolar deste lugar onde realizaram o trabalho de “ser” docente.

Foi encantador perceber a forma como cada uma das professoras acolheu os encontros, com uma receptividade única, abrindo espaço para contar fatos “guardados” de momentos vividos no ambiente de trabalho. Tudo isso com extrema sensibilidade ao se referirem a questões caras para aqueles que vivem a educação e a ética ao analisar algum ou outro ponto que marcou a carreira. Esta acolhida denota a importância que elas dão a estas memórias e ao fato de que estes percursos sejam registrados. Nas análises que fizeram sobre a participação na pesquisa ficou evidente o desejo de que suas histórias sejam contadas e eternizadas de

alguma forma. E isso tem uma relação íntima com o patrimônio cultural escolar: que seja preservado cada percurso em educação e que possa estar ao alcance de outras pessoas para que conheçam estes itinerários e que eles possam ser recontados, podendo influenciar o caminho de outras mulheres, pois trazem a memória individual, mas também a memória coletiva de um tempo e lugar.

Estas trajetórias em educação se montam, desmontam e remontam os encontros entre conceitos, áreas de estudos, percursos acadêmicos e profissionais, os distintos grupos que compõem a escola, as esferas de poder e a sociabilidade. Junto a estas subjetividades, não se pode deixar de lembrar da intersubjetividade, pois eu, enquanto pesquisadora, realizo a investigação em um campo empírico de total proximidade com o percurso profissional destas mulheres. Falar de intersubjetividade é tratar de si. É buscar equilíbrio nas distâncias e aproximações.

Talvez por isso a escolha pela narrativa em forma de roda de conversa. Afinal, rodas de conversa nos colocam em jogo: é experiência, é perceber conexão e distopia ao mesmo tempo, é viajar num veículo potente, mas precisando enxergar o mínimo, o detalhe, o desconhecido. É instalação e instauração, é estética pulsante, que quebra o espelho, onde o tempo dura conforme o olhar. Pesquisar com pessoas é isso e muito mais, é propor estando presente, mas estranhar o próprio percurso, é ler as respostas que não estão nos cadernos, é contar com uma escrita que nos escreve e inscreve. Pesquisar e escrever é produzir uma leitura capaz de abrir outras escritas e leituras. Nunca fechar.

Os marcadores, os pontos de vista, as trajetórias, as narrativas, a expressão, momentos de fala conjunta, de silenciamento: tudo isso constituiu a riqueza do trabalho. A relevância dos encontros arte-etnográficos e dos processos desencadeados por eles, proporcionou experiências que se traduzem em meu aprendizado como pesquisadora: de aprender a ouvir e acolher, de procurar ser cada vez mais atenta, de enfrentar o novo para entrar em campo de forma virtual, de explorar o interdisciplinar e buscar alternativas para que as parceiras de pesquisa se sentissem parte da tese.

Faz-se necessário registrar a importância de o pesquisador ser cuidadoso em suas observações e análises, lembrando das representações do ser social e suas interações, neste recorte micro, levando-se em conta os movimentos que vão do privado ao público e vice-versa, pensando que este micro está inserido no macro. As informações sobre o mundo do trabalho das profissionais da área da educação foram acolhidas a fim de valorizar as experiências e os saberes, ampliando os modos de se perceber este universo. Lembrando que o tempo da memória atravessa o tempo histórico, é preciso estar atento às narrativas em educação, pois elas

apresentam a construção e o fechamento de escolas, a legislação em âmbito federal, estadual e municipal, lideranças políticas, programas de governo e as transformações das escolas e da cidade.

É extremamente relevante registrar as memórias das pessoas e observar suas práticas cotidianas, inseridas em seus contextos, suas manifestações culturais, os aspectos ambientais, perceber os paradoxos existentes nos espaços vividos, descrever os cenários por meio de recursos variados. Estas são algumas das possibilidades que foram sendo construídas ao longo do tempo pelos pesquisadores, das quais me utilizei nesta investigação.

Levando em conta o trabalho escrito, de rever o projeto, ler os textos apresentados e reunir alguns materiais coletados em campo, registrei em uma crônica sonora³⁶⁴, sons que foram obtidos em escolas e trechos de relatos das professoras aposentadas da rede pública municipal de Portão. As camadas de sons, ora justapostas, ora sobrepostas, têm a intenção de mostrar as camadas de tempo que se cruzam através das memórias do mundo do trabalho destas mulheres. Estas são manifestações dos processos culturais que ocorrem nos espaços escolares. A contribuição desta manifestação artística se dá em função de atentar para outros modos de ver, ouvir e dizer sobre a escola.

Além disso, foi possível observar, através do contato direto ou pelas redes sociais na *internet*, que as professoras aposentadas se demonstraram inquietas diante das questões que envolviam e envolvem a pandemia, como o isolamento social e a perda de pessoas próximas. Inclusive, o que foi impactante para todas nós, foi o falecimento de uma das parceiras desta pesquisa, Adreane Arnecke, em consequência da Covid19. Seu percurso será lembrado por meio de suas narrativas nesta tese; afinal, doou seu tempo e afeto ao revisitar um caminho brilhante na educação do município de Portão. Escritas futuras sobre sua carreira profissional serão um desafio à pesquisadora.

O Tomo II desta tese, em formato de livro arte-etnográfico, contém fotografias e imagens de experiências artísticas vividas pelas professoras, reunidas por grafias minhas, em aquarela e outros materiais. Este produto dos encontros de co-criação e afetos traz delicadezas traçadas durante esta pesquisa, podendo servir de dispositivo para jogos e trânsitos das memórias: as fotografias não estão coladas por este motivo. É possível dobrar, abrir, fechar, montar, criar e recriar a organização das imagens no espaço. Assim como na formação de uma roda de conversa: não há começo, nem fim. Há a intenção de disponibilizar este material por meio da elaboração de um site, futuramente, juntamente com crônicas sonoras, instalações,

³⁶⁴ Ouvir a crônica sonora em: <<https://youtu.be/CBKJALC4tcU>>

assemblagens e fotografias. Além disso, serão realizadas exposições e palestras sobre e com as “artescritas” co-criadas.

O retorno entregue às parceiras de pesquisa incluiu um mini caderno contendo imagens fotográficas realizadas ao longo da pesquisa. Cada uma delas recebeu este objeto como forma de reciprocidade ao tempo e atenção dispensados em nossos encontros.

Realizar uma pesquisa interdisciplinar é ter a possibilidade de ser (in)disciplinar. É se permitir (ar)riscar. É grafar de formas múltiplas, mesmo tratando do específico, do único, do micro, mas que reverbera no macro. É se lançar com grande responsabilidade e compromisso ao transitar em tantos campos. E isso está presente no aquarelar: guardam-se as essências na primeira pincelada, nua e crua. Mas, ao contato com a água, surge uma outra forma, se mistura, transforma, se reelabora. E é exatamente o que ocorre quando se trata de pensar/ver/sentir/pesquisar com pessoas.

Assim como as tintas da aquarela, arte e etnografia bailam/navegam/fluem, sem perder sua base, mas provocando e possibilitando novas cores, outras densidades, novos e curiosos contornos. Eis os percursos destas professoras aposentadas, ora individuais, ora coletivos. Ora as tecnologias de governo alteram a estrutura escolar que afeta as experiências pedagógicas, ora as experiências pedagógicas propõem mudanças na estrutura escolar e provocam alterações nas tecnologias de governo. Viver o/do/no mundo do trabalho em educação é se tornar um ser que se (re)organiza e movimenta o pensamento o tempo inteiro. Baila como as tintas da aquarela, ora se preservando ora se alterando. E é este movimento que esta tese procurou registrar.

A aquarela abre espaço para a mancha, para as camadas, para os borrões que nos permitem errar sem medo, de continuar mesmo com o erro e apesar dele, experienciar, reunir outros grafismos, sem apagá-los. Um aquarelar foi se fazendo aos poucos, por muitas mãos; são grafismos dos processos culturais que se manifestaram.

Com uma postura sensível e respeitosa com o tempo de cada parceira de pesquisa, despida de certezas, sem medo de produzir ambiguidades, acolhendo as narrativas e os processos gráficos, embalados por suas memórias, desejo que esta pesquisa possa deixar pistas para outras escutas. Encerro as escritas deste Tomo I com um texto coletivo que marca um pouco do tanto deste percurso:

Minha mãe sonhava ser professora

Eu fiz o normal de primeiro ciclo

Há coisas boas em todo tempo

Eu subi no fusca branco e fui conhecer a escola

*Na sala de professores a gente falava de tudo
Uma vez um aluno apedrejou toda a escola
Meu maior desafio foi fazer a merenda
Eu trabalhava, mas não gostava da festa junina
O programa social fez toda diferença pra aquela comunidade
Parece que tem um ruído
A escola é um bem de todos
É possível transformar pela educação
A profissão de professora foi uma das primeiras permitidas à mulher
Eu dizia que queria me aposentar estando bem
Eu senti cada momento vivido na escola*

Eoní, Cândida, Leila, Rosaura, Mariângela, Marisa, Adreane (in memoriam), Sandra

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Orgs. Regina Abreu, Mário Chagas. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ARANTES, Antonio A. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. In: **Revista HABITUS. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**. Goiânia, v. 4, no 1, jan/jun.2006. p. 425-436.
- ARATANGY, Cláudia. Um pouco de história da docência no Brasil – Marquês de Pombal. **Centro de Formação da Vila**. São Paulo, agosto, 2019. Disponível em: <<https://cfvila.com.br/blog/2019/08/29/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-marques-de-pombal/>> Acesso em: 20 nov. 2021.
- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Atlas Brasil 2013 - **Censo 2010** | Organizado por Datapedia.info Disponível em: <<https://www.datapedia.info/public/cidade/4383/rs/novo-hamburgo#piramide>>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- A UNIÃO FAZ A VIDA. Programa de Educação – **Sicredi**, 2021. Disponível em: <<https://auniaofazavida.com.br/>>. Acesso em: 26 jan de 2021.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Livraria Martins Fontes, 2011.
- BECKER, Howard. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única** - Obras escolhidas Vol. II São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BIEV. **Banco de Imagens e Efeitos Visuais**. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/biev/>> Acesso em: 10 mai. 2020.
- BOAS, Frans. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOAS, Franz. **Anthropology and modern life**. 3rd. ed. New York: Dover, 1986.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. – 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. Tradução de Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2014.

BRAGA, Marisa. **Coletivo Educador Ambiental Planetário**. 2021. Disponível em: <<http://ceaportao.eco.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Constituição de 16/07/1934**. Dispõe sobre Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. **Constituição de 05/10/1988**. Dispõe sobre Constituição Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 53465/64**, de 21/01/1964. Institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53465-21-janeiro-1964-393508-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7083/10**, de 27/01/2010. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 103/2019**, de 12/11/2019. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Governo Federal. Ministério da Educação. **Seja um professor** – Como surgiu a profissão. Disponível em: <<http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=curiosidades&id=comoSurgiu>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. **Lei Complementar nº 101/2000**, de 04/05/2000. Dispõe sobre regime nacional, parâmetros a serem seguidos relativos ao gasto público de cada ente federativo (estados e municípios) brasileiro. Disponível em: <<https://www.gov.br/tesouronacional/pt-br/execucao-orcamentaria-e-financeira/lei-de-responsabilidade-fiscal>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BRASIL. **Lei Complementar nº 101/2000**. Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm> Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. **Lei Geral de 1827**, de 15/10/1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Legislação Informatizada. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827, p. 7, v. 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html> Acesso em 20 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 5692/71**, de 11/08/1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=5692&ano=1971&ato=f4ekXQU50MjRVT190>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8112/90**, de 11/12/1990. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10436/02**, de 24/04/2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[L10436 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10436.htm)> Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10639/03**, de 09/01/2003. Altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm>. Acesso em: 27 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10836/04**, de 09/01/2004. Cria o programa Bolsa família e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10836.htm>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11645/08**, de 10/03/2008. Altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 27 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11738/08**, de 16/07/2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13467/17**, de 13/07/2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 14113/20**, de 25/12/2020. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), de que trata o art. 212-A da Constituição Federal, revoga dispositivos da Lei nº 11494, de 20 de junho de 2007, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L14113.htm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Paraná – Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná – Comissão de Direito Eleitoral – Comissão da Mulher Advogada. **Participação das mulheres na política**. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pr/sala-de-imprensa/docs/participacao-feminina-na-politica-1.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. **Portaria Interministerial nº 17/2007**, de 24/04/2007. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contraturno escolar. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2446-port-17-120110&category_slug=janeiro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 1144/2016**, de 11/10/2016. Institui o Programa Novo Mais Educação. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=49131-port-1144mais-educ-pdf&category_slug=outubro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BREMM, Alessandra Baldissarelli. **Habitar a escola**: minúcias de encontros entre arte e educação. 215 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BUENO, Márcia Hadres. **Dados sobre a educação no município de Portão**. Entrevista concedida a Sandra Maria Costa dos Passos Colling. Portão, novembro, 2020.

BUJES, Janaína Souza. Tecnologias de Governo, Práticas de Constituição de Sujeitos e Subjetividades no atendimento de adolescentes infratores internados na FASE/RS. In: **Anais da ReACT** - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 1, 2014.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**: On the Discursive Limits of 'Sex'. New York and London: Routledge, 1993.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo / Teresa Pires do Rio Caldeira; tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro – São Paulo, Ed. 34 / Edusp, 2000.

CAPES. **Banco de Teses e Dissertações**. [S.l.]: [s.n.], 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim F. Alves. - Petrópolis, Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, João Cezar de C.(org) **A força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. **Currículo Lattes**. CNPq, 2021. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8700010415114079>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. **Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do vale do Rio dos Sinos-RS**. 185 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. **O professor e o autoconhecimento**: vencendo barreiras através da arteterapia. 2007. 117 f. Monografia (Pós-Graduação em Arteterapia) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2007.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. Um fazer arte-etnográfico: memórias de mulheres num espaço de co-criação e afetos. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 57, p. 33-55, outubro, 2021.

COMITESINOS. **Colegiado de gerenciamento dos recursos hídricos do Vale do Sinos**. Disponível em: <<http://www.comitesinos.com.br/>> Acesso em: 28 jun. 2022.

CONSÓRCIO Público de Saneamento – **PRÓSINOS**. Sobre o Consórcio Pró-Sinos. 2021. Disponível em: <<http://www.consorciosinos.com.br/consorcio>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Estudos feministas**, v. 2, nº 3. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, UFSC, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992b.

DEVOS, Rafael Victorino. **Uma ilha assombrada na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir de narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre**. 295 f. Orientação da professora Cornélia Eckert, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2002.

DIAS, Rosa. Vida como vontade criadora. In: _____. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 21-82.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam** / Mary Douglas; (tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo** / Mary Douglas e Baron Isherwood; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. **Revista de Antropologia**, USP, vol.41 n.2 São Paulo, 1998.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Revista RUA**, Laboratório de Estudos Urbanos, Campinas, n. 16, vol. 1, junho 2010.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografias do trabalho**, narrativas do tempo / organizado por Cornelia Eckert [e] Ana Luiza Carvalho da Rocha. – Porto Alegre: Marcavíslua, 2015.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia: saberes e práticas”. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 9 a 24. Série Graduação.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O antropólogo na figura do narrador. **Habitus**, Revista do Instituto de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiânia. Goiânia, GO, Ed. UCG. 2003. Vol 1, n.2, jul/dez. p.395-420.

ECKERT, Cornelia. **Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho**: Mineiros do Carvão (La Grand-Combe, França). Curitiba: Appris, 2012.

EMATER – Rio Grande do Sul. **Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural**. 2021. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

FÁVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. - Porto Alegre: EDIPUC RS, 2002.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**; tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 254p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Por uma Escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/presenca>>

FNDE. Lista de Programas. **Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**, Governo Federal, 2020. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/bolsas-e-auxilios/eixos-de-atuacao/lista-de-programas>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FONSECA, Cláudia. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FONSECA, Cláudia; JARDIM, Denise; SCHUCH, Patrice. Tecnologias de governo: apreciação e releituras em antropologia. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 9-34, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/1282>> Acesso em: 20 nov. 2021.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria I. de Oliveira; Rev. Téc. Karina Kuschnir; Apres. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Trad. Cláudia Menezes. In: **Desvendando Máscaras Sociais** / GUIMARÃES, Alba Zaluar, org. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975.

FORNER, Fernanda. Instituto Humanitas. Unisinos. **Questão ambiental do Vale do Rio dos Sinos**. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/ihu/eventos/questao-ambiental-vale-rio-dos-sinos/>> Acesso em 14 de nov. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. - 9ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26ª ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004. p. 240-251.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 42ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **História geral da educação**. Campinas, SP: Editora Alínea,

2003.

Fundação SOS Mata Atlântica. **ONG Ambiental Brasileira**. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/sobre/quem-somos/>> Acesso em: 28 jun. 2022.

Fundação TV TEC. **Alunos brasileiros são bicampeões em competição mundial de raciocínio lógico**. In: TV TEC NEWS. Disponível em: <<https://tvtecjundiai.com.br/news/2019/06/14/alunos-brasileiros-sao-bicampeoes-em-competicao-mundial-de-raciocinio-logico/>> Acesso em: 03 mar. 2022.

Fundo Brasil de Direitos Humanos. **Significado da sigla Lgbtqia+** Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>> Acesso em: 16 jun. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: Diálogo e Conflito**. Orgs e participação do diálogo: GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. São Paulo: Cortez, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEIGER, Amir et al. Por que memória social? In: Vera Dobedei, Francisco Farias e Jô Gondar (Orgs.) **Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo **História da Educação**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1994.

GIRARDI, Jussara Prates dos Santos; ROCHA, Claudete Brandolt; ALVES, Eliege Moura (Orgs.). **Conhecer para amar e respeitar a nossa história**. Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo de Portão: 2013. 137 p.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2005, v. 11, n. 23, p. 15-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>>. Acesso em 20 jan. 2021.

GOOGLE Maps. **Mapa de Portão**. 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/71g536WA67m1EWRe7>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GÖRGEN, Neila. **Encontros com a artescrita: Composições com alunas de Curso Normal / Neila Görgen**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012. 118 f.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus/RS (1913-1963)**. 2008. 386 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. /Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HERMANN, Nadja. **Ética e Estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HISOUR. **Arte, Cultura e Exposição**. Disponível em: <<https://www.hisour.com/pt/bricolage-45353/>> Acesso em: 29 jun. 2022.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. In: **American Journal of Sociology**, 43(3), 404-413, 1937.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em: 20 out. 2020.

IENTH. **Instituição Evangélica de Novo Hamburgo**, 2021. Disponível em: <<https://educacaobasica.ienh.com.br/br/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar**. Disponível em: <<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/>> Acesso em: 11 jan. 2021.

INEP. Saiba quem foi Anísio Teixeira e conheça seu legado. **Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** (Inep), Governo Federal, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

INEP. Sistema Educacional Brasileiro. **Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** (Inep), Governo Federal, 2020. Disponível em: <<http://seb.inep.gov.br/>> Acesso em: 22 mar. 2021.

Instituto Vladimir Herzog. **Memórias da ditadura**. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/>> Acesso em: 10 fev. 2022.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br>> Acesso em 10 jan. 2022.

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org.). **Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador/ tradução Hélia Freitas. - 1. ed.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Tradução Revisão etnológica: Júlio Cezar Melatti. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, Jacob Carlos; HOLZMANN, Lorena. Tempo, espaço e trabalho. In: **Etnografias do trabalho**, narrativas do tempo / organizado por Cornelia Eckert [e] Ana Luiza Carvalho da Rocha. – Porto Alegre: Marcavizual, 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas**. Porto Alegre, RS. UFRGS, 2005. Tese. 207f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul**. Campinas, SP. UNICAMP, 1986. Tese. 285f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**. A tribalização do mundo. [3ª ed.]. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARINHO, Iasmin da Costa. Anísio Teixeira. **InfoEscola**, 2021. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/anisio-teixeira/>>. Acesso: em 03 jun.2021.

MAURANO, Denise. O mal-estar na memória. In: Vera Dobedei, Francisco Farias e Jô Gondar (Orgs.) **Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Marcel Mauss / tradução Paulo Neves. – 2ª ed. – São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Conheça a história da educação brasileira**. Portal do MEC, Governo Federal, 2021. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: DIAS, Adriana et al. **Vidas & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro, Lamparina & FAPERJ, 2015, p. 90-110.

MINDLAB. **Programa Mente Inovadora**. 2021. Disponível em: <<https://www.mindlab.com.br/menteinovadora/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

NERU-FEE/RS. Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos da Fundação da Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. **Mapa dos municípios do Conselho Regional de desenvolvimento do Vale do Cai**. 2009. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com/2011/07/1210-mapa-do-vale-do-cai.html>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

NOVAES, Bruno. **Site do artista**. Disponível em: <<https://www.brunonovaes.com/>> Acesso em: 29 jun. 2020.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, Vera Rodrigues de. **Especialização em Mídias para a Educação** (UFRGS). Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141378/000990646.pdf?sequence=1>> Acesso em: 23 jun. 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 18ª ed. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2004.

PELLEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PORTÃO. **Lei Ordinária nº 341/1980**, de 18/09/1980. Institui o código de obras e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/portao/lei-ordinaria/1980/34/341/lei-ordinaria-n-341-1980-institui-o-codigo-de-obras-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 427/92**, de 26/11/1992. Institui o Plano de Carreira dos funcionários públicos municipais. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/portao/lei-ordinaria/1992/42/427/lei-ordinaria-n-427-1992-institui-o-plano-de-carreiras-dos-funcionarios-publicos-municipais?r=p>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 428/1992**, de 26/11/1992. Institui o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/4424>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 804/1996**, de 20/12/1996. Dispõe sobre o Regime jurídico único dos servidores públicos do município de Portão e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/estatuto-do-servidor-funcionario-publico-portao-rs-2005-07-18-versao-consolidada>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 2101/2010**, de 13/09/2010. Estabelece o Plano de Carreira e remuneração do magistério público do município de Portão, institui o respectivo quadro de cargos e funções, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/2758>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 2103/2010**, de 13/09/2010. Altera a Lei 427/92, com as alterações posteriores, que dispõe sobre o Plano de Carreira dos funcionários públicos municipais e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/2756>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PORTÃO. **Lei nº 2714/2018**, de 18/12/2018. Cria o Sistema Municipal de Educação de Portão. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/portao/lei-ordinaria/2018/272/2714/lei-ordinaria-n-2714-2018-cria-o-sistema-municipal-de-educacao-de-portao>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

PORTO ALEGRE. **Secretaria Municipal de Educação**. 2021. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smed>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

POSITIVO. **Sistema de Ensino Positivo**, 2021. Disponível em: <<https://www.sistemapositivo.com.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens** / Jacques Rancière; tradução Mônica Costa Netto; organização Tadeu Capistrano. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual; tradução de Lilian do Valle – 3. Ed. 10. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RIBEIRO, Marcelo. Homeschooling no Brasil. **Valor Econômico**. Brasília, maio, 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/05/21/homeschooling-no-brasil-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-as-desvantagens-no-projeto-aprovado-na-camara.ghml>> Acesso em: 10 jun. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Constituição de 03/10/1989**. Dispõe sobre Constituição Estadual do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 2588/55**, de 25/01/1955. Organiza e fixa as bases do ensino normal no Estado. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-2588-1955-rio-grande-do-sul-acresce-paragrafos-ao-art-4-da-lei-n-2588-de-25-de-janeiro-de-1955>> Acesso em: 02 mar. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 6672/74**, de 22/04/1974. Dispõe sobre Estatuto e Plano de carreira do magistério público do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100018.asp?Hid_IdNorma=34462&Texto=&Origem=>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 6672/74**, de 22/04/1974. Dispõe sobre o regime jurídico do pessoal do Magistério Público Estadual do 1º e 2º graus de ensino, regula o provimento e vacância dos seus cargos, estabelece seus direitos e vantagens, define os respectivos deveres e responsabilidades e cria e estrutura a respectiva carreira, nos termos da Lei Federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-6672-1974-rio-grande-do-sul-estatuto-e-plano-de-carreira-do-magisterio-publico-do-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 10098/94**, de 03/02/1994. Dispõe sobre o estatuto e regime jurídico único dos servidores públicos civis do estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100018.asp?Hid_IdNorma=13900>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 10842/96**, de 30/07/1996. Dispõe sobre o exercício de cargo em comissão ou função gratificada no Serviço Público Estadual. Disponível em: <www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100018.asp?Hid_IdNorma=10442>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 15451**, de 17/02/2020. Altera a Lei nº 6.672, de 22 de abril de 1974, que institui o Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/lei-15451.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Obras RS**. Estado apresenta projeto para regularizar área ocupada em Portão. 2018. Disponível em: <<https://obras.rs.gov.br/estado-apresenta-projeto-para-regularizar-area-ocupada-em-portao>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Seleção de Leis que regem o ensino público no estado e que são consultadas com maior frequência**. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/legislacao>> Acesso em: 01 nov. 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; CERVO, Matheus. Antropologia em outras linguagens: experiências com o projeto “O Livro do Etnógrafo”. **Tessituras**. V. 7, n. 2, jul/dez. 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. A cidade e suas crises, o patrimônio pelo viés da memória: por que e como preservar o passado. In: **Habitus**. v. 4, n. 1, jan/jun. 2006.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade**, interpretação sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavíslua, 2013a.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. João Pessoa: **Política e Trabalho**: Revista de Ciências Sociais, n. 34, abr. 2011. p. 107-126.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavíslua, 2013b.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2009, v. 22, n. 43, p. 105-124. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000100006>>. Acesso em 11 set. 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Mulheres tecendo, com letras, uma nova narrativa de vida. **Revista do Geempa**. Porto Alegre, n.6, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROSA, Dênerson Dias. O concurso público como princípio constitucional e a promoção interna para cargos organizados em carreira. **DireitoNet**, 2002. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/868/O-concurso-publico-como-principio-constitucional-e-a-promocao-interna-para-cargos-organizados-em-carreira>>. Acesso em: 29 fev. 2021.

ROSSI, Edineia. **Insuladas tribos** - a escola primária e a forma de socialização escolar: São Paulo (1912-1920). (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP. 2003.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **Docência e memória**: narrativas de professoras de escolas rurais multisseriadas. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. **Educação**, Santa Maria, ano 30, n. 2, p. 11–26, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735>> Acesso em: 05 jan. 2022.

SCHEMES, Cláudia; ARAÚJO, Denise Castilhos de; MAGALHÃES, Magna Lima. A crise coureiro-calçadista no Vale do Sinos: a construção do Jornal NH. In: **Revista Temática**, João Pessoa, ano XIV, n. 1, p. 63-81, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/download/37959/19301/>> Acesso em: 07 mar. 2022.

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. Marques de Pombal e a reforma educacional brasileira. **HISTED BR** – Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – Coleção “Navegando pela história da educação brasileira”. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: <<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/marques-de-pombal-e-a-reforma-educacional-brasileira>> Acesso em: 20 nov. 2021.

SECRETARIA da Educação realiza assinatura do **PRADEM** com os municípios. Portal da Secretaria da Educação, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em:

<<https://educacao.rs.gov.br/secretaria-da-educacao-realiza-assinatura-do-pradem-com-os-municipios>>. Acesso em: 29 fev. 2021.

SENAI. **Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/senai/institucional/>> Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. **A história da Educação no Brasil**: uma longa jornada rumo à universalização. Entrevista concedida a Rodrigo Azevedo, Gazeta do Povo. Curitiba, março, 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihya8yzs2j8nnqn8d91/>> Acesso em 20 jun. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 199 – 221.

SIMMEL, Georg. **Cultura Femenina y otros ensayos**. Trad. Eugenio Imaz, José Bancez, M. Morente y Fernando Vela. Madrid: Revista de Occidente, 1934.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. **Sociologie et épistémologie**. Paris: Puf, 1981.

STREY, Marlene Neves. **Mulher, estudos de gênero**. Org. Marlene N. Strey. - São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

TAGLIAVINI, João Virgílio; TAGLIAVINI, Maria Cristina Braga. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica**: Constituição, Leis e Diretrizes. 2ª ed. Rev. Ampl. São Carlos, SP: Edição do Autor, 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UFRGS. **Engenharia Hídrica**. Instituto de Pesquisas Hidráulicas. 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/enghidrica/iph/>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

VELHO, Gilberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato Jornal de Cultura**. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan., 1978.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1981.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: _____. **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p.13-23.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

WOORTMANN, Ellen. Lembranças e Esquecimentos: Memórias de Teuto-Brasileiros, In: **Devorando o Tempo**: Brasil, o País sem Memória, org. por Annette Leibing e Sibylle Benninghoff-Lühl, São Paulo: Mandarin, 2001, p. 205-235.

ZAIDAN, Eliane. **Competências da Base Nacional Comum Curricular**. 2022. Disponível em: <<https://clq.com.br/noticia/visao-e-atuacao-do-clq-quanto-a-base-nacional-comum-curricular>> Acesso em: 05 jun. 2022.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE CESSÃO

Carta de cessão

Novo Hamburgo, ____ de _____ de 2020.

Eu, _____, RG _____, declaro para os devidos fins que autorizo a divulgação de minha entrevista realizada para o projeto “Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos: memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar do município de Portão/RS” desde a presente data, para a doutoranda Sandra Maria Costa dos Passos Colling, sob orientação da Prof^a Magna Lima Magalhães e Coorientação da Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PELO *GOOGLE FORMS*

Nome completo (opcional):

Data de nascimento:

Profissão:

Antes de ti, alguém de tua família já era professor?

Se sim, qual parentesco?

Trabalhaste em escola:

Pública municipal

Pública estadual

Privada

Quanto tempo de trabalho em educação?

E em sala de aula?

Trabalhaste em:

Educação infantil

Anos iniciais do ensino fundamental

Anos finais do ensino fundamental

EJA

Ensino médio

Graduação

Tua formação:

Magistério

Graduação

Pós-Graduação

Área da formação na graduação:

Trabalhastes em escola na zona rural multisseriada?

Quanto tempo?

Quanto tempo trabalhastes em escola na área urbana?

Trabalhastes em outros cargos na escola, além de professora?

Cite qual/quais:

Há quanto tempo estás aposentada?

Lembrando tua trajetória profissional, aponte 5 palavras que possam resumir tuas memórias em educação:

APÊNDICE B – Listagem de imagens das laterais das narrativas

- p. 20 – Imagem 1 – Imagem que retrata como eram as propagandas de relógios em jornais. Fonte: disponível *on-line*, décadas de 1960 e 1970, no Brasil.
- p. 20 – Imagem 2 – Grupo Escolar de Rincão do Cascalho. Fonte: acervo da pesquisadora.
- p. 20 – Imagem 3 – Professora Roselis Uebel. Fonte: disponível nas redes sociais da *internet*.
- p. 21 – Imagem 1 – A aluna Sandra Maria Costa dos Passos, na 5ª série do Grupo Escolar de Rincão do Cascalho. Fonte: acervo da pesquisadora, 1977.
- p. 21 – Imagem 2 – Máquina de datilografar. Fonte: acervo da pesquisadora, 1982.
- p. 22 – Imagem 1 – Formatura de Magistério na Escola Normal São Sebastião do Caí. Fonte: acervo da pesquisadora, 1985.
- p. 22 – Imagem 2 – A professora Sandra Maria Costa dos Passos Colling com uma turma de alunos. Fonte: acervo da pesquisadora, 2016.
- p. 23 – Imagem 1 – Formatura em Artes Visuais pela Universidade Feevale. Fonte: acervo da pesquisadora, 2004.
- p. 23 – Imagem 2 – Mosaico do livro de artista da Dissertação de Mestrado de Sandra Maria Costa dos Passos Colling pela Universidade Feevale. Fonte: acervo da pesquisadora, 2019.
- p. 64 – Imagem 1 – Cândida em um de nossos encontros. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 65 – Imagem 1 – Cândida concentrada narrando. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 67 – Imagem 1 – Formatura de Eoní no magistério. Fonte: acervo de Eoní, 1964.
- p. 67 – Imagem 2 – Ônibus de nº 147, pertencente à Empresa Caiense. Fonte: fotografia de Vladimir Monteiro da Costa, 1982.
- p. 69 – Imagem 1 – Leila pensativa durante encontro. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 70 – Imagem 1 – Adreane reflexiva. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 70 – Imagem 2 – Adreane sorridente durante nosso encontro. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 73 – Imagem 1 – Certificado de curso que Cândida realizou no GEEMPA. Fonte: acervo de Cândida, 1993.
- p. 75 – Imagem 1 – Marisa relembando seriamente. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 80 – Imagem 1 – Rosaura movendo as mãos, parece tratar de minúcias. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 83 – Imagem 1 – Mariângela se concentrando na narrativa de suas reminiscências. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 93 – Imagem 1 – Leila falando sobre concurso público. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 93 – Imagem 2 – Segundo contracheque de Mariângela. Fonte: acervo de Mariângela, 1989.

- p. 96 – Imagem 1 – Eoní sorridente durante nosso encontro. Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.
- p. 98 – Imagem 1 – Alunos de Marisa realizando atividades artísticas na EM João Scherer. Fonte: acervo de Marisa, 1990.
- p. 98 – Imagem 2 – Cândida compenetrada, falando sobre formações e turmas. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 101 – Imagem 1 – Adreane sorridente ao lembrar de fato que a surpreendeu. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 101 – Imagem 2 – Adreane falando seriamente sobre a questão política e os cargos. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 103 – Imagem 1 – Fachada da APAE Portão. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 105 – Imagem 1 – Mariângela falando sobre comprometimento. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 106 – Imagem 1 – Marisa, em um momento de silenciamento, durante um de nossos encontros. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 106 – Imagem 2 – Marisa gesticulando muito ao tratar sobre a relação sociopolítica e educativa do município de Portão com as bacias hidrográficas do Sinos e Caí. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 108 – Imagem 1 – Rosaura movimentando as mãos ao falar sobre gestão escolar. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 109 – Imagem 1 – Rosaura de cabeça erguida ao tratar de questões envolvendo a gestão e seu trabalho como Secretária de Educação. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 113 – Imagem 1 – Leila relembando momentos desagradáveis a ela. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 113 – Imagem 2 – Adreane aponta sinalizando sobre as escolas da zona rural. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 115 – Imagem 1 – Mariângela jogando futebol no recreio na EM Gonçalves Dias. Fonte: acervo de Mariângela, 1995.
- p. 118 – Imagem 1 – Camisetas de gincana da EM Gonçalves Dias. Fonte: acervo de Mariângela, 2002/2003.
- p. 120 – Imagem 1 – Rosaura reflexiva ao pensar nos relacionamentos na escola. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 121 – Imagem 1 – Mariângela na residência de um aluno da Gonçalves Dias, comemorando alguma data com churrasco. Fonte: acervo de Mariângela, década de 1990.
- p. 122 – Imagem 1 – Marisa andando na estrada da Boa Vista, em direção a EM João Scherer. Fonte: acervo de Marisa, 1990.
- p. 129 – Imagem 1 – Anotações de Eoní sobre os alunos. Fonte: acervo de Eoní, 2000.
- p. 132 – Imagem 1 – Cândida com semblante entristecido com o que relembra. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

- p. 146 – Imagem 1 – Mimeógrafo. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 147 – Imagem 1 – EM Fazenda das Palmas antes da reforma. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 147 – Imagem 2 – EM Antônio José de Fraga. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 147 – Imagem 3 – Cândida realizando experimentações com alunos na EM Afonso Gomes de Carvalho. Fonte: acervo de Cândida, 2008.
- p. 148 – Imagem 1 – Adreane com feição que demonstra incômodo ao falar sobre arquitetura das escolas. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 152 – Imagem 1 – Cândida movendo as mãos ao tratar sobre os setores da escola. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 155 – Imagem 1 – Rosaura movimentando os óculos ao falar sobre o Programa Mais Educação. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 155 – Imagem 2 – Prêmio Nacional em Gestão na Educação – na foto as diretoras Mariângela e Celanira com a Secretária de Educação de Portão, Adreane. Fonte: Jornal Primeira Página, 2011.
- p. 158 – Imagem 1 – Marisa compenetrada ao lembrar sobre projetos. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 159 – Imagem 1 – Banda Marcial da EM Antônio José de Fraga. Fonte: acervo de Rosaura, 2008.
- p. 160 – Imagem 1 – Grupo de Danças Afro “Nossas Raízes”. Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.
- p. 161 – Imagem 1 – EM Visconde Mauá, campeã brasileira e mundial de jogos de raciocínio. Fonte: Jornal Vale do Sinos, 2020.
- p. 161 – Imagem 2 – Marisa com alunos da EM João Scherer em Feira de Ciências Municipal. Fonte: acervo de Marisa, 1990.
- p. 162 – Imagem 1 – Mariângela, com seu chimarrão, dando gargalhadas ao lembrar fato engraçado. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 166 – Imagem 1 – Leila contando sobre reuniões de professores. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 169 – Imagem 1 – Eoní relacionando as escolas aos curtumes da cidade. Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.
- p. 181 – Imagem 1 – Eoní sorridente em um dos nossos encontros. Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.
- p. 196 – Imagem 1 – Adreane emocionada ao lembrar de sua mãe. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 197 – Imagem 1 – Cândida sorrindo ao falar sobre patrimônio. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 198 – Imagem 1 – Rosaura sorri ao dizer como quer ser lembrada. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 203 – Imagem 1 – Marisa, com seriedade, narrando sobre as escolas desativadas. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 205 – Imagem 1 – Leila aponta ao contar uma historietta que aconteceu na EM Machado de Assis. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

- p. 208 – Imagem 1 – Mariângela mostra um sorriso nervoso ao se referir a fatos contemporâneos na escola. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 219 – Imagem 1 – Professoras aposentadas de Portão em passeio a um sítio. Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.
- p. 222 – Imagem 1 – Rosaura, reflexiva, afirmando o papel do marido em sua profissão. Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.
- p. 223 – Imagem 1 – Carteira de Marisa como sócia da Associação dos Professores Municipais de Portão. Fonte: acervo de Marisa, 1990.
- p. 224 – Imagem 1 – Marisa e sua filha Camila. Fonte: acervo de Marisa, 1993.
- p. 224 – Imagem 2 – Marisa com turma do Projeto Evolução, de Novo Hamburgo, em visita a assentamento em Nova Santa Rita. Fonte: acervo de Marisa, 1999.
- p. 226 – Imagem 1 – Formatura de Leila no magistério. Fonte: acervo de Leila, 1984.
- p. 229 – Imagem 1 – Homenagens a Cândida por sua aposentadoria. Fonte: acervo de Cândida, 2018.
- p. 237 – Imagem 1 – Eoní recebendo a primeira dose da vacina contra a Covid. Fonte: Jornal Acontece, 15 mar. 2021.
- p. 237 – Imagem 2 – Eoní e o marido em postagens no *facebook*, sobre passeios de carro pelo interior do município de Portão, durante o isolamento social por causa da Covid19. Fonte: *Facebook*, 2020.
- p. 238 – Imagem 1 – Mariângela registra o pôr-do-sol em uma de suas pedaladas em cidades do Vale do Caí. Fonte: *Facebook*, 2021.